

GREGG HURWITZ



ÓRFÃO X

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ÓRFÃO X

GREGG HURWITZ

ÓRFÃO X

Tradução
Débora Isidoro

 Planeta

Copyright © Gregg Hurwitz, 2016
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016
Todos os direitos reservados.
Título original: *Orphan X*

Preparação: Elisa Nogueira
Revisão: Andrea Bruno e Valquíria Della Pozza
Diagramação: 2 estúdio gráfico
Capa: Rico Bacellar
Imagens de capa: © Stephen Mulcahey/Arcangel
Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

KH9490

Hurwitz, Gregg
Órfão X / Gregg Hurwitz ; tradução Débora Isidoro. - 1. ed. - São Paulo : Planeta, 2016.

Tradução de: Orphan X

ISBN: 978-85-422-0766-8

1. Ficção americana. I. Isidoro, Débora. II. Título.

16-33904

CDD 813

CDU: 821.111(73)-3

2016

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21^o andar
Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

*A todos os meninos e meninas maus,
os que quebram regras e os vigilantes...*

*Philip Marlowe e Sam Spade, Bruce Wayne e Jason
Bourne, Bond e Bullitt, Joe Pike e Jack Reacher,
Hawk e Travis McGee, os Sete Samurais e Sete
Homens e um Destino, Mack Bolan e Frank Castle, os
três Johns (W. Creasey, Rambo e McClane), Capitão
Ahab e Guy Montag, Mike Hammer e Paul Kersey,
o Cavaleiro Solitário e o Sombra, Robin Hood e Van
Helsing, Beowulf e Gilgamesh, Ellen Ripley e Sarah
Connor, Perseu e Coriolano, Hanna e Hannibal,
o Pistoleiro sem Nome e Leon, Parker e Lucy, Arya
Stark e George Stark, Pike Bishop e Harmonica,
Lancelot e Aquiles, Shane e Snake Plissken, Ethan
Edwards e Bill Munny, Jack Bauer e Repairman Jack,
o Matador e The Killer, o Zorro e o Besouro Verde,
Dexter e Mad Max, Os Doze Condenados
e o Perseguidor Implacável, O Exterminador do
Futuro e Lady Vingança, Luke Jackson e Lucas
Davenport, Logan e James “Logan” Howlett, V. e
Vic Mackey, Hartigan e Marv, Sherlock e Luther,
Veronica Mars e Selina Kyle*

... por serem tão maus que são bons.

Ripley: O que você está fazendo é errado.

Luther: É, eu sei.

Ripley: Por que faz, então?

Luther: Porque é certo.

Trecho de Luther, criado por Neil Cross

SUMÁRIO

PRÓLOGO: Julgamento de fogo

1 Bebida matinal

2 Fortaleza da solidão

3 Garotas marcadas

4 Missão

5 Band-Aid

6 Por favor, não!

7 Quem é quem no zoológico

8 É só isso?

9 Santo

10 Dama em apuros

11 E agora?

12 Trabalho de mulher

13 Profissionais

14 Em busca de um sonho

15 Fazendo a lição de casa

- 16 Os dois lobos
- 17 Cacos
- 18 Pronto
- 19 Custo de publicidade
- 20 Vai ficar tudo bem
- 21 Camisa de flanela azul
- 22 Intruso
- 23 Gato e rato
- 24 Esconderijo
- 25 Falso ou verdadeiro?
- 26 Pistas
- 27 Descoberta inconveniente
- 28 De volta ao passado
- 29 Inspirando e expirando
- 30 Las Vegas
- 31 Investigação
- 32 Manobra arriscada
- 33 Observando
- 34 Samurai
- 35 O que faz você feliz?
- 36 Distração

- 37 Fim da linha
- 38 Evan tem que morrer
- 39 Desconcentrado
- 40 O inesperado
- 41 Desvio de rota
- 42 Risco iminente
- 43 Um homem assustador
- 44 A maldição da paranoia
- 45 Lantejoula azul
- 46 Traição
- 47 Fuga
- 48 Cenário de guerra
- 49 Trilha escarlate
- 50 Compromissos
- 51 Comandos no ar
- 52 Danika
- 53 Catana
- 54 Conexão com o inimigo
- 55 Super-herói
- 56 Arrepios
- 57 Lados de uma mesma moeda

58 Presente de despedida

59 Da próxima vez

EPÍLOGO: Perda

Agradecimentos

PRÓLOGO

Julgamento de fogo

O corpo de Evan, 12 anos, continua tenso no banco do passageiro do sedã preto dirigido em silêncio. Sua face está cortada e tem um hematoma na testa. O sangue escorre morno pelo pescoço, misturando-se ao suor do pânico. Os pulsos estão em carne viva onde estiveram as algemas. Os batimentos cardíacos retumbam no peito e na cabeça.

Ele usa toda a força de vontade para não demonstrar nada.

Está no carro há cinco minutos apenas. O couro tem cheiro de caro.

O motorista disse seu nome: Jack Johns. Só isso.

É um velho de uns cinquenta e poucos anos, com um rosto largo e bonito. Tem um corpo quadrado e robusto como um receptor e um olhar de jogador de beisebol para combinar.

Jack tira um lenço do bolso de trás da calça, sacode a mão para abri-lo e o oferece a Evan.

— Para seu rosto.

O menino olha para o tecido fino.

— O sangue vai manchar o lenço.

Jack parece achar engraçado.

— Não tem problema.

Evan limpa o rosto.

Ele era o menor dos garotos, o último a ser escolhido nos jogos. Só depois de enfrentar uma seleção selvagem de desafios é que conseguiu chegar a esse assento como o escolhido.

Nenhum deles soube o que pensar sobre o Senhor Mistério quando ele apareceu pela primeira vez na beirada das velhas quadras de basquete, olhando para os garotos que jogavam e brigavam. Escondido atrás dos óculos Ray-Ban, passando os dedos pela corrente que usava no pescoço, fumando um cigarro atrás do outro. Ele andava devagar, nunca tinha pressa, mas sempre desaparecia tão rápido quanto havia aparecido. As teorias eram muitas. Um molestador. Um empresário rico procurando alguém para adoção. Um traficante de órgãos. Um recrutador da máfia grega.

Evan estava disposto a correr o risco.

Havia sido tirado de circulação como se um disco voador o tivesse abduzido. Julgamento de fogo, sim... Era algum tipo de recrutamento, mas Evan não sabia para quê.

Tudo o que sabia era que o lugar para onde era levado tinha de ser melhor que aquele que estava deixando para trás em East

Baltimore.

O estômago ronca de um jeito que o deixa envergonhado, mesmo ali, mesmo naquele momento. Ele olha para o próprio reflexo no espelho lateral. Parece malnutrido. Talvez tenha muita comida no lugar para onde está indo.

Ou talvez ele seja a comida.

Ele controla o nervosismo. Pigarreia.

— O que quer comigo? — pergunta.

— Ainda não posso contar. — Jack dirige em silêncio por um tempo; parece compreender que a resposta é insuficiente para uma criança na posição de Evan. — Talvez não possa contar tudo agora — acrescenta com um tom que é quase um pedido de desculpa —, mas nunca vou mentir para você.

Evan o analisa. Decide acreditar no homem.

— Vou me machucar?

Jack olha apenas para a frente.

— De vez em quando — responde.

1

Bebida matinal

Depois de pegar, em Las Vegas, um jogo de silenciadores de pistola com um vendedor de armas que tinha apenas nove dedos, Evan Smoak foi para casa em sua picape Ford, fazendo o possível para não se distrair com o ferimento de faca.

O corte em um de seus braços era resultado de uma discussão em um ponto de parada de caminhoneiros. Normalmente, não gostava de se envolver com nada nem ninguém que não tivesse a ver com suas missões, mas uma menina de 15 anos precisava de ajuda. E ali estava ele, tentando estancar o sangue e chegar logo em casa para cuidar do ferimento. Por ora, tudo o que tinha era a meia que havia amarrado no braço com a ajuda dos dentes.

Seria bom ir para casa. Não dormia havia um dia e meio. E tinha uma garrafa de vodca esperando-o no freezer. Estava pensando em um banho quente e nos lençóis macios de sua

cama. E no telefone celular no porta-luvas, que tocaria a qualquer dia.

Seguindo na direção oeste pela congestionada Beverly Hills, ele entrou na área do corredor Wilshire, uma faixa de torres residenciais de Los Angeles, verdadeiros arranha-céus. Seu prédio, cujo nome exuberante era Castle Heights, ficava no extremo leste da faixa, localização que garantia uma vista nítida do centro da cidade nos andares mais altos. A falta de uma renovação desde a década de 1990 mantém o lugar imerso numa atmosfera antiquada, porém refinada, com peças brilhantes de bronze e mármore salmão. Nem elegante nem moderno em uma cidade que girava em torno das duas coisas, o Castle Heights servia perfeitamente às necessidades de Evan. Atraía pessoas que foram bem-sucedidas quando atuavam em suas profissões e atividades: em sua maioria médicos e empresários, agora aposentados e grisalhos, frequentadores por décadas de associações e clubes de campo. Há alguns anos, um armador mediano do Lakers mudou-se para lá, levando consigo um séquito de paparazzi. Mas ele logo se mudou novamente, deixando os moradores voltarem ao conforto de suas vidas pacatas e discretas.

Evan passou pela entrada da garagem, informando ao manobrista, com um aceno, que ele mesmo estacionaria seu carro, e desceu a rampa para o interior do prédio. A picape foi encaixada com precisão no espaço entre dois pilares, protegida de boa parte dos olhares e do brilho das lâmpadas fluorescentes.

Na privacidade do automóvel, ele desamarrou o torniquete que improvisara com a meia e examinou o corte no antebraço. As extremidades estavam limpas, mas era impressionante. O sangue seco cobria os pelos finos de seu braço, e o corte ainda sangrava. Apesar disso, o dano fora superficial. Seis pontos, talvez sete.

Ele tirou o celular do porta-luvas, feito de borracha preta endurecida, fibra de vidro e tela resistente a quedas. Evan o mantinha ao alcance dos ouvidos.

Sempre.

Depois de olhar pelo retrovisor para ter certeza de que a garagem estava vazia, ele desceu e vestiu um dos moletos pretos que mantinha estocados atrás do banco. Os silenciadores estavam em uma sacola de papel de supermercado. A camisa e a meia sujas de sangue foram jogadas sobre eles.

Deu uma olhada na bateria do seu telefone. Somente duas barras. Então o guardou no bolso do moletom e subiu as escadas.

No saguão da sua torre, ele respirou fundo e se preparou para a transição para um outro mundo.

Trinta e dois passos desde a porta até o elevador, uma subida rápida e pronto.

O ar fresco do hall do prédio era perfumado por flores recém-colhidas. Os sapatos rangiam no piso de ladrilhos enquanto ele atravessava a área movimentada, sorrindo para os moradores que iam e vinham com sacolas de compras e falando ao celular. Tinha 30 e poucos anos e estava em boa forma, embora não fosse musculoso a ponto de chamar atenção. Só um cara comum, não muito bonito.

O edifício se orgulhava de suas medidas de segurança, e uma delas era o controle do elevador. Evan acenou para o guarda que estava reclinado atrás de uma fileira de monitores sobre um balcão alto.

— Vinte e um, por favor, Joaquin — pediu ele.

Uma voz respondeu atrás dele:

— Por que não diz “cobertura”? Esse é o andar da cobertura. — A mão, que lembrava uma garra, fechou-se em

torno do braço ferido e apertou. Evan sentiu o ardor embaixo do moletom.

Ele olhou para a mulher baixinha e enrugada que estava agora ao seu lado e segurava seu braço, Ida Rosenbaum, do apartamento 6G, e forçou um sorriso.

— É, creio que tem razão, senhora.

— Além do mais, temos o encontro da Associação de Proprietários na sala de reuniões no *décimo* andar — continuou ela. — E você perdeu os últimos três, pelas minhas contas. — Para compensar a perda auditiva, a mulher falava tão alto que todo o saguão podia ouvir onde Evan morava e o que ele andou perdendo por ali.

A campainha anunciou a chegada do elevador.

A sra. Rosenbaum apertou seu braço com mais força e olhou para Joaquin.

— Ele vai à reunião da associação.

— Espere! Segure o elevador! — A moradora do 12B, Mia Hall, empurrava a porta de vidro com o quadril e se aproximava, balançando uma bolsa pesada, puxando o filho com a outra mão e equilibrando seu iPhone entre o rosto e o ombro.

Evan deixou escapar um suspiro cansado e, com delicadeza, soltou o braço das garras da sra. Rosenbaum ao

entrar no elevador. Sentia o sangue correndo outra vez e o moletom grudando no braço.

Enquanto corria para o elevador e puxava o filho de 8 anos, Mia cantava ao celular num ritmo acelerado:

— Parabéns pra você, nesta data que meu carro quebrou e fui ao mecânico, que me disse que eu precisava de discos de freio novos, que custaram um braço e uma perna, e por isso não consegui buscar Peter na escola, e ele foi para a casa de um amigo, e por isso esqueci de deixar uma mensagem antes, muitas felicidades, muitos anos de vida!

Ela levantou o rosto e deixou o celular cair dentro da bolsa enorme.

— Desculpe! Desculpe. Obrigada. — Correndo para dentro do elevador, ela grita: — Oi, Joaquin. Não tem reunião da associação agora?

— Sim, temos — confirma, séria, a sra. Rosenbaum.

Joaquin levanta as sobrancelhas para Evan, como se dissesse “foi mal”, e as portas do elevador se fecham. O perfume de Ida Rosenbaum é sufocante em um espaço fechado.

Ela não demora muito para romper o silêncio.

— Todo mundo com o telefone colado na cara o tempo todo — disse ela a Mia. — Sabe quem previu isso? Meu

Herb, que ele descanse em paz. Ele disse: “Um dia, as pessoas vão passar o dia inteiro falando com telas e nem precisarão de outros humanos”.

Enquanto Mia respondia à observação da senhora Rosebaum, Evan olhou para Peter, que o encarava com seus olhos pretos. O cabelo loiro e fino caía, liso, exceto por uma mecha em pé na parte de trás que desafiava a gravidade. Um curativo colorido cobria parte da testa do garoto. Com a cabeça inclinada, ele olhou para os pés de Evan. Lentamente, Evan tomou consciência do ar frio. A meia que faltava. Com meio passo, o tornozelo sumiu do campo de visão do menino.

A voz de Mia chamou sua atenção.

Sabia que ela havia perguntado alguma coisa. Evan olhou para ela. Sardas claras, invisíveis sob uma iluminação mais fraca, cobriam seu nariz, e o cabelo castanho e brilhante era uma confusão exuberante num coque bagunçado. Estava acostumado a vê-la no modo “mãe frenética”, correndo um tanto ofegante, equilibrando uma lancheira do Batman e uma pasta elegante, mas o brilho que vinha dos painéis atrás dela lhe imprimia uma nova perspectiva.

— Como? — perguntou ele.

— Não acha? — repetiu ela, bagunçando o cabelo do filho num gesto carinhoso. — A vida não seria chata se não houvesse outras pessoas complicando tudo?

Evan sentia o tecido molhado da manga do moletom em contato com o braço.

— É claro — respondeu ele.

— Mãe? Mãe. *Mãe!* Meu curativo tá saindo.

— Entende o que eu digo? — disse Mia para a sra. Rosenbaum, que não retribuiu seu sorriso. — Tenho outro aqui na bolsa.

— Dos Muppets — Peter pediu. Ele tinha uma voz rouca, velha demais para uma criança de 8 anos. — Quero o Animal.

— Você *tem* o Animal. Na sua canequinha.

— Caco, então.

— Você já usou o Caco pela manhã. Srta. Piggy?

— De jeito nenhum. Gonzo.

— Gonzo!

Enquanto ela acomodava um novo curativo na testa de Peter e beijava a cabeça do filho, Evan aproveitou para dar uma olhada na manga do moletom. Estava sangrando. O tecido já estava mais escuro sobre o antebraço. Ele mudou de posição, mas os silenciadores fizeram barulho dentro da

sacola de papel. Uma mancha havia aparecido na sacola. A meia ensanguentada molhara o papel. Rangendo os dentes, ele virou a sacola e colocou-a no chão, com a mancha voltada para a parede.

— Seu nome é *Evan*, não é? — Mia olhava para ele de novo. — O que você faz mesmo?

— Sou importador.

— Ah, é? O que você importa?

Ele olhou para o painel onde eram indicados os andares. O elevador parecia rastejar.

— Produtos de limpeza industrial. Vendemos principalmente para hotéis e restaurantes.

Mia apoiou o ombro na parede. Faltava um botão em seu blazer, que se abriu generosamente nas lapelas, mostrando a camisa.

— E aí? Não vai perguntar o que *eu* faço? — O tom de voz era divertido, mas havia nele uma nota de flerte. — É *assim* que as pessoas conversam.

Promotora pública, tribunal Torrance. Viúva há cinco anos. Comprou um pequeno apartamento no décimo segundo andar alguns meses atrás com o que sobrou do dinheiro do seguro de vida do marido.

Evan sorriu.

— O que você faz?

— Eu sou — começou ela com uma grandiosidade debochada — uma promotora pública. Portanto, é melhor tomar cuidado.

Ele esperou ter feito o ruído apropriado para demonstrar que estava impressionado. Ela assentiu, satisfeita, e tirou da bolsa um muffin de sementes de papoula. Pelo canto dos olhos, Evan percebeu que Peter olhava outra vez para seu tornozelo nu.

O elevador parou no nono andar e um grupo de moradores entrou, liderado por Hugh Walters, presidente da associação e defensor ferrenho de monólogos.

— Excelente, excelente — disse o presidente da associação. — Um bom número de presentes será essencial na reunião desta noite. Vamos votar que bebidas matinais devemos oferecer no saguão.

Evan respondeu:

— Na verdade, eu...

— Descafeinado ou normal.

— Quem bebe descafeinado? — perguntou Lorilee Smithson, do 3F, terceira esposa de seu marido com traços ligeiramente felinos em decorrência de décadas de cirurgias plásticas.

— Pessoas com fibrilação atrial — interferiu a sra. Rosenbaum.

— Pare com isso, Ida — Lorilee protestou. — Você só fala comigo nesse tom arrogante porque sou bonita.

— Não. Falo com você nesse tom arrogante porque você é *burra*.

— Acho que devemos oferecer kombucha — sugeriu Johnny Middleton, do 8E. Com 40 e poucos anos de idade e cabelos implantados, ele se mudara para o prédio com o pai viúvo, um diretor financeiro aposentado, havia alguns anos. Como sempre, Johnny usava roupas esportivas com o logotipo da academia de MMA que ele dizia incessantemente frequentar há pelo menos dois anos. — Contém probióticos e anticorpos. *Muito* mais saudável que descafeinado.

Mais alguns moradores entraram no elevador, obrigando Evan a posicionar-se contra a parede do fundo. Ele sentia a pele arrepiada e o sangue vibrando com a impaciência. Zonas de guerra e de alta periculosidade aumentavam sua concentração, mas a conversa mole do Castle Heights o deixava sem saber como agir. Mia ergueu o olhar do muffin que beliscava e revirou os olhos para ele.

— Não tem aparecido *muito*, sr. Smoak — disse Hugh com um tom ensaiado de desdém. Seus olhos atentos o

espiavam atrás de óculos de moldura preta tão antiquada que já voltava a ser moda. — Não quer opinar sobre a decisão da bebida matinal?

Evan pigarreou.

— Não preciso de kombucha.

— Se fizesse um pouco de exercício em vez de brincar com balancetes o dia inteiro... — cochichou Johnny, arrancando uma risadinha abafada de Lorilee e olhares de reprovação dos outros.

Tentando manter a calma, Evan abaixou a cabeça e olhou para a mancha que se espalhava rapidamente pela manga do moletom. Casualmente, cruzou os braços para esconder o sangue.

— Seu moletom... — sussurrou Mia. Ela se inclinou em sua direção, levando consigo o cheiro agradável de hidratante de capim-limão. — Está molhado.

— Derrubei alguma coisa nele quando estava no carro — respondeu Evan. Notando que ela continuava olhando para o moletom, acrescentou: — Suco de uva.

— Suco de *uva*?

O elevador parou com um tranco.

— Nossa! — Lorilee reagiu. — O que foi isso?

A sra. Rosenbaum respondeu:

— Seus lábios inflados devem ter encostado no botão de emergência.

Os moradores se mexiam, inquietos, agitados como gado preso no curral. Um movimento ao seu lado chamou sua atenção. Peter se abaixava, aproximando os pequenos dedos da barra de sua calça, e levantava o tecido para revelar o tornozelo curiosamente nu. Evan puxou o pé, mas o movimento derrubou a sacola de papel. Um dos silenciadores caiu, um cilindro de metal que rolou ruidosamente pelo chão.

Peter arregalou os olhos, pegou o silenciador e enfiou-o depressa na sacola de Evan.

— Peter — chamou Mia —, levante-se. Não *rasteje* no chão. O que está fazendo?

Ele levantou, acanhado, torcendo as mãos.

— Derrubei uma coisa — Evan interferiu. — Ele só se abaixou para pegá-la para mim.

— O que *diabos* você derrubou? — perguntou Johnny.

Evan decidiu considerar a pergunta como retórica e não responder.

Johnny finalmente destravou a alavanca vermelha, e o elevador continuou a subir. Quando chegou ao décimo andar, Hugh segurou a porta aberta e olhou para Peter e Mia.

— Suponho que não conseguiu ninguém para cuidar da criança?

As mulheres em volta, oito no total, reagiram com desgosto.

— Não, sou mãe solteira.

— As diretrizes da associação estabelecem claramente que nenhuma criança pode participar das reuniões do comitê.

— Não tem problema, Hugh. — Mia exibiu um sorriso radiante. — É você quem vai perder o voto de minerva sobre as begônias suspensas na área da piscina.

Hugh franziu a testa e se juntou aos outros no corredor. Evan tentou ficar para trás com Mia e Peter, mas a sra. Rosenbaum segurou seu braço, destruindo as casquinhas que já se formavam embaixo do moletom.

— Vamos lá — disse ela. — Você mora neste prédio. Vai fazer sua parte como todo mundo.

— Desculpe — respondeu Evan —, mas tenho de cuidar dos balancetes.

Ele tirou a mão da sra. Rosenbaum de seu braço e viu que seus dedos enrugados tinham ficado sujos de sangue. Ele deu tapinhas delicados na mão dela, aproveitando-se do gesto para limpar seus dedos no moletom, enquanto se

desvencilhava do aperto da senhora insistente. Ele voltou para dentro do elevador e a porta se fechou.

Mia guardou o restante do muffin de sementes de papoula na embalagem, jogou o pacotinho na bolsa e suspirou, olhando para o teto. Eles subiram em silêncio; Evan pegou a sacola de papel e a colocou no colo, dobrando a parte de cima para cobrir a mancha. Mantinha o pé sem meia e o braço com a manga manchada virados para a parede.

Peter olhava para a frente. Quando chegaram ao décimo segundo andar, Mia se despediu e saiu do elevador seguida por Peter. As portas começaram a fechar, mas uma pequena mão apareceu entre elas e interrompeu o movimento. As portas se abriram novamente.

O rosto de Peter surgiu, com uma expressão solene prejudicada pelo curativo do Gonzo em sua testa.

— Obrigado por ter me dado cobertura — disse o garoto.

Antes que Evan pudesse responder, as portas se fecharam outra vez.

Fortaleza da solidão

A porta da frente do apartamento no 21º andar era igual às outras do prédio, cumprindo as normas da associação e passando despercebida pelo olhar de águia de Hugh Walters em suas inspeções mensais. O que Hugh *não* sabia era que a fina cobertura de madeira escondia uma porta de aço resistente a fogo, capaz de suportar seis horas de incêndio, imune a arrombamentos e eficiente contra ataques mais violentos.

Evan introduziu a chave na fechadura inviolável de aparência comum e, quando a girou, uma rede de travas de segurança escondida dentro da porta destravou com um estalo alto.

Ele entrou, trancou a porta, desativou o alarme, deixou a sacola de papel sobre uma mesinha de vidro e exalou a respiração que trazia presa no pulmão.

Estava em casa.

Ou em sua versão de uma casa, pelo menos.

Muitas janelas e sacadas ampliavam o panorama de visão da cobertura numa lateral do prédio. Trinta quilômetros a leste, a linha do horizonte do centro da cidade cintilava. Ao sul, erguia-se Century City.

O apartamento era amplo, com assoalhos de concreto divididos por uma lareira central, vários pilares e uma escada de aço em espiral, que levava a uma área raramente usada, que Evan havia transformado em sala de leitura. A cozinha tinha bancadas de concreto, utensílios de aço inoxidável, acessórios de níquel escovado e uma parede de azulejos retangulares e brilhantes. Além da cozinha, havia uma área simples e espaçosa com colchonetes de treinamento, estações de musculação e uma ou outra área de estar.

Janelas e portas deslizantes de vidro eram feitas de Lexan, uma resina termoplástica de policarbonato resistente a tiros, e as persianas retráteis acrescentavam mais uma discreta camada de blindagem. Formada por pequenos anéis entrelaçados como uma malha de correntes, a folha de metal era composta de uma rara variação de titânio. As persianas podiam frustrar atiradores cujas rajadas porventura penetrassem os painéis resistentes a projéteis. Elas conferiam um escudo protetor adicional contra aparatos

explosivos enquanto obscureciam a linha de visão de possíveis rastreadores ou assassinos.

E também eram excelentes para impedir a entrada do sol.

Até as paredes tinham sido reforçadas. Evan havia feito as melhorias lentamente, ao longo dos anos, utilizando fornecedores diferentes a cada etapa, mandando entregar os materiais em endereços variados e reunindo boa parte dos equipamentos fora do apartamento. Quando teve de contratar instaladores, tomou providências para que eles nunca soubessem o que, exatamente, estavam instalando. Com um planejamento meticuloso e paciência, havia construído uma fortaleza da solidão sem ninguém perceber.

Evan tinha muita afeição pelo mundo que havia criado atrás da porta do apartamento, mas, mesmo assim, estava preparado para abandonar aquele mundo de uma hora para outra.

Ele foi à cozinha, avançando pelo piso de concreto polido. O único toque de capricho e de cor era uma suposta parede viva instalada ao lado do fogão. Era, na verdade, uma horta vertical irrigada por um sistema de gotejamento, onde havia desde hortelã e camomila para chás até coentro, salsinha, sálvia, manjericão e pimentas para omeletes. Apesar de ser

dezembro, a camomila florescia dentro do ambiente cuidadosamente controlado da cobertura.

De vez em quando, Evan notava que a única coisa viva com que compartilhava sua vida era uma parede.

Mas ele tinha os mandamentos, e os mandamentos eram tudo.

Chegando à geladeira, abriu a gaveta do congelador, onde guardava uma garrafa de U'Luvka, uma vodca polonesa famosa pelos copos de cristal. Ele serviu uma boa dose em uma coqueteleira, sobre gelo, sacudiu o líquido até as mãos grudarem no metal congelado e despejou o conteúdo em uma taça gelada para martíni. Evan bebeu imediatamente, deixando o ardor gelado passar pelos lábios e fechando os olhos ao saborear o prazer.

Sentindo o aroma da horta vertical, saiu por uma das portas deslizantes voltadas para o sul. O piso da sacada era revestido de pedras de quartzo que rangiam ruidosamente sob os pés, e era exatamente essa a intenção. Programas de detecção instalados nas janelas e nas molduras das portas capturavam com precisão o tipo de ruído das pedras, alertando para sons causados por qualquer objeto com mais de vinte quilos. Os sensores também disparavam se alguma coisa se aproximasse do vidro.

Um vaso quadrado perto da beirada da sacada continha uma variedade de cactos baixos e um paraquedas para baixas altitudes escondido atrás de um painel, caso Evan tivesse de sair rapidamente do apartamento.

Com os cotovelos apoiados na grade, ele bebeu mais um pouco da vodca, sentindo o líquido aquecer o rosto. Ao longe, a região de Marina del Rey brilhava na extremidade do continente, no limite da escuridão do Pacífico.

Um movimento no prédio vizinho chamou sua atenção. A cobertura de Evan ficava na frente do apartamento 19H do edifício do outro lado da rua. Joey Delarosa apareceu por um instante atrás das persianas verticais, comendo diretamente de uma panela com uma colher de pau, com um jogo de futebol na televisão ao fundo. Contador de uma grande empresa, ele passava a maior parte de seu tempo livre comendo e assistindo à tv. Uma vez por mês, mais ou menos, saía para beber nos bares de Westwood, voltava para casa cambaleando e ligava, chorando, para a ex-esposa. Os telefonemas eram recebidos com frieza; Joey não cumpria a ordem de restrição telefônica nem pagava a pensão do filho havia mais de três anos. O último interlúdio doméstico havia deixado sua então esposa em coma e dado ao filho uma seqüela permanente, que o faria mancar para sempre,

porque, aos 6 anos, as cartilagens ainda são frágeis. A porta de serviço da cozinha de Joey, perto da abertura da lixeira no corredor, tinha uma tranca Schlage que Evan era capaz de abrir em sete segundos com uma chave de tensão bifurcada.

Evan fazia questão de conhecer bem o ambiente à sua volta. Havia memorizado tudo que estava ao alcance da visão, todos os moradores, todas as escadas, todas as plantas baixas, cada caixa de eletricidade e cada cachorro barulhento.

O Terceiro Mandamento, enfiado em sua cabeça aos 12 anos de idade, ensinara-o isto: “Domine o ambiente à sua volta”.

Ele ficou ali por algum tempo, bebendo a vodca e respirando o ar fresco.

O hábito o fez olhar novamente o celular. Apesar da bateria de íon-lítio de alta densidade, a carga estava chegando ao fim. Ele entrou no apartamento para ligar o celular ao carregador sobre a bancada da cozinha e plugou o aparelho ao sistema de alto-falantes embutidos, porque assim poderia ouvir o telefone em qualquer lugar do apartamento de 650 metros quadrados. O número era fácil.

1-85-LUGARNENHUM

Havia um dígito além do necessário, mas, considerando as condições em que normalmente estavam as pessoas que

ligavam para ele, o número tinha de ser simples e fácil.

O telefone preto não tocava havia dez semanas, o que significava que poderia tocar em breve ou dentro de alguns meses. Não havia como saber. Mas, mesmo que demorasse muito, ele esperaria.

Sentindo-se impaciente, ele repetiu o Sétimo Mandamento como um mantra: “Uma missão de cada vez. Uma missão de cada vez”.

Depois de tirar as roupas, mantendo apenas a cueca, acendeu a lareira com lenha de vidoeiro e queimou as roupas, a sacola manchada e a meia ensanguentada. Levando consigo os dois silenciadores, foi para sua suíte e os deixou sobre a bancada. A peça central no aposento era uma cama Maglev, suspensa meio metro acima do chão sobre uma plataforma no piso, repelida por ímãs superpotentes de neodímio. Cabos mantinham a plataforma no lugar, impedindo qualquer movimentação da cama. A empresa finlandesa responsável pelo projeto afirmou que o magnetismo tem um efeito de cura, mas as evidências médicas eram escassas. Evan gostava do visual, só isso, sem pernas, sem cabeceira, sem pés, minimalismo ao extremo.

No banheiro, ele empurrou a porta de vidro jateado, que deslizou silenciosamente pelos trilhos, revelando o interior

do box. Depois, acionou o chuveiro na temperatura mais quente que podia suportar. A água lavou a sujeira e o suor, e ele conseguiu ver melhor o ferimento no braço. Não era grave. Só um corte comum que cicatrizaria logo. Depois do banho, ele se enxugou e cuidou do ferimento. Em vez de dar pontos ou usar esparadrapo, ele uniu as duas extremidades do corte com supercola. Quando a pele cicatrizasse, a cola seca seria expelida.

Na cômoda do quarto havia mais ou menos vinte camisetas cinza com gola em V, uma dúzia de calças jeans escuras e o mesmo número de suéteres. Depois de se vestir, Evan hesitou e olhou para a última gaveta da cômoda.

Ele suspirou e a abriu. Afastou as cuecas boxer para um lado. Uma pequena abertura do tamanho de uma unha na extremidade da madeira era a única indicação do fundo falso.

Ele estendeu a mão para tocá-la, mas parou a alguns centímetros da placa de madeira.

Depois de pensar por um instante, arrumou as cuecas e fechou a gaveta. Havia sido um dia difícil; ele não precisava levantar aquele fundo falso e ver tudo o que havia sob ele.

Ele foi à cozinha e pegou um cubo de gelo e os silenciadores colocados em cima da bancada. Dentro do boxe ainda molhado, segurou a torneira que controlava a água

quente e a girou para o lado oposto. A torneira era uma alavanca eletrônica que respondia às suas impressões digitais. Quando a empurrou até um ponto de resistência, uma porta escondida pelo rejunte dos azulejos se abriu, revelando um cômodo secreto.

Mentalmente, ele chamava o espaço irregular de 35 metros quadrados de Cofre. Em uma reforma ostensiva, havia emparedado aquele espaço no fundo do apartamento. Espremido embaixo da escada externa para o telhado, o aposento tinha vigas expostas e paredes de concreto áspero e deixava à mostra a parte inferior dos degraus. Nenhum outro apartamento tinha esse espaço; ninguém pensaria em procurá-lo e nem sentiria falta dele.

Acessível apenas pela porta escondida, havia ali um depósito e uma bancada de trabalho junto à parede embaixo da escada. Uma mesa central em L, construída com folhas de metal, sustentava uma confusão de torres de computador, antenas e servidores. Uma fileira de monitores ao lado de uma parede mostrava o interior do prédio em vários ângulos de corredores e escadas. As imagens eram roubadas, sem nenhuma dificuldade, do resistente e barato sistema de câmeras taiwanesas espalhadas por toda a propriedade.

Um computador sem acesso à internet continha informações sobre suas movimentações bancárias. A conta principal pertencia a um banco em Luxemburgo, sob o nome z\$Q9R#)3, e era protegida por uma senha de quarenta palavras que, juntas, formavam uma frase sem sentido. A conta só podia ser acessada por telefone, e as transferências de dinheiro eram operadas unicamente por comandos de voz. Não havia acesso eletrônico, transações virtuais nem cartões de débito. Evan havia espalhado contas secundárias em outras áreas que garantiam sigilo, optando pelas ilhas Bermudas, Chipre e Cayman, e toda a documentação era feita através de uma série de fundos e empresas fictícias com base em Road Town, Tortola, nas Ilhas Virgens Britânicas.

Como Jack costumava dizer, “engrenagens dentro de engrenagens”.

Evan tinha percorrido um longo caminho desde o conjunto habitacional onde morava em East Baltimore.

Além do *mouse pad* na mesa central, uma saladeira de vidro servia de vaso para uma babosa do tamanho de um punho, aninhada em pedregulhos de vidro azul-cobalto. Evan deixou o cubo de gelo entre as folhas. Um simples sistema de irrigação que a mantinha vistosa.

Ele guardou os silenciadores em um armário de armas e saiu do Cofre.

No quarto, finalmente sentou-se no tapete, com as pernas cruzadas, as costas eretas e as mãos repousando sobre os joelhos. Meditação. Observou a força do próprio corpo por dentro. A pressão dos ossos no chão. O peso das mãos. O canal de respiração, passando por nariz, garganta, peito. O cheiro da madeira queimando permanecia no fundo da garganta. Notou os desenhos da madeira no armário de sândalo, os fios individuais do tapete turco, o jeito como a persiana difundia a luminosidade alaranjada. O objetivo era ver tudo como se fosse a primeira vez. Esse era o objetivo em todos os lugares. Sempre.

A respiração era sua âncora.

Os olhos parcialmente fechados tornavam o espaço à sua volta vago e incerto, como em um sonho, e não havia passado nem futuro. Relembrou o dia, as quatro horas de viagem desde Las Vegas, a faca, o som da voz de Hugh Walters no elevador. O ar frio liberado pelo ar-condicionado batia em sua nuca. O ferimento no antebraço radiava um calor latejante que não era completamente desagradável.

Sentindo o ombro esquerdo um pouco deslocado, ele relaxou e o abaixou alguns milímetros, alongando o

músculo. Ele alinhou corpo e pensamento até se tornar a respiração, e só a respiração, até o mundo ser a respiração e não haver mais nada.

Por algum tempo, ficou sentado ali, mergulhado naquela gloriosa imobilidade.

Até ser arrancado do estado de quase transe. Evan piscou algumas vezes, aclimatando os olhos à luminosidade e orientando-se. Então, percebeu o que havia interrompido a meditação.

Seu celular estava tocando.

Garotas marcadas

O toque do seu telefone era comum, claro e audível de qualquer lugar.

O próprio número de discagem direta interna, 1-85-LUGARNENHUM, adquirido por intermédio de um endereço de IP búlgaro, era programado para receber chamadas digitalizadas e enviadas por uma rede privada e criptografada. O túnel de transmissão das chamadas passava por quinze programas de destinos telefônicos no mundo todo até chegar à rede Wi-Fi e ao adaptador de voz do IP que pertencia a Joey Delarosa, morador do apartamento 19H do outro lado da rua. De lá, a chamada era devolvida para a internet pela rede LTE da operadora Verizon. Se, por algum milagre dos milagres rastreassem o fluxo de dados até aquele ponto e resolvessem invadir a casa de Joey, Evan veria tudo atrás de sua cortina fechada.

Depois de cada contato importante, Evan mudava o serviço telefônico onde ancorava seu número. No momento,

ele estava em uma companhia na província de Jiangsu, na China, um pesadelo logístico e de jurisdição para qualquer mente inquisitiva. O telefone aderiu perfeitamente à rede GSM, funcionava em 135 países e utilizava *chips* pré-pagos, que Evan quebrava e substituía regularmente.

Ele se levantou e caminhou descalço até a bancada da cozinha.

Atendeu ao telefone como sempre fazia:

— Precisa da minha ajuda?

A voz respondeu com um pequeno atraso:

— Você é... Isso é uma brincadeira?

— Não.

— Espere. É que... *Espere*. — Era uma mulher jovem, pouco menos de 20 anos. Sotaque hispânico, talvez salvadorenha. — Você é real? Pensei que fosse... uma lenda urbana. Um mito.

— Eu sou.

Ele esperou. Ouvia a respiração da mulher, mais rápida que o habitual. Isso era comum.

— Escuta, estou em perigo. Não tenho tempo para brincar se... se... — Um soluço foi sufocado. — Não sei o que fazer.

— Qual é seu nome?

— Morena Aguilar.

— Como conseguiu esse número?

— Um homem negro me deu.

— Descreva esse homem.

Primeiro Mandamento: “Não presuma nada”.

— Barba meio desgrenhada, com alguns fios brancos. Um braço estava quebrado. Em uma tipoia.

Clarence John-Baptiste. Uma gangue de traficantes de metanfetamina invadira a casa dele em Chatsworth no outono passado e o fizera refém com a filha. Clarence e a menina não foram bem tratados.

— Onde você mora?

Ela deu um endereço em Boyle Heights, na parte leste da cidade, na planície do rio Los Angeles. Território da gangue Lil East Side.

— Quando nos encontramos? — perguntou Evan.

— Não posso... Não sei.

Ele esperou em silêncio.

— Amanhã — disse a moça. — Amanhã ao meio-dia?

— Onde?

— Não tenho carro.

— Sua casa é segura? — indagou ele.

— Durante o dia, sim, é.

— Meio-dia, então.

Meio-dia era bom. Ele precisaria de três horas para fazer uma varredura dos quarteirões no entorno da casa, blindá-la e verificar se havia transmissores digitais ou rastros de material explosivo. Se isso era uma armadilha, ele iria até ela em suas próprias condições.

Nono Mandamento: “Jogue sempre no ataque”.

Mais tarde, no Cofre, Evan bebia chá de camomila fresca enquanto pesquisava Morena Aguilar nos bancos de dados.

Com exceção de informações sobre terroristas importantes, pode-se encontrar tudo nos bancos de dados do governo. A grande maioria dos registros civis e criminais pode ser acessada por qualquer viatura de polícia com acesso à internet. Isso incluía qualquer laptop Toughbook Panasonic conectado ao painel de uma viatura do Departamento de Polícia de Los Angeles. Cada laptop fala diretamente com o sistema de dados do departamento de Justiça e da Polícia de Los Angeles bem como com centenas de outros bancos de dados estaduais e federais.

Assim, ao invadir um computador de bordo de uma viatura, pode-se chegar ao painel de controle geral do governo.

Evan não era um *hacker* genial, não estava nem perto de ser, mas havia conseguido invadir os sistemas de várias viaturas e fazer o *upload* de um código SSH invertido nos laptops, deixando uma porta aberta para quando quisesse entrar.

Agora, dentro do cômodo secreto, Evan acessava as informações que desejava tranquilamente, reunindo detalhes para a missão do dia seguinte e bebendo o que restava do chá perfumado.

Morena Aguilar havia passado os últimos 45 minutos sentada em cima de uma lata de lixo virada para baixo na varanda de uma casa velha de um conjunto habitacional, com as mãos unidas entre as pernas e os braços magros flexionados. Os pés descalços batiam, nervosos, na madeira rachada; os joelhos pulavam. O cabelo escuro estava preso, puxado para trás com tanta força que se moldava perfeitamente ao crânio antes de cair, encaracolado e rebelde, além do elástico. Olhos agitados, cabeça abaixada, um brilho de suor nas têmporas.

Medo.

Parado além do cruzamento, atrás de um carro abandonado e enferrujado, Evan estudou a rua novamente através da mira do rifle. No gramado seco do jardim da casa em frente à casa de Morena, uma mãe adolescente, também latina, carregava um bebê que usava apenas fralda. Ela o pôs para brincar numa bacia de alumínio cheia de areia. A criança parecia ser mestiça, com grandes olhos verdes em um rosto caramelo. Quando ela começou a cavar a areia, a mãe acendeu um Marlboro vermelho e soprou a fumaça para o alto, coçando a marca em forma de morango na parte inferior do braço. A adolescente não podia ter mais que 18 anos, mas seu rosto era sombrio. Um celular ocupava o bolso traseiro. Outra mãe adolescente empurrou um carrinho de bebê pelo gramado seco e se aproximou dela. A primeira ofereceu o maço de cigarros. Elas não falavam. Só ficaram ali, lado a lado, fumando e olhando para a rua. Duas jovens sem nada mais para fazer.

Assim que se convenceu de que eram inocentes, Evan baixou a mira, pegou a maleta de metal preto e saiu da caminhonete.

Quando se aproximava da casa, Morena o viu e se levantou, segurando um braço na altura do bíceps. Ele andou até a varanda. Os anos pesavam no rosto dela, com marcas

causadas por estresse e uma dureza por trás dos belos olhos castanhos. O cheiro de spray para cabelo era forte.

— Estou oferecendo empréstimos, pedindo a hipoteca da sua casa como garantia — disse ele. — Você não está interessada. Balance a cabeça.

Ela balançou.

— Vou dar a volta no quarteirão e pular o muro da casa. Deixe a porta dos fundos destrancada. Agora faça cara de irritada e entre.

Ela entrou e bateu a porta. Ele saiu e subiu a rua.

Dez minutos mais tarde, os dois estavam sentados frente a frente em cadeiras rasgadas na pequena sala da casa. Evan olhava para a janela suja. A pasta preta estava em cima da mesinha diante dele. Se alguém tentasse abri-la com a combinação errada, ela liberaria uma descarga elétrica de oitocentos volts. Tinha um microfone ativado por voz, uma lente e um transmissor de banda larga e alta potência que interferia em qualquer equipamento de vigilância.

E também tinha papéis.

O ar estagnado cheirava a aves. Um papagaio grasnava em uma gaiola no quarto ao lado. A porta aberta deixava à mostra dois colchões no chão, uma cômoda, um espelho

rachado e um velho estojo de trompete apoiado num aquário vazio.

— Carrot, por favor! — gralha o papagaio. — Por favor! Por favor, não!

Evan conseguia ver a rua por cima do ombro de Morena; as duas jovens mães ainda fumavam tranquilamente no jardim da casa em frente. O choro de um dos bebês se tornou audível, mas elas não se moveram para confortá-lo.

Evan mudou de posição na cadeira. O movimento fez Morena alinhar as costas. Havia manchas de suor em sua camisa abotoada e engomada, com um crachá escrito Benny's Burgers, com o nome já descascado. Ela segurava com força o tecido de poliéster da calça.

— Está nervosa — afirmou ele. — Porque estou aqui.

Morena assentiu depressa e imediatamente voltou a parecer uma criança.

— Sabe usar uma arma?

A pausa foi tão longa que ele chegou a pensar que não teria resposta.

— Já dei alguns tiros — respondeu a jovem finalmente, mas ele notou que era mentira. Ela transpirava muito na linha do cabelo. As sobrancelhas eram arqueadas e havia

tirado um *piercing* do nariz, o que deixara um furinho no lugar.

Evan tirou a pistola que trazia numa cartucheira presa ao quadril, girou-a e ofereceu a ela. Morena ficou olhando para a arma na mão dele.

A variação da Wilson Combat 1911 havia sido feita especialmente para atender às especificações de Evan. Semiautomática, oito balas em um carregador de aço inoxidável, com a nona bala encaixada na câmara, cano estendido, alimentação impecável e rosca pronta para receber um silenciador. As miras eram posicionadas de forma que os silenciadores, quando encaixados, não bloqueassem a visão. Trava de polegar ambidestra, porque ele era canhoto. Trava de punho na parte de trás para garantir que não dispararia se a arma não estivesse na mão. Enquadramento frontal agressivo, dezoito linhas por polegada, e empunhadura revestida de material aderente especial para garantir a firmeza ao disparar. Trava de segurança no formato rabo de castor para impedir o coice. Preta e fosca para desaparecer na escuridão.

Ele repetiu o gesto, sugerindo que Morena pegasse a pistola.

— Só enquanto conversamos. Para você não ficar tão nervosa.

Ela pegou-a, hesitante, e a deixou sobre a almofada ao seu lado. Quando respirou e soltou o ar, seus ombros relaxaram um pouco.

— Eu não... não me importo mais comigo. É ela. *Mi hermanita*... Minha irmãzinha, Carmen. Eu já sou ferrada desde o começo. Mas aquela menina? Nunca fez nada errado na vida. Está na escola agora. E ela é *boa* aluna. Tem só 11 anos.

Evan olhou para o velho estojo de trompete no quarto e depois para Morena.

— Quantos anos você tem?

— Dezesete. — Ela inspirou profundamente. Outra pausa demorada. Era como se nem percebesse a extensão dos períodos de silêncio. Ela não era rabugenta, e sim retraída.

— Meu pai foi embora quando a gente era pequena. Faz alguns anos que *mamá* descobriu que ele estava morto. Ela... Ela morreu no ano passado. Câncer de ovário. E foi aí que *ele* apareceu. Assumiu o aluguel da casa. E mantém a gente aqui na casa.

Do outro lado da rua, o bebê chorava muito. Uma das mães começou a empurrar o carrinho para a frente e para

trás.

— Carrot, por favor! — O papagaio gritou no quarto. — Por favor! Por favor, não!

Evan olhava para Morena. Não queria fazer mais perguntas. Queria dar a ela espaço para contar a história em seu próprio ritmo.

Morena pegou um celular no bolso de trás da calça.

— Ele me deu isto. Para me mandar mensagens quando quiser. Estou à disposição, não é? Mas tudo bem. É só *comigo*. Até agora. Minha irmã está crescendo. O tempo está quase acabando. Ele disse que ela está “ficando madura”. — Seu lábio superior se crispou. — Ele já queria com ela. Eu... o distraí. Como sei distrair. Mas ele disse que da próxima vez... da próxima vez... — Morena mordeu o lábio inferior para conter o tremor. — Você não entende.

— Então, me ajude a entender.

Ela balançou a cabeça. Do lado de fora, um rap anunciou a aproximação de um carro. Um cara sentado no banco de trás do conversível segurava uma TV enquanto o amigo dirigia. O carro desapareceu, mas o barulho da música ainda demorou para sumir.

— Você tem algum lugar para onde ir? — perguntou Evan.

— Minha tia mora em Las Vegas. Mas não faz diferença.

— Por que não?

Morena inclinou o corpo para a frente, subitamente determinada.

— Você não *entende*. Ele diz que, se eu pegar minha irmã e fugir para algum lugar, ele vai caçar a gente. Ele tem bancos de dados, ele consegue encontrar qualquer pessoa em qualquer lugar. — Sem mais nem menos, a raiva sumiu. Ela cerrou o punho e o pressionou contra os lábios trêmulos. — Foi burrice chamar você. Não conta nada para ninguém. Eu vou pensar em alguma coisa. Sempre penso. Bom, tenho que ir trabalhar.

Evan sabia que ainda faltavam duas horas para o início do turno dela no trabalho e que a lanchonete ficava a sete minutos de caminhada da casa. Ele continuou sentado. Morena não fez nenhum movimento para sair.

Ela balançou um pouco o corpo.

— Só não quero... — Com uma piscada, as lágrimas desceram pelas faces lisas. — Só não quero que ela seja toda ferrada que nem eu.

Morena levantou uma das mãos para enxugar as lágrimas, e ele viu em seu antebraço uma marca que parecia ser de vacinação. Mas não podia ser. Não nessa idade.

Era uma queimadura.

Evan olhou para as jovens mães do outro lado da rua. A primeira levou o cigarro à boca, e, de repente, ele compreendeu que a marca em forma de morango não era um sinal de nascença. Seus olhos buscaram o braço da outra mulher, que empurrava o carrinho para a frente e para trás. E encontraram a mesma marca no mesmo lugar.

Morena percebeu quando o olhar voltou para seu braço e o abaixou depressa, escondendo a marca, mas não antes de ele ver novamente a queimadura circular. Mais ou menos do tamanho do cano de uma pistola calibre .40.

Como, por exemplo, a Glock 22 que era usada como armamento padrão no Departamento de Polícia de Los Angeles.

Ele recordou as palavras de Morena: “Ele consegue encontrar qualquer pessoa em qualquer lugar”. O auge do abuso de poder. Escravidão. As meninas que estavam do outro lado da rua também tinham celulares. E bebês. Agora ele entendia a tristeza, a resignação e o vazio no seus rosto delas.

Morena se levantou, ajeitou a camisa do uniforme e ergueu o rosto para impedir que mais lágrimas caíssem.

— Obrigada por ter vindo — disse ela —, mas você não entende.

— Agora eu entendo — respondeu Evan.

Ela o encarou.

— A rua inteira? — perguntou ele.

Morena sentou-se novamente.

— O *quarteirão* inteiro. — A voz falhou outra vez. — Só não quero que ele pegue minha irmã.

— Você não precisa mais se preocupar com isso.

4

Missão

No caminho para casa, Evan percorreu o circuito de suas outras residências, verificando cada uma. Tinha diversas propriedades espalhadas pela área, uma casa em Westside, um chalé no Valley, uma casa de rancho naquela região horrorosa embaixo das rotas de voo do aeroporto. Mantinha os jardins sempre em ordem, as varandas limpas, sem montes de correspondência inútil, e variava os sistemas de controle de iluminação. As fachadas comuns escondiam veículos, equipamentos essenciais para o cumprimento de suas missões e munição. Jack sempre enfatizava a importância de manter vários depósitos com equipamentos prontos e disponíveis para uso imediato.

Afinal, Evan nunca sabia quando precisaria desaparecer. Ocupava um lugar de honra em várias listas de procurados, mas nenhuma que pudesse ser divulgada. Precisava ser cuidadoso em aeroportos, fronteiras e embaixadas, embora houvesse estado em uma embaixada uma única vez nos

últimos cinco anos, apenas para neutralizar um funcionário que era uma peça-chave em um esquema de tráfico humano.

Quando Evan chegou ao Castle Heights, o sol se punha e pintava um lado do prédio, dando-lhe um tom alaranjado. Ele estacionou e atravessou o saguão, notando meia dúzia de garrafas de kombucha boiando em gelo derretido na estação de bebidas. Aparentemente, a iniciativa não encontrara o sucesso estrondoso esperado pela associação.

Na área de poltronas do outro lado da porta, o rosto de Johnny Middleton surgiu atrás da seção de esportes do *L.A. Times*. Ele estava vigiando a kombucha.

Evan apressou o passo. O ruído da calça de náilon anunciou o momento em que Johnny se levantou na poltrona.

— Evan. *Evan!*

Sem alternativa, Evan parou.

Johnny o alcançou. Irritado, olhou para o recipiente com a bebida ignorada. Quando voltou a olhar para Evan, havia uma expressão arrogante em seu rosto redondo.

— Você deveria fazer um pouco de exercício. — Ele bateu no logotipo da modalidade de artes marciais que praticava, em seu moletom, que mostrava dois punhos colidindo. Inovador. — Posso conseguir uma aula grátis.

Antes que Evan pudesse responder, Johnny deu-lhe um soco de brincadeira.

O movimento foi lento e deslocado. Evan visualizou sua própria reação com uma nitidez perfeita: o desvio da mão, a imobilização do pulso, a fratura do osso e a distensão dos tendões do cotovelo, o movimento do braço para controlar a queda, o golpe do joelho contra as costelas de Johnny quando ele caísse.

Em vez disso, só se encolheu ligeiramente.

— Não é a minha praia — disse ele.

— Tudo bem, chefe — respondeu Johnny, afastando-se com os braços abertos numa expressão de magnanimidade.
— A oferta está de pé.

Evan estava entrando no elevador quando um tumulto na porta da garagem chamou sua atenção. Mia e Peter apareceram, carregando sacolas de compras. Evan segurou a porta para eles entrarem. Enquanto subiam, ele quase não conseguia ver Peter atrás das enormes sacolas.

— Precisam de ajuda? — Evan ofereceu.

— Não, obrigada — Mia respondeu.

Seu iPhone tocou em algum lugar de sua bolsa. Era a música tema do filme *Tubarão*.

Usando um joelho para apoiar tudo que carregava, ela tentou abrir a bolsa. Uma sacola plástica escorregou da sua mão, e Evan pegou-a antes que caísse no chão. O telefone parou de tocar, e Mia suspirou, resignada, reequilibrando as sacolas.

Evan percebeu que Peter o encarava. Em seguida, o menino abaixou a cabeça e olhou para seu pé. Com um movimento sutil, Evan levantou a calça para mostrar a meia. *Dá um tempo. Não tem nada para ver aqui.*

O olhar intenso voltou ao seu rosto.

— Evan o quê? — perguntou o menino.

— Como?

— Qual é seu sobrenome?

— Smoak.

— E o nome do meio?

— Perigo.

— Sério?

— Não.

Nada. Então, o menino abriu um leve sorriso.

Mia virou o rosto para esconder que também sorria.

O elevador chegou ao décimo segundo andar.

— Se já terminou de interrogar o sr. Perigo... — comentou Mia, puxando o filho para fora do elevador.

Quando era tarde demais, Evan olhou para baixo e percebeu que ainda segurava a sacola que Mia quase derrubou. Ele estendeu a mão para a porta, mas não conseguiu impedir que fechasse e que o elevador continuasse subindo para a cobertura. A devolução teria de esperar.

Ele tinha trabalho a fazer essa noite.

Evan jogou a sacola plástica de Mia sobre a bancada da cozinha e examinou as vodcas enfileiradas no congelador, escolhendo a garrafa em forma de cantil da Jean-Marc X.O. Feita de quatro variedades de trigo francês, a vodca era destilada nove vezes, micro-oxigenada e filtrada a carvão. Quando serviu dois dedos da bebida sobre cubos de gelo, ele percebeu a caixa de Band-Aid que havia caído da sacola sobre a bancada. Muppets, é claro. As cores fortes, tão deslocadas sobre a pedra cinza e o aço inoxidável, gritavam. Evan se sentiu incomodado com os tons vibrantes de laranja e verde, embora não conseguisse identificar a origem dessa sensação.

Ele enfiou a caixa na sacola e bebeu um gole da vodca a caminho do Cofre. A bebida desceu como seda pela garganta, com a textura da pureza.

Morena Aguilar o havia armado com duas coisas: seu celular, agora sobre a mesa de metal ao lado da babosa, e um nome.

Bill Chambers.

As informações sobre William S. Chambers, do Departamento de Polícia de Los Angeles, eram abundantes. Como resultado de várias ações grandiosas e oportunas, ele havia progredido de patrulheiro a investigador, até, quatro anos atrás, finalmente conseguir um lugar na cobiçada Divisão de Gangues e Narcóticos. Isso explicava como ele havia conseguido criar seu próprio domínio déspota no meio de Boyle Heights, território controlado pela gangue Lil East Side. Seu cargo era ideal para prestar favores aos membros da gangue, que retribuía com outros favores. E assim eles haviam permitido a organização daquele harém de meninas coagidas e talvez até ajudassem a proteger o quarteirão que ele havia transformado em seu campo pessoal de trabalhos forçados. Evan descobriu várias investigações iniciadas pela Corregedoria, todas prejudicadas por evidências desaparecidas ou desviadas por testemunhas-chave. Depois ele investigou as finanças. As contas bancárias de Chambers tinham movimentações constantes, com vários saques e depósitos em dinheiro em valores pouco inferiores a dez mil

dólares, limite para transações pessoais sem envolvimento do banco. Atividade questionável, mas não era uma prova irrefutável.

E o “Primeiro Mandamento” exigia uma prova irrefutável.

Evan pegou o celular de Morena, um aparelho barato com a tela manchada, leve como um telefone de brinquedo. Era um modelo mexicano descartável. Quando leu o histórico de mensagens de texto, teve a impressão de que a temperatura no interior do Cofre havia caído. Sentiu um arrepio gelado na nuca. Várias mensagens explícitas, enviadas de um número recorrente, mandavam orientações e instruções sexuais para Morena, algumas incluindo fotos de meninas latinas menores de idade em poses específicas. Ele olhou para o rosto de uma menina que não devia ter nem 14 anos. Os traços eram vazios de afeto; os olhos vermelhos, mortos, pareciam totalmente desligados do corpo.

Evan trocou o telefone pela bebida, mas percebeu que não queria mais vodca. Não queria mais nada. A indignação queimava dentro dele. Obrigou-se a pensar no Quarto Mandamento: “Nunca leve para o lado pessoal”.

Desde que havia começado, nunca deixara de cumprir um mandamento, e essa não seria a primeira vez.

Ele voltou aos bancos de dados com energia renovada e rastreou o número do remetente das mensagens. Fazia parte de um lote de aparelhos pré-pagos vendidos a atacado para a loja de departamentos Costco no ano anterior. Com um simples código de *proxy* reverso, ele passou pelo *firewall* da empresa e verificou os dados das lojas mais próximas ao endereço de Chambers. Nada. Em seguida, examinou várias filiais da Costco entre a casa de Chambers e diversos endereços, inclusive Boyle Heights, e finalmente encontrou o que procurava em uma loja no caminho para a sede do Departamento de Polícia de Los Angeles. Uma conta em nome de Sandy Chambers. A foto de associado mostrava o fiapo de gente que era a esposa de Bill, o rosto pálido sob as luzes industriais, os ombros encurvados como se ela tentasse se dobrar sobre si mesma e sumir. Ela havia forçado um sorriso, mas parecia separado do rosto, como um recorte colado.

Partindo de uma data de vários trimestres atrás, para coincidir com a data da remessa dos aparelhos pré-pagos, Evan verificou os registros de compras de Chambers. Caixas de cerveja Heineken, preservativos, mobílias para ambientes abertos, compras monumentais de comida, uma câmera digital. E lá estava: sete celulares descartáveis comprados em

13 de fevereiro, junto com um jogo de luvas térmicas para cozinha e uma embalagem de escovas de dente com cerdas macias.

Não havia como negar que, reunidos, os fatos tinham peso, mas as evidências podiam ser interpretadas de várias maneiras, contando diversas histórias. Quando Evan se envolvia em alguma coisa, só havia um desfecho possível, e esse desfecho exigia certeza antes da consumação do fato. Ele levantou o copo, onde o gelo já havia derretido, e limpou a água que ficara na mesa com a manga do suéter, deixando a superfície impecável.

O celular de Morena vibrou em cima da mesa, anunciando a chegada de uma mensagem.

AMANHÃ. NOITE. 10. DEIXE-A PRONTA.

Evan ficou olhando para as palavras e esperando o nojo passar, esperando a raiva diminuir e se transformar em alguma coisa calma e inteira. Depois, respondeu:

VOU ESPERAR.

Band-Aid

Evan voltou à cozinha, lavou, secou e guardou o copo. Havia muita coisa na geladeira espaçosa e organizada. Ele bebeu uma garrafa de água enquanto temperava um filé de atum com coentro, páprica e pimenta-de-caiena e o grelhava em uma frigideira. Depois de pronto, salpicou-o de salsa, que colheu da horta vertical, e deixou o prato sobre a bancada, entre um garfo e uma faca. O peixe estava pronto. Evan parou quando o garfo estava a meio caminho da boca.

A caixa de Band-Aid de Peter, visível através do plástico fino da sacola da farmácia, parecia encará-lo. Ele via a cabeça grande e verde do Caco, com aquele sorriso que parecia uma fatia de melancia.

Evan suspirou. Deixou o garfo sobre o prato.

Pegou a sacola e saiu.

Ele ouviu os barulhos do apartamento assim que saiu do elevador. A televisão em volume alto, uma voz aguda de menino, os avisos de Mia abafados do outro lado da porta. O honorável Pat Johnson enfiou sua cabeça de tartaruga pela fresta da porta do 12F, lançando um olhar preguiçoso para Evan ao vê-lo passar.

— Acho que ela tem muita coisa na cabeça — comentou o juiz, compreensivo, e entrou.

Evan bateu à porta duas vezes, mas ninguém ouviu. Ele bateu com mais força, e, então, a porta foi aberta.

Descabelada, com um pano de prato preso na cintura da calça de moletom, Mia apareceu, segurando uma panela fumegante. Atrás dela, Peter corria em volta da mesa de centro da sala, passava por cima do sofá e corria para a cozinha, deixando um rastro de peças de Lego, bonecos e revistas em quadrinhos. Um desenho animado do Patolino passava na televisão. Riscos de lápis de cor enfeitavam as paredes. Perseguindo um adversário imaginário, Peter brandia um sabre de luz, que emitia um guincho futurista tão agudo que fazia vibrar os dentes de quem o ouvia. Ele tinha um olho coberto, como se fosse um pirata, e parecia ter usado fita adesiva para improvisar o tapa-olho. Uma tigela de macarrão com queijo jazia virada sobre a bancada.

Evan mostrou a sacola para Mia.

Com as mãos ocupadas, ela gesticulou com os cotovelos.

— Pode... hã... entrar. Por um segundo, por favor. Eu só vou... — Ela virou quando o filho passou correndo. — Espero que isso não seja fita adesiva.

Peter parou e disse:

— Se eu arrumar um lugar na mesa, Evan Smoak pode jantar aqui?

Evan sentou-se diante da travessa de espaguete com molho de tomate e da caixinha de suco de fruta com um canudinho dobrado.

— Desculpe — disse Mia. — Esqueci de comprar outra coisa no mercado.

— Está ótimo — respondeu Evan. — Mesmo.

Na frente dele, Peter estava radiante. Ele tinha algumas mechas de cabelo a menos em um lado da cabeça, cortadas por Mia para remover a fita adesiva.

— Quer ver meu quarto?

— Talvez depois do jantar — disse Mia.

— É aquele ali.

Evan já havia imaginado, porque a porta estava decorada com adesivos do Batman, um pôster do jogador de basquete Kobe Bryant e uma placa com tema de pirata que dizia “Não entre!”.

— Meu quarto fica no mesmo lugar — contou Evan. — Só que nove andares em cima do seu.

— Pensei que você morasse no 21A, não no 21B.

Evan hesitou.

Mia sorriu.

— O apartamento dele é maior que o nosso, meu querido.

— Ah — disse Peter. — Você é mais rico que a gente. — Antes que um dos adultos pudesse responder, ele levantou o braço para mostrar um arranhão novo no cotovelo. — Preciso dos Band-Aids.

— *Outro* machucado? — Mia estranhou. — Como se arranhou?

— Jogando queimada.

— Pensei que as bolas de queimada fossem macias.

— São, mas o chão não é. — Peter olhou para Evan. — Sou adotado — disse ele. — O que é uma droga, porque nunca vou saber de onde vim. Minha mãe não podia ter filhos, porque tem óvulos de baixa qualidade, e meu pai morreu. — Ele olhou para Mia, que mantinha uma

simulação de sorriso no rosto. — A gente pode comprar uma árvore de Natal?

Evan tentava acompanhar a sequência de informações disparatadas que compunham a conversa de uma criança de 8 anos.

Mia apoiou a cabeça em uma das mãos e segurou a franja como se fosse arrancá-la.

— Já conversamos sobre isso, Peter. Ainda é muito cedo.

— Já é 4 de dezembro!

— A árvore vai morrer antes do Natal!

— Daí a gente compra outra.

— Não vamos fazer um *rodízio* de árvores, Peter.

E assim a conversa prosseguiu, enquanto Evan ouvia tudo em silêncio. Tentava encontrar na memória alguma referência para aquela cena doméstica, mas não havia nada.

Quando terminaram de comer, Mia pediu para Peter separar sua roupa suja.

Ele correu para o quarto, e Evan levantou-se para ajudar Mia a tirar os pratos. Ela não havia pedido ajuda e também não agradeceu por ela.

Os dois lavaram e enxugaram a louça lado a lado.

— Você deve estar se perguntando como consigo morar aqui com um salário de promotora — comentou ela. — É o

seguro de vida do meu marido.

— Ah — respondeu Evan.

— Aqui é bom e seguro. — Mia entregou a Evan um prato com um resquício de detergente no fundo, que ele devolveu para ser enxaguado novamente. — Sabe como é a vida de promotor... Às vezes recebo ameaças.

— Ameaças diretas?

— Normalmente porcarias que a gente acaba encontrando na internet. Hoje em dia, esses idiotas postam tudo no Facebook. O que fizeram, o que vão fazer... Suas *proezas*.

— Não é muito inteligente.

— Se eles fossem inteligentes, não seriam bandidos. — Mia deu de ombros. — Vivemos em uma cultura de celebridades. Ou de aspirantes a celebridade. O nome do jogo é *visibilidade*. Se você não tem retuítes, *likes*, visualizações no YouTube ou seguidores no Instagram, não existe. — Ela esfregava com força uma mancha de molho, movendo as mãos ágeis embaixo da torneira aberta. — Eu acho ótimo. É mais fácil ficar de olho nos caras que mandei para a cadeia.

— Você não tem medo?

— De vez em quando.

— Se tiver de ficar de olho em alguém, me avise.

Ela sorriu e o cutucou com o cotovelo.

— Você é um amor. Mas esses caras são assassinos, não importadores.

— Você tem razão.

— E você? — perguntou ela.

— Não sou um assassino.

— Engraçadinho. Você entendeu o que eu quis dizer. — Ela girou a mão no ar. — De onde você é? Tem família por aqui? Essas coisas...

— Não tenho mais família.

— Ah, sinto muito.

Mia entregou o último prato, que Evan enxugou e guardou no armário. Uma foto de Peter com uma bola de futebol aplicada num ímã segurava uma folha de papel na porta da geladeira. Era um bilhete: “Aja de forma que possa dizer a verdade sobre seus atos (Jordan Peterson)”.

— De onde você tirou isso? — perguntou Evan.

— De um livro que eu li. Tento espalhar pela casa frases que tirei desse livro, que vou mudando a cada dois dias.

— Deve dar trabalho.

— Criar um ser humano dá muito trabalho.

Evan se lembrou de uma cena. Jack estava ao lado dele no campo de tiro, com uma das mãos sobre seu ombro magro de menino, avaliando sua pontaria.

— É — disse ele. — Tem razão.

A cozinha estava limpa. Evan estava agradecendo pelo jantar quando Peter passou correndo por ele e levantou a mão espalmada para um cumprimento rápido. Evan retribuiu e ficou com os dedos grudentos de suco de fruta.

De volta à cobertura, olhou para o prato sobre a bancada cinza. O filé de atum no centro do prato branco. Os azulejos na parede ao fundo da cozinha brilhavam, escuros, espalhando uma infinidade de reflexos, banhando as formas com a luz azulada e relaxante da paisagem urbana.

Quando jogou o peixe no lixo, ele percebeu as manchas vermelhas de suco na mão direita.

Então, contornou a bancada e lavou as mãos.

Por favor, não!

Matar um policial era uma coisa séria.

Evan estava no quartinho apertado que Morena Aguilar dividia com a irmã mais nova, de 11 anos. A cadeira em que estava sentado, trazida da cozinha, mal cabia entre os dois colchões. Em uma das mãos, ele segurava uma corda comum de varal, cuja extremidade estava amarrada à maçaneta da porta fechada. E, quieto, ele esperava.

As cortinas fechadas deixavam passar um pouco da luz das lâmpadas da rua, e ele ouvia vozes distantes vindas dos vários quintais. Mesmo ali, naquele quarto fechado com cheiro de gaiola, ele sentia um aroma suave de churrasco.

O relógio Victorinox preso à fivela do cinto marcava 21h37. Fazia uma hora que ele estava posicionado ali, e ainda faltavam 23 minutos para o investigador William S. Chambers aparecer para realizar o estupro agendado de Carmen Aguilar.

— Por favor, não! — O papagaio grasnou. — Carrot, por favor!

O celular de Morena repousava sobre o joelho direito de Evan; sobre o joelho esquerdo estava a Wilson Combat 1911 com o silenciador acoplado. Ele havia pintado uma setinha no aço do silenciador para poder colocá-lo sempre na mesma posição. Além do cartucho na pistola, tinha mais três nos bolsos da calça cargo. Eram cartuchos prontos, testados em um campo de tiro improvisado no deserto. Como Jack costumava dizer, “o som mais alto que você vai escutar durante uma ação é um clique”.

Normalmente, Evan preferia balas Speer Gold Dot, mas naquela noite havia carregado a arma com projéteis de 230 grãos. Essa munição mais pesada era capaz de viajar a 260 metros por segundo, pouco abaixo da velocidade em que romperia a barreira do som. O silenciador cuidaria do barulho do disparo da arma, mas, considerando a vizinhança movimentada, Evan precisava tomar providências para que a própria bala não fizesse barulho.

O papagaio batia as garras na gaiola dentro do quarto escuro, fazendo barulho. O lençol amarelo e desbotado sobre um dos colchões tinha estampa de fatias de melancia. O estojo velho de trompete estava num canto ao lado da porta.

Um pé de um tênis Converse vermelho repousava de lado no armário gasto. Elmo espiava tudo num adesivo meio solto no aquário vazio e manchado, o que fazia Evan lembrar de Peter e seus Band-Aids coloridos. Logo a imagem do garoto se dissipou e ele pensou no homem que estava a caminho daquele quarto.

— Por favor, não! — O papagaio repetia, animado. — Por favor, não!

Evan respirou. “Nunca leve para o lado pessoal. Não presuma nada. Nunca leve para o lado pessoal. Não presuma nada”, pensou ele.

Podia sentir o peso da pistola sobre o joelho. A arma estava sempre ali, leal e confiável, uma constante. Aço e chumbo reagiam de maneira previsível. Eram finitos, imutáveis, domáveis. Evan podia contar com eles. As pessoas falhavam. Não podia contar com carne e sangue, tendões e ossos.

Quando contava com pessoas, quase sempre acabava mal.

Ainda está escuro além das janelas do quarto quando o despertador toca, mas Evan já está acordado. Havia passado a maior parte de sua primeira noite na casa de Jack olhando para o

teto. Ele se levanta e examina o quarto. A cadeira com rodinhas está perfeitamente centralizada atrás da mesa, e a prateleira presa na parede acomoda uma fileira de livros organizados por altura e uma caneca cheia de lápis por apontar. As persianas estão abertas, e ele assiste ao amanhecer pela janela panorâmica. Não há nenhum traço de poeira ou desordem. Cada objeto em seu lugar, tudo alinhado, arrumado com precisão.

A nova casa de Evan é um sobrado em uma área rural em Arlington, Virgínia. Pela janela, ele vê um manto verde de carvalhos. Nunca tinha visto nada parecido, só na televisão.

Evan encontra Jack no andar de baixo, em um escritório com paredes revestidas de estantes de madeira escura. Ele está lendo um livro chamado História da Guerra do Peloponeso. Um toca-discos antigo toca música clássica. Sobre uma mesinha lateral há uma foto de uma mulher em um porta-retratos de prata escurecida. Ela tem cabelo castanho-escuro e longo, até a cintura, queixo delicado e olhos sorridentes por trás de óculos grandes.

Aos pés de Jack, Strider levanta sua cabeça de Scooby-Doo e percebe a presença de Evan. O cachorro deve pesar uns cinquenta quilos e tem pelo avermelhado e uma faixa de pelo no sentido inverso ao longo da coluna.

Evan espera Jack levantar a cabeça, mas ele não se move. Continua sentado ali, como uma esfinge, concentrado na leitura.

Tudo nele parece diferente do Senhor Mistério com seu rosto fino e sua pele pálida, sempre espreitando nas sombras, espiando atrás da corrente, acendendo um novo cigarro.

Finalmente, Evan pergunta:

— Por que me escolheu?

Jack mantém os olhos fixos na página.

— Você sabe como é estar indefeso.

A entonação da resposta é de afirmação, mas Evan percebe que, na verdade, é uma pergunta. Mais precisamente, é uma pergunta a que ele deve responder.

Seu rosto queima. Os lábios ficam tensos, mas ele se obriga a falar.

— Sim.

Jack finalmente descansa o livro sobre os joelhos.

— Para o que vamos fazer, preciso de alguém que conheça esse sentimento, que o tenha experimentado nos ossos. Nunca esqueça esse sentimento.

Evan faria qualquer coisa para esquecê-lo, mas sabe que é melhor não falar nada.

— Ninguém jamais poderá saber seu verdadeiro nome — continua Jack.

— Tudo bem.

— Qual é seu sobrenome?

Evan responde.

— Você gosta dele? — pergunta Jack.

— Não.

— Quer escolher outro?

— Qual?

Uma pausa longa. Depois, Jack sugere:

— O sobrenome de solteira de minha esposa era Smoak. Quer adotá-lo? Evan nota o tempo verbal no passado e percebe que o sobrenome é oferecido como um presente. Enquanto considera o preço de aceitá-lo, faz o possível para não olhar para a foto sobre a mesa. Então, responde:

— É claro.

— Vai usar esse nome somente em sua vida pessoal — avisa Jack. — As pessoas com quem trabalhará jamais conhecerão esse nome.

— E como me conhecerão?

— De muitos jeitos. — Jack levanta com as chaves na mão e uma expressão severa no rosto. — Está na hora.

Eles deixam uma vasilha cheia de ração para Strider e entram na caminhonete. Não usaram o carro, o que logo faz sentido, levando em conta que a maior parte da jornada é feita por estradas de terra. Depois de meia hora, começam a subir uma encosta

inclinada e sacolejam violentamente pela trilha enquanto galhos arranham as janelas. O caminho termina atrás de um celeiro.

Evan segue Jack até o interior do celeiro, que cheira a feno e esterco. Jack fecha a porta pesada. Só há uma lâmpada, pendurada sobre os estábulos, e a luminosidade é insuficiente ali dentro.

Evan sente o coração bater mais depressa e olha para Jack, mas seu olhar não é retribuído.

Um par de botas range sobre o feno. Um homem grande surge das sombras, com parte do rosto corado coberta por uma barba densa. Ele segura uma faca encurvada. Não sorri, mas mostra os dentes.

— Olá, filho — diz o desconhecido. — Estou aqui para te dar uma aula sobre dor.

O medo toma conta de Evan. A lâmina ameaçadora dança na mão do homem, refletindo a pouca luz que passa pelas frestas da porta.

Jack vira o rosto quadrado para Evan e diz:

— Primeiro Mandamento: Não presuma nada.

O homem barbado gira a faca com destreza e a oferece a Evan, com o cabo virado em sua direção. Ele diz alguma coisa, mas Evan não consegue ouvir as palavras em meio às batidas do próprio coração.

O homem repete:

— Pegue a faca, filho.

Evan obedece e pega a faca com os dedos trêmulos. Depois olha para Jack. E agora?

O homem barbado fala com ele novamente:

— Perfure a palma da sua mão.

Evan olha para o homem, para a lâmina e de novo para o homem.

— Ah, faça-me um favor! — diz o homem, tomando a faca, segurando o pulso de Evan, aproximando a ponta da faca do centro de sua mão e perfurando a pele fina.

Evan grita.

— Doeu? — pergunta o homem.

— Sim, é...

O homem dá uma bofetada forte em seu rosto. Evan recua, sentindo a pele arder.

— Agora não dói mais, dói? Sua mão?

Evan olha para ele, atordoado, sentindo um zunido no ouvido.

— Sua mão está doendo? — Cada palavra é deliberada, como pedras lançadas uma a uma.

— Não. Meu rosto dói.

O homem mostra os dentes novamente naquele arremedo de sorriso.

— A dor é relativa. Subjetiva. Uma unha arrancada dói até alguém chutar suas bolas. Vou te ensinar a diferença entre dor e sentir dor.

Ele agarra o outro pulso de Evan e levanta a faca. Evan se encolhe e abaixa a cabeça; a dor na outra mão ganha vida de novo. A faca não desce. O homem olha nos olhos de Evan.

— Antecipar a dor provoca medo, e o medo aumenta a intensidade da dor — diz ele. — A expectativa de alívio da dor aumenta os receptores opioides no cérebro e diminui a dor. A reação da sua mente determina quanta dor você realmente vai sentir.

A voz de Jack surge em algum lugar atrás de Evan.

— A dor é inevitável — diz ele. — O sofrimento é opcional.

Evan puxa a mão. O sangue pinga no chão. Ele sente Jack ao seu lado, impassível, e o sentimento de traição se espalha como fogo embaixo de sua pele.

Mas Jack não está fazendo nada. Jack só está olhando. E Evan percebe que aquilo é um teste como os outros que superara antes. Entende que sua determinação ali vai determinar tudo, que esse é, na verdade, o maior teste até então.

Antes que Evan possa se manifestar, o homem barbado diz:

— Você precisa aprender a controlar os centros neurológicos que entram em ação quando seu corpo detecta a sensação de dor.

Controle seu córtex insular e afaste-se dessa sensação concentrando-se em sua respiração. Vou te ensinar a responder à dor, a guardá-la em uma caixa, deixar a caixa em uma prateleira e seguir em frente com a porra do seu dia.

A garganta de Evan se comprime quando ele engole.

— E como vai fazer isso?

O homem barbado sorri daquele jeito duro.

— A prática leva à perfeição.

Evan olha para Jack pela primeira vez e tem a impressão de ver uma piscada, um pequeno voto de confiança. Talvez tenha sido só sua imaginação.

O cheiro de palha molhada empestia o ar. Evan prende a respiração até os pulmões arderem e solta o ar. Quando encara outra vez o homem barbado, estende o braço e abre a mão, exibindo a palma intacta.

— O que está esperando? — pergunta Evan.

O celular de Morena vibrou na escuridão, interrompendo os pensamentos de Evan.

Uma mensagem de texto:

ESTOU NA FRENTE DA CASA. ELA ESTÁ PRONTA?

Evan sentiu o cheiro ruim da gaiola da ave enquanto digitava uma resposta: QUARTO.

Um momento depois, chegou a resposta do investigador Chambers: ÓTIMO. SAIA. QUERO ELA SOZINHA.

Além da cortina lilás, um carro se aproximou; era um modelo pesado, a julgar pelo ronco do motor. Ele ficou parado por um instante; o motor roncava rouco e exagerado e depois foi desligado. Os sons do bairro retornaram. Alguém rindo em um quintal, um comercial em espanhol em um rádio em volume alto, um avião passando no céu. E passos cada vez mais próximos da casa.

Evan tentou imaginar quantas vezes Morena ouvira esses passos enquanto esperava naquele quarto.

O papagaio se agitou.

— Por favor, não! Por favor, por favor, não!

Os passos pararam. Uma chave foi introduzida na fechadura da porta da frente. As dobradiças rangeram. As tábuas do assoalho estalaram. Mais perto, mais perto.

A maçaneta da porta do quarto moveu-se. Trancada.

Uma voz áspera falou do outro lado:

— Eu sei que está com medo, Carmen, mas vou ser bonzinho. — O barulho da mão aberta deslizando na madeira. — Sua primeira vez não precisa doer. Sei como

fazer isso direito. — A maçaneta é cutucada mais uma vez.
— Sei como cuidar de você.

Evan deixou de lado o celular de Morena e pegou a pistola.

Da névoa de sua memória surgiu outra frase de Jack: “Problema grande, bala grande, buraco grande”.

— Ei, eu trouxe flores. Abra a porta... Deixe eu te mostrar.

A maçaneta moveu-se com um pouco mais de força. O papagaio gritava mais e mais. Evan segurou a corda com mais firmeza.

— Estou ficando cansado dessa brincadeira, menina. Abra a porta. Abra essa merda desta porta agora...

Devagar, Evan puxou a corda. A maçaneta moveu-se, liberando a trava com um estalo.

A voz de Chambers recuperou o tom calmo.

— Ah, muito bem. Boa menina.

A porta começou a se abrir, revelando o interior do quarto, movida por uma mão grande e forte. Um antebraço musculoso apareceu abaixo da manga arregaçada. O rosto de Chambers surgiu na escuridão enquanto ele apertava os olhos, tentando enxergar o interior do quarto. Pele barbeada e manchada, cabelo curto, olhos duros.

Chambers deu um passo à frente, e os sapatos fizeram barulho sobre a cobertura de plástico no piso. Sua expressão mudou.

— Quem é *você*?

Ele olhou para baixo e só então notou a lona estendida embaixo de seus pés. Quando levantou a cabeça, seu olhar havia mudado.

— Ah — disse ele. — Ah, não.

Quem é quem no zoológico

— Quer ouvir a bomba do ano? — perguntou Tommy Stojack, contornando sua bancada de trabalho enquanto dava a última tragada em um Camel Wide. — Logo, logo vou conseguir *imprimir* uma porra de uma arma! Vai ser só digitar a merda certa no programa para ele cuspir um molde. Quero ver os babacas de Washington tentarem regulamentar *essa* produção. — Ele tirou o cigarro de baixo do bigode de motociclista e o apagou na água da torneira antes de deixá-lo, com mais uma dúzia de bitucas, boiando em um copo vermelho cheio de água. Uma simples fagulha perdida poderia transformar a oficina em uma cratera enorme. — Mas não vamos assustar o rebanho, certo?

Evan o seguiu pelo espaço apertado que, considerando as máquinas enormes, as lâminas afiadas e os engradados de armas, mais parecia um covil medieval. O sol de Las Vegas esquentava as paredes, e o ar tinha cheiro de pólvora e graxa para armas. O calor irritava o corte no braço de Evan,

fazendo-o coçar; a pele formigava enquanto o ferimento cicatrizava, livrando-se de fragmentos secos de supercola.

Tommy personalizava armas. Era especializado em provisionamento e em pesquisa e desenvolvimento para vários grupos de operações paralelas sancionados pelo governo, embora ele nunca afirmasse isso diretamente. Levando em conta o jeito de falar e a atitude de Tomy, Evan deduzia que ele havia aprendido o ofício em atividades da Marinha de Guerra. Haviam se conhecido cerca de sete anos antes, graças a uma rede labiríntica de conexões, e Evan e o armeiro de nove dedos aos poucos ficaram mais próximos. Era difícil confiar em alguém sem nenhuma troca de informações pessoais, mas, mesmo assim, depois de se estudarem como tubarões ao longo de várias reuniões secretas, haviam estabelecido uma forma particular de confiança. De algum jeito, por meio de conversas codificadas e referências, conseguiram ter ideia da orientação moral um do outro e descobriram que eram semelhantes.

— Há pontos negativos, é claro — continuou Tommy. — A impressão de armas... Há questões de controle de qualidade. Mas, ah, quem liga para isso? Você puxa o gatilho. Se a arma disparar, você fica satisfeito, certo? — Ele piscou e apontou a cafeteira pegajosa sobre uma bancada atrás de

Evan. — Por que não me serve uma xícara de cala a boca e vamos direto ao assunto?

Tommy havia construído várias armas para Evan. Por ter acesso a estruturas virgens, sem número de série, ele conseguia fornecer armas estéreis que, tecnicamente, não existiam.

Mas naquela manhã, após matar um policial criminoso na noite anterior, Evan precisava de um serviço diferente.

Ele tocou o coldre preso na altura do quadril. A Wilson Combat 1911 se soltou, emitindo um clique, e Evan virou a pistola para oferecê-la a Tommy.

— Preciso que você derreta o tambor e o percutor.

— Você disparou chumbo.

— Sim.

— Acertou algum bandido?

— Só um.

— E o Senhor disse: “Faça justiça e seja virtuoso”.

Os nove dedos de Tommy se moviam com a velocidade de um jogador de *blackjack* ao desmontarem a Wilson. Ele pôs os óculos de soldador, ligou o maçarico e reduziu o tambor, o percutor e o extrator a uma coisa sem forma. Depois remontou a arma com outras peças e a devolveu a Evan.

— Pronto, voltou a ser um fantasma — disse ele. — Como você.

Evan deslizou a trave e tentou guardar a pistola no coldre, mas Tommy o interrompeu:

— Devagar, caubói. — Ele apontou um tubo para teste de tiro nas sombras. Era um cano de aço de um metro de comprimento, cheio de areia e flexionado para baixo em um ângulo de 45 graus. Usando equipamentos de proteção para olhos e ouvidos, Evan apontou para a entrada do tubo. Usou um carregador inteiro nos testes, e os impactos abafados do metal contra a areia reverberaram pela oficina.

Evan assentiu e olhou para Tommy, que bebeu o restante do café e abriu uma lata de fumo para mascar, enfiando um tablete atrás do lábio inferior. Evan havia conhecido muitos homens com muitos hábitos, mas nenhum capaz de pular de estimulante em estimulante com a facilidade e o entusiasmo de Tommy.

— Sei que prefere usar pólvora, mas, se algum dia for obrigado a lutar de perto, perto o suficiente para sentir o mau hálito... — Tommy pegou uma faca retrátil que estava em cima da bancada e a abriu, apontando-a para Evan. — Isso acabou de chegar. Achei que você ia gostar de uma novidade.

Evan examinou a lâmina de óxido preto. Tratada termicamente, aço S30V, cabo de titânio e G10, ponta tantô para penetrar em armadura. Um modelo do Departamento Naval de Operações Especiais de fabricação Strider. Evan tinha habilidade razoável no uso de facas, embora não fosse soberbo; um adversário que realmente dominasse a técnica filipina o cortaria em pedaços. Por isso, sempre fazia questão de levar uma arma de fogo para uma briga de facas.

— Obrigado — disse ele.

— Sei que gosta de uma Strider — comentou Tommy.

— Tive um cachorro com esse nome.

— Não consigo pensar em você sendo criança.

— Cerca branca, torta de maçã, beisebol.

Sorrindo, Tommy largou o corpo em uma cadeira com rodinhas, que deixou correr pelo concreto liso até chegar perto do que parecia ser um antigo morteiro de infantaria. Ele tirou um carregador guardado em um engradado de madeira, um tubo verde em forma de projétil e mais grosso que seu antebraço.

— E se a gente for até o deserto para brincar com dardos de gente grande?

— Tentador — respondeu Evan —, mas tenho de ir embora.

— Tudo bem. É só botar uns dólares no meu bolso e pode ir.

Evan entregou a ele um maço de notas de cem dólares, que Tommy jogou sobre a bancada sem conferir o valor. Evan começou a caminhar para a porta de metal. Quando se aproximou dela, a compulsão o dominou, e ele se abaixou para ter certeza de que a câmera de segurança instalada no batente estava realmente desligada, conforme o acordo entre eles.

Estava.

Ele olhou para Tommy como se pedisse desculpas.

Tommy, que estava contando as notas, levantou a cabeça.

Os dois riram meio sem jeito.

— Segurança nunca é demais, irmão. — Tommy cuspiu tabaco por entre os dentes da frente enquanto guardava o dinheiro no bolso da camisa. — A gente nunca sabe quem é quem no zoológico.

É só isso?

O cheiro que vinha da churrasqueira se misturava à fumaça dos carros, tornando o ar mais denso em torno das mesas espalhadas sem nenhuma preocupação decorativa em frente ao Benny's Burgers. Lá dentro, clientes ocupavam as mesas e as banquetas, mas o calor mortal de Los Angeles não animava ninguém a ir comer na parte externa, no quadrado de concreto rachado que chamavam de pátio.

Evan sentou-se à uma mesa em frente ao restaurante. Pela janela, via uma menina sentada sozinha em uma mesa de canto, colorindo um desenho, empurrando uma bochecha com a língua num esforço de concentração.

Uma menina de 11 anos era tão nova.

Alguns momentos depois, Morena saiu da cozinha, carregando vários pratos equilibrados nos antebraços. Ela serviu as refeições, deu uma olhada na irmã mais nova e foi atender às outras mesas. Depois de um tempo, saiu, com os

olhos apertados contra o sol, e jogou o cardápio de uma única folha, manchado de ketchup, na frente de Evan.

— O que vai querer? — Finalmente, ela levantou os olhos, que estavam concentrados no bloquinho de anotações, e, ao vê-lo, não disfarçou o sobressalto.

— Respire — disse ele. — Sorria. Balance a cabeça para cima e para baixo como se eu tivesse perguntado alguma coisa.

Ela reagiu às três orientações de maneira pouco convincente.

— Estamos livres? — perguntou Morena.

— Sim.

Evan não havia notado quanto ela estava tensa até seus ombros relaxarem e descerem uns dois centímetros. A jovem abaixou o bloco e a caneta, e ele viu, em seu antebraço, a cicatriz vermelha e brilhante deixada pelo cano quente da arma do investigador Chambers.

— A gente pode voltar para pegar nossas coisas? — perguntou ela.

Evan a havia orientado a pegar Carmen e ficar na casa de uma amiga até que ele a procurasse. Foi preciso apenas uma noite, mas ele pôde ver em sua expressão que, para ela, havia sido uma eternidade.

— Sim — respondeu Evan.

— Você pode cuidar do Pokey? Era de *mamá*.

A ficha demorou um momento para cair. A ave.

— Vou pensar em alguma coisa — disse ele.

— O que aconteceu com ele?

Evan deu de ombros. Um pequeno gesto, mas ela entendeu.

— E se pensarem que fui eu?

— Ele tinha muitos inimigos. — Ao ver que a jovem ainda não estava convencida, Evan acrescentou: — Quando o corpo aparecer, todo mundo vai ver que uma menina de 17 anos não pode ter feito aquilo.

Pelo canto do olho, Evan notou que Carmen havia mudado de posição dentro da lanchonete; não estava mais virada de perfil, mas de frente. Interrompera o desenho para olhar para ele. Evan a encarou, e ela voltou rapidamente aos lápis de cor.

Ele levantou o cardápio e fingiu estudar as alternativas.

— Agora tenho de ir — disse a Morena. — Só tenho um pedido a fazer. Só uma coisa. Então, por favor, ouça com atenção.

— Tudo bem. Qualquer coisa. — Morena prendia a respiração outra vez.

— Encontre alguém que precisa de ajuda. Dê meu telefone. 1-85-LUGARNENHUM.

— Eu me lembro. É claro que me lembro.

— Não importa quanto tempo vai demorar. O importante é encontrar alguém em uma situação tão ruim quanto a que você e sua irmã viveram. Alguém encurralado e desesperado. Fale de mim para essa pessoa. Diga que estarei do outro lado da linha.

Morena esperou um segundo.

— É só *isso*?

— É só *isso*.

— Esse é o único custo?

— Sim.

Ela parecia incrédula. A reação era sempre a mesma. E Evan sabia que ela cumpriria o acordo, como todos os clientes que a antecederam. Ele nunca havia entrado em contato com nenhuma das pessoas que ajudou depois de concluir uma missão, mas a ligação seguinte sempre vinha.

— Tudo bem. Bom, vou ficar muito *feliz* em encontrar alguém, pode acreditar, mas... — Ela parou de falar e olhou para os cadarços desamarrados dos tênis.

— O quê?

— Por que você mesmo não procura pessoas?

— Se eu procurar, vou encontrar sempre o mesmo tipo de gente no mesmo tipo de situação. Entende?

O rosto de Morena permaneceu inalterado; as sobrancelhas estavam arqueadas da mesma forma, imóveis.

Ele tentou de novo.

— Quando *outras* pessoas procuram, encontram gente que eu talvez não encontrasse.

— Por que vamos a lugares diferentes? Com pessoas diferentes?

— Sim. E porque vivem coisas que eu não vivo. O que significa que *veem* coisas que eu não vejo. — Ele abaixou o cardápio. — Então, preciso da sua ajuda, como você precisou de mim.

O que ele *não* acrescentou foi que o ato de ajudar alguém era, em si mesmo, fortalecedor e até capaz de curar. Queria que Morena tivesse alguma coisa importante para fazer, uma tarefa em que se concentrar. Ela teria de procurar, avaliar e, finalmente, agir para dar uma segunda chance a outra pessoa coagida e impotente. E, quando ela concluísse esse trabalho, quando desse a alguém aquele número impossível de rastrear, estaria do outro lado da equação, passaria a ser líder, em vez de vítima.

Esquecer era um mito, mas o comprometimento com a tarefa poderia ajudá-la a pisar no próximo degrau da escada.

— Vou encontrar alguém — disse ela. — E vai ser rápido. Quero deixar tudo isso para trás o mais depressa possível. Não é nada pessoal.

— Eu sei. Seja rápida, mas escolha bem.

— Vou escolher.

— Dê o número do meu telefone para uma pessoa só. Entendeu? Depois esqueça esse número para sempre. Isso é um serviço único, não é uma linha telefônica de ajuda.

Ela mordeu o lábio.

— Então é só isso?

— Ainda não. Seu pai biológico. Você está certa. Ele morreu há alguns anos. E tinha alguns bens que ainda não foram reclamados. Uma conta bancária com um saldo de 37.950,00 dólares. Em uma conta conjunta com você.

— Comigo não.

— Agora é com você.

Ela encaixou a caneta atrás da orelha, jogou o bloquinho de anotações no bolso do avental e tossiu em um questionamento incrédulo.

— Como?

Evan sorriu.

— O banco vai enviar um cartão de débito em seu nome. Eles vão mandar para o endereço da sua tia. Seu pai estava empregado, era sindicalizado e tinha um seguro de vida modesto. Cinquenta mil dólares. Ninguém tentou sacar o dinheiro. Você é a beneficiária e vai poder começar sua vida. Sei que completará 18 anos em dois meses. Até lá, pode pedir sua emancipação ou ficar aos cuidados de sua tia. Pronto, você já tem sua vida de volta. — Ele levantou e se afastou da mesa. — Agora, sim, é só isso.

Percebendo movimentos além da janela, Evan olhou para dentro da lanchonete e viu Carmen olhando para eles.

— Você cuidou bem de sua irmã — disse ele. — Deve se orgulhar de si mesma.

Os olhos de Morena se encheram de lágrimas. Ela piscou algumas vezes e acenou para a irmã.

Carmen levantou a mão para acenar de volta para a irmã, revelando a pele imaculada do antebraço.

Quando ele foi embora, Morena apertou a boca com os nós dos dedos, recuperando a compostura. Ela não havia agradecido. Não precisava.

Na tarde seguinte, enquanto verificava suas casas, Evan passou por Boyle Heights e decidiu dar uma volta no quarteirão em que Morena vivia. As jovens mães ainda estavam lá, no jardim do outro lado da rua, empurrando os carrinhos e fumando. Ele estacionou e entrou na casa de Morena pelo quintal.

As cadeiras haviam sido deixadas, assim como os colchões no quarto, mas a roupa de cama não estava mais lá e não havia roupas no armário. O aquário vazio com o adesivo do Elmo foi deixado para trás. Evan espiou atrás da porta e constatou que as meninas haviam levado o trompete, o que despertou nele uma inesperada centelha de felicidade.

— Carrot? — gritou o papagaio. — Por favor, por favor? Por favor, não! Carrot!

No quarto vazio, ele telefonou para uma organização protetora dos animais e pediu que mandassem alguém àquele endereço.

Em seguida, atravessou a sala até a cozinha. Tudo havia sido limpo, tudo estava arrumado. Sobre a bancada, uma embalagem aberta de alpiste fazia peso sobre um bilhete escrito à mão: “Não tenho o dinheiro para pagar o aluguel este mês. Não sei quando terei. Sinto muito. Espero que não vá atrás de mim”.

Depois de ler o bilhete, Evan o amassou e substituiu por seis notas de cem dólares.

Antes de sair, ele alimentou o papagaio.

Santo

O cubo de gelo queimava a ponta dos dedos de Evan enquanto ele girava a torneira do chuveiro, destravada pela leitura das suas impressões digitais, e abria a porta secreta para o Cofre. Ele se aproximou da mesa de metal e colocou o cubo de gelo entre as folhas da babosa. A planta não parecia insatisfeita.

Ele tinha o celular no bolso, mesmo sabendo que o telefone não tocava tão cedo. Fazia só cinco dias desde que enfiara três balas no investigador William Chambers. Morena Aguilar levaria um tempo para encontrar o próximo cliente. O período mais curto entre o fim de uma missão e a ligação seguinte havia sido dois meses. Era o tempo em que Evan podia descansar e relaxar.

Pensou em pegar o carro e ir até a Wally's Wine & Spirits, na Westwood Boulevard, para comprar uma garrafa de vodca Kauffman Luxury Vintage. Destilada catorze vezes e filtrada duas, sendo uma vez com carvão de vidoeiro e outra com

areia de quartzo, era produzida com o trigo da colheita de um único ano, o que a tornava uma das únicas vodcas com safra específica, como os produtos vinícolas. Exagero, talvez, como era exagerado o preço, mas era mais pura e limpa do que qualquer líquido que ele havia experimentado.

Evan vestiu um moletom, pegou as chaves e seguiu para o elevador. Inevitavelmente, o elevador parou no sexto andar, onde um cheiro de perfume de flores invadiu a cabine antes mesmo que as portas fossem abertas para deixar entrar a sra. Rosenbaum.

Evan se preparou para mais histórias do adorado Herb, “que ele descanse em paz”, mas, em vez disso, ela o brindou com um olhar azedo por cima dos óculos de armação cor-de-rosa e anunciou:

— Fiquei sabendo que você tem ido à casa de Mia Hall.

O honorável Pat Johnson, do 12F, agindo de maneira nada honorável, devia ter espalhado a fofoca.

Evan imaginou a escorregadia garrafa da vodca Kauffman, em seu formato de gota, sua recompensa se conseguisse sobreviver à viagem de elevador no horário mais movimentado da tarde.

— Não, senhora.

Ela bufou.

— Já temos problemas demais por aqui com esse fungo que apodrece a madeira. Dá para acreditar? Aqui no Castle Heights! O batente da porta da frente do meu apartamento está caindo aos pedaços. Já fiz dez reclamações em dois meses, e o imprestável do síndico fez alguma coisa?

— Não, senhora.

— Bem, meu filho vem no feriado e vai trazer a esposa e meus dois netos lindos. E ele disse que, se a porta não estiver consertada, ele mesmo vai consertar. Dá para imaginar? Um sócio em uma importante firma de contabilidade em New Brunswick fazendo trabalho de carpintaria para mim?

Felizmente, eles chegaram ao saguão, e, quando a sra. Rosenbaum parou em seu compartimento de correspondência, Evan desceu depressa pela escada para a garagem. Havia acabado de contornar um pilar e já via sua picape quando uma voz o chamou:

— Espere! Evan!

Ele se virou e viu Mia correndo em sua direção, em sapatos de salto, ainda usando as roupas de promotora.

Ela parou e olhou para os sapatos.

— Ah, dane-se — resmungou ela, tirando os sapatos antes de continuar até Evan. — Oi, desculpe, sei que isso é

esquisito, mas pode me emprestar sua caminhonete?

Evan não sabia o que dizer.

— Aquela mulher do 3B me fechou com seu Range Rover idiota. Beth alguma coisa...

— Pamela Yates?

— É, isso. Tanto faz. Beths e Pamelas são o mesmo *tipo* de mulher. Todo mundo sabe disso. — Ela escorregou ao pisar em uma mancha de óleo. — Tenho de buscar Peter na casa do meu irmão em Tarzana. É complicado, eu sei, mas ele não passa muito tempo com... bom, com modelos de comportamento masculino. Nossa, que frase *mais* antiquada. Mas você entendeu. Eu voltei para casa para pegar umas pastas, estou com pressa, e aí... Olha só. — Ela apontou o Range Rover que fechava seu Acura. — Não encontro essa Beth-Pamela em lugar nenhum. — Só então ela viu as chaves na mão de Evan. — Ah, você está *saindo*, não chegando. Aonde vai?

Ele piscou uma vez. Duas.

— Comprar vodca.

— É para isso que vai sair de casa? Puxa, que vida! Escute, posso, *por favor*, usar sua caminhonete? Eu trago sua vodca. Qual você gosta? Absolut? Smirnoff?

Ele a encarava em silêncio.

O telefone de Mia tocou; dessa vez, era a música tema de *Snoopy*. Ela atendeu.

— Estou *indo*, Walter. Estou a caminho. — Ela desligou.
— Por favor... — pediu a Evan. — Prometo que não vou bater. E, se bater, eu processo a mim mesma.

— Eu não empresto minha caminhonete.

— Por quê? Tem cocaína escondida nas rodas?

Ele olhou para a porta da garagem, torcendo para Pamela Yates aparecer milagrosamente, mas ninguém chegou.

— Por favor — insistiu Mia. — É quase uma emergência.

Evan forçou um sorriso tenso.

— Eu te levo.

— Ah, *merda* — disse Mia.

Seu pé sujo de óleo havia manchado o tapete impecável da caminhonete de Evan. Ele tentou avaliar o estrago sem parecer óbvio demais.

— Não tem problema — disse ele.

Ela já não olhava para o assoalho, e sim para o celular.

— Perdi uma ligação de trabalho. — Mia retornou a ligação enquanto gesticulava para Evan seguir pela via 405, que estava parada como um estacionamento.

Ele estava no trânsito. Até Tarzana. Para buscar uma criança.

A situação só melhorava.

Ao lado dele, Mia falava ao telefone em um tom sério.

— Aqui é a promotora Mia Hall. Preciso daquela informação o mais depressa possível. — Ela desligou, recostou no banco e suspirou. — Obrigada. Sério. Você me salvou.

Ela pressionou o botão para abrir a janela, mas nada aconteceu.

— O vidro não desce?

O vidro não descia porque Evan instalara uma blindagem de Kevlar na parte interna das portas. As janelas eram feitas de vidro laminado blindado. O Ford F-150 tinha suspensão reforçada para sustentar o peso a mais, e, sendo o veículo mais vendido nos Estados Unidos durante décadas, tinha a vantagem de misturar-se ao tráfego em praticamente qualquer lugar. Evan havia tomado outras providências para preparar a caminhonete, desarmando o sistema de segurança, removendo os *airbags* e desabilitando os sensores de inércia nos para-choques, que interrompem o funcionamento da bomba de combustível em caso de colisão. Para proteger o radiador e o *intercooler*, ambos vulneráveis,

acrescentara um reforço feito sob medida e montado sobre o para-choque e na grade frontal. Os pneus, se fossem alvejados por tiros ou furassem, consertavam a si mesmos com um composto adesivo especial distribuído internamente a cada rotação, e um “segundo pneu”, escondido no interior, servia como reforço. Na parte de trás, vãos retangulares se sobrepunham perfeitamente à carroceria, oferecendo um espaço seguro de armazenagem e mantendo-se mais baixos que a porta traseira, o que evitava desconfianças. Como ele, o veículo era preparado para situações variadas e extremas, mas sem chamar atenção.

Mia apertou novamente o botão.

— E então? — comentou ela.

— Está quebrado — disse ele, improvisando uma resposta.

— Ah... — Os olhos de Mia desceram para a manga do moletom que ele usava. — Cadê a mancha? Da semana passada?

Ele demorou um momento para entender que Mia se referia ao sangue que havia encharcado o moletom no dia em que pegaram o elevador juntos. O que diria? Que tinha uma dúzia de moletons pretos guardados no carro?

— Saiu — respondeu.

— Suco de uva? Saiu? — Ela o encarou, desconfiada, mas depois se acomodou no banco e, finalmente, percebeu o trânsito. — Ai, por que você não foi pela Sepúlveda?

Evan esperou em frente à casa de madeira sem desligar o motor. Depois de um tempo, Mia saiu com Peter, cujo rosto ainda tinha marcas vermelhas deixadas pelo incidente com a fita adesiva. A mochila, quase tão grande quanto ele, balançava pendurada nos ombros, ameaçando derrubá-lo. Quando ela o ajudava a subir no banco de trás da caminhonete, seu iPhone tocou com o tema de *Tubarão*. Ela franziu a testa para a tela e apontou o celular para Evan.

— Desculpa, é aquela ligação. É confidencial.

— Eu preciso mesmo...

— Eu sei. Comprar vodca. Só um segundo?

Antes que Evan pudesse responder, ela se afastou.

Silêncio no banco de trás. Evan olhou para Mia, andando de um lado para o outro sobre o gramado seco da casa enquanto falava ao celular, gesticulando intensamente. O telefonema não parecia nem perto do fim.

Ele teve de ajustar o espelho retrovisor para enxergar Peter. Então, pigarreou.

— Sua mãe trabalha demais, não é?

— É, ela prende assassinos e coisas assim. Teve um cara que atirou em alguém. Como é que se atira em uma pessoa?

— Duas vezes no peito e uma vez na cabeça, caso ele esteja usando um colete à prova de balas.

Peter engoliu em seco.

— Eu quis dizer como alguém tem coragem de *matar* outra pessoa. *Ah*.

— Prática. Muita prática, eu acho.

— Não entendo por que as pessoas machucam os outros.

— Peter segurou um braço com cuidado, e a manga da camiseta subiu, deixando à mostra um hematoma no bíceps.

Evan pensou em todos os machucados que vira no menino — a testa cortada, o cotovelo esfolado — e uniu as peças. Ele se virou para trás e apontou o hematoma com o queixo.

— Isso não é do jogo de queimada, é?

Os grandes olhos pretos o estudaram. Peter balançou a cabeça.

— Josh Harlow — disse ele com voz rouca. — Um menino do *quinto* ano. Mas o que eu posso fazer?

— Usar o joelho. É só levantar o joelho.

— Sêrio?

— Se ele for maior que você, sim. Mas estou brincando. Não dê uma joelhada no garoto.

— Ah. Então, o que eu *devo* fazer?

— Não sei. Pergunte para sua mãe.

— Ah, certo.

Mia estava de costas para o carro e tinha um dedo levantado. A ligação de trabalho se transformara em conflito. Evan batucava no volante com impaciência. Queria saber onde Morena e Carmen estavam. A caminho da casa da tia, talvez até já estivessem lá. Seguras. Ele se lembrou de como o braço do tal Chambers havia estremecido quando o corpo caiu em cima da lona, de sua expressão iluminada pelo lampejo dos três tiros abafados pelo silenciador. Choque, medo e a terrível constatação.

Peter estava quieto.

Evan olhou pelo retrovisor.

— O que foi?

— Cada vez que ele vem atrás de mim, penso que vou *fazer alguma coisa*, que vou me defender, mas nunca faço nada.

Evan sentiu uma espécie de coceira, uma necessidade urgente de fugir daquela conversa, daquela casa, de Tarzana, de voltar para a cozinha impecável de sua cobertura e

preparar um martíni bem gelado. Peter batia os calcanhares no banco, um movimento automático e desanimado. Evan olhou para a criança e sentiu alguma coisa oprimir seu peito.

Ele respirou fundo.

— Sabe quais são as melhores palavras do mundo?

Peter olhou para ele.

— “Da próxima vez” — disse Evan. — Da próxima vez tudo pode mudar. E não só para melhor, sabe? Você pode ganhar na loteria ou ser atropelado por um VPB.

— O que é um VPB?

— Veículo particular blindado.

— Ah.

— Mas a questão é que “da próxima vez” significa que o mundo está aberto para você. “Da próxima vez” significa possibilidade. “Da próxima vez” significa liberdade.

Mia abriu a porta do passageiro, entrou e deu um tapinha no painel com evidente impaciência.

— Podemos ir?

Peter dormia no colo de Mia. Ela o carregava com dificuldade para o elevador. Quando chegaram à porta do

apartamento, ela projetou o quadril na direção de Evan e disse:

— As chaves estão na minha bolsa. Depressa. Depressa.

Bolsa de mulher cheia de objetos íntimos. Ele hesitou por um instante antes de enfiar a mão em território desconhecido.

— Não, no bolso lateral. Do *outro* lado. Não, essas são as chaves do escritório. Sim, essas chaves. Ótimo. Você é um doce.

No instante em que destrancou a porta, ela entrou, deixando a chave pendurada na fechadura. Evan a pegou e entrou para deixá-la em algum lugar.

— Desculpe — sussurrou Mia, olhando para trás. — Entra. Ah, mas não usa aquele banheiro. — Ela apontou o lavabo com o queixo. — Descobri que massinha de modelar entope o vaso.

Ela entrou no quarto de Peter, e, sozinho na sala, Evan deixou as chaves e se virou para ir embora, mas viu outro bilhete preso no telefone da parede. Era uma das anotações de Mia, um trecho do tal livro: “Vá atrás do que é importante, não do que é conveniente”.

Como essas regras eram diferentes dos mandamentos que orientavam sua vida. Anotadas com uma caligrafia feminina,

presas em paredes e na porta da geladeira. O que Mia havia dito? “Criar um ser humano dá muito trabalho.” Ele pensou nessas vidas regidas por um código diferente, nessa estrada que ele não percorreu e nunca foi iluminada. Leu a mensagem de novo e pensou “Dane-se”.

Em vez de sair discretamente, ele se sentou no sofá e esperou.

Alguns minutos depois, Mia saiu do quarto de Peter, alongando a parte inferior das costas.

— *Cara*, tenho de fazer o moleque parar de crescer!

Mia foi até a cozinha e voltou para o sofá com duas taças de vinho, oferecendo uma delas a Evan.

Depois, sentou-se, cansada, na almofada ao lado dele.

— Ele é um bom menino. Graças a Deus. — Ela bebeu um gole. Depois, comprimiu os lábios.

Evan sentiu que ela continuaria falando, por isso ficou quieto.

— Meu marido e eu não conseguimos ter filhos, por isso decidimos adotar depois de um ano de casamento. — Mia se inclinou para a frente para deixar a taça em cima da mesa, e sua saia subiu alguns centímetros, mostrando os joelhos. — Havíamos acabado de comprar uma casa quando... — Ela reuniu o cabelo na parte de trás da cabeça e puxou um

elástico do pulso para fazer um rabo de cavalo. — Câncer no pâncreas. Não era assim que a história deveria acabar, sabe? — Mia bateu as mãos nos joelhos com suavidade. — Mas foi assim que acabou.

Uma lâmpada noturna plugada em uma tomada a iluminava pelas costas, criando um halo em volta dos cabelos castanhos. Ele notou a curva delicada da nuca, a marca de nascença na têmpora, o jeito como os lábios cheios se encontravam. Havia percebido muitas coisas nela antes, mas nunca esse tipo de coisa.

— Você se arrepende?

— De ter casado? Nem por um minuto. — Ela fez uma expressão pensativa. — Vou dizer do *que* me arrependo. Não é das brigas, porque todo mundo precisa brigar, mas das brigas *bobas*. Sabe? Tipo, ele falou comigo num tom arrogante durante o jantar. Eu falei para ele anotar aquele negócio na agenda. Os bate-bocas. O dia de descongelar a geladeira. Tanto tempo perdido. — Ela balançou a cabeça, e a luz brincou com seu cabelo. — Não me entenda mal. Era um casamento de verdade, com problemas de verdade, é claro, mas a gente se amava. Ah, eu o amava. Um cara pode amar um milhão de mulheres. Mas um *homem*... Um homem ama uma mulher de um milhão de jeitos. — Ela pegou a taça de

vinho. — Nossa, o que estou dizendo? Teria sido muito mais fácil se ele tivesse me deixado. Se tivesse fugido com a secretária.

— As pessoas ainda fazem isso?

— Acho que não. — Mais um gole. — Mas *morrer*? — Ela balançou a cabeça. — É tortura, porque ele nunca morre. Virou um mártir. Uma droga de um santo. Na minha cabeça, ele é perfeito.

— Ele tem sorte.

Mia o encarou pela primeira vez desde que se sentara no sofá. O ar-condicionado soprava gelado na nuca de ambos e uma luz vibrava na cozinha. Dava para ouvir o elevador em movimento ao longe.

— Meu Deus — disse Mia. — Estou aqui falando sem parar. Acho que é isso que as pessoas fazem quando estão com você. Preenchem o silêncio.

Os olhos dele encontraram sua boca, e Evan sentiu que ela também olhava para a boca dele.

Um zumbido surgiu em seu bolso, um ruído tão incongruente com o lugar que, no começo, ele nem compreendeu o que era.

O telefone preto.

Tocando. Agora.

Cinco dias desde a conclusão da última missão. Morena havia dito que seria rápida, mas isso era rapidez demais. Só podia significar uma coisa.

Havia acontecido algum problema.

O telefone nunca havia tocado quando ele estava com alguém. Era raro estar com alguém e era raro que o telefone tocasse.

Ele percebeu que havia ficado tenso. Então, pegou o celular no bolso e se levantou.

— Desculpe — disse ele. — Tenho de ir.

Já estava a caminho da porta quando assimilou, tarde demais, o lampejo de dor nos olhos dela.

No corredor, ele atendeu a ligação.

— Precisa da minha ajuda?

— Meu Deus, sim, por favor — respondeu uma voz feminina desconhecida. — Eles vão me matar.

Dama em apuros

Evan sentiu uma onda de desconfiança. Estava pressionando o telefone contra o rosto e fez um esforço para relaxar a mão.

— Onde conseguiu esse número?

— Uma menina. Uma garota hispânica. — A mulher do outro lado da linha ofegava, provocando explosões de estática na linha. — Você é o Homem de Lugar Nenhum? Mesmo?

Para não perder o sinal, ele subiu pela escada do edifício, correndo, mas evitando pular para não prejudicar a estabilidade da voz.

— A menina disse o nome dela?

— Não me lembro. Espera, era Miranda. Não... *Morena*. Ela não quis dizer o sobrenome.

— Como ela era?

— Cabelo preso. Muito magra. Sobrancelhas modeladas, tiradas com pinça.

— Alguma marca nos braços?

— Uma cicatriz. De vacina, talvez.

Evan se sentiu minimamente menos apreensivo. Lembrava-se das palavras de Morena. “Vai ser rápido. Quero deixar tudo isso para trás o mais depressa possível.” Mesmo assim...

— Qual é seu nome? — perguntou ele.

— Não quero falar meu nome. Os caras que estão atrás de mim... Eles não estão *brincando*. Como vou saber que você não está do lado deles? Ou a garota que você mandou? Pode ser uma armadilha. — O discurso era tenso, com frases atropeladas.

— O que quer fazer?

— Não sei. Não sei. Meu Deus, como vim parar aqui?

Ele subiu mais alguns andares sem afastar o telefone da orelha, deixando o silêncio provocar reações do outro lado. Levando em conta sua desconfiança, queria mais dados. Uma mudança no tom, um barulho ao fundo, uma alteração no ritmo que sugerisse uma história ensaiada. Não fosse pela respiração barulhenta, pensaria que ela havia desligado.

Evan chegou à cobertura e percorreu o corredor a caminho de seu apartamento.

— Você me encontraria em algum lugar público? —
propôs ela. — Onde não poderá fazer nada comigo.

— Público.

— Sim. Um restaurante cheio. Alô? Ainda está aí?

Ele entrou no apartamento e apoiou as costas na porta fechada.

— Estou.

— Bottega Louie. No centro. Amanhã ao meio-dia. Vou usar óculos escuros com lentes âmbar, inclusive dentro do restaurante.

A mulher desligou antes que ele pudesse responder.

Evan não gostava nada daquilo.

Não gostava de não saber o nome da cliente. Não gostava de ela ter escolhido o local do encontro. Não gostava daquele roteiro misterioso, no estilo capa e espada, tão planejado que dava a sensação de ser uma armadilha. Mas alguém suficientemente perigoso para tentar pegá-lo pensaria em uma abordagem tão evidente? A manobra, comum em vários roteiros de Hollywood, sugeria inexperiência. Ou, considerando a dupla negativa, a intenção era *parecer* evidente e pegá-lo desprevenido?

Havia elevado seu nível de cautela habitual, trocando a caminhonete por um Chrysler branco que mantinha guardado em uma casa perto do aeroporto. Agora estava sentado ao volante daquele carro comum em Los Angeles, que qualquer um esqueceria, olhando para o quarto andar do estacionamento aberto. Com a ajuda de binóculos táticos, ele observava o outro lado da West Seventh, vendo o Bottega Louie no térreo.

A pessoa que telefonou queria um encontro em um lugar público e cheio, e a *pâtisserie* cara correspondia à descrição. Clientes bem-vestidos ocupavam o espaço de quase mil metros quadrados de mármore entre um bar barroco e um fogão de tijolos. Mais clientes esperavam junto ao balcão de pedidos para viagem, perto da porta, debruçados sobre tentadoras camadas de *macarons*.

Uma mulher usando óculos escuros com lentes âmbar bebia água sentada a uma das mesas perto das vitrines. Evan havia avaliado os outros três andares da garagem para achar o ângulo certo, e ali estava, no lugar perfeito para um atirador.

Ou ela não tinha nenhuma habilidade tática ou se exibia como uma isca.

A mulher parecia ter um pouco menos de 40 anos e era muito bonita, embora fosse difícil ver seu rosto atrás dos óculos grandes. O cabelo preto e brilhante, tingido, estava preso na parte de trás da cabeça, como uma cortina recolhida que terminava numa linha reta na nuca. O batom vermelho contrastava com a pele que parecia porcelana. Uma faixa de uns oito centímetros de pulseiras enfeitava o braço direito, misturando tiras finas de couro, contas e pulseiras de tecido. As unhas, pintadas em um tom roxo, batucavam nervosas na mesa. A franja curta completava o visual *hipster*.

Evan notou uma tatuagem atrás da orelha. Era uma minúscula constelação, três estrelas compondo um padrão assimétrico estranhamente satisfatório. Não se lembrava de nenhuma afiliação militar ou gangue que usasse aquele desenho como marca. Outro toque pessoal, nada mais.

A linguagem corporal era rígida, fechada, com braços cruzados e ombros arqueados. Embaixo da mesa, os joelhos subiam e desciam.

Ou ela estava nervosa ou era uma boa atriz.

Evan checou as horas e fez uma ligação pelo celular.

A chamada foi atendida no segundo toque.

— Bottega Louie.

— Posso falar com Fernando Juarez?

— Fernando Juarez? Quem é Fernando Juarez?

— Um dos funcionários do bar. Diga a ele que é importante. É sobre sua restituição de imposto.

— Ah, tudo bem, desculpe. Só um minuto.

Pelas lentes do binóculo, Evan viu a garçonete andar por entre as mesas até um rapaz que atendia no bar. Ele apontou para um homem que arrumava as prateleiras de garrafas. Era o mesmo homem que havia parado para fumar do lado de fora, na viela, antes de seu turno, o que dera a Evan uma oportunidade de aproximar-se com uma nota de cem dólares nova e um bilhete num papel dobrado.

A garçonete entregou o telefone sem fio a Fernando Juarez. Pelo binóculo, Evan viu seus lábios se moverem antes de ouvir a voz pelo celular.

— Alô?

— Diga “Ah, tudo bem, eu cuido disso quando chegar em casa”.

— Ah, tudo bem, eu cuido disso quando chegar em casa.

— Lembra-se do que combinamos?

— Sim.

— Ela está sentada na mesa 21. A hora é agora.

— Obrigado, senhor.

Fernando desligou, terminou de arrumar as garrafas, limpou o balcão e se dirigiu à mulher de óculos escuros, entregando a ela o bilhete. Evan a viu desdobrar o papel.

A mensagem a orientava a sair do restaurante e ir até a banca de jornal do outro lado da rua.

Ao ler as instruções, ela ajeitou as costas numa reação paranoica. O cabelo liso bateu no rosto quando virou a cabeça para um lado e para o outro, olhando para o restaurante, estudando vários clientes. Evan estudava seu rosto. A mulher estava com medo. Depois de beber um pouco de água e se acalmar, ela pegou suas coisas e saiu apressadamente.

Diante da Grand Avenue, uma das principais vias do centro da cidade, ela precisou esperar para atravessar. Evan a acompanhava pelo binóculo. Quando a mulher se aproximou da banca de jornal, ele ligou para outro número. O funcionário da banca atendeu, sentado numa banquetta, onde até pouco antes ele lia uma edição da revista *La Opinión*, que havia dobrado três vezes. O telefone que usava estava rachado e enrolado em fita isolante.

— *Hola*. Banca L.A. News'n'Views.

— Uma mulher está se aproximando. Ela está usando óculos escuros. Olhe para trás, à esquerda. Isso, aí. Posso falar com ela, por favor? É rápido.

O homem olhou para trás, deu de ombros, desinteressado, e passou o telefone para a mulher.

— É para você — disse ele, voltando à revista.

A mulher se afastou do homem, esticando o fio do telefone.

— O que é isso?

— Também não sei se posso confiar em você. Eu aceito o encontro em um restaurante cheio, mas eu escolho o lugar. Está vendo o ônibus que está subindo a ladeira? Em um minuto e meio, ele vai parar num ponto perto de você, um quarteirão ao sul de onde você está. Ele vai te levar até Chinatown. Desça na Broadway com a College. O Lotus Dim Sum fica na praça central. Eu encontro você lá. Vai.

Ela olhou para o ônibus.

— E se eu não for?

— Não vou poder te ajudar.

Dessa vez, ele desligou primeiro.

Evan havia tomado diversas precauções, mas ainda estava vulnerável. Não restava nada além de se aproximar. A mulher estava sentada em um canto do restaurante movimentado, de costas para a janela. Lagostas e peixes

nadavam preguiçosos em aquários, e carrinhos brilhantes eram empurrados de um lado para o outro, deixando no ar vapor e aromas deliciosos.

A camisa de flanela que Evan usava tinha botões falsos e era fechada, na verdade, por ímãs que se soltavam com facilidade, caso ele precisasse ter acesso rápido ao coldre preso ao quadril. A calça cargo era discreta, com bolsos internos aerodinâmicos que escondiam cartuchos e sua faca Strider sem causar um volume aparente. Ele usava botas originais da SWAT, mais leves que tênis de corrida, mas que não pareciam especiais ou diferentes embaixo da calça.

Ele estava preparado.

Quando caminhava pela pista de obstáculos formada por garçons e carrinhos, a mulher levantou a cabeça e parou de roer as unhas. Ele viu o próprio reflexo nas lentes dos óculos escuros, um cara comum de estatura mediana, o tipo de homem que não chama atenção.

— Troque de lugar comigo — disse ele.

A mulher inspirou um pouco mais profundamente, mas obedeceu.

A janela deixava suas costas vulneráveis, mas ele preferia ficar virado de frente para o restaurante e, mais importante, preferia sentar-se onde ela, e quem mais estivesse com ela,

não houvesse planejado. O Nono Mandamento o mandava jogar sempre no ataque. Ele nunca havia desrespeitado um mandamento e não começaria agora.

Sentados em cadeiras de metal, eles se olhavam mutuamente desconfiados.

A pele da mulher era pálida e quase luminosa. Ela moveu os lábios muito vermelhos e depois comprimiu um contra o outro, ansiosa. Seria atraente a ponto de distraí-lo, se ele estivesse disposto a se distrair.

— Qual é seu nome?

Ela olhou para as próprias mãos e não respondeu.

— Escute, se eu estivesse com quem quer te fazer mal, já saberia seu nome. Certo?

Ela respondeu sem erguer os olhos.

— Katrin White.

— E também saberia por que estão atrás de você.

Um carrinho passou por perto. Sem olhar muito, Evan apontou alguns itens, que foram deixados sobre a toalha engomada que cobria a mesa.

— Tenho uma dívida com pessoas perigosas. É muito dinheiro.

— Quanto?

— Dois milhões. — Coçando a nuca, ela olhava para a comida na qual nenhum dos dois havia tocado. — Foi em Las Vegas.

— Você é viciada em jogo.

— O que não significa que tenho de morrer.

— Ninguém disse isso.

— Bom... *alguém* acha isso.

Um homem entrou no restaurante, usando uma camisa larga, e Evan olhou para ele. Os dois se encararam por um momento, e, então, um homem mais velho, em um terno, passou pelo outro para ir ao balcão de reservas. O homem de camisa larga cumprimentou uma mulher com quem, supostamente, havia ido jantar.

Evan retomou a conversa com Katrin.

— Qual cassino?

— É um lance clandestino. Privado. Cada hora em um lugar. Sem nomes, sem endereço, sem nada. Você dá o número do seu telefone, e eles ligam e dizem aonde você tem de ir. E você paga.

— Qual é a aposta mínima?

— Duzentos e cinquenta. E eles te enchem de dinheiro.

— Dá para perder o controle depressa.

— Nem me fala. — Os joelhos balançavam embaixo da mesa, como ele havia notado na *pâtisserie*, e Evan tentou imaginar há quanto tempo ela convivia com aquele nervosismo. Dava para ver o desgaste nas linhas do rosto tenso. — Esses caras adoram dar exemplos. Tiraram a pele de um empresário japonês como se tivesse um zíper. E ele estava vivo. Bom, pelo menos durante uma parte do procedimento. E agora... — A voz dela falhou. — Pegaram meu pai.

Katrin passou um dedo por baixo dos óculos, primeiro um lado, depois o outro.

Depois de mais um momento, ela disse:

— Só tenho um número de telefone. Eles me deram... duas semanas para pagar a dívida.

— Há quanto tempo?

— Dez dias.

Os ombros delicados de Katrin tremeram.

— A culpa é minha. A culpa é minha... Não tenho o dinheiro, e agora eles vão matar meu pai.

— Nunca perdi ninguém que eu tenha ajudado.

— Nunca?

— Nunca.

Os óculos escorregaram pelo nariz de Katrin, e Evan viu nas lentes o reflexo de uma luz do outro lado da janela. O instinto o fez endireitar as costas. Ele esticou uma perna para parar bruscamente um carrinho que passava ao lado da mesa. Pratos e cestos fumegantes sofreram um solavanco. O garçom reclamou, mas Evan não ouvia.

Na lateral de aço inoxidável do carrinho, viu o reflexo distorcido do prédio de três andares atrás dele.

Em uma janela do terceiro andar, um disco perfeito refletia a luz do sol.

A mira de um atirador.

Ele segurou o pulso fino de Katrin. Quando a puxou para o lado, uma bala passou ao lado de sua orelha e abriu um buraco no encosto da cadeira, agora vazia, onde um instante antes teria acertado o coração da mulher.

Em cima do metal quente do carrinho tombado, Evan percebeu que, pela primeira vez em sua vida profissional, estava jogando na defesa.

E agora?

A primeira regra quando se é alvo de tiros: “Saia da mira”.

Evan rolou, puxando Katrin para longe da janela enquanto outras duas balas acertavam a mesa. O som não sugeria um rifle pequeno, mas uma arma de um calibre mais alto, trinta ou mais. O eco dos disparos reverberou pela sala, um espaço cheio de espelhos que causava uma sensação enervante de desorientação. Evan praticamente arrastou Katrin para o meio do restaurante, tentando sair do campo de visão do atirador.

Os outros clientes corriam em confusão para as saídas. Evan segurava o braço de Katrin e a conduzia pelo tumulto, batendo em outro carrinho e jogando no chão tigelas de *char siu bao* de porco. A outra mão puxava a camisa, abria os botões magnéticos e pegava a pistola no coldre.

Uma parte do piso estourou com mais um tiro e pedaços de ladrilho atingiram suas pernas, mas eles estavam fora da zona de perigo. Uma mulher idosa caiu e quase foi pisoteada,

mas a onda de corpos levantou-a e a levou para uma porta lateral. O choro aflito de um bebê soava mais alto que os gritos.

— Eles te seguiram! — gritou Katrin. — Foi você?

Evan a ignorou. Só a rota de saída importava. Acima da muralha de ombros em movimento, só um rosto estava virado para o interior do restaurante, um único homem parado no meio da multidão.

Não era o cara de camisa larga. Era o homem mais velho, o que usava um terno.

A cabeça e a parte superior do tronco eram visíveis, mas o restante do corpo era uma sombra fosca atrás dos aquários que dividiam o saguão de entrada e o salão com as mesas. Ele levantou uma pistola. O cano cuspiu um brilho, e uma mulher na frente dele gritou e girou enquanto um jato vermelho explodia de seu ombro.

Evan e Katrin tentaram parar, mas a multidão em pânico os empurrava na direção do homem. Não havia como recuar. E Evan não queria atirar. Tinha muita gente ali. O outro homem parecia não se preocupar com danos colaterais.

Evan empurrou Katrin para o chão e se jogou em cima dela. Sem interromper o movimento, girou o corpo e chutou com os dois pés a base do tanque de lagostas. Era mais

resistente do que ele esperava, e o impacto causou ondas de choque que subiram por suas pernas, mas o vidro estalou, emitindo um ruído promissor. Um jato de água salgada atingiu o rosto de Evan. Ele piscou e viu o atirador mais perto, apontando a arma para baixo.

O aquário cedeu.

O braço do homem subiu numa reação assustada, a pistola efetuou dois disparos para o teto e litros de água verde o arrancaram do lugar. Lagostas se contorceram no piso de ladrilhos, com as garras presas por elásticos azuis. Arrastado pela água até a metade do saguão, o atirador engatinhava, tentando encontrar a arma. Quando o último cliente conseguia sair do restaurante, ele recuperou a pistola por entre as pernas ágeis. O homem se virava para se levantar quando Evan o acertou com um gancho, batendo numa têmpora do desconhecido. O osso temporal era mais fino naquele ponto e afundou com o golpe bem colocado.

O homem caiu, batendo o rosto e o peito no chão. Mãos e pés se contorceram e tremeram, respondendo aos últimos impulsos do cérebro.

Evan se virou e viu Katrin atrás dele, ofegante e muito pálida.

— Ele está morto?

— Venha comigo. Não saia de perto de mim.

Com a pistola apontada para baixo, ele passou pela porta do restaurante e saiu na praça iluminada. Bandeirinhas vermelhas e amarelas tremulavam ao vento penduradas em varais e o cheiro de incenso era forte. Transeuntes apavorados passavam por seu campo de visão, correndo aleatoriamente em todas as direções, mas ele se concentrava na minivan estacionada na frente deles, bloqueando uma rua e com o pisca-alerta ligado. As portas traseiras estavam abertas e havia algumas caixas empilhadas no chão.

O restaurante agora bloqueava a visão do atirador, mas Evan não queria que ele tivesse tempo para se reposicionar. Segurando o braço de Katrin, correu em meio à multidão a caminho das lojas enfileiradas e da rua bloqueada. Ela estava vermelha, um rubor causado pelo pânico, e uma mecha do cabelo preto havia ficado presa em um canto da boca.

— Espere — disse Katrin. — Aonde vamos? Não há para onde...

Evan apertou o controle remoto do chaveiro dentro do bolso, abrindo a porta lateral da minivan. Ele empurrou Katrin para dentro do automóvel e mergulhou atrás dela. Havia deixado os bancos abaixados pensando nessa possibilidade. Quando apertou novamente o chaveiro, a porta

se fechou e bloqueou mais uma bala. O atirador os seguira. Outro tiro atingiu a porta, abrindo um buraco do tamanho de um prato acima da cabeça deles, que estavam abaixados. No interior do veículo, o barulho de metal contra metal era ensurdecedor. O atirador era ágil, e, se não quisessem ser perfurados por chumbo ou estilhaços, tinham de sair dali.

Evan abriu a porta do outro lado e saiu para a viela movimentada, puxando Katrin, que caiu em cima dele. Mais tiros sacudiram o veículo, cujas janelas explodiram.

Katrin tentava cobrir as orelhas com as mãos. Seus olhos transbordavam.

— Deixe isso para mais tarde — disse Evan.

Seus ombros tocavam nos muros dos dois lados da viela, deixando um rastro de fragmentos de tinta seca. Pela janela de uma cozinha saíam ar quente e um cheiro ruim de peixe. Eles chegaram ao fim da ruela e viraram à direita. Com mais seis passos, entraram no Chrysler, que já estava virado para a rua Hill. Evan arrancou e se misturou ao fluxo do trânsito.

Seus olhos iam da rua para o retrovisor e do retrovisor para a rua. Katrin respirava de modo ofegante.

— Para quem você contou que ia me encontrar? — perguntou ele.

— Para ninguém.

— De que aparelho ligou para mim?

Ela enfiou a mão em um bolso da calça jeans e pegou um BlackBerry.

— Liguei deste aparelho, mas...

Evan pegou o celular e o jogou pela janela, vendo as peças se espalharem em todas as direções.

— O que você fez? Aquele era o único canal de comunicação que eles tinham para mandar notícias do meu pai!

— Eles não devem ter canal nenhum com você.

— Eles te seguiram.

— Não, eles não me seguiram.

— Como você sabe?

Evan parou no estacionamento de uma loja de bebidas, em uma vaga atrás do prédio.

— Saia do carro.

Quando a encontrou atrás do carro, tirou do porta-malas um instrumento preto com uma extremidade circular. Olhando para ela, passou o detector por seu corpo, revistando tronco, braços, pernas e sapatos para ter certeza de que não havia nenhum equipamento eletrônico. Katrin não emitia nenhum ruído, mas lágrimas desciam por seu

rosto e ela tremia. Evan a virou e fez a mesma varredura na parte de trás do corpo. Nada.

— Entre no carro.

Ela obedeceu.

Evan saiu do estacionamento, atravessou a rua e pegou a via 110.

Katrin cobria a boca com a mão, o que abafou sua pergunta:

— E agora?

Pela primeira vez, ele não tinha uma resposta pronta.

Trabalho de mulher

— Você custa caro — disse Dan Reynolds, andando com ar de conquistador ao lado da mulher que o conduzia pelo corredor da pousada.

Candy McClure não alterou o ritmo dos passos.

— Eu valho o preço — respondeu ela.

O deputado Reynolds, vice-presidente do Comitê de Saúde, havia conseguido acumular uma grande verba de reeleição ao permanecer agarrado com unhas e dentes à ideia de defesa do paciente. Essa combinação o tornava atípico. Seus gostos na cama eram igualmente atípicos.

E tinham a ver com a grande bolsa de couro preto pendurada no ombro de Candy. O cabelo curto e descolorido havia sido penteado com spray num estilo provocante, e as panturrilhas musculosas se moviam sob a meia-arrastão azul-marinho, mas o vestido era caro, um tubinho tomara que caia que valorizava sua silhueta em formato de

ampulheta. Ela o havia escolhido por causa do zíper nas costas e pela facilidade de tirá-lo.

Passadeiras com estampa floral decoravam o piso do corredor. Candy havia escolhido o quarto mais afastado, é claro, o último de uma ala isolada da propriedade. A pousada exótica a alguns quilômetros de Lake Arrowhead estava vazia para aquela época. Nevava pouco, e as férias de fim de ano só começariam dali a algumas semanas. Melhor assim. Iam fazer barulho.

Reynolds apressou o passo, tentando ver seu rosto. Depois de fazer o check-in na recepção, ela abrira uma porta dos fundos para ele, como haviam combinado. Sendo um político conhecido, não podia ser visto. Não ali, não com ela.

A jovem levava uma chave de metal pendurada em um dedo. As unhas, curtas e sem manicure, eram a única parte do corpo que não havia recebido cuidados. Seu trabalho exigia o uso das mãos.

Reynolds apontou para a pesada bolsa de couro.

— Quer ajuda?

— Pareço estar com alguma dificuldade?

O tom de voz tornou mais intenso o rubor que tingia o rosto do político.

— Estou ansioso para ver o que você tem aí. Mal posso esperar.

— Não há outra opção: vai ter de esperar.

O rubor dominou o rosto do deputado, e sua respiração se acelerou. Ela o empurrou para dentro do quarto, que tinha uma aura country-chique enjoativa, com *pots-pourris*, travesseiros de rendinha e aquarelas de gansos. A cama com dossel dominava o cômodo. A porta deslizante para o banheiro estava aberta, revelando uma banheira de cobre.

A banheira de cobre era o motivo para ela ter escolhido aquele lugar.

Ela deixou a bolsa escorregar do ombro até o piso de tábuas corridas. A mulher abriu o zíper da bolsa e tirou um lençol emborrachado. Ele tentava espiar por cima de seu ombro, querendo descobrir o que mais havia ali, mas a loira fechou a bolsa e o esbofeteou. O deputado tocou a área quente no rosto e gemeu de prazer.

Ela fechou as persianas de madeira, tirou a roupa de cama e a substituiu pelo lençol emborrachado. Finalmente virou-se para o político.

— Tire a roupa.

Ele obedeceu. Tinha o porte físico de um ex-atleta, com flacidez na região da cintura. A calça caiu até os pés, e ele

quase tropeçou na ansiedade para livrar-se dela.

— Temos de escolher uma palavra de segurança. A minha é alcachofra.

— Inventiva.

— Escoriações, brincadeiras com fogo e sufocamento estão fora de cogitação. Fora isso, topo praticamente tudo.

— Vou manter isso em mente. Sente.

Ele deitou na cama. Ela amarrou seus tornozelos e pulsos aos quatro postes da cama.

— Normalmente eu curto um aquecimento...

— Que bom — disse ela, enfiando uma bola em sua boca como mordação.

O rosto do deputado ficou mais redondo em torno da bola vermelha, mas ela podia ver a antecipação e a euforia por trás da tensão. Tinha poucas habilidades, mas eram muito bem desenvolvidas. Uma delas era interpretar os homens.

Candy havia crescido em Charlotte, na Carolina do Norte, com um nome diferente, e sua infância tinha sido um desfile de homens inúteis, desde a notória ausência do pai aos costumeiros pais de amigos com suas mãos-bobas. Praticamente se criara sozinha. Aos 16 anos, tirara a carteira de motorista e, algumas semanas mais tarde, depois de um encontro estratégico com um funcionário do departamento

de trânsito, um sujeito com o rosto cheio de espinhas, conseguiu também uma carteira de motorista de ônibus. O pagamento era bom, mas o treinamento era horrível. O sr. Richardson, com seu hálito de café velho e bigode de leão-marinho, recriminava qualquer errinho que ela cometesse. “Acabou de matar uma criança”, anunciava ele. Se os pneus passassem sobre a linha amarela pontilhada: “Acabou de matar uma criança, lindinha. Segure o volante com firmeza”. Se ela freasse de forma muito brusca: “Matou outra criança, docinho. Devagar no pedal”.

Homens. Que prazer sentiam com as ordens que davam.

Bom, agora *ela* estava no comando.

O espelho com moldura de carvalho em um canto do quarto refletia sua imagem, sua postura de deusa ao pé da cama. Levando as mãos às costas, ela desceu o zíper do vestido até a base da coluna. O vestido pendeu para a frente e ela o deixou cair. Na cama, Reynolds respondeu com corpo e alma. E quem não responderia?

Ela se abaixou para procurar alguma coisa na bolsa, dando ao deputado uma visão privilegiada de seu traseiro. Viciada em academia, ela conhecia cada ângulo do próprio corpo.

Quando levantou, ela segurava uma touca de natação.

Com a bola de borracha na boca, Reynolds pareceu intrigado, mas pronto para brincar.

Ela pôs a touca na cabeça e calçou luvas cirúrgicas azuis. Em seguida, pegou um liquidificador industrial e o deixou no chão. Considerando as restrições de movimento e fala, não era muito fácil ler as reações de Reynolds, mas ele não estava mais tão alerta quanto antes.

Dentro da bolsa, o celular começou a tocar o refrão da música “Venus”, um toque que ela reservava para um único tipo de chamada.

Era o som do próximo trabalho.

É claro que ela preferia a versão da banda Bananarama: *I’ m yer Venus... I’ yer fire... At your desire...*

Ela levantou um dedo para Reynolds.

Quando aquele homem ligava, tudo tinha de esperar, por mais desconfortável que fosse.

— Sim?

— O pacote foi neutralizado? — Danny Slatcher tinha a voz profunda e amena de um gerente mediano. Com exceção do tamanho, já que era grande como um urso, ele também parecia chato. Camisas sociais, cintos de tecido, cabelo loiro-acinzentado dividido de lado e o começo de um pneu ao redor da cintura. Não dava para saber se era um disfarce ou se ele

era assim mesmo. A única coisa interessante naquele homem era seu caráter letal. Quando a coisa ficava séria, ele se transformava em pura precisão e rapidez, em fúria latente, espalhando corpos e arrebentando móveis com seus músculos escondidos. Havia transado com ele uma vez só, ainda sob efeito da adrenalina de um ataque duplo, e uma vez foi suficiente. Estavam no telhado de um resort em Tamarindo, ouvindo trovões que faziam vibrar as telhas de barro, com o cheiro de pólvora e sangue fresco subindo da varanda no andar de baixo. Mas, no cérebro de um homem, “uma vez” significava um convite aberto. Slatcher sentiu o gostinho e guardou a lembrança durante anos, deixando-a envelhecer como um vinho, fantasiando sobre abrir aquela garrafa só mais uma vez.

Candy continuou tirando coisas da bolsa e dispondo os objetos ao lado do liquidificador industrial. Serra tico-tico. Óculos de segurança. Machado.

Na cama, Reynolds fazia ruídos abafados.

— Quase — respondeu ela ao telefone.

— Muito bom — disse Slatcher. — Um trabalho maior acabou de dar errado.

— Você deu a tarefa à equipe errada. — Ela pegou um rolo de plástico preto, pôs no chão e o empurrou com um pé.

O material foi cobrindo lentamente o assoalho.

Slatcher pigarreou.

— Eu supervisionei a equipe pessoalmente.

— *A equipe não são eu.*

Com cuidado, ela pegou dois frascos de ácido fluorídrico concentrado, eficiente para dissolver ossos. Tinha de ser usado em recipientes de plástico, porque o ácido corroía tudo, de concreto a porcelana, material de que era feita a maioria das banheiras americanas. A banheira de cobre reagiria com o ácido, é claro, mas só ficaria mais brilhante, livre de todas as manchas de oxidação. No fim da história, Candy McClure seria só mais uma cliente educada que deixara o quarto mais limpo do que encontrara.

O deputado se debatia na cama.

— Perdi um homem — contou Slatcher.

— É o que merece por ter mandado um homem para fazer um trabalho de mulher.

Uma veia grossa se destacava na testa de Reynolds. Ele tentava falar, mas as tiras que prendiam a bola de borracha em sua boca estavam firmes e apertadas.

Candy deixou os recipientes no chão e prendeu todo o cabelo dentro da touca de natação. Não deixaria nenhum traço de DNA ali. Nem dele nem dela.

— Venha para cá — disse Slatcher.

Seu tom de voz a fez abandonar a atitude brincalhona. Ela calculou o tamanho do homem na cama, o tamanho da banheira, as condições do trânsito. Levaria quatro horas, mais ou menos. Empunhando o machado, ela se aproximou da cama.

— Estou a caminho — respondeu.

Profissionais

Evan escolheu um hotel comum em uma parte não muito boa de Santa Monica, a vários quilômetros da praia. De braços dados com Katrin, no papel de esposa intimidada, ele fez o check-in, usando uma carteira de motorista falsa e pagou com um cartão de crédito associado a uma conta bancária sem fundos. Ele reservou três quartos interligados no térreo para o restante da família, que chegaria a qualquer momento. Depois, levou Katrin ao quarto do meio e esperou pacientemente em uma velha cadeira de balanço enquanto ela tomava um banho. A torneira ficou aberta por um bom tempo. Quando ela saiu, o vermelho em seus olhos se destacava na pele branca.

Katrin sentou-se na cama e uniu as mãos entre os joelhos.

— Meu Deus... — disse ela. Depois, olhou para a mesinha, onde Evan havia deixado dinheiro e um celular

pré-pago descartável, e produziu um ruído que veio do fundo da garganta.

— Não saia do quarto. Peça comida. Diga para deixarem o pedido no corredor e passe o dinheiro por baixo da porta. Não use o celular, a menos que seja para me ligar. Entendeu?

— Isso não está acontecendo. Não pode estar acontecendo. Temos de ligar para eles. Temos de saber alguma coisa sobre meu pai, e agora eles não podem falar comigo porque você pegou meu telefone e...

— Onde Morena a encontrou?

Katrin balançou a cabeça, como se quisesse clarear as ideias.

— Eu estava jogando na roleta. As chances de vencer são ridículas, eu sei, mas era uma última tentativa, um grito de desespero. Pensei que Deus, o carma ou qualquer coisa poderia estar do meu lado e que a bolinha pararia no dez. E de novo. E de novo. Até eu ter 2,1 milhões de dólares. Até poder salvar meu pai. — Ela teve de parar para segurar o choro. — Eu não sabia o que fazer. Não tenho nada. Não tenho dinheiro. Olha, acho que a gente precisa entrar em contato com esses caras...

— Como ela escolheu você?

— Como acha que foi? Deve ter pensado que eu estava muito mal, porque eu *estava* mesmo muito mal. E aí aquela criança apareceu. Acho que ela nem tinha idade para estar lá. E ela disse: “Você está encrencada?”. Disse apenas isso, como se estivesse *procurando* por mim.

Morena havia dito que a tia morava em Vegas e que iria para lá com Carmen. Que lugar melhor que um cassino para procurar alguém desesperado?

Katrin continuou:

— Sabe quando alguém faz a pergunta errada na hora errada? Então, eu comecei a chorar. Depois, a gente sentou em outro lugar, e ela me contou sua história. E eu contei a minha. Bom, parte da história. Mas o suficiente. Ela me deu seu telefone. Eu não sabia o que pensar nem se devia confiar nela. Voltei para Los Angeles e decidi telefonar.

— Contou sua história a ela? Mesmo tendo acabado de conhecê-la?

— Uma parte da história, como eu falei. — Katrin endireitou as costas, e Evan viu um traço de dureza por trás dos olhos verdes. — Espere... Isso é algum tipo de teste? Depois do que acabou de ver? Acha que *inventei* aquele tiroteio? Não acredita em mim, mesmo?

— Se eu não acreditasse, você não estaria aqui.

Ela engoliu em seco.

— Não tenho dúvida de que alguém quer matar você — disse Evan. — Só preciso entender exatamente o que aconteceu.

Ela levantou, e Evan também.

— E meu pai?

— Vamos chegar lá.

— Eles disseram que eu não podia contar a *ninguém*. Liguei para você, e agora eles podem ter matado meu pai. — Ela segurou a barra da saia e torceu o tecido, como se a mão sofresse uma violenta contração. — Temos de ligar. Temos de...

Evan a segurou pelos braços com delicadeza.

— A primeira coisa que temos de fazer é nada. Se não fizermos nada, nada acontece. Estamos cheios de adrenalina, e isso deixa todo mundo alterado, irritável, propenso a cometer erros. Espere até eles se acalmarem. É o que a gente quer, que todo mundo se acalme. Amanhã telefonamos e negociamos a libertação do seu pai.

— Não tem negociação. Nada faz aquela gente mudar de ideia. — Ela estudou o quarto como se notasse pela primeira vez a estampa da colcha na cama e uma pintura barata. —

Isso tudo foi um erro. Tenho de ir. Preciso pegar meu carro e... e...

— Não vai pegar seu carro. Não é seguro sair daqui. O atirador está lá fora em algum lugar. E ele trabalha com mais alguém, mais uma pessoa, pelo menos. Pode haver mais gente.

— O homem. Aquele que você matou. Olhou para ele? Um olho ainda estava aberto... — Os lábios vermelhos foram comprimidos para conter o tremor. — E acha que pode ter outros?

— Talvez.

— Um *atirador* não é suficiente?

— Não vou deixar que encostem nem um dedo em você.

— Não estou preocupada com um *dedo*. — Então, ela fez uma coisa completamente inesperada. Ela riu. Uma risada verdadeira que entreabriu sua boca bonita atrás da mão erguida. Algumas mechas do cabelo preto caíram sobre os olhos, e elas as deixou lá. Tão rápido quanto havia surgido, o humor negro desapareceu.

Katrin sentou-se novamente na cama, e ele se acomodou na cadeira de madeira.

— Meu pai ficou muito triste quando casei com aquele babaca — contou ela. — Meu pai me avisou que o cara não

prestava. Mesmo assim, duvido que tenha imaginado que tudo *isso* poderia acontecer.

— Seu marido está envolvido?

— Ex-marido. E não. — Ela respirou fundo e prendeu a respiração por um momento. — Ficamos casados durante cinco meses. Se não fosse tão típico, eu teria a decência de ficar constrangida. Adam Hamuel, um magnata da construção civil. Ele planejava condomínios em Boca Raton, esse tipo de coisa. O trabalho o mantinha ocupado. A compra de terrenos, as autorizações para construir, as outras mulheres. — Ela deslizou uma das mãos pela colcha. — Quando ele viajava, eu jogava. Meu pai me ensinou a jogar pôquer. — Katrin umedeceu os lábios. — Minha mãe morreu ainda jovem, e foi meu pai que me ensinou quase tudo. Jogar beisebol, dirigir, jogar cartas. Ele era ótimo com as cartas.

— Qual é o nome do seu pai?

— Sam. Sam White. — Algumas piscadas para conter a emoção. — Pouco antes do meu casamento, meu pai se mudou para Las Vegas. Eu ia visitá-lo, e a gente jogava, jogava muito. E por um tempinho, esses cinco meses, eu tive dinheiro. Dinheiro em um nível diferente. Adam sempre disse para eu não me preocupar, porque eu não *conseguiria* gastar o suficiente para pôr em risco o que ele ganhava. E eu

não me preocupava. Jogava naquelas salas clandestinas, com bebidas liberadas, e desafiava os limites. Idiota, não?

— Não, considerando o que você sabia na época.

Ela fez uma pausa.

— Um dia, encontrei uma calcinha com estampa de leopardo entre as almofadas do sofá, e aí não consegui mais fingir que não sabia. Desmascarei meu marido. Ele foi embora e pediu o divórcio no dia seguinte. Eu havia assinado um acordo pré-nupcial, mas ele só precisou fechar a fonte. Tudo estava guardado em fundos de família, contas no exterior, esse tipo de coisa. As pessoas conseguem esconder dinheiro onde ninguém jamais vai encontrar.

Evan assentiu e ela continuou:

— Tenho uma casa enorme em Brentwood, mas não consigo pagar nem o aquecimento, muito menos o financiamento de um Jaguar que eles vão tomar a qualquer momento e uma dívida de 2,1 milhões de dólares com um cara que telefonou para mim e disse que quer o dinheiro ou vai matar meu pai.

— Qual é o número do telefone?

Ela disse o número, que havia decorado, e Evan o registrou na memória.

— Não tenho nada — continuou Katrin. — Eu já disse que não tenho nada, mas eles não acreditam em mim. Olhando para o meu CEP, eu também não acreditaria em mim! — Ela afundou na cama, soprando o cabelo que cobria os olhos. — A culpa é minha. Eu errei, errei feio, e meu pai está pagando por isso. Talvez nesse momento. Tem ideia de como eu me sinto?

O brilho vermelho da luz do elevador. A mão calejada de Jack no rosto de Evan. O cheiro de serragem misturado a outra coisa.

— Sim — respondeu ele.

— Teria sido melhor se você *não* tivesse me tirado da frente da bala no restaurante. Assim, eles soltariam meu pai.

— Como sabe que não matariam seu pai?

— Ai, me deixa ser a mártir por um segundo.

— Avise quando acabar.

Um traço de humor surgiu nos lábios dela.

— Pronto.

— O que pode me contar sobre essas salas de jogos?

— Pouca coisa. Acontece em porões de restaurantes, suítes alugadas, lugares assim. Havia segurança e banqueiros, mas nunca vi o rosto de ninguém que estivesse por trás daquilo. Até nós, os jogadores, usávamos nomes

falsos. Era impossível descobrir quem estava na casa. Eles eram espertos. Não deixavam nenhum rastro.

— Como encontraram você?

— As pessoas encontram você em Vegas. Eu estava em uma mesa. Eles se aproximaram.

— Sem mais nem menos?

— Eu impressiono quando jogo.

Ele pediu todos os detalhes que conseguisse recordar sobre as localizações. Depois, perguntou:

— Como soube sobre o empresário japonês que eles mataram?

— Eles mandaram uma foto para o meu celular. Ela se deletou automaticamente alguns segundos depois da visualização. — Katrin alisou uma prega invisível na colcha da cama. — Alguns segundos foram suficientes.

— Você disse que eles arrancaram a pele do homem. Mas nós estamos lidando com um atirador, talvez com uma equipe. Por que a mudança na abordagem?

— Nem imagino. Não é minha área.

Evan se levantou para ir embora e percebeu que já tinha a resposta para sua pergunta. Considerando o valor envolvido e a impossibilidade de pagamento imediato, eles decidiram passar ao nível seguinte com Katrin.

Haviam convocado profissionais.

Em busca de um sonho

Usando um vestido justo, Candy McClure esperava em um ponto de ônibus da Ventura Boulevard, com a bolsa de couro preto no chão ao lado da ponta fina das botas de vinil que subiam até as coxas. Carros passavam e buzonavam; ela absorvia a atenção junto com os raios de sol matinais. Um grupo de aspirantes a gângsteres desceu de um ônibus que parou no ponto. Eles passaram por ela, andando devagar, todos com calça baixa e camisa de flanela abotoada até o colarinho. O líder deduziu, não sem alguma lógica, que ela era uma prostituta, parou na frente dela e balançou o quadril.

— E aí, Mulher-Gato, quer brincar com isto aqui?

— Eu adoraria. — Ela estendeu a mão e agarrou seu membro dentro da calça. O rapaz gemeu quando ela o conduziu e o fez sentar no banco ao seu lado. Ela brincou com ele como se tocasse um instrumento, apertando e provocando vários sons enquanto os amigos os cercavam,

tomados por uma espécie de pânico animal. Quando o soltou, ele rolou para a calçada. Ela havia conseguido arrancar algumas lágrimas de verdade para combinarem com aquela tatuada no canto de um dos olhos.

Garotos.

Ele se ajoelhou no chão, com esforço, e se levantou meio encolhido, com os ombros caídos.

— Obrigada — disse Candy, verificando as unhas postizas para ter certeza de que continuavam intactas. — Boa sessão.

Os amigos o levaram pela rua acima.

Alguns minutos mais tarde, um Scion alugado parou no ponto de ônibus e abaixou o vidro. Atrás da janela, Danny Slatcher se escondia em óculos espelhados de estilo aviador e um bigode importado da década de 1980. Um veículo maior teria sido mais apropriado para ele.

— Finalmente — disse ela.

Com um braço comprido, ele abriu a porta do passageiro.

— Entre. E troque de roupa. Você parece uma prostituta.

E *ele* parecia um corretor de seguros. Devia ser intencional.

— Uau! — comentou ela ao entrar no carro. — Um Scion roxo e velho. Como naquela música.

— Que música?

— Train. “50 Ways To Say Goodbye”. — Uma sacola de papel pardo no assoalho do carro continha seu novo disfarce. Enquanto ele dirigia, ela trocava de roupa. — É sobre um cara que inventa várias mortes possíveis para a namorada para não ter de...

— Cuidou do respeitado deputado?

— Bem demais.

Dez quarteirões depois, Slatcher estacionou em um dos motéis baratos para turistas da estrada 101, perto dos estúdios da Universal, e ela saiu do carro como uma nova mulher. Alpargatas nos pés, saia sem forma e de cintura alta, e blusa larga com babados para esconder o corpo escultural.

Slatcher saiu do carro. Com um metro e noventa de altura, ele era um homem grande, sim, mas o que mais impressionava era sua *largura*. Não era um corpo atlético, mas em forma de pera, encorpado como a camada mais externa de uma boneca russa. O tamanho da cintura sempre impressionava Candy, mas não havia muita gordura, mais massa magra e músculo e um abdome duro como pedra sob uma camisa xadrez. O jeans azul com vinco era mais uma sugestão de alguém que não morava na cidade, como os óculos Oakley usados ao contrário na cabeça, com as lentes repousando sobre a nuca.

Ele tirou três malas de náilon do porta-malas e as colocou no chão. Com movimentos bruscos, deu a ela um chapéu de sol, que foi prontamente ajeitado sobre a peruca em estilo Farrah Fawcett. A aba larga ondulava em torno de sua cabeça, repetindo a declaração de mau gosto da maioria dos turistas.

Depois de puxar a alça de uma mala, ela apoiou o peso nas rodinhas. Lado a lado, como comissários de voo sem uniforme, ela e Slatcher se dirigiram à pequena área da recepção.

A entrada da dupla foi anunciada por um sino preso à porta; na verdade, era um sininho de *Natal*. Uma mulher de pescoço magro levantou os olhos de um livro de bolso.

— Bem-vindos ao Starry Dreams — disse ela.

— Caramba! — Candy passou um braço pelo pedaço da testa exposto entre os óculos enormes, a peruca e o chapéu de palha. — Que tempo *seco*!

— De onde vocês são?

— Charleston — respondeu ela. — Temos reservas. O nome é Miller.

— Ah, sim. Quarto 8.

— Você pode mandar travesseiros hipoalergênicos para o nosso quarto, por favor? — pediu Slatcher.

— Lamento, mas não temos travesseiros hipoalergênicos.

Candy apoiou um cotovelo no balcão.

— É como dizem... Não fazem mais homens como antigamente.

Slatcher resmungou com mau humor.

A mulher colocou dois cartões sobre o balcão. As chaves do quarto.

— A que horas começam a servir o café da manhã? — perguntou Slatcher. — Vamos sair cedo para visitar os estúdios da Universal.

— Oferecemos café e pão doce a partir das seis horas.

— Meu Deus, espero *não* acordar tão cedo! — reagiu Candy.

— Estamos habituados com três horas a mais de fuso. Para nós, serão nove horas — lembrou Slatcher.

— Olha só! — exclamou Candy, puxando a mala para longe do balcão. — Ele também sabe fazer conta!

No minuto em que entraram no quarto, Candy tirou o chapéu, que jogou sobre uma das camas *queen size*, e se livrou da peruca. Depois, coçou a cabeça.

— Puta que pariu, essa merda esquentada!

Os dois abriram as malas, nas quais havia pistolas, carregadores e caixas com munição, que espalharam sobre a

colcha de estampa floral. Candy examinou o cano, o tambor e o mecanismo de uma Walther P22.

— Então, a coisa é séria. Katrin White. Qual é nossa vantagem?

— Nossa vantagem é Sam.

— Que está na mira.

— Sam está sob controle — disse Slatcher.

— Então, por que a srta. White desapareceu?

— Porque ele assumiu o comando da situação.

— O Homem Sem Nome?

— Isso. Ele matou um dos meus *freelancers*.

— Kane?

— Ostrowski.

— Ah. — Ela nunca havia gostado de Ostrowski.

— Contratei uma equipe de campo para nós. Gente que era da Blackwater.

— Nossa!

— O cara é muito perigoso.

— Eu imagino.

— Ele não quer ser encontrado.

Candy abriu a bolsa de couro.

— Bom — disse ela, tirando um recipiente de ácido fluorídrico —, então vamos garantir que esse sonho seja

realizado.

Fazendo a lição de casa

Tudo batia com o que ela havia dito.

Katrin White, divorciada de Adam Hamuel, mãe morta e pai em Vegas. Até a falcatrua bizantina de fundos familiares nos quais o dinheiro do ex-marido desapareceu era verdade.

O que *não* batia era o número dos atiradores. No Cofre, comendo uma maçã, Evan rastreou os onze dígitos em várias centrais eletrônicas, mas eles ricocheteavam pelo globo e desapareciam de um jeito que ele estava achando irritantemente familiar.

Não eram rastreáveis. Não mais do que o número dele.

O tempo era crucial. Era inútil ficar correndo atrás do próprio rabo em Las Vegas, procurando uma sala de jogos clandestina. Ele precisava fazer contato com o atirador e os homens por trás dele, e tinha de ser logo. Não queria que aquele fracasso se transformasse em ressentimento, em raiva e depois em desespero.

Ele passou uma das mãos pelo rosto e olhou para a babosa. Ela o olhava, impassível, do ninho de pedrinhas azuis. Na base do cérebro, ele sentia o *tique, tique, tique* da paranoia. Os olhos se moveram para o celular ao lado da planta. Ele removeu o *chip*, que estraçalhou com o calcanhar, e trocou por um novo. Depois, acessou a internet e mudou o serviço de telefonia da plataforma em Jiangsu para outra em Bangalore.

Mais cedo, havia colhido as digitais de Katrin que ficaram na maçaneta da porta do Chrysler, que limpava antes de encontrá-la em Chinatown. Pelos bancos de dados, descobriu que ela era quem dizia ser e que sua história era verdadeira. Mesmo assim, cumprindo o Primeiro Mandamento, verificou todas as informações novamente, acessando os registros do governo e as contas bancárias e procurando pequenos sinais de alerta.

Nada.

Apesar de seu comportamento estoico quando ele a deixou no quarto de hotel, havia visto o medo em seus olhos. Voltara para levar comida, produtos de higiene pessoal e roupas novas de vários tamanhos, o que ela pareceu ter achado engraçado. Depois, voltara para Chinatown.

Pelo menos dez viaturas policiais cercavam o restaurante, com suas luzes piscando, e havia vários carros sem identificação. As janelas estilhaçadas eram como bocas abertas cheias de dentes afiados, e os cacos de vidro brilhavam na calçada. Do outro lado da rua, além da praça central, a polícia invadia prédios. Reduzindo a velocidade ao passar pela Broadway, Evan notou uma reunião solene de policiais na varanda de um apartamento no terceiro andar, quase no lugar onde ele tinha visto o brilho da mira. Queria dar uma olhada na cena do crime, mas teria de deixar para mais tarde. Ele seguiu em frente, trocou de carro na casa perto do aeroporto e foi para o apartamento.

Naquele instante, sentado no Cofre, deu mais uma mordida na maçã e jogou o resto na lata de lixo que ficava em um canto. Errou o arremesso, e o restante da fruta se espatifou no chão de concreto. Tenso, ele olhou para a fruta desobediente. Depois se levantou, recolheu os restos no chão e limpou a sujeira.

Quando voltou à cadeira, ele viu o rosto de um homem grisalho no meio da confusão de janelas abertas no monitor do computador. Com o mouse, clicou na foto e a trouxe para a frente.

Sam White. O pai de Katrin.

Refém de homens que não tiveram medo de abrir fogo em um restaurante cheio e à luz do dia.

Sam exibia um meio sorriso que criava linhas em torno dos olhos na pele endurecida pela exposição ao sol. Ele havia trabalhado como encarregado de obra, e sua aparência era condizente com a profissão. Alguém com quem você desejaria tomar uma cerveja e assistir a um jogo. Alguém para te ensinar a jogar pôquer.

Evan havia submetido Katrin às suas regras. Mudança do local do encontro, uma viagem de ônibus, um carro deixado para trás, a troca de cadeiras no restaurante. Um padrão de atitudes cujo objetivo era desequilibrá-la e garantir sua própria segurança, mas que também havia despertado o interesse do atirador ou dos homens por trás dele.

Qualquer encontro orquestrado com tanto cuidado obviamente contrariava as vontades e orientações de quem quer que fosse.

As palavras de Katrin voltaram à sua memória, provocando desconforto: “Liguei para você, e agora eles podem ter matado meu pai”.

Uma veia pulsava na têmpora de Evan. As paredes do Cofre retinham um pouco de umidade, o suficiente para que ele pudesse sentir o efeito nos pulmões quando respirava.

Pelo sistema de ventilação, sentia o cheiro de piche no telhado. Ele passou um tempo ali, sentado, olhando para a foto do pai de Katrin. Pensou na gaveta de fundo falso em sua cômoda e no que ela escondia.

“Nunca leve para o lado pessoal.”

Só faça o que é certo.

No dia seguinte, ligaria para os homens que estavam com Sam. Esperaria uma noite para que dormissem e esfriassem a cabeça; depois, abordaria o assunto à luz de um novo dia. De um jeito ou de outro, abordaria o assunto.

Evan saiu do Cofre e voltou ao quarto, onde se sentou para meditar, deixando a pistola sobre o tapete, ao seu lado. Com as pernas cruzadas, relaxou e sentiu o peso dos ossos e a pressão do corpo contra o chão. Com os olhos semicerrados, via, além da janela, as luzes da cidade imitando cometas amarelos e laranja.

Pensou em todas as pequenas dores do dia, começando pelos pés e subindo pelo corpo. Um pequeno pedaço da panturrilha arrancado por um fragmento da janela estilhaçada no restaurante. Um hematoma no lado esquerdo do quadril. Uma dor na região do ombro.

A dor pulsava, quente, nesses pontos. Ele se concentrou nas regiões mais aquecidas e respirou, enviando oxigênio

para elas, alisando-as mentalmente a cada expiração como se usasse um rolo de abrir massa. E elas sumiram. Tudo desapareceu, exceto o subir e descer do peito e o frio que penetrava nas narinas.

A respiração era sua âncora.

Não havia nada além do seu corpo e do ar frio que se movia nele, alimentando o sangue nas veias, centrando-o ali, naquele instante, a vida medida em cada inspiração. Durante um tempo, sentiu-se pairar sobre uma lousa vazia. Estava concentrado e consciente, mas sem pensamentos.

E, então, como se tropeçasse, perdeu o contato com o presente e voltou no tempo, retrocedendo 25 anos em seu passado.

Os dois lobos

No caminho de volta para casa, depois das lições no celeiro escuro, Jack expõe alguns fatos, oferecendo-os a Evan como uma merecida refeição conquistada com esforço.

— Você faz parte do que chamamos de Programa Órfão. É excepcionalmente equilibrado e muito comedido diante do desconhecido e foi escolhido para o programa justamente por ter essas qualidades. Há outros como você. Mas jamais os conhecerá. — As mãos grandes seguram o volante, comandam o veículo e dominam a estrada. — Você vai ser treinado para seu trabalho.

— Vou trabalhar com o quê?

— Armas — responde Jack.

A caminhonete passa por cima dos trilhos de uma ferrovia. O assento de vinil esquenta embaixo das pernas de Evan. Sua cabeça parece nebulosa, como se aquilo fosse um sonho, mas não um sonho ruim.

Finalmente, Evan pergunta:

— Como assim com armas?

— Será treinado para realizar operações secretas e individuais.

Jack parece esquecer que Evan é uma criança. Ou, talvez, fale com ele assim, usando um vocabulário quase inacessível, para obrigá-lo a se esforçar. O garoto pensa por um tempo, tentando entender o que aquilo pode significar.

— Como um espião?

Jack abaixa o queixo em sua versão de uma resposta positiva.

— Como um espião. Mas você vai ser diferente dos outros combatentes.

Combatentes. Evan gostava dessa palavra.

— Você vai ser um homem de projetos isolados. Só saberá o essencial. Nada prejudicial. Se for pego, estará sozinho. Se eles te torturarem, você pode dar todas as informações que tiver, porque elas não servirão para nada. Irá a lugares proibidos e fará coisas proibidas. Todo mundo, em todos os níveis, vai negar que o conhece, e isso nem vai ser inteiramente mentira. Sua própria existência será ilegal.

— Um Órfão.

— Isso mesmo. Essa é sua última chance para desistir. Então, pense bem. Se morrer, vai morrer sozinho e ninguém vai saber dos sacrifícios que você fez. Ninguém além de mim. Não vai haver glória, desfiles, nem nome num monumento. Essa é a hora de decidir.

Evan pensa no lugar onde vivia, nos sapatos usados, na comida servida em latas, nos tetos baixos e nas paredes claustrofóbicas. Jack Johns é como um portal para um mundo vasto, amplo, um mundo que Evan sempre imaginou que existisse em algum lugar além de seu alcance. Agora talvez possa haver um lugar até para alguém como ele.

Evan cutuca o corte que a faca deixou na palma de sua mão.

— Parece bom — diz ele.

Jack olha para o garoto. Depois, olha de novo para a frente.

— Será apenas eu. Serei seu treinador. A única pessoa que saberá quem você é. Vou te proteger sempre. — As árvores passam depressa atrás do perfil rústico de Jack. — Você e eu somos tudo que temos. Entendeu?

Evan olha para a folhagem que parece voar.

— Acho que sim.

— Respostas ambíguas não são respostas, Evan.

— Sim, entendi. — Evan olha para os próprios braços cheios de marcas. — Vou treinar mais, então? Com aquele cara?

— Com ele e com outros. Nunca, em nenhuma circunstância, revele seu nome a eles. Você vai ser conhecido somente como Órfão X.

— O “X” é uma letra ou o número dez?

Jack parece satisfeito com a pergunta.

— Alfabeto.

— Então, tem outros 23 Órfãos antes de mim?

— Sim.

— O que vai acontecer quando as letras acabarem?

Jack ri. É a primeira vez que Evan ouve a risada rica e envelhecida em seu peito.

— Acho que vamos ter de usar números. — Ele ultrapassa uma van decorada, provavelmente uma família aproveitando o domingo. — Só vou introduzir um instrutor por vez em sua vida. No início do treinamento, você nunca estará sozinho com o instrutor. Eu sempre estarei presente. Como hoje.

— É, mas eu nunca vou suportar a dor como aquele cara.

Jack franze a testa e, pensativo, responde:

— Não precisa ser como ele. Só precisa ser melhor do que foi na última vez. — Ele olha para Evan. — Sabe qual é a melhor expressão que existe?

Evan não entende.

— “Da próxima vez” — diz Jack.

Evan não parece convencido.

Jack continua:

— Já leu Odisseia, não leu?

— Não.

— Vai ler em breve. — Ele parece insatisfeito, mas continua: — Ulisses não é um lutador tão habilidoso como Aquiles. Nem é um grande arqueiro como Apolo. E não é veloz como Hermes. Na verdade, ele não é o melhor em nada. Mas no geral não há concorrente. “Homem de muitos ardis.” — Os olhos de Jack passam do retrovisor para um espelho lateral e depois para o outro. — Sua missão é aprender um pouco de tudo com pessoas que sabem tudo sobre alguma coisa.

Evan passa os anos seguintes fazendo exatamente isso.

Aprende combate corpo a corpo com um mestre japonês que é calmo a ponto de ser irritante, embora acerte golpes devastadores. Não tem faixas, nem tatames nem quimono branco especial; é arte marcial pesada, as formas de destruição mais eficientes, um pouco do melhor em cada modalidade. Na garagem abafada de Jack, Evan segura o globo com uma das mãos e é alvo de um ataque chamado volta ao mundo. Um chute frontal de muay thai intercepta seu cruzado e leva a um biu jee, um golpe perto dos olhos desferido com as pontas dos dedos. Antes que possa se recuperar, um tapa da orelha da modalidade indonésia silat deixa seus nervos auditivos zunindo. Meio cego, ele ataca, mas o mestre responde com um gunting do kali indonésio, uma elevação de cotovelo combinada a um movimento da mão que acerta o pulso de

Evan com a ponta do cúbito. Evan cai sentado no chão. Derrubado pela junção de quatro culturas em uma única sequência de golpes.

Ele não sabe que parte do corpo examinar primeiro.

O mestre se curva respeitoso diante dele.

Evan limpa o sangue dos lábios.

— Esse cara nunca perde a cabeça?

Em uma cadeira de praia perto dali, atrás de uma velha cópia de Lincoln, de Vidal, Jack responde:

— Ele não precisa.

Evan abaixa a cabeça, e o sangue da boca escorre para a mão.

— Da próxima vez — diz Jack, levantando-se para entrar na casa.

À noite, eles ficavam no escritório de estantes enormes e paredes verdes, onde Jack conduz o que chama de “estudos culturais e específicos”. Evan aprende regras, etiqueta, história, suscetibilidades. Como reagir se, acidentalmente, pisar no pé de alguém no metrô em Moscou. O que os armênios pensam sobre os turcos. A maneira correta de oferecer seu cartão de apresentação na China. Como pronunciar o erre francês. Também tem aulas de dicção com a intenção de apagar todo e qualquer traço do leste de Baltimore, até o sotaque de Evan ser tão inespecífico quanto o de um locutor do centro-oeste. Em breve, quando ele falar, não

revelará nenhuma informação além daquela que quiser divulgar com suas palavras.

As estações passam, e ele se acostuma à viagem de 45 minutos até Fort Meade. Jack sempre entra por um portão dos fundos, onde a guarita está vazia quando ele chega. A maioria das atividades acontece dentro ou em volta de um conjunto de hangares clandestinos na floresta, na parte de trás da base. Um capitão meio maluco, com uma cicatriz no queixo e uma expressão furiosa, acaba com Evan, ensinando a ele como se mover quando há fogo fechado. Ele se esconde e corre para o local seguro, ziguezagueando entre troncos de árvore enquanto as balas arrancam pedaços das cascas. Os berros animados do capitão o seguem como um fantasma por entre os galhos:

— É hora da aula, X! Grave essa memória muscular. Você jogará como treina!

Um dia, frustrado com os movimentos evasivos de Evan, o capitão dá um tapa na parte de trás de sua cabeça. Jack aparece do nada e para na frente do homem, com o nariz colado ao dele.

— No treinamento, pode machucá-lo quanto quiser. Mas, se voltar a tocar nele com raiva, vou fazer o resto da sua cara combinar com seu queixo. Entendeu?

Os olhos do capitão adquirem uma lucidez repentina.

— Sim, senhor — diz ele.

Na volta para casa, Evan agradece:

— Obrigado.

Jack assente. A caminhonete sacoleja ao passar por buracos. A ventoinha do painel sopra um vento quente e constante. Jack parece estar planejando alguma coisa. Finalmente, ele diz:

— Sei que os detalhes do seu passado são... obscuros. Se for importante para você, podemos fazer testes, descobrir sua ancestralidade, quem você é.

Evan fica em silêncio. Jack parece sentir que não deve pressionar. Ele espera pacientemente.

Por fim, Evan pigarreja.

— Sei quem eu sou — diz ele. — Eu sou seu filho.

Jack concorda, emitindo um ruído abafado, e vira a cabeça para o outro lado, talvez para esconder o rosto.

O ritmo de treinamento é severo. Evan aprende a ultrapassar barreiras, escalar cercas de arame farpado e descer de árvores, cercas e muros usando cordas. Aprende com um engenheiro de vigilância irritado com sua fraca compreensão sobre circuitos e com um hacker adolescente frustrado com sua velocidade de processamento. Ensinam a ele como abordar pessoas e como encontrar uma fraqueza a ser explorada. Para eliminar sinais não verbais, ele domina a arte de permanecer imóvel quando fala ou escuta. Cada vez que levanta as mãos, o especialista em

interrogatório bate em seus dedos com uma tira de metal; depois de um tempo, Evan fica parado como se os pulsos estivessem amarrados aos braços da cadeira. Um psicólogo muito magro aplica baterias de testes com questões esotéricas: já traiu ou enganou alguém que amava? Não. Já fez sexo com um animal? Não. Onde acaba a lealdade? Quando alguém te pede para fazer sexo com um animal. Sentado em um canto da sala, Jack ri e cospe o café que tinha na boca.

Evan aprende a atirar em pé, ajoelhado, reclinado, em alvos que estão de seis a trezentos metros de distância. Depois do treinamento com alvos convencionais, a instrutora passa para silhuetas humanas e fotos em tamanho natural de mulheres e crianças. Quando o vê hesitar, ela diz:

— As pessoas não andam por aí com alvos pintados na cabeça e no peito. Seja homem, X.

Para o treinamento de tiro em emboscada, a instrutora veste manequins e esculpe cabeças com pés de alface, que enche com ketchup e encaixa no pescoço do manequim. Depois, aproxima-se de Evan.

— Quando apertar o gatilho, quero que veja a cabeça explodir.

Ele aponta a arma, e ela o orienta:

— Estamos acostumados a manter a morte a distância, X. Os hospitais e as clínicas a escondem. Nossa comida já vem embalada.

Refrigeradores a preservam. Antes, quando alguém queria comer, ia ao quintal e matava um frango. — O cheiro de seu desodorante chega a Evan levado pela brisa, cítrico e surpreendentemente feminino. O aroma provoca alguma coisa em seu corpo de 16 anos. — Meu pai era coronel e queria que eu entendesse que os frigoríficos faziam esse trabalho para nós. Quando eu tinha sua idade, ele me levou a um matadouro. Fomos só nós, um facão e uma tarde quente de horror, olhando a morte nos seus olhos revirados.

Ele atira, e um alface explode num jato vermelho.

— Muito bom — diz a instrutora.

Mais tarde, ela prende uma laranja na frente de um olho com fita adesiva e diz a ele para derrubá-la e estourar a fruta com o polegar.

— Muito bem — diz ela, deitada de costas na terra e respirando junto ao seu pescoço. — Agora, mexa o dedo. Dobre como um anzol e puxe, tirando tudo que puder. — Enquanto ele obedece, ela grita e se debate. Evan para, mortificado. O olho descoberto da instrutora expressa desaprovação. — Achou que eu ia ficar calma?

Ele se recupera e enfia novamente o polegar na laranja.

Naquela noite, durante o jantar, Evan cutuca os respingos de laranja na manga da camisa e empurra a comida pelo prato.

Jack não precisa levantar a cabeça.

— O que foi?

Evan conta sobre a laranja, o polegar, os gritos da instrutora e sobre como ficou em cima dela, como a imobilizou, sentiu sua respiração.

Jack encosta na cadeira e cruza os braços.

— *Você precisa aprender a matar no calor do momento. E na calma fria da premeditação. Você deve fazer as duas coisas de formas diferentes. O que significa que precisa treinar de maneira diferente. Não só a distância, para um tiro de emboscada ou de baioneta. Mas cara a cara, olho no olho.*

— *Para aprender a tratar as pessoas como objetos a serem quebrados?*

— *Não. — Jack põe o copo de água em cima da mesa com uma força desnecessária. — A sabedoria convencional diz que se deve desumanizar o inimigo. Ricos, gringos, negros do Oriente Médio, números no antebraço. Pode ser mais fácil a curto prazo, mas a longo prazo? — Ele balança a cabeça. — Respeite sempre a vida. Assim vai dar valor à sua própria vida. A parte mais difícil não é transformar você em um assassino. A parte mais difícil é mantê-lo humano.*

— *É isso que ensinam aos outros Órfãos?*

Jack enrola o macarrão no garfo, olha para a massa e deixa o garfo sobre o prato. Depois, olha para a foto da esposa em cima da

lareira, uma fotografia em uma praia exótica de areia escura, na qual ela aparece com água até os joelhos e rindo, o vestido molhado colado às coxas. Jack limpa a boca.

— Não.

É uma espécie de confissão.

— Por que não?

— É mais difícil. — Jack empurra o prato para a frente. — Há uma lenda cherokee. Um idoso conta ao neto sobre a batalha que é travada dentro de cada pessoa.

— Os dois lobos.

— Isso. Um lobo é a raiva, o medo, a paranoia e a crueldade. O outro é a bondade, a humildade, a compaixão e a serenidade. E o menino pergunta ao avô: “Que lobo vence a batalha?” Você se lembra da resposta?

— O que você alimentar.

— Isso mesmo. E qual é o nosso desafio? — Jack dobra o guardanapo de pano e limpa uma mancha de molho na borda do prato. Depois, olha diretamente nos olhos de Evan e responde à própria pergunta: — É alimentar os dois.

Batidas furiosas à porta do apartamento interrompem a meditação de Evan. Quando registra a volta ao presente, ele

já está em pé no tapete turco, com a arma na mão, olhando para a porta trancada e apontando para quem quer que esteja do outro lado.

Cacos

As batidas raivosas à porta se repetiram e ecoaram nas superfícies e no teto alto. Oito passos silenciosos o levaram até o batente. Havia fechado o buraco do olho mágico, que não oferecia proteção contra balas ou ferramentas perfuradoras, mas instalara uma câmera no corredor, usando o sistema de ventilação do ar-condicionado como esconderijo. Com um dedo, afastou para o lado uma tapeçaria de seda pendurada na parede, com a representação de um Buda tailandês, e revelou um monitor de segurança embutido.

A imagem era nítida. Camiseta justa envolvendo um corpo feminino. Cabelos volumosos e ondulados. A mão que não batia à porta descansava sobre o quadril.

Mia Hall, 12B.

Evan inspirou, guardou a pistola Wilson Combat no bolso de um casaco pendurado em um cabide de níquel escovado preso à parede e abriu a porta.

Mia entrou como um furacão.

— *Uma joelhada?* Sêrio?

Evan resmungou:

— Ah, não! — “Ah, não” mesmo! Eu devia ter passado a tarde no tribunal, mas passei na sala do diretor da Roscomare. — Ela cruzou os braços, assumindo uma atitude parental impressionante. — Você disse a ele que é *assim* que deve lidar com valentões?

— Eu estava brincando.

— Ele tem 8 anos. O que você fala é sêrio para ele. Você vai ter de ir lá e falar para ele que violência não é solução para nenhum problema.

A expressão dela deixava claro que aquilo não era um pedido.

Parado atrás da porta aberta, Evan notou um pedaço do cabo da arma aparente no bolso do casaco. Ele a empurrou completamente para dentro do bolso e saiu de trás da porta para, obedientemente, seguir Mia pelo corredor.

Peter olhava para Evan com um olho só, sêrio, enquanto o outro estava escondido embaixo de uma embalagem de ervilhas congeladas. Ele estava recostado em uma pilha de

travesseiros na cama em formato de carro de corrida coberta com lençóis do Harry Potter. Uma mecha de cabelo espetado crescia na área atingida pelo acidente com a fita adesiva. Evan e Mia estavam em pé nas laterais da cama como se fossem dar a extrema-unção.

Peter abaixou a embalagem de ervilhas, revelando um olho inchado e escurecido pela ruptura de vasos sanguíneos. Parecia impressionante, mas não era grave. Mesmo assim, Mia sufocou um gemido.

Peter sorriu para Evan, exibindo o dente frontal saliente.

— Da próxima vez, certo?

— Não — disse Mia. — Não *tem* próxima vez. Não é assim que se deve agir, Peter. *Da próxima vez*, vai fazer uma escolha melhor que não coloque você, e *eu*, na sala da sra. DiMarco. Fale com ele, Evan, por favor.

O quarto cheirava a massinha de modelar, creme dental e chiclete. Um adesivo dourado de um passarinho sorridente brilhava em uma pasta jogada no chão, que tinha o nome da escola. Três balões de gás hélio, cada um com o logotipo de uma loja de calçados infantis, se moviam junto ao teto. Em cima da escrivaninha, um boneco de Lego era submetido a algum tipo de cirurgia primitiva, deitado sobre uma cama de lenços de papel ao lado de vários cotonetes e um tubo de

supercola. Um desenho feito com lápis de cor dos três macaquinhos que não veem, não ouvem e não falam tremulava, preso por uma tachinha, embaixo da grade de ventilação. Para Evan, era como ter aterrissado em outro planeta.

Ele pigarreou:

— Brigar não é bom — disse a Peter.

Mia olhou para ele com uma mistura de desaprovação e incentivo e o cutucou para encorajar uma continuação do discurso.

— Um jeito melhor de resolver um problema é contá-lo — Evan continuou.

Mia deixou escapar um resmungo consternado que pareceu se espalhar por todo o quarto e dominar o ambiente.

A música do filme *Tubarão* tocou. Mia tirou o celular do bolso e pareceu tensa.

— Desculpe... É um assunto importante, um problema. Pode...

Evan assentiu, e ela saiu do quarto para atender à ligação no cômodo ao lado, cuja porta deixou aberta. Peter olhava para ele com evidente expectativa. O que ele estava fazendo ali? Evan lembrou-se de Katrin, escondida no quarto de hotel e esperando o sol nascer e ele voltar. O pai dela era refém de

assassinos. Estava amarrado? Amordaçado? Havia sido espancado?

Evan olhou em volta em busca de inspiração, mas não encontrou nada. Um retrato de família sobre a escrivaninha mostrava Peter recém-nascido e gorducho, Mia, com um corte de cabelo ultrapassado, e o marido dela, de óculos, exibindo um sorriso simpático. Um Post-it preso ao parapeito da janela continha mais uma orientação daquele tal Peterson: “Torne ao menos uma coisa melhor em cada lugar aonde for”.

Evan fechou os olhos e pensou em sua infância. Lembrou-se do modo como os lábios de Jack se moviam quando ele explicava uma situação por trás de outra situação, como se esculpisse as palavras. Evan puxou a cadeira da escrivaninha e a virou para sentar nela ao contrário.

Ele respirou fundo.

— Escute, não sei como você está se sentindo, mas eu estou furioso por um menino ter feito isso com você.

Peter olhava para as próprias mãos, que mexiam na barra da camiseta.

Evan continuou:

— Ele provavelmente te ameaçou, e você levou um soco no olho quando tentou se defender. Isso é injusto e é uma droga.

Peter mantinha os olhos baixos.

— Queria poder me defender — disse ele, finalmente, com a voz embargada.

— Você pode. Só não é grande o bastante para se defender com os punhos. Então, por que não usa a cabeça e fica longe desse garoto e onde um professor possa ver você? Não há nada errado em resolver a situação com a cabeça. Entendeu?

— Entendi.

— E, se isso não der certo, você sempre pode pôr um pouco de desentupidor de ralo na garrafa de água dele.

Peter riu e ofereceu a mão fechada. Evan aceitou o cumprimento e bateu na mão dele antes de sair do quarto.

A televisão ligada e muda iluminava a paisagem de brinquedos espalhados e de roupas sujas caídas de um cesto jogado sobre uma almofada do sofá. Uma bandeja de jantar continuava onde havia caído, cheia de cacos de um prato e de uma vasilha quebrados.

Mia não estava ali.

Evan atravessou o corredor e a chamou em voz baixa. A porta do quarto estava encostada, mas, quando a empurrou,

ele não viu ninguém. Mas ouviu um choro abafado dentro do closet.

— Mia? — Evan abriu a porta do closet e a encontrou sentada no chão, com as costas apoiadas em um gaveteiro, limpando o rosto com uma das mãos e segurando o iPhone com a outra.

— Desculpe, eu... às vezes...

— Posso entrar?

— Por favor.

Ele encostou os ombros na parede na frente dela, ao lado de blusas penduradas, e escorregou para se sentar também. Ela usava chinelos de coelhinho. Eram cor-de-rosa e fofos, com um coração e letras bordadas que diziam “A melhor mãe do mundo”. Vê-los provocou nele alguma coisa mais profunda que humor. Era surpreendente perceber que gostava daquela casa, onde facas serviam para espalhar manteiga e supercola era usada para consertar brinquedos.

— Desculpe se fui ríspida antes — disse ela. — Lá em cima.

— Era só seu instinto de proteção.

— Olha, criar um filho não é para gente fraca.

— Não. E nem parece ser.

— E agora com o trabalho... — Ela bufou. O cabelo subiu e desceu sobre a testa. — Encarar tudo isso sozinha me deixa apavorada. E sei que isso é patético com tudo que eu tenho, mas...

Ele viu sua expressão mudar. Ela continuou:

— Fiz tudo certo. Estudei muito, trabalhei duro, fui uma boa esposa. Eu sei... Vê se cresce, né? É isso? Parece ingênuo e arrogante, mas... caramba, era para ter dado certo. Era para ser melhor. — Ela move uma das mãos, mostrando o closet, todos os casacos, cabides, prateleiras cobertas de suéteres. — Tenho essa ideia fantasiosa sobre mim mesma. De que vou dar certo. Mas não consigo chegar lá. Por quê?

Ele não estava acostumado com esse tipo de problema, com coisas significativas, mas não extremas, prosaicas, triviais. Dificuldades do cotidiano. Um garoto sem pai. Um vaso sanitário entupido. Ervilhas congeladas para diminuir o inchaço de um olho roxo. Ela o encarava como se esperasse alguma coisa, e Evan compreendeu que tinha de dar uma resposta.

— Acho que tudo é uma questão de disciplina e foco.

Ela resmungou.

— Pode parecer que sim para você — respondeu ela sem ser indelicada. — Não há mais ninguém na sua vida. Quero

dizer, não há mais ninguém na sua vida *o tempo todo*. Pessoas são complicadas. Relacionamentos não são lineares. Eles podem dar uma rasteira. Fazer você desviar, retornar, mudar o foco. Não dá para ser perfeito se você não estiver sozinho, e aí, adivinha? Você fica sozinho e ainda não é perfeito.

Uma imagem surgiu na cabeça de Evan. Jack andando pela casa tarde da noite, tirando o pó, arrumando objetos sobre bancadas, empilhando toalhinhas de mesa e guardanapos com a precisão de uma linha de montagem. Evan sempre havia considerado esses rituais noturnos como uma demonstração de fervor, um cuidado quase religioso com a arrumação da sala, da casa, do universo.

— Talvez nada do que a gente considera importante seja realmente importante — disse Mia. — Talvez sejam *pequenas coisas* que se juntaram, centímetro a centímetro, até você ter construído alguma coisa que nem sabia que estava construindo. O rodízio de caronas para a escola. Fazer o almoço. Passar noite após noite sentada ao lado de uma cama de hospital... — Os olhos dela brilhavam no escuro. — Mas a vida também exige coisas de você. — Ela inclinou a cabeça para trás para evitar que mais lágrimas caíssem. — Tenho medo de não conseguir enfrentar sozinha tudo o que vem por aí. Toda a confusão da vida. Tenho medo de ser muito

sensível. Muito frágil. De não ter o que é necessário para seguir em frente.

— Você não é frágil nem tem medo de mostrar as rachaduras.

— Ótimo. — Um esboço de sorriso. — Tenho rachaduras!
— Ela levantou um braço. — Ajude aqui.

— Tem certeza de que está pronta para sair do armário?
Ela inclinou a cabeça.

— Tenho uma bagunça para limpar e roupas para lavar e já estou preparada para a tarefa.

Evan se levantou, segurou a mão dela e a puxou. Mia parecia nem pesar. Por um momento, ficaram muito próximos, peito contra peito, no espaço apertado. Os olhos dela estavam na altura de seu queixo, e a respiração que ela exalava esquentava seu pescoço. E, então, Mia passou por ele. Saíram juntos do quarto. Na sala de estar, ela desligou a televisão e começou a dobrar as roupas que estavam em cima do sofá.

A caminho da porta, ele pensou outra vez na lição de vida que Mia havia escrito para o filho e prendido no telefone da parede. “Vá atrás do que é importante, não do que é conveniente.” A frase o fez parar. Evan olhou para o papel e leu a frase novamente, perguntando-se se os mandamentos

eram imutáveis ou se novas regras podiam ser acrescentadas. Ele pensou mais uma vez em Jack andando pela casa escura, arrumando, fazendo ajustes invisíveis que faria outra vez na noite seguinte e nas próximas. A casa do rancho, tão segura, limpa e sem excessos, sempre havia parecido, para ele, alheia ao tempo. A casa de Mia dava a impressão oposta. Com as marcas de dedos e os retratos de família, parecia conter no interior de suas paredes todo o brutal ciclo da vida, embora também abrigasse conforto. O pensamento fugiu antes que Evan pudesse apreendê-lo, mas ele sentia que aquele tipo de conforto não poderia existir sem as realidades brutais.

Com o canto do olho, ele viu Mia se ajoelhar diante da bandeja caída. Em vez de sair, voltou para ajudá-la a recolher os cacos.

Pronto

Perto do décimo sétimo aniversário de Evan, uma ameaça o coloca em contato com os riscos reais de sua profissão. Jack fica sabendo que um arquivo em um banco de dados confidencial pode ter sido comprometido. Valendo-se de uma tenacidade forjada nos dias de sargento da Infantaria, ele tranca a casa e passa 72 horas acordado no saguão escuro, sentado em um banco de madeira virado de frente para a porta, com a arma de combate sobre os joelhos, movendo-se só para beber o conteúdo de uma garrafa térmica e ir ao banheiro. Um telefonema de um número bloqueado informa que a ameaça, se existiu realmente, foi anulada.

Jack devolve o banco de madeira ao lugar dele, perto da bancada da cozinha, e chama Evan. Ele serve sobras de peru e, depois, uma dose de vodca com cubos de gelo. Encostado na pia, com a bebida na mão, exibe uma expressão pensativa; a vigília deu a ele muito tempo para contemplação.

— Preciso ensinar a você como tudo isso funciona, porque conhecimento é poder, e não vou deixar que enfrente todos os riscos

sem se fortalecer. Nosso programa é uma operação antisséptica com total negação de responsabilidade patrocinada por um orçamento clandestino. O dinheiro vem direto do governo. É impresso e remetido. Não pode ser rastreado. O que significa, essencialmente, que temos um orçamento ilimitado. O Departamento de Defesa administra tudo, usando uma via de saída que passa pelo Departamento do Interior.

— Departamento do Interior?

— Exatamente. Administração de terras, de parques nacionais. Quem vai procurar lá?

Jack continua explicando os arranjos secretos. Contas bancárias em vários continentes. O dinheiro é transferido por meio de um agente contratado em Aberdeen, no estado de Maryland, que nem sabe que foi contratado, e sacado. Caixas postais, transferências não identificáveis, trocas de câmbio. Advogados em escritórios que mais parecem armários alugados por semana, escondidos em complexos que lembram colmeias e abrigam também joalheiros, centrais telefônicas vendendo ações em esquemas de fraudes financeiras, agências de viagens suspeitas. Mesas, telefones e mais nada.

Evan ouve com atenção, abaixando a mão de vez em quando para dar pedaços de peru ao cachorro. Jack finge não perceber. O único desvio de disciplina permitido é para Strider, o cachorro.

— Você podia me contar tudo isso? — pergunta Evan.

— Não.

O Sexto Mandamento: “*Questione ordens*”.

Na manhã seguinte, ao voltar da corrida, Evan encontra na garagem um Acura Integra vermelho com uma reprodução de Jesus na forma de um boneco com pescoço de mola preso ao painel.

Confuso, ele entra na casa. O ar tem uma nota de perfume de jasmim, tão incomum ali quanto um boá de penas em um fuzileiro naval.

Jack espera no escritório, onde Maria Callas canta “Suicídio!”. Quando Evan entra na sala, Jack levanta a cabeça.

— *Você não pode perder a cabeça por causa de uma mulher, por causa de sexo. E isso significa que precisa se acostumar com essas coisas. Ela é uma profissional, é honesta e você deve tratá-la com cortesia e gratidão. Entendeu?*

Evan assente.

Jack volta ao terceiro volume de Uma história dos povos de língua inglesa, de Churchill.

Lá em cima, a porta do quarto está encostada, entreaberta o suficiente para deixar à mostra um pedaço do lençol. O tecido se mexe. O corpo nu de uma mulher aparece. Ele vê uma sombra escura entre as pernas brancas como mármore e sente a temperatura do corpo subir.

No dia seguinte, Evan faz flexões na barra enferrujada ao lado de uma pilha de madeira cortada, com os bíceps forçados ao limite. Jack bebe café, e sua respiração é visível no ar noturno.

— O respeito pelas mulheres é essencial — diz Jack. — Os direitos das mulheres e o desenvolvimento econômico de um país estão intimamente relacionados. Tratar as mulheres da maneira apropriada não é só uma decisão moral — mas também é — nem só um valor americano — mas também é. É uma necessidade estratégica, e você sempre, sempre, dará esse exemplo.

Evan resmunga alguma coisa, manifestando concordância, e se solta da barra. Quando sobe, encontra duas mulheres esperando por ele.

A educação na cama, e fora dela, se intensifica. Quando completa 18 anos, ele tem um metro e oitenta de altura e 79 quilos de músculos. Não é muito alto nem muito grande nem evidentemente musculoso. Pode sumir no meio de uma multidão. Metade dos homens em um bar qualquer pensará que é capaz de vencê-lo em uma briga. Essa é a intenção.

Em uma manhã fria de outono, Jack decide levar Evan ao campo de tiro. Faz muito tempo que não atiram sozinhos, sem instrutor.

Evan ajusta a elevação da mira, corrigindo o arco balístico.

Ao lado dele, Jack aproxima o binóculo dos olhos.

— Ela disse que você está atirando quase tão bem quanto o Órfão Zero.

— Pensei que fôssemos só letras.

— Zero é o apelido do Órfão O.

Evan exala o ar e aplica uma pressão estável ao gatilho. A arma dá o coice em seu ombro, e um buraco aparece no centro do alvo a seiscentos metros de distância.

— Quem é o Órfão O? — pergunta ele, concentrando novamente o olhar no visor da mira.

— Um Órfão ativo. Alguns dizem que é o melhor. Até você chegar.

Evan dispara outra vez.

Jack abaixa o binóculo.

— Foco, Evan — reclama ele, irritado. — Você nem acertou o alvo.

— Olhe de perto.

Jack levanta o binóculo outra vez e nota a abertura em forma de eclipse onde a segunda bala alargou o buraco feito pela primeira.

Duas balas, um buraco.

Jack balança aquela cabeça de buldogue e faz um ruído que vem do fundo da garganta. Quando Evan levanta a cabeça, um filtro até então despercebido cai, e ele percebe quanto Jack envelheceu desde aquele encontro no ponto de parada de

caminhoneiros, onde Evan fora deixado seis anos antes. A pele do rosto parece mais pesada, puxando para baixo aquele queixo largo, e seu olhar é mais humano. Ver esse Jack, um homem de quase 60 anos, com mais estrada percorrida do que a percorrer, desperta a consciência de uma vulnerabilidade que Evan nem sabia que existia.

— Quando Clara morreu — diz Jack, olhando para o alvo —, eu não consegui ver mais nada. Só via os espaços que ela ocupava antes. — Ele move os lábios e engole. — Até você chegar.

A boca volta a ficar firme, e ele é outra vez o jogador de beisebol, de rosto quadrado e blindado, imune a uma colisão. Jack levanta e volta para a caminhonete, e há em seu rosto uma nota muito sutil de medo.

— Você está pronto — anuncia ele.

Evan abriu os olhos para a suave luz da manhã em seu quarto. Está deitado na cama suspensa, olhando para o teto, com as palavras de Jack ainda ecoando em seus ouvidos.

Estava pronto havia muito tempo. Rapidamente, pensou no quanto estar pronto havia custado a ele.

Depois, levantou-se.

Era hora de Katrin e ele fazerem contato.

Custo de publicidade

— Estou com medo.

Sentada na beirada da cama do quarto de hotel, Katrin apertava a barra já deformada da camiseta grande demais que Evan havia comprado para ela. Seu cabelo, ainda molhado após o banho, formava ângulos estranhos. Os olhos verdes pareciam ainda mais claros sem o delineador. Ela estudava o rosto de Evan com olhares rápidos, apertando as mãos unidas entre os joelhos.

Evan puxou uma cadeira e se sentou na frente dela.

— Vai ficar tudo bem.

— Como você sabe?

— Sempre ficou.

O ar, ainda úmido por causa do chuveiro, era pesado e opressor, dominado pelo cheiro quase hospitalar do sabonete ruim do hotel. Ao chegar, minutos antes, Evan a encontrara andando pelo espaço apertado, roendo as unhas pintadas com esmalte escuro. Agora ela corria as mãos pela camiseta

grande, sobre a barriga, puxando um pouco para baixo o decote e exibindo o começo da curva dos seios. Nervos em brasa, membros contraídos, a ansiedade lutando contra o confinamento do corpo.

Evan deixara sua pasta preta encostada à cômoda ao lado da TV, anulando todos os equipamentos de vigilância que pudessem existir na área. Ele digitou uma senha na fechadura da mala, desligando um potente bloqueador.

Estava na hora de dar um telefonema.

Sentindo que o momento havia chegado, Katrin pegou o celular pré-pago que estava em cima da cama, ao lado dela. Pressionando o aparelho contra os lábios, fechou os olhos como se rezasse.

Evan pegou seu celular.

— Vamos usar o meu — avisou ele. — É impossível rastreá-lo.

Ela concordou movendo a cabeça.

— Espere. Espere um pouco — pediu ela. Então, respirou fundo, abriu aqueles olhos grandes e cheios de medo e disse: — Pronto.

Evan ligou. Acionou o viva-voz. Deixou o aparelho em cima do colchão, entre ele e Katrin.

Enquanto ouvia os toques da chamada, ela apertava as mãos.

Um homem atendeu:

— Quem é?

— Vocês estão com Sam? — perguntou Evan.

— Olhando para ele.

Katrin sufocou um grito.

— Quero uma prova de que ele está vivo. Depois discutimos os termos.

Um ruído de movimento seguido por uma voz masculina abalada:

— Alô? Katrin?

— Pai? — Katrin piscou, fazendo as lágrimas descerem por seu rosto. — Estou aqui.

— Oi, meu bem.

— Eles te machucaram?

— Estou bem.

Ela secou os olhos.

— Desculpe por não ter cumprido as exigências. Desculpe por ter pedido ajuda.

— Meu bem, quero que você saiba... Quero que você saiba que não te culpo por nada disso. Por nada do que aconteceu.

Seja quem for a pessoa com você, espero que a proteja. Espero que...

Outros barulhos de movimento, e a voz do outro lado muda mais uma vez. É o homem que atendeu a ligação.

— Você não cumpriu nossas instruções.

— A culpa foi minha — interferiu Evan. — Mas estou disposto a negociar a libertação de Sam. Tenho dinheiro e...

— O dinheiro não interessa mais. Nossas orientações foram descumpridas.

— Espera! — pediu Katrin. — Podemos dar um jeito. Podemos consertar tudo.

— Considere o que vou fazer como nosso custo de publicidade — disse o homem. — Para a próxima vez.

Um tiro abafado.

O baque de um peso morto batendo no chão.

Evan se levantou e quase desligou o telefone. Incrédulo, encarava o aparelho.

Os soluços de Katrin pareciam vir de muito longe.

— Sam! Pai? Não. Não. *Não!*

A voz do homem atravessou a barreira de estática que parecia dominar o cérebro de Evan.

— A vadia é a próxima. E depois é você.

A ligação foi interrompida.

A estática aumentou até se sobrepor a todo o resto. Havia cometido um erro de cálculo, o primeiro erro em oito anos. Aquela noite voltou a ele junto com uma enxurrada de sensações: o terreno irregular do Potomac, as flores de cerejeira forrando o chão, um cheiro quente e metálico no ar carregado de serragem da garagem úmida.

Os soluços de Katrin o trouxeram de volta ao presente. Sujara suas mãos com o sangue do pai dela. Era tão culpado quanto se houvesse puxado o gatilho pessoalmente.

Quando pegou o celular, Evan percebeu que suas mãos tremiam pela primeira vez desde que conseguia lembrar. O quarto se inclinou vertiginosamente. O Quarto Mandamento perdeu o sentido.

Aquilo se tornara pessoal.

Vai ficar tudo bem

Evan passou o dia inteiro com Katrin, enquanto ela chorava, mas não teve a presunção de ampará-la. Quando anoiteceu, ela o puxou para a cama e se encolheu junto ao seu peito como uma criança. As três estrelas tatuadas o espiavam de trás do lóbulo da orelha. Os dedos dela, repousando em seu peito, estavam cheios de anéis, e braceletes enfeitavam o pulso magro, ondulando como serpentes quando a mão se movia. A respiração de Katrin era entrecortada, irregular pelo esforço de tanto chorar. Ele apoiou a mão sobre suas costelas frágeis. Quando o braço roçou seus dedos, ele sentiu a pele macia.

— Agora eles vão me encontrar — disse ela. — E vão me matar.

— Não. — Evan olhou para o reboco do teto. — Não vão.

— Por que acha que vou acreditar em você agora? — Não havia nenhuma nota de maldade na voz dela.

— Porque eles não vão estar por aí por muito mais tempo.

Evan afagou os cabelos de Katrin até ela dormir e foi embora. Já tinha avisado que precisava cuidar de algumas coisas e que voltaria pela manhã.

Ele voltou a Chinatown. Trinta e seis horas mais tarde, o prédio ainda era uma cena de crime muito movimentada, cheia demais para que ele pudesse entrar. Queria investigar a posição do atirador, queria estar onde ele havia estado, respirar o mesmo ar e ver o que podia aproveitar.

O som abafado do tiro voltava toda hora à sua cabeça, girando e girando. Sam White, com sua pele desgastada pelo sol, suas linhas de expressão nas têmporas. As últimas palavras que disse à filha: “Seja quem for a pessoa com você, espero que a proteja”. Evan tentava preencher as lacunas, pintar a cena do outro lado da linha. A pistola tirada do coldre, o estalo do cão, o ponto preto e conciso do buraco formado pela bala. E depois o desmoronar característico de um corpo perdendo a vida, a cascata de membros convulsionando, o pescoço sem tônus, o desenho de giz no chão.

Em casa, dentro do elevador, ele se viu ao lado da sra. Rosenbaum, que apertava uma bolsinha contra a barriga com

as duas mãos, como se quisesse protegê-la de ladrões.

— Mais dois dias — disse ela, erguendo dois dedos enrugados caso fosse preciso um reforço visual. — Faltam dois dias para eu ver meu filho e meus netos. Ele vai consertar o batente da minha porta, tenho certeza. E depois posso falar para aquele síndico inútil...

A voz que ouvira ao telefone ecoava na cabeça de Evan. “O dinheiro não interessa mais.”

O elevador subia. Evan sentia o olhar da sra. Rosenbaum.

— Está tudo bem? — perguntou ela.

Evan assentiu.

— Está aí parado... — comentou ela. — Não fala nem aquela bobagem de “sim, senhora” e “não, senhora”. Tem certeza de que está bem?

— Sim, senhora.

— Ah, pelo menos isso.

— Acho que é o seu andar.

— Ah, sim...

Evan subiu em silêncio. Assim que entrou no apartamento, preparou um martíni com U’Luvka, sacudindo a coqueteleira por tanto tempo que as mãos grudaram no aço inoxidável. Depois despejou a bebida em um copo com mais

gelo, ansioso pelo frio antisséptico, querendo sentir os dedos doloridos e as mãos vermelhas.

Um tiro abafado.

O baque de um peso morto batendo no chão.

“Pai? Não. Não. Não!”

O copo tocou seus lábios. Ele inalou o vapor gelado e sentiu o gosto no fundo da boca.

Enviar uma equipe de assassinos especializados para cobrar uma dívida de 2,1 milhões de dólares era exagerado, mas Las Vegas não poupava esforços para deixar exemplos para o próximo perdedor.

“Considere o que vou fazer como nosso custo de publicidade. Para a próxima vez.”

Antes de perceber o que fazia, ele arremessou o copo por cima da bancada da cozinha até o fundo da pia. O vidro explodiu de forma pirotécnica, com cacos de vidro e pedras de gelo capturando a luz e projetando prismas de cor no teto pintado de azul. O estrondo nas superfícies de ladrilhos, metal e concreto foi impressionante.

“Vai ficar tudo bem”, havia dito a ela. “Sempre ficou.”

Uma imagem voltou à sua mente. A foto de Sam tirada em um dia comum. O colarinho da camisa jeans. O cabelo grisalho despenteado.

“Foi meu pai que me ensinou quase tudo.”

Evan andou pelo corredor, passou pela fileira de gravuras japonesas impressas em peças de madeira e pela catana do século XIX penduradas à parede e abriu a porta da suíte.

Um tiro.

Ajoelhou-se na frente da cômoda, abriu a última gaveta e afastou as cuecas para descobrir a pequena abertura entalhada na madeira.

O baque de um peso morto.

Uma unha encontrou a abertura, e o fundo falso da gaveta se soltou. Ele removeu o painel fino e envernizado e o deixou no chão. Olhou para o fundo da gaveta; a garganta apertada dificultava a respiração.

Ali dentro havia uma camisa de flanela azul, rasgada e endurecida pelo sangue que havia escurecido com o tempo.

Uma relíquia.

Camisa de flanela azul

Armado apenas com o treinamento recebido nos últimos sete anos, Evan se vê em uma nova e traiçoeira realidade em novas e igualmente traiçoeiras terras. Não havia rostos a reconhecer, nem portos seguros, nem conversas em seu idioma. Ele aprende quando ficar à deriva, quando ancorar, quando demonstrar uma força que vai além de seus 19 anos. Juntos diante do fogo reconfortante da lareira da casa do rancho, ele e Jack haviam construído o álibi operacional que Evan passou a usar como um casaco velho e adorado. Ele é composto de mais verdades que mentiras, o que facilita o alinhamento de Evan com a história. Jack ensinou a ele a diferença entre agir em disfarce e viver em disfarce. Evan não finge. Evan vive e deposita camadas de emoções verdadeiras sobre uma fundação falsa.

As missões se sucedem, muitas para contar. Evan e Jack se comunicam por uma mesma mensagem salva na pasta de rascunhos da conta de e-mail de Evan. Assim, nem uma palavra é transmitida pela internet, onde poderia ser detectada ou capturada.

De vários países em vários continentes, Evan recebe fotos, endereços, instruções, que lê, responde, salva ou deleta.

Para uma conta inativa no endereço o.homem.@gmail.com, ele tem uma pasta de rascunhos bastante ativa.

Evan mata um agente egípcio em uma casa no topo de uma árvore no Quênia, um chefe do tráfico em uma sauna em São Paulo, um rebelde sírio no depósito de uma loja de lâmpadas em Gaza. Em uma favela libanesa, modifica ordens relacionadas a um carro-bomba quando descobre que o alvo leva sempre os filhos no banco de trás. Termina infiltrando-se em um complexo armado e fuzilando o homem enquanto estava na cama, em uma improvisação perigosa que provoca uma rara crítica por parte de Jack.

Os acontecimentos do 11 de Setembro provocam um aumento descomunal de suas atividades, e Evan conduz mais operações em áreas restritas do que nunca e se move de forma invisível na Espanha, França e Itália para ajudar alguns amigos que não pediram sua ajuda. Em algum ponto, embora não tenha acontecido em um momento específico, seu apelido se torna conhecido por agências de três iniciais em certos territórios. Poderosos bancos de dados haviam identificado padrões de atividades atribuídos a ele. O Homem de Lugar Nenhum: assassino e terrorista, procurado por vários crimes em diversos países, inclusive nos Estados Unidos. Mas

isso não o preocupa, já que, tecnicamente, ele não existe. Nenhuma foto nítida pode ser encontrada em nenhum arquivo. Quando sua lenda cresce em alguns círculos particularmente sombrios, algumas missões são erroneamente atribuídas a ele. Patrulhas são conduzidas com a intenção de capturá-lo, frequentemente no hemisfério errado. Duas vezes, pelo menos, um candidato adequado ao apelido é morto e o Homem de Lugar Nenhum é retirado das listas até outra ação secreta demonstrar sua aparente imortalidade.

Só Jack sabe. Ele é o único elo de Evan com a legitimidade. Para o resto do mundo e o governo de seu país, Evan é um homem procurado. Jack recebe ordens de pessoas instaladas nos mais altos níveis, e lá elas ficam, empoleiradas e respirando o ar rarefeito, desfrutando da máxima proteção. Evan é a encarnação da negação plausível. É um inimigo do Estado que protege e ao qual serve. Engrenagens dentro de engrenagens.

Quase esquece que há outros como ele até a manhã de inverno no seu aniversário de 29 anos. Em uma caixa postal secreta em Copenhague, ele recebe uma mensagem: “Sou um de vocês. Queria conhecê-lo. Ice Bar, Oslo”. A mensagem fornece data e hora.

A assinatura diz apenas “Órfão Y”.

Ele fica parado por um tempo, segurando o bilhete. Flocos de neve caem sobre a folha, mas não derretem. Ele já sabe duas coisas:

que vai ao encontro do outro Órfão e que não vai falar nada a Jack.

Evan chega muito antes da hora marcada, estuda o quarteirão, o bar, as saídas, entradas, escadas e mesas. Uma área fechada por vidros acompanha todo o comprimento da parede norte, gelada como um freezer. Perto da porta dessa área fechada, homens e mulheres deixam seus casacos ao entrar. Lá dentro, prateleiras de ardósia sustentam várias garrafas de vodca e aquavita. Um garçom serve doses da bebida escolhida em copinhos feitos de gelo.

O resto do bar é moderno. Garçonetes servem arenque em conserva e satay de rena em espetos de madeira. Evan escolhe uma mesa em um canto próximo à porta da cozinha e deixa o revólver ao seu lado sobre o sofá estofado, com o cano pressionado contra a coxa e apontado para fora.

Ele vê o homem entrar e reconhece imediatamente o porte, mesmo dezessete anos depois.

O mesmo cabelo ruivo, a mesma pele avermelhada.

Ele anda entre as pessoas, tira o casaco pesado e para diante de Evan. Eles se olham. Pelos finos se arrepiaram nos antebraços de Charles Van Sciver depois que ele tirou o casaco. Do outro lado, no freezer, um grupo de jovens bêbados usando casacos de pele bebe mais uma rodada, joga os copinhos de gelo contra a parede e troca cumprimentos entusiasmados.

— *Evan. Puta merda!* — diz Van Sciver. *Ele senta-se e estuda a decoração elegante. — Estamos bem longe da Pride House, não?*

— *Como descobriu aquela caixa postal?*

— *Somos bem treinados. — Um meio sorriso. — Obrigado por ter vindo.*

— *Por que Oslo?*

— *Estou aqui para uma missão. — Ele chama a garçonete, pede duas doses de aquavita e continua: — Queria ver outra pessoa que não existe. É bom lembrar de vez em quando que existimos de verdade.*

As bebidas chegam. Van Sciver levanta o copo para um brinde. Evan brinda.

— *Ouvi falar de você durante meu treinamento — conta Van Sciver. — Referências passageiras. Eles usavam seu codinome, é claro, mas eu sabia. Órfão Zero e você: os melhores entre os melhores.*

A ideia de que sua reputação se espalha pelo Programa Órfão é bizarra. Quase tão bizarra quanto sentar na frente de alguém que viveu as mesmas experiências. E com uma história em comum. Na maior parte da vida, Evan não tivera um presente, muito menos um passado.

— *Você tinha um tutor? — pergunta Evan. — E uma casa?*

— Ah, sim, o conjunto completo. Meu pai foi incrível. Explicou os Decretos, o estilo de vida. Ele me colocou no mundo.

A curiosidade cresce dentro de Evan, alimentada por cada detalhe interessante, e ele diz a si mesmo que é melhor dominá-la e continuar alerta apesar daquela conexão repentina, inesperada e difícil de definir. Se não era uma parceria, havia, pelo menos, uma facilidade de comunicação. Ele bebe e descobre que a aquavita norueguesa é mais defumada que a versão dinamarquesa.

Eles conversam por um tempo, cuidadosos, mas não muito, mantendo-se na periferia dos assuntos. Histórias de missões sem nomes. Incidentes de treinamento. Falhas operacionais.

O outro lado do bar está mais cheio, com mais homens e mulheres em casacos de pele, espremidos no espaço apertado, barulhentos, quebrando copos, mas Evan nem registra essa perturbação. A mesa que divide com Van Sciver parece um paraíso isolado do barulho e da agitação, um lugar quieto no mundo.

Van Sciver bebe a sexta dose e não parece sentir os efeitos do álcool.

— Sabe do que mais gosto? — pergunta ele. — Da maravilhosa simplicidade. Há ordens e mais nada.

Um desconforto surge em Evan, embora ele não consiga identificá-lo.

— Mais nada?

Van Sciver balança a cabeça.

— Só precisamos executar as ordens. Estive em campo várias vezes, sabe? Sempre na ofensiva. Em um dia, eu estava escondido na encosta de uma colina atrás de uma mansão, com um alvo importante na mira, visto por uma janela da cozinha. Tiro difícil, mais de quinhentos metros, vento, visão reduzida. Mas eu tinha o alvo na mira. O problema era uma criança. Devia ter uns 6 anos e estava sentada no colo dele. E viaturas de segurança patrulhavam a montanha, o que me obrigava a rolar para dentro e para fora de arbustos de vez em quando. Não conseguia ter o alvo na mira sem a criança. E meu tempo estava chegando ao fim. A noite ia cair. — Ele umedece os lábios. — Apontei para o olho da criança, sabe? Preparei. Mas aí parei para pensar. — A mão grande pega o copo de aquavita. Ele bebe.

Evan havia passado por uma situação parecida em sua primeira missão, escondido em um esgoto fétido do bloco oriental, com o rifle enfiado entre as barras da grade de um bueiro, focando o olho de um inocente. Ele se inclina para a frente.

— O que você fez?

— Atirei. — O indicador e o polegar de Van Sciver se movem acima do copo. — Decreto Doze: Os fins justificam os meios.

Evan está meio tonto por causa da bebida e da revelação, mas, no meio de tudo aquilo, ele sente uma onda de afeição por Jack. Os

mandamentos dele são muito diferentes das regras dos outros tutores.

— E deu certo? — pergunta Evan.

— Ele não morreu com o tiro, mas com os estilhaços dos ossos.

— Van Sciver pega o copo, mas parece pensar melhor e o deixa em cima da mesa. — Transformei o cérebro de uma criança de 6 anos em arma — continua ele, revelando um orgulho sombrio. — Tinha de ser feito. E eu fiz. Nós não questionamos. Recebemos as ordens de marcha. E marchamos.

Há um brilho estático nos olhos de Charles, a certeza de um verdadeiro crente, e Evan sente uma inveja inesperada. Que caminho fácil! E, com a inveja, vem certa fascinação.

— Você nunca se pergunta...?

— O quê? — Charles o incentiva.

Evan desliza o copo sobre o círculo de água formado pela condensação e tenta reformular a questão de um jeito mais específico.

— Como sabe que era um terrorista?

— Eu atirei nele.

Evan faz o possível para não deixar sua reação transparecer, mas Van Sciver deve perceber alguma coisa, porque acrescenta:

— O jogo é assim. Se não gosta das regras, jogue outra coisa. — Ele bebe o que resta no copo, levanta-se e ajeita o casaco. — É

assim e é isso.

Evan continua sentado. Eles se olham por um tempo e Evan assente.

— A gente se vê por aí.

Ele sabe que não haverá cortesias, mas, mesmo assim, o jeito brusco como Van Sciver se vira e vai embora o surpreende. No bar, os clientes continuam bebendo e quebrando copos. Van Sciver passa entre as mesas e se mistura às pessoas.

Pela parede de vidro, Evan o vê passar um braço em torno do pescoço de um homem bêbado e afastá-lo ligeiramente dos outros, que brindam, barulhentos, mais uma rodada. Gotas da bebida escorrem pelos pulsos para dentro das mangas. Eles engolem a vodca. Com um sorriso relaxado, Van Sciver cochicha algo ao ouvido do homem bêbado, que assente, com o rosto vermelho, na conexão imediata entre bêbados. Quando as pessoas jogam os copos de gelo da rodada no chão para quebrá-los, o homem sofre um espasmo no abraço de Van Sciver. Todo mundo se cumprimenta. Alguns sobem no balcão, escorregam e quase caem. Van Sciver leva o bêbado até a parede de vidro e deixa que o corpo escorregue até estar sentado no chão. As costas deixam uma mancha escura no vidro. A cabeça pende para a frente, o queixo encosta no peito e o corpo está imóvel. Van Sciver pega o chapéu de outro homem e o coloca sobre a cabeça do bêbado sentado,

inclinando-o sobre o rosto. Só mais um idiota que apagou ali. Os amigos apontam para ele, riem e continuam bebendo.

Quando Van Sciver sai do bar, vira o rosto vermelho para Evan por um segundo. Ele pisca e desaparece no meio das pessoas.

Havia dito que estava ali para uma missão. Evan tinha de admirar a eficiência e o sangue-frio. Uma cajadada. Dois coelhos.

Evan joga um dinheiro em cima da mesa e vai embora.

Nos meses seguintes, o encontro com Van Sciver continua em sua cabeça. Trechos da conversa retornam à memória em momentos inconvenientes. “Os fins justificam os meios... Não questionamos... Eu atirei nele...” Uma falta de clareza mental havia sido introduzida na equação, roubando o foco, algo que Evan não consegue recuperar, por mais que tente.

E as missões continuam chegando pela pasta de rascunhos do endereço de e-mail. No verão, ele parte para o Iêmen para seguir o rastro de um patrocinador de imãs radicais. Certa tarde, enquanto se sente derreter na letargia de um calor pesado e pegajoso, ele finalmente vê o homem que procura passeando em um parque. Horas passam enquanto Evan espera que o homem se afaste de sua jovem esposa. Finalmente, ele entra em um banheiro público imundo, onde Evan o estrangula ao lado da cabine. Uma situação arriscada e suja. O homem resiste e esperneia com força suficiente

para quebrar um urinol de porcelana. No final, a camiseta de Evan é pouco mais que um trapo rasgado e sujo de suor.

Quando volta ao hotel, as emissoras locais já noticiam a morte de um ativista de direitos humanos cujo rosto era idêntico ao do homem que Evan havia matado. Ele sente um latejar abafado no estômago e o ritmo da paranoia. Ou é dúvida? Dúvida é uma coisa que ele não pode ter.

Evan pede um contato telefônico com Jack e, duas horas mais tarde, é atendido. Ele faz contato pelo novo protocolo estabelecido, de número pré-pago em número pré-pago, e Jack começa a falar imediatamente sobre assuntos domésticos.

— Fiz mais uma transferência num valor de oito dígitos pela Ilha de Man. O valor vai se espalhar por suas contas de segundo nível e...

— Pare — diz Evan.

Jack o atende.

— Ele não era patrocinador. Eu vi na televisão que era ativista de direitos humanos.

— Eles divulgam notícias, e não verdades.

— Vamos pular as frases feitas. Estou começando a achar que tudo isso é arbitrário.

Jack suspira do outro lado da linha. Depois, diz:

— Tive de sacrificar Strider hoje. Ele parou de comer. A barriga estava cheia de tumores.

Evan sente a perda nas vísceras, na garganta.

— Sinto muito.

Ele ouve o ruído de gelo jogado no copo. Imagina o cachorro embaixo da mesa de jantar, a sensação do focinho em sua mão quando oferecia pedaços de carne de peru. Era o mais próximo que havia chegado de ter um irmão.

Jack interrompe seus pensamentos.

— O que está me dizendo?

O sofrimento da perda ainda domina Evan. Não está habituado a isso. Ele leva um instante para reorientar-se.

— Talvez eu precise de um tempo.

— Está dizendo que quer vir para cá?

— Estou dizendo que preciso de um tempo.

— Não dá. Agora não.

— Já tenho outra missão?

— Já está na sua pasta.

Evan está sentado, com as pernas cruzadas, na cama de um quarto no último andar de um hotel caindo aos pedaços. O quarto é tão pequeno que ele consegue esticar o braço e puxar o laptop que está em uma mesa bamba. Segurando o telefone entre o ombro e o rosto, ele acessa sua conta. A janela do quarto está aberta, um

pouco torta, e deixa ver os prédios beges cheios de varais com roupas. O ar no quarto é quente e parado.

— Espera — diz ele. — Já vou ver.

Evan clica na pasta de rascunhos e abre o único e-mail em progresso. Uma bola de praia gira enquanto a foto é carregada.

Quando ele vê o rosto na foto, o ar abandona seus pulmões. O barulho do trânsito desaparece. O único ruído é o zumbido nos ouvidos. Ele pisca, esfrega os olhos, pressiona o ponto mais alto do nariz, mas, quando olha novamente, a foto com pouca nitidez mostra o mesmo homem.

Charles Van Sciver.

Jack lê alguma coisa no silêncio, coisa que só ele é capaz de fazer.

— Reconheceu o homem.

— Sim.

— Da casa.

— Sim. E...

— O quê?

Evan se levanta e anda até a janela, tentando respirar um pouco de ar fresco, mas o ar é igual em todos os lugares, no quarto, lá fora, em todo aquele país seco.

— A gente se encontrou uma vez. Eu sei... quem ele é agora.

— Vocês se encontraram? Isso é uma irregularidade. Lamentável.

— Chame como quiser. Se ele é um Órfão como eu, por que apareceu em minha conta de e-mail?

— Ele está comprometido. Dois dos nossos homens...

Evan notou a dor na voz de Jack.

— Continue — pediu.

— Eles passaram para o outro lado.

— Você tem mais alguma informação sobre isso?

— Não tenho.

— Bom, se quer que eu cace um Órfão, é melhor se virar e me dar respostas mais específicas. Quero um motivo.

— Não há respostas. Você sabe disso.

— Isso não significa que não haja perguntas. Sexto Mandamento... Esqueceu?

Evan olha para o laptop aberto. O rosto de Van Sciver continua na tela, mas ele também vê o jovem Van Sciver das quadras de basquete à sombra dos prédios altos do conjunto habitacional Lafayette Courts, uma gangue de bandidinhos sem nada além de tempo livre.

— Não vou fazer isso — diz Evan. — Não vou matar um Órfão. Ele chegou junto comigo.

— Ele vai morrer de qualquer jeito — responde Jack. — Se não for você, será outro.

— Acho que esse seu argumento moral é falho.

Silêncio. Depois, Jack responde:

— Tudo bem. Volte para Frankfurt. Eles vão mandar alguém limpar o que você sujou aí.

— Sempre mandam.

Evan desliga.

Três dias mais tarde, ele inicia outro chamado, usando o número pré-pago seguinte na lista que decorou. Jack atende a ligação na cozinha. Evan escuta o barulho da cafeteira.

— Preciso encontrar com você — diz ele.

— De jeito nenhum. Está num momento perigoso depois da missão na Bulgária. Pode estar sob vigilância.

— Não estou.

— Como pode saber?

— Eu sei. Você me treinou.

Um instante de silêncio.

Depois, Jack responde:

— Esse contato é irregular.

Para Jack, não existe palavra mais condenadora que “irregular”.

— Essa vida é irregular. Preciso encontrar com você. Agora.

— Não. Fique na Alemanha. Saia do radar. Não vai conseguir entrar no país agora.

— Estou ligando da esquina da rua L com a avenida Connecticut.

O silêncio seguinte é prolongado.

— Pode ter havido um vazamento — diz Jack. — Não quero ser descoberto. Estou tomando cuidado com meus movimentos.

A missão na Bulgária. Um vazamento. Eram desculpas incomuns para um homem que nunca dá desculpas.

Jack não fala nada. Evan também não.

Finalmente, Jack cede.

— Há um estacionamento subterrâneo na Ohio Drive, diretamente ao sul do memorial Jefferson. Está fechado para reforma. Espero você no terceiro piso à meia-noite. Por cinco minutos.

Ele desliga.

Depois que anoitece, Evan anda pelo terreno irregular do Potomac com as mãos enfiadas nos bolsos. As cerejeiras estão floridas, e ele se surpreende, como sempre, com a leveza do perfume. As flores que caíram formam chumaços no chão.

Ele encontra o prédio e passa na frente do edifício algumas vezes antes de se aproximar, desviando de cones laranja ligados por fita amarela. Um tapume improvisado tinha sido pregado muitas

vezes para fechar a porta da escada norte, mas cede prontamente com uma pequena pressão. Evan percorre cada andar e caminha entre os misturadores de cimento e os caminhões carregados de equipamentos. Ele desce até o terceiro piso subterrâneo, examina toda a área do andar escuro e se posiciona atrás de um pilar de concreto para esperar. Durante mais de duas horas, não faz nenhum movimento, tão inanimado quanto os equipamentos e os veículos que o cercam.

À meia-noite em ponto, Jack aparece na extremidade oposta do andar, onde, até onde Evan sabe, não há uma escada. É um truque digno de um antigo profissional. Engrenagens dentro de engrenagens.

Seus passos ecoam no espaço amplo. O brilho da luz vermelha do elevador o envolve em uma luminosidade severa, alongando sua sombra no piso manchado de óleo. Ele para e olha diretamente para a área escura onde Evan está escondido.

— E então? — pergunta ele.

Evan aparece. Eles se abraçam. Jack o segura por um instante a mais. Faz 26 meses que não se encontram, desde uma última reunião que durou quinze minutos em uma cafeteria em Cartagena. Os anos tinham deixado Jack um pouco mais flácido, mas ele ainda está em forma, sem nenhum volume excessivo. As mangas de sua camisa de flanela azul estão dobradas e abotoadas

acima dos antebraços, que continuam musculosos. Braços de jogador de beisebol.

Quando eles se afastam, Evan examina o estacionamento. Depois, pigarreia.

— Estou fora — diz ele.

Jack o encara.

— Isso não existe. Você sabe. Sem mim, você vai ser só...

— Um criminoso de guerra. Eu sei. Mas vou desaparecer. O Contingente Fumaça — diz Evan, em referência a seu sobrenome dado por Jack e que tem o mesmo som da palavra “smoke”, fumaça em inglês. A brincadeira com seu nome havia se tornado um atalho nas conversas entre os dois.

— Não podemos ter essa conversa — diz Jack. — Não aqui, não agora. Você entende? Sei que acha que está sozinho, mas existem proteções que eu garanto. Um telefonema no momento certo. Um amigo no balcão de verificação de passaporte. Sou a única pessoa que...

A emoção aperta o peito de Evan, uma claustrofobia sombria e sufocante.

— Não posso mais!

As palavras firmes ecoam nos pilares e paredes de concreto. Ele não consegue lembrar a última vez que deixou a emoção alterar sua voz. Ele enxuga a boca e desvia o olhar.

Jack pisca. Está olhando para Evan como nunca olhou antes, como um pai que, pela primeira vez, percebe que o filho não é mais uma criança. Seus olhos estão úmidos, mas a boca continua firme. Não corre o risco de chorar, mas o rosto sugere o contrário.

— Queria que você enxergasse mais que preto e branco. Queria que continuasse... humano. Talvez eu tenha falhado. — Jack pisca uma vez, duas, com a grande cabeça quadrada inclinada em direção à ponta dos sapatos de Evan. — Desculpe, filho.

Tarde demais, Evan sente, pela sola dos sapatos, a vibração de um veículo em movimento. Ele fica tenso. Um motor ronca e a luz dos faróis varre a parede norte como o holofote de uma torre de segurança em um presídio. Do outro lado do piso, uma van preta desce a rampa circular, derrapa e arranca fagulhas no atrito com o chão.

Duas armas já estão atirando pelo para-brisa. Lampejos de luz atravessam o vidro. Jack segura o braço de Evan e o puxa para trás de um pilar. As balas arrebentam o concreto a centímetros do rosto de ambos. Evan saca a Wilson Combat e rola pela parte de trás do pilar, para o outro lado, colando o corpo à outra coluna para ser um alvo menor. Quando a van se aproxima, ele atira contra o para-brisa estilhaçado.

Uma bala passa tão perto que ele sente o calor do projétil na lateral do pescoço, mas suas mãos continuam firmes e a mira ainda

é segura. Não dá para enxergar através do para-brisa estilhaçado, mas ele enfia balas no encosto dos dois bancos e no que quer que estivesse ocupando aquele espaço. O ronco do motor enfraquece e os pneus rodam cada vez mais devagar. Evan troca o cartucho e continua atirando mesmo depois de destruir a cabine, mesmo quando o veículo se aproxima bem devagar até parar quase em suas coxas.

A luz vermelha do elevador ilumina o interior do veículo, mostrando dois corpos dobrados, caídos sobre o painel e crivados de balas. Cabelo e osso.

Um barulho atrás dele chama sua atenção. Jack está apoiado no pilar, quase no chão. A camisa de flanela azul está encharcada na região do ombro. O sangue é brilhante, arterial. A mão de Jack sobre a ferida está completamente coberta de sangue, como se ele usasse uma luva vermelha.

Um instante depois, Evan está de joelhos, tirando a camisa de Jack. O vermelho domina a camiseta branca, uma mancha inclinada que continua em expansão. A mão de Jack muda de lugar, e um jato fino jorra por entre seus dedos.

Jack está falando alguma coisa. Evan precisa ordenar ao cérebro que processe os sons, transforme-os em palavras, atribua significado a eles.

— Já estou morto — diz Jack. — Acertaram a braquial.

— Não dá para saber. Você não sabe...

— Eu sei. — Ele levanta uma das mãos calejadas e toca o rosto de Evan, talvez pela primeira vez.

Sirenes de polícia. Viaturas descendo a rampa circular. O cheiro de cobre se mistura ao cheiro de serragem.

— Eu vou morrer — diz Jack. — Não estrague seu disfarce. Escute o que eu digo. — Uma onda de dor sacode seu corpo, mas ele se esforça. — Não é sua culpa. Eu tomei a decisão de vir ao encontro. Fui eu. Vá agora. Eu fico. Vá.

Evan tem a impressão de que está sufocando, mas sente a umidade no rosto e entende o que está acontecendo. As sirenes estão mais próximas, formando um coro agudo e estridente.

— Não — diz ele. — Não vou. Eu não...

A mão de Jack desce até a cintura. Evan ouve um ruído de metal, e a pistola aparece entre eles. Apontada para Evan.

— Vá.

— Você não faria isso.

O olhar de Jack é firme e focado.

— Eu já menti para você?

Evan levanta e dá um passo para trás. Pensa nos avisos que ouviu de Jack. Perigo depois da missão na Bulgária. Um possível vazamento. “Não quero ser descoberto.”

Mas Evan não havia escutado.

Ele olha em pânico para a van fumegante, para os corpos misteriosos caídos para a frente, sem rosto. Depois, olha para Jack, cuja respiração já é mais difícil. Evan quer mais tempo, mas não há mais tempo. A camisa de flanela azul ainda está em sua mão. Ele a aperta entre os dedos, sentindo a umidade se espalhar pela pele. Em algum lugar no piso superior há uma freada brusca. Botas batendo no concreto.

— Filho — diz Jack em voz baixa. — É hora de ir. — Ele aponta a arma para o próprio queixo.

Evan recua um passo e enxuga as lágrimas que descem pelo rosto. Mais um passo, e outro, até finalmente começar a correr.

E, quando está correndo, ele ouve o tiro.

Intruso

Evan voltou ao presente, ajoelhado no chão do quarto diante da gaveta aberta, com a gola da camisa ensanguentada de Jack enrolada na mão como um rosário. O tiro parecia ter ecoado dentro do apartamento — um som fantasmagórico que enchia o ar, mas que, na verdade, não tinha origem. Esse barulho o empurrara para uma nova vida. Havia saído daquela garagem subterrânea embaixo do memorial Jefferson para uma existência diferente.

Passara as semanas seguintes à morte de Jack em um chalé alugado nas montanhas Allegheny, sozinho com o cheiro e o farfalhar das folhas de pinheiro. Em toda a sua vida, só havia experimentado uma conexão humana genuína com Jack, e perdê-la deixara um buraco em seu peito. Nos ossos, no peito, embaixo do arco das costelas, sentia a dor como se fosse física. De certa forma, ele achava que era.

Ele havia obrigado Jack a se expor ou havia sido seguido. Dois homens procurados no mesmo lugar, um encontro

público no qual ele insistira.

“Não é sua culpa. Eu tomei a decisão de vir ao encontro.”

Apesar da intenção de Jack, suas palavras expressavam o oposto. Evan ouviu aquelas palavras como se ouvisse a voz rouca de Jack lendo Shakespeare à luz do fogo da lareira quando ele ainda era um garoto: “E Brutus é um homem honrado”.

Evan hibernou naquele chalé, drenado de toda a energia pelo luto. Um mês depois, começou a sair do estupor anestésico, compreendendo que a morte de Jack tinha ramificações que iam além do emocional. Seu único elo com a legitimidade também havia sangrado até a morte no chão daquele estacionamento.

Ele não tinha tutor nem contatos no governo e nenhum país que não o estivesse caçando, nem mesmo o país ao qual servia. Em outras palavras, não tinha vínculos.

A voz de Jack ecoava em meio à névoa em sua cabeça. *Supere, filho. Não existe sentimento mais inútil que autopiedade.*

Em certa manhã, Evan se levantou, saiu para a brisa fria de outono e olhou para as encostas das montanhas. Cobertas de pinheiros, elas eram envolvidas pelo cheiro de árvores de Natal. Ao caminhar, as pinhas feriam seus pés descalços. O

vento soprava, e ele teve a sensação de um mundo mais amplo e de seu lugar dentro dele.

Tinha uma conta bancária praticamente ilimitada, um conjunto de habilidades específicas e nada para fazer. Era verdade que não tinha vínculos, mas isso também significava que estava livre.

Decidiu mudar-se para Los Angeles, o mais longe que poderia estar da capital sem sair do país. E se reconstruiu. Uma terceira vida, tão exposta quanto escondida. Um codinome operacional montado com peças de seu verdadeiro eu. Um disfarce que o escondia à vista de todos. Vivia pronto para uma missão. Mantinha-se em forma e treinado. Nunca sabia quem poderia procurá-lo nem que mão bateria à sua porta.

Vários anos se passaram.

Ele se manteve alerta, vigilante, atento a sinais de aproximação. Soube, por várias fontes, que o Programa Órfão tinha sido desabilitado e que os operadores estavam espalhados pelos quatro cantos do mundo. Jamais conhecera o destino dos Órfãos que ficaram, mas imaginava que agora vendiam seus serviços especializados pelo maior preço ou que estavam aposentados e vivendo em uma praia em algum lugar pacato. Não eram opções que interessassem a ele.

Então, decidiu usar seu treinamento como um *freelancer* voluntário, alguém que ajudaria quem não pudesse ajudar a si mesmo. De um jeito ou de outro, tinha uma vocação alinhada com uma boa bússola moral. Agira assim por cinco anos, com uma dúzia de missões bem-sucedidas.

E, agora, um fracasso.

Um tiro abafado.

O baque de um peso morto.

A camisa de flanela azul manchada pelo sangue de Jack era uma acusação e um testemunho de sua perda, seu sudário de Turim.

“Pai? Não. Não. *Não!*”

Evan guardou o tecido endurecido no fundo falso, cobriu a abertura com o painel de madeira e arrumou as cuecas na gaveta. Depois, fechou-a com um som abafado.

Não havia conseguido salvar o próprio pai. E não salvara o pai de Katrin.

Tudo que podia oferecer a ela era vingança.

Ele passou pela cama suspensa a caminho da porta e seguiu descalço pelo corredor frio onde estavam penduradas as gravuras japonesas em peças de madeira e a espada.

Cacos de vidro do copo ainda cobriam parte da bancada e da pia. O cheiro de álcool era forte — a fragrância

antisséptica de uma vodca de preço exorbitante. Ele retirou os cacos de vidro, passou um pano úmido na bancada e limpou a pia. Um dos azulejos ficara lascado. Ele passou a unha pelo pequeno dano, como se fosse possível consertá-lo e recuperar sua perfeição.

O dano persistiu.

Evan havia acabado de sentar e respirava profundamente, preparando-se para meditar, quando um barulho agudo e persistente o tirou de sua pose tranquila sobre o tapete turco. Ele não identificou o som imediatamente. O barulho se repetiu, estridente o bastante para fazer vibrar os dentes. Não era um alarme, mas o telefone fixo que raramente usava e que só havia instalado porque a associação de moradores exigia um número fixo.

Assim que aproximou o fone do ouvido, ele ouviu a voz de Mia.

— Líquido desentupidor de ralo na garrafa de água? Onde estava com a cabeça?

Evan bufou em silêncio.

— Sei que estava brincando — continuou ela. — Ele me disse que foi uma *piada*. Mas e se ele repetir para a

professora? Isso pode ser considerado uma ameaça terrorista. Você não imagina como as escolas estão malucas.

Evan retraiu os lábios entre os dentes. Mordeu a boca. Tentou relaxar os músculos do pescoço.

— Você tem razão.

— Sabe de uma coisa? Não é sua culpa. É minha culpa. Eu não devia... Não sei.

— Eu entendo — disse Evan.

— Tudo bem. — Uma pausa breve. — Hum, tchau, então.

— Tchau.

Bom, era isso. Ótimo. Sem complicações. Sem distrações. Havia feito uma incursão breve e anormal em uma situação doméstica complicada e agora podia voltar a cuidar do trabalho e da situação consideravelmente perigosa envolvendo Katrin e ele mesmo.

“A vadia é a próxima. E depois é você.”

Pela manhã, voltaria a encontrar Katrin. Estudaria as pessoas por trás do assassinato do pai dela. E eliminaria os assassinos antes que pudessem se tornar uma ameaça maior.

Evan desistiu da meditação e atravessou o corredor, sentindo o concreto frio sob os pés descalços. Tomou um banho quente e se enxugou. A plataforma suspensa do colchão balançou ligeiramente quando ele deitou. Depois de

abrir um espaço mental, seu parque pessoal, ele o ocupou com os carvalhos de sua infância, aqueles que via pela janela do dormitório na casa de Jack. Sempre se imaginava movendo-se pelo toldo alaranjado das copas, dez metros acima do chão. Ele fez uma lenta contagem regressiva a partir do número dez, parte de uma técnica de auto-hipnose para pegar no sono.

Estava começando a cochilar depois do zero quando o alarme disparou. Uma série de bipes entrecortados. Invasão por janelas ou varandas.

Ele pulou da cama e aterrissou sobre os pés e as mãos. Com dois rolamentos no chão, passou pela porta do banheiro. Então, usou a alavanca na torneira do chuveiro para entrar no Cofre.

Seus olhos varreram os monitores. Nada, nada, *ali*. Um objeto estranho batendo em sua janela.

Ele suspirou irritado ao descobrir o que era.

Depois de silenciar o alarme, voltou ao quarto e ergueu a cortina blindada. Flutuando do lado de fora, viu um balão de gás hélio.

Com o logotipo de uma loja de calçados infantis.

Todas as janelas do edifício tinham uma abertura de apenas cinquenta centímetros na parte superior, travadas

por uma dobradiça. Evan havia desabilitado a trava de segurança da janela do seu quarto, caso precisasse sair do prédio rapidamente durante uma invasão frontal da cobertura. Depois de abrir completamente a janela, ele puxou o balão e notou que estava preso a uma linha de pipa que descia pela lateral do edifício até, ele imaginava, o décimo segundo andar. Um bilhete dobrado havia sido preso ao balão com fita adesiva. Evan pegou o papel e leu a mensagem: “Desculpa, contei sua piada para minha mãe. Desculpa? Marca sim ou não. Seu amigo, Peter”.

Presos ao lado do bilhete, ele encontrou um lápis e uma agulha de costura.

Evan rangeu os dentes até sentir a vibração no crânio. Uma equipe de assassinos profissionais o perseguia e ameaçava a mulher que ele havia jurado proteger. O pai dela foi assassinado. Dois mandamentos foram jogados pela janela. A última coisa de que precisava era um menino de 8 anos invadindo seu apartamento e interrompendo seu sono com bilhetinhos de sala de aula.

Evan fechou a janela e voltou para a cama. Sob o lençol, desligou-se do mundo na escuridão no colchão suspenso. Contou outra vez de dez a zero, mas o sono não veio. Mantinha os olhos fechados, o foco no corpo, no peso dos

ossos, na respiração tranquila. De vez em quando, ouvia o balão guinchando baixinho ao se mover pelo teto.

Irritado, jogou o lençol longe e foi buscar o balão. Pegou o lápis, fez um “X” no quadrado ao lado de “sim” e usou a agulha para furar o balão. Depois, abriu a janela e jogou o balão murcho para o lado de fora. Estava fechando a janela quando hesitou. Ao olhar para fora, viu duas mãozinhas puxando a linha de pipa para dentro de uma janela nove andares abaixo.

Gato e rato

— O que está fazendo? — perguntou Katrin. Ela se levantou da cadeira próxima à mesa para encará-lo de maneira suplicante no quarto daquele hotel barato. Mais precisamente, olhava para as costas dele.

Evan continuava em movimento, concentrado no quarto, ou, na verdade, nos três quartos adjacentes, do 9 ao 11. Eles tinham uma estrutura idêntica: mobília de módulos, porta frontal, uma janela grande na frente e uma janela no fundo. Mantinha as portas de ligação abertas, de forma que, estando no quarto de Katrin, pudesse ter uma boa visão de todo o espaço. Agora ele queria obscurecer esses campos de visão em vantagem própria.

— Eles nos encontraram antes — disse ele. — Não sabemos como. O que significa que não sabemos quando nos encontrarão novamente. — Ele ajustou o ângulo de uma porta de ligação para poder ver, entre as dobradiças, a janela vizinha no fundo do quarto. As cortinas finas

proporcionavam uma visão nebulosa das enormes lixeiras no beco e dos galhos de uma árvore moribunda. Ele havia deixado o Ford Taurus cinza, naquele tom tipicamente escolhido por empresários, no estacionamento de um prédio fora do beco. Depois do tiroteio em Chinatown, tinha elevado muito suas precauções habituais e agora usava o carro tirado de um antigo estacionamento ao lado do aeroporto Burbank, onde ele havia passado muito tempo.

Fechando um olho para ganhar perspectiva, ele empurrou a porta um centímetro e, depois, mais um. *Pronto.*

— Cada vez que um de nós sair deste quarto, aumenta o risco de sermos encontrados. Cada vez que circulamos juntos, aumentamos o risco de sermos encontrados.

— Não podemos fugir? — perguntou Katrin. — Meu passaporte está na bolsa. Trago ele comigo desde que isso começou, junto com algum dinheiro. Não é muito, mas...

— Não dá para fugir desse tipo de problema. — Evan a interrompeu ao passar por ela.

Ele ajustou a porta de ligação com o quarto 11, do outro lado, até conseguir um ângulo semelhante ao que obtivera na outra porta. Pegou a cadeira que Katrin havia deixado vaga e a colocou precisamente no meio do caminho entre as portas, de forma que, sentado ali, aumentasse ao máximo as

pequenas vantagens que havia criado com o ajuste das portas e do campo de visão pelas dobradiças.

— Por que não? — perguntou ela.

— Ele vai atrás de você. — Com movimentos rápidos, ele empurrou um dos criados-mudos até a janela da frente do quarto. Depois, pegou a pasta que estava em cima da cama, pôs sobre o criado-mudo, digitou a senha e levantou a tampa, apontando a lente embutida para uma brecha entre as cortinas da janela. — Essa equipe é muito boa. Temos de ficar escondidos e pensar em um contra-ataque.

Pelo celular, ele assistiu ao vídeo capturado pela lente e reposicionou a pasta até ter uma visão completa do estacionamento.

Então, sentou-se na cadeira, de costas para a pasta, e apoiou o celular na televisão à frente dele, estabelecendo um ângulo de visão de mais ou menos 360 graus pelos dois quartos vizinhos e por todo o espaço externo. Pela primeira vez desde que chegara, ele a encarou.

Katrin era muito pequena. Tinha a estrutura delicada de uma dançarina, com braços esguios, músculos firmes, pulsos finos e postura ereta. Usava um lenço amarrado como faixa na cabeça, e mechas curtas brotavam sob a faixa em todas as direções. Seus cílios estavam demarcados com rímel, uma

camada pesada, mas não exagerada, e os olhos avermelhados pareciam cansados. Um rubor ainda tingia o pescoço e o contorno do nariz, uma coloração ainda mais pronunciada na pele branca como leite. Era evidente que a noite havia sido de muito choro e pouco sono, embora ela se controlasse desde sua chegada.

— Tem razão — disse ela. — Que diferença faz? Já mataram meu pai. — Havia na voz um traço inegável de dor. — Se a gente ficar... — Os olhos se encheram de lágrimas. — Vai pegar essa gente pelo que fizeram? — Katrin se abaixou diante dele, segurou suas mãos e o fitou com aqueles olhos verdes e vibrantes.

— Vou.

Ela levantou e piscou para conter as lágrimas.

— Eu sempre acabo do lado errado. Relacionamentos, jogos, finanças. Sei que a culpa é minha, mas nunca faço as coisas do jeito certo. Sempre perco. E, quando era mais importante, com Sam... — Ela não consegue terminar a frase. Quando volta a falar, sua voz está rouca. — Queria tanto que tivesse sido diferente. E não foi. — Ela olhou para Evan, sentado ali com o estranho equipamento de vigilância, e foi como se voltasse ao presente. — Como eu devo te chamar? “O Homem Aqui e Agora” é meio estranho, não é?

— Uma risadinha. — Cuidado com o atirador atrás de você, *Homem Aqui e Agora*. Ei, *Homem Aqui e Agora*, passe o sal.

— Evan.

— É seu nome verdadeiro?

— Faz diferença?

— Evan — experimentou ela. — Evan.

A tela do celular mostrou uma caminhonete enferrujada entrando no estacionamento. Um homem mais velho com um bigode branco desceu do automóvel e andou até a recepção.

— Vamos desmontar cada detalhe do que aconteceu para entender como eles nos encontraram no restaurante — disse Evan. — Mas, antes, temos de estabelecer alguns protocolos. Você deve ficar no quarto pelo máximo de tempo possível. Quando eu não estiver com você, deve ser extremamente cautelosa. Preste atenção em tudo à sua volta.

— Para quê?

— Para ver qualquer pessoa que se aproxime.

— E como eu vou ver? Como vou fazer *alguma coisa* se eles são tão bons quanto você diz que são?

O ronco de um motor soou além da parede do fundo. Evan acompanhou a sombra do carro nas cortinas dos três quartos.

Quando o som desapareceu, ele voltou a se concentrar em Katrin.

— Você joga pôquer.

— Sim.

— Como lê seus adversários?

— Não é a mesma coisa.

— Responda.

Ela respirou fundo. Prendeu a respiração.

— Os perfeccionistas são fáceis. Estão sempre limpando os óculos. Unhas curtas. Empilham as fichas. Costumam ser mais assustados, mais fáceis de enganar com um blefe. Quando estão mais perto de ganhar, jogam com mais cautela.

— Ela sentou-se na cama e cruzou as pernas sob o corpo.

Na tela do celular, Evan viu o velho de bigode branco sair da recepção girando as chaves de um quarto em um dedo. Ele sumiu de cena, e, um instante depois, Evan sentiu a vibração de uma porta abrindo e fechando ao longe.

— Os olhos dão sinais, por isso os profissionais usam óculos escuros e boné — continuava Katrin. — As pupilas se contraem numa rodada ruim, embora seja difícil notar se o lugar estiver pouco iluminado. Se a mão é *boa*, o jogador olha para o que tem na mão por mais tempo, antes de a banca virar as três cartas na mesa, o *flop*. Há muita bobagem

sobre mentirosos desviarem o olhar, não conseguirem manter contato visual e piscarem mais, mas isso não vale para mentirosos treinados. Eles encaram como se quisessem abrir um buraco na sua testa. E é preciso ouvir quando falam também. A fala é mais fluida quando estão confiantes.

Outro movimento no vídeo chamou a atenção de Evan. Um SUV entrava no estacionamento pela extremidade oeste. O motorista parou na frente da recepção, mas deixou o motor ligado.

— Como você está falando agora? — perguntou ele a Katrin.

Ela quase sorriu.

— Sim. E quando estão propensos, os pés apontam para dentro.

— Propensos?

— A sair do jogo. Sem confiança. Mas nem sempre dá para ver a posição dos pés embaixo da mesa, então... — Um movimento de ombros. — O mais importante é perceber e interpretar os padrões.

Ninguém havia saído do SUV. Pelas paredes finas, Evan ouvia o barulho do motor. A câmera acoplada na pasta proporcionava uma imagem nítida pela tela do celular, mas o ângulo não lhe permitia ver a placa do carro. As janelas não

eram escurecidas e havia dois homens nos bancos da frente. Eles conversavam. Nada alarmante. Ainda.

— Alguns jogadores ficam agressivos e blefam mais intensamente e com mais frequência, mesmo quando não têm nada. Dá para ganhar muito se você souber quando desmascarar um blefe. E às vezes é bom blefar e perder. É um dinheiro bem gasto, se mostra que você é imprevisível. Considere como um investimento que vai render dividendos nas próximas rodadas. Esse é o lance no pôquer. Você não joga com sua cartada. Você joga com a cartada *do outro*.

— É isso que vamos fazer com as pessoas que mataram seu pai.

Ela entreabriu os lábios, e Evan viu a compreensão se espalhar por seu rosto.

Um Scion roxo entrou no estacionamento seguido por outro SUV. Evan se inclinou para a frente e acomodou o celular na palma da mão para enxergar melhor.

Nenhum carro tinha placa.

O Scion parou em uma vaga perto da rua. O segundo SUV seguiu em frente.

Evan se levantou.

— O que foi? — perguntou Katrin. — O que foi?

— Ligou para alguém a partir desse quarto?

— Não.

O SUV passou pela frente da recepção e continuou até a viela nos fundos do hotel.

— Não saiu daqui? Nem por um segundo? Abriu a porta quando pediu comida?

Evan mantinha os olhos colados na tela do celular. As portas do primeiro SUV foram abertas, e os dois homens saíram. Musculosos, camiseta preta, andar leve. Considerando o porte físico e o corte de cabelo, Evan deduziu que eram ex-militares.

— Não. *Não!* Evan, o que foi?

Os homens levaram uma das mãos ao coldre preso ao quadril, mas nenhum dos dois sacou a arma. Eles entraram no estacionamento no mesmo instante em que a luz dos faróis atravessou as cortinas finas do quarto 9. O segundo SUV chegando à viela. Estavam cercados.

Era impossível que o houvessem rastreado. Tinha sido muito cuidadoso. O que significava que Katrin alertara os assassinos. Mas e o atirador que havia mirado o coração dela através da janela do restaurante?

Seu rosto estava ainda mais pálido. Ela o encarava com a boca contraída, pressionando os lábios finos e sem cor.

A luz dos faróis não se movia mais. O automóvel estava parado atrás do quarto 9. A área ampla coberta pelos homens na frente do prédio abrangia os três quartos vizinhos. Isso significava que alguém os havia delatado.

Evan agarrou Katrin, virou-a e começou a revistá-la. Confiando nela ou não, tinha de protegê-la. Era o décimo e mais importante mandamento: “Nunca deixe um inocente morrer”.

Não havia nada nela.

— O que está fazendo? — protestou Katrin. — Foi você que acabou de chegar aqui... Como na última vez. Você foi enganado.

— Embaixo da cama.

Ela obedeceu e sumiu embaixo da cama. Os babados da colcha balançaram com o movimento.

Com a pistola na mão, ele se posicionou na frente da cadeira, olhando para o quarto 9, à esquerda, pela brecha que havia criado entre as dobradiças da porta.

Uma sombra passou de modo quase invisível pelo canto inferior da janela ao fundo, mas o contorno de uma arma foi desenhado na cortina transparente. A silhueta mostrou um volume maior na ponta do cano, um silenciador caseiro,

provavelmente serrado de um cartucho de filtro de óleo. Impossível de rastrear e criado para ser usado só uma vez.

Ferramenta de um assassino.

Na tela do celular, ele viu os dois homens no estacionamento, ainda em seus lugares, guardando posições, o que significava que o ataque viria pelas janelas do fundo. Os homens no estacionamento estavam lá para matá-los, caso ele e Katrin tentassem fugir pela frente. O escapamento do Scion liberava finas nuvens de fumaça no limite da propriedade, a posição de vigília de quem comandava a missão. O atirador de Chinatown o esperava com o rifle preparado?

Evan organizava as prioridades operacionais. Quais ângulos cobrir, quem derrubar primeiro, as melhores rotas de fuga.

Embaixo da cama, a respiração irregular de Katrin era audível. Tão silenciosamente quanto podia, ele mandou que ela ficasse em silêncio.

A silhueta além da janela do quarto 9 abaixou-se e desapareceu. Evan se esforçou para ouvir os passos no beco. Levantou a Wilson, apontando lentamente para a janela atrás dele, calculando o progresso do atirador que rastejava por baixo do parapeito do quarto 10.

No momento esperado, notou um movimento pela brecha estreita da porta de acesso ao quarto 11. A silhueta voltou a ficar em pé.

Um ruído baixo no quarto 9 seguido pelo estalo abafado da fechadura da janela. O parceiro. Sua mão em uma luva preta, sombria atrás da cortina balançada pelo vento, segurou a vidraça e a levantou silenciosamente.

Eles entraram nos dois quartos laterais ao mesmo tempo.

— Para que me chamou se não posso sair do carro? — reclamou Candy.

— A equipe de campo vai iniciar o ataque — respondeu Slatcher. — Eu sou a retaguarda. Você fica com a limpeza. Essa é sua especialidade.

Candy pareceu chateada.

— E eu que estava certa de que a gente ia pôr a mão na massa como nos velhos tempos...

Espremido atrás do volante do Scion, Slatcher se concentrou nas mensagens de texto que surgiam diante de seu olho direito. Mais precisamente, projetadas em alta definição a partir de um mecanismo na lente de contato. Top Dog estava falando, e, quando TD falava, todo mundo ouvia.

Top Dog amava seus brinquedos, especialmente aqueles que favoreciam uma comunicação segura. Os últimos e mais incríveis tinham a ver com itens de vestuário tecnológicos. As lentes de contato projetavam imagens nítidas. Moldar as células de cristal líquido numa estrutura esférica deve ter sido um inferno, mas isso não preocupava Slatcher. Sua preocupação era impedir que aquela coisa secasse durante uma missão.

A última mensagem de texto de TD rolava diante de seus olhos. Área cercada?

Slatcher levantou as mãos e digitou em um teclado imaginário projetado no ar. A resposta apareceu a meio metro de seu rosto: Sim. Perímetro estabelecido.

Ele usava unhas postiças com identificação de radiofrequência para digitar e enviar mensagens literalmente no ar. Não havia limite para a beleza dos produtos tecnológicos de Top Dog.

Ao lado de Slatcher, Candy mexia no cabelo e assobiava o refrão da música “Girls Just Wanna Have Fun”.

OS DOIS ALVOS FORAM CONFIRMADOS?

AINDA NÃO.

QUANDO?

Um dos homens que aguardava no estacionamento olhou para o Scion e moveu a cabeça num gesto afirmativo discreto. Os dedos de Slatcher se moveram alguns centímetros acima do volante.

AGORA.

De olho na mão coberta pela luva preta que entrava pela janela do quarto 9, Evan esticou o braço para trás e pegou a pasta colocada em cima do criado-mudo. Depois, passou pela porta de ligação com o quarto 9 e abaixou-se, colocando a pasta sobre o carpete gasto logo além da porta. O rosto de Katrin, virado de lado e dominado pelo pânico, preenchia o espaço embaixo da colcha de babados. Ela tremia. Por cima da cama e pela brecha na porta, viu a cortina da janela do quarto 11 se mover. A invasão seria feita pela janela.

Evan fez um gesto de calma para Katrin, movendo a mão aberta em direção ao chão. Depois, voltou ao quarto 9.

O invasor estava pronto para entrar. A mão com a luva se apoiou no parapeito da janela para dar impulso. Uma bota passou pelas cortinas. Evan avaliou a posição do homem, movendo-se para um ponto cego, e colou o corpo à parede ao lado da janela, com as costas pressionadas contra o gesso.

Tinha de ser discreto.

Se houvesse tiros, se o invasor atirasse ou caísse, a equipe de apoio no estacionamento entraria em ação.

Evan deixou a pistola no chão, ao alcance da mão, e abriu a faca Strider. Ela estalou quando a lâmina preta foi destravada.

O volume ameaçador do silenciador passou por entre as cortinas. Um ombro largo e musculoso apareceu em seguida.

Evan não se moveu.

A bota estava dentro do quarto, procurando o chão. O suor brilhava na nuca e na parte posterior da cabeça de cabelo quase raspado. Veias salientes marcavam a mão e o pulso, e os dedos seguravam a pistola com firmeza.

Evan estava tão perto que poderia estender o braço e cutucar seu ombro.

Um leve tremor reverberou nas tábuas do piso. Uma bota pisava o assoalho do quarto 11. Katrin, escondida no quarto ao lado, logo estaria ao alcance do segundo invasor.

Prioridades.

Evan manteve-se atento ao homem diante dele, eliminando todos os outros fatores. Com grande dificuldade, o invasor passou o tronco entre as cortinas e apoiou o peso do corpo na perna que já tocava o piso do quarto. Enquanto

movia a outra perna, olhou rapidamente para a porta de ligação, mas Evan continuava escondido e imóvel.

O joelho do homem se aproximou de seu peito quando a segunda perna passou por cima do parapeito. Ele estava dentro do quarto. Endireitou as costas. Começou a virar-se.

Evan deslizou para perto dele, segurou sua cabeça e passou a lâmina pelo pescoço. Os corpos estavam colados, peito com costas, um contato de corpo inteiro para impedir qualquer barulho de luta ou tentativa de resistência. Evan empurrou a cabeça do invasor para a frente, colocou o queixo contra o peito para impedir que os pulmões se dilatasse e, ao absorver o ar, delatassem sua localização. A arma do homem caiu dos dedos sem vida, mas Evan a pegou no ar enquanto se abaixava para colocar o corpo sobre o tapete.

Tudo aconteceu silenciosamente. Os calcanhares do invasor roçaram o tapete sem fazer barulho. Seus olhos reviraram. Os lábios se moveram, mas não houve som, não depois do que Evan havia feito com sua traqueia. A poça de sangue criada pela carótida cortada se alastrava, cercado sua cabeça como um halo.

Evan moveu-se em silêncio até a porta de ligação com o quarto 10, parando um pouco antes da soleira e tirando o celular do bolso. A pasta continuava aberta no chão, e a

câmera embutida enviava para a tela do seu celular uma imagem inclinada do quarto, mostrando a junção da parede com o teto, a cabeceira da cama e a metade superior da porta de ligação com o quarto 11. Uma cabeça surgiu na tela quando o homem entrou no quarto 10. Evan via só uma parte do ombro do invasor, que agora estava em pé ao lado da cama, mas Evan não conseguia determinar os detalhes de sua orientação.

Não tinha a visibilidade necessária.

Então, ele esticou a perna, empurrando delicadamente com um pé um canto da pasta, sempre atento ao vídeo na tela do celular.

Um lado do pescoço do invasor surgiu na tela. Uma face. Um olho. Dois. Evan tinha a cabeça dele emoldurada e um pouco mais.

O homem olhava em volta, mas não notou o movimento infinitesimal da pasta nas sombras além da porta de ligação.

A mão de Evan suava contra a capa de borracha do celular. Olhando para o vídeo, tentava decidir entre atacar ou esperar.

Então, o homem se abaixou e desapareceu.

Evan se esforçou para ouvir algum barulho, mas não havia nada. O homem estava olhando embaixo da cama? Não podia esperar mais. Com a ponta do sapato, empurrou um

pouco mais a pasta, e o vídeo na tela do celular mostrou uma cena diferente. A colcha da cama, o criado-mudo com um abajur... e, então, o homem. Estava abaixado ao lado do colchão, segurando uma pistola e aproximando a outra mão dos babados da colcha.

Na tela pequena, Evan viu Katrin embaixo da cama, os olhos, a boca se abrindo antes do grito. A pistola apontada para a cabeça dela.

Evan chutou a pasta para dentro do quarto 10. Ela girou no carpete e ricocheteou atrás do invasor. O vídeo girou vertiginosamente na tela do celular. Uma imagem das botas do sujeito encheu a tela do celular. Aparentemente, a pasta havia parado atrás dele, e o pé esquerdo iniciava um giro assustado.

Evan deu um salto gigantesco, passou pela porta e agarrou a mão armada que virava em sua direção. Segurando o pulso do invasor pela parte interna, empurrou o braço para fora num movimento violento de rotação, fraturando ossos e tendões. Ao mesmo tempo, a faca perfurava o peito exposto várias vezes, cada golpe em um ponto diferente entre as costelas.

A expressão de surpresa no rosto do homem era pronunciada. Ele era um assassino de elite, e morrer,

evidentemente, não fazia parte dos seus planos.

A arma caiu em cima da cama, onde quicou duas vezes, e Evan deitou-o sobre o colchão.

Katrin olhava para ele com uma expressão que Evan não conseguiu identificar imediatamente. Horror, talvez.

Com um dedo diante dos lábios para pedir silêncio, ele estendeu a outra mão para ela.

Katrin virou-se de costas para o chão e estendeu a mão. Ele a puxou e a ajudou a levantar-se. Um gorgolejo molhado chamou a atenção dos dois para a cama.

— Meu Deus — disse Katrin, falando alto demais. — Ele está...?

A janela da frente explodiu com um estrondo de tiros alto o suficiente para ensurdecê-los. Evan virou-se para proteger Katrin, e os estilhaços atingiram suas costas. Ela gritou, com a boca colada em seu peito, e o som vibrou na pele através da camiseta.

Ele a levou para o quarto 11. Afastando as cortinas, praticamente jogou-a no beco nos fundos do quarto e pulou atrás dela. Uma pena vermelha de sangue manchava o rosto de porcelana, com um caco de vidro brilhando na pele.

— Sua pasta — disse ela. — E o...

Ele a puxou pela mão até a vaga onde estacionara o Taurus. Os dois entraram no carro, e ele arrancou em alta velocidade. Passou direto pelo primeiro cruzamento, virou à direita e parou atrás de um restaurante Norms, mantendo o motor ligado. Alguns clientes se reuniram na calçada e olhavam na direção dos tiros. Outros corriam para seus carros, protegendo as crianças.

— O que está fazendo? — perguntou Katrin. — Vamos sair daqui. Por que parou?

Ele tirou o pé do freio e deixou o carro mover-se lentamente para a frente até conseguir enxergar o estacionamento do motel a um quarteirão. O Scion roxo continuava lá, na mesma vaga perto da rua.

Ele pegou o celular, que continuava mostrando o vídeo captado pela lente na pasta. Agora, via apenas um trecho estreito do carpete do quarto 10, coberto de cacos de vidro.

— Reconheceu aquele homem? — perguntou ele.

— Não.

— Nunca o viu antes?

— *Não.*

Um par de botas surgiu na tela do celular. A imagem girou e enquadrou o rosto endurecido de um homem. Um dos

homens que estavam no primeiro SUV. Atrás dele, em cima da cama, duas pernas tremiam sacudidas por espasmos.

— E esse? — perguntou Evan.

— Não. Juro.

O homem tocou em uma orelha e falou:

— Perdemos dois, Slatcher. Bom, merda, perdemos um e três quartos. Gonzalez está todo fodido.

Não dava para ouvir o outro lado da conversa.

Atrás do homem, outra voz gritou:

— Nada! — O parceiro passou pelo fundo do vídeo e entrou no quarto 11. O grito foi repetido: — Nada! — Ele voltou correndo ao cenário principal. — Parece que fugiram pelo beco. Ele quer que a gente vá atrás? — O parceiro inclinou a cabeça, olhando diretamente para a lente. — Que merda é essa?

— Será que a gente pode sair daqui, por favor? — pediu Katrin.

Evan olhou para o Scion, mas viu apenas o reflexo do sol de meio-dia no para-brisa. Quem estava atrás do volante esperava a equipe confirmar a presença do alvo, deixando que outros se expusessem ao maior risco.

E eles se exporiam a mais do que um risco.

Katrin interrompeu seu pensamento mais uma vez:

— O que estamos esperando?

Pela tela do celular, Evan viu o segundo homem se aproximar e parar ao lado do parceiro. Eles se abaixaram para analisar melhor a pasta.

— Isso. — Evan digitou uma senha no celular.

A explosão reverberou por todo o quarteirão. Agora, a tela do celular só mostrava estática. Algumas pessoas gritaram, mas Evan não olhou para elas.

Ele olhava para o Scion.

Finalmente, um homem alto e encorpado saiu pela porta do motorista e olhou para o outro lado do estacionamento. As mãos se ergueram e os dedos se moveram no ar, como se ele tocasse um piano imaginário.

Uma mulher saiu pela porta do passageiro. Usava chapéu de aba larga e óculos de sol; o cabelo loiro estava desgrenhado. Não dava para ver a fileira de quartos, mas a fumaça se espalhava a partir do quarto 10.

O homem e a mulher não foram ver o que tinha acontecido. Eles olhavam para a rua, os carros estacionados, as janelas dos prédios vizinhos. Interessados não na explosão ou nos homens que haviam perdido, mas na área do entorno. Estavam acostumados a táticas de distração, a ataques secundários e a ler o tabuleiro de xadrez.

O homem olhou na direção do restaurante. Antes de ser visto, Evan engatou a ré, manobrou e tomou a direção da estrada.

Esconderijo

As placas verdes de sinalização da estrada 10 passavam depressa sobre o carro. Evan ultrapassou dois caminhões e pisou fundo no acelerador. Tinha de levar Katrin para um lugar seguro e, nesse momento, qualquer coisa que não estivesse sob seu controle direto não era segura. O que significava que faria uma coisa que nunca havia feito.

Levaria uma cliente para uma de suas casas.

Tinha certeza de que não havia sido seguido no caminho até o hotel. Então, como ele e Katrin foram rastreados? Ele examinava as possibilidades, revendo imagens específicas do hotel como se fossem clipes, vendo algumas cenas em câmera lenta e até congelando alguns quadros para verificar detalhes. Esse era um benefício adicional do tipo de meditação que fazia, que melhorava a memória e ajudava a intensificar a consciência. Esse era o objetivo quando ele meditava, lutava ou buscava a correspondência: ver tudo como se fosse a primeira vez.

Ele se viu saindo do carro estacionado nos fundos do hotel. Tinha alguém nos carros parados no estacionamento da frente? Não. Turistas andando por ali, tirando fotos? Não, só uma mulher com dois filhos parada na calçada esperando enquanto o pai colocava moedas no parquímetro. Quando se registrou, a recepcionista verificou a placa de seu carro? Não. Havia uma câmera de segurança atrás do balcão. Katrin estava com ele. Hoje em dia, a maioria das imagens de câmeras de segurança é guardada em um servidor on-line.

Esse raciocínio não levou a nada.

Se estivesse caçando Katrin, o que *ele* teria feito? Presumindo que o alvo desejaria se recuperar depois do atentado do atirador, ele procuraria em todos os hotéis de nível médio ou baixo num raio de cinquenta quilômetros. Eliminaria os hotéis que não tivessem acesso fácil à estrada e as grandes cadeias com procedimentos fixos de *check-in*. Depois, acessaria as câmeras de segurança dos hotéis que restassem e usaria programas de reconhecimento facial nas imagens. Isso exigiria muitos recursos e *know-how*, sem mencionar uma sorte tremenda. Implausível? Muito. Mas, dependendo de quem Las Vegas havia contratado e da eficiência dessa gente, não era impossível.

Se fizeram realmente todo esse esforço, por que não considerar o uso de imagens de satélite gravadas nos quarteirões em volta do restaurante depois do tiroteio? O Chrysler não teria aparecido, porque o deixara na viela, mas ele poderia ter sido captado ao entrar na rua Hill. E alguns quarteirões depois, no estacionamento da loja de bebidas, onde havia revistado Katrin. Mantivera-se perto o bastante do prédio para usar a sombra do edifício como esconderijo?

Evan se conteve e trouxe os pensamentos de volta à realidade. Se uma missão desse porte estivesse em andamento, teria havido uma equipe tática completa em atuação durante o ataque ao restaurante, e não um atirador na janela de um apartamento do outro lado da rua. Esses cenários eram exagerados até para sua paranoia.

Não era muito mais provável que Katrin o houvesse delatado?

Mas por que ela o entregaria para as pessoas que estavam tentando matá-la?

Katrin olhava pela janela, com os pés em cima do banco, uma unha na boca e a testa encostada no vidro. Ele se perguntou o que ela estaria escondendo.

O sangue em seu rosto havia secado, mas o caco de vidro ainda brilhava no corte. Ele cuidaria do machucado quando

chegassem ao seu destino.

Finalmente, ele decidiu levá-la para uma casa no centro da cidade, um apartamento no quinto andar de um prédio na rua Flower, com vista parcial para o Staples Center. Como todas as suas casas, essa também não tinha rastros e podia ser abandonada ou destruída caso algo corresse mal. O financiamento e todos os pagamentos relativos a ela eram sacados em um banco para onde os fundos eram transferidos por uma conta em nome de uma empresa falsa. Se alguém invadissem o apartamento, não encontraria nada que o identificasse.

Por ser um só cômodo, o *loft* abrigava os melhores equipamentos de Evan. Havia câmeras de segurança filmando todo o espaço. Seria preciso observar Katrin quando não estivesse com ela.

Não conseguia confiar nela.

Ela não falou nada durante o trajeto, nem mesmo quando ele chegou ao centro da cidade. Quando estacionou na garagem subterrânea, Evan sentiu as mãos doloridas pela força com que apertava o volante. Olhou para Katrin, que continuava olhando pela janela. Ninguém no mundo poderia conectá-lo àquele prédio. Até agora. Cada desdobramento

dessa missão a tornava mais perigosa, porque, a cada novo passo, chegava mais perto da vida pessoal de Evan.

A garagem era apertada, com vagas estreitas, curvas fechadas e carros grandes espremidos dentro das linhas pintadas no chão. As lâmpadas no teto eram fortes. Bicicletas estavam enfileiradas em uma estrutura de metal que ocupava uma parede inteira. Travas de segurança pendiam nos poucos espaços vazios, presas a rodas cujos quadros haviam sido roubados. Era um prédio bom, mas não muito. Evan encontrou uma vaga no fundo da garagem.

Quando saiu do carro, Katrin não se mexeu, por isso ele deu a volta por trás do automóvel e abriu a porta para ela. Quando desceu do carro, os movimentos dela eram lentos em razão do choque.

Ou ela fingia muito bem.

Apesar de não haver ninguém ali, ele ajeitou o lenço na cabeça de Katrin, de modo a cobrir seu rosto e escondendo o corte com sangue seco. Ela olhava através dele. Depois de pegar uma mala no porta-malas, ele a levou para uma escada no fundo da garagem. Eles subiram até o quinto andar e entraram no *loft* sem encontrar ninguém.

O apartamento tinha apenas o essencial, um *futon* sobre uma estrutura de madeira, alguns pratos e panelas, um jogo

de toalhas dobradas sobre a pia do banheiro.

Katrin olhou em volta.

— Que lugar é esse?

Evan deixou a mala no chão, soltou as travas e levantou a tampa à prova d'água. Havia várias ferramentas e armas acomodadas no revestimento de espuma. Ele montou o detector de junções não lineares.

Katrin cruzou os braços e moveu a cabeça na direção da haste preta.

— Sério? Vai me revistar *de novo*? Ainda não confia em mim?

Ele se levantou, segurando o equipamento.

— Não sei.

Com uma unha, ela limpou parte do sangue seco em um lado do queixo.

— Acha que eu... o quê? Tenho uma escuta? Um *chip*?

— Talvez.

— Tudo bem, tudo bem. — Cansada demais para ficar zangada, ela pisou no calcanhar de um sapato e o chutou para o lado. Depois fez o mesmo com o outro sapato. Deixou o lenço que cobria a cabeça cair no chão e tirou a camiseta com cuidado, alargando bem a gola para o tecido não encostar no rosto. — Vamos acabar com isso de uma vez por

todas. Não tenho nada para esconder. Nenhuma carta na manga. — As mãos tocaram o cinto, e, no instante seguinte, ela despia a calça jeans. Sem as roupas em estilo *hipster*, ela exibia uma silhueta inesperadamente firme. Ela abriu os braços. — Nada a esconder. Pode revistar.

Evan olhou para ela e fez um grande esforço para desviar o olhar do corpo exuberante. O corte no rosto não era grave, apesar de ter sangrado muito, como qualquer ferimento na face.

Ela respirava num ritmo alterado — as costelas se expandindo e retraindo, o rosto corado —, mas mantinha o contato visual.

— E então?

Evan deu um passo para a frente e fez a varredura. A curva das panturrilhas. A curva do quadril para a cintura. Os seios. A depressão das clavículas. A linha reta do cabelo na nuca.

Depois, esticou suas roupas no chão e usou o detector em cada costura e em cada prega. Novas tecnologias surgiam todas as semanas. Ele mesmo usava muitas e não queria deixar passar nem o mais fino fragmento ou fio de metal.

O equipamento vibrava normalmente, sem emitir nenhum sinal de reconhecimento.

Ele se levantou, e Katrin apontou para as roupas.

— Posso?

Evan assentiu, virando para o lado enquanto ela se vestia. O dia havia dado lugar à noite, e as luzes da cidade piscavam além da janela escurecida que formava a parede para o sul.

Quando terminou, ela parou na frente de Evan e estendeu a mão.

— Minha vez.

Seu olhar era intenso. Os lábios permaneciam selados, mas essa era a primeira demonstração de humor desde o assassinato do pai. Evan pensou em protestar, mas entregou o equipamento.

Ela fez a varredura dos pés até a cabeça, ficando na ponta dos pés para alcançar o rosto. Quando a extremidade da haste passou perto de sua têmpora, ele sentiu a respiração de Katrin como um contato suave sobre a pele. Ela terminou e devolveu o detector a ele, mas continuou bem perto, fitando-o.

— E agora? — perguntou ela.

— Sente aqui na bancada. — Ele apontou para um lugar embaixo de lâmpadas recuadas no teto, onde Katrin se sentou. Evan pegou uma toalha e itens de primeiros socorros no banheiro e voltou. Depois de umedecer a toalha com água

morna na torneira da cozinha, parou diante dela. Estavam frente a frente. Ela olhou para ele, para a toalha e para ele novamente. Afastou os joelhos para deixá-lo chegar perto e cuidar do corte.

Era superficial, como Evan imaginava, formado por um caco de vidro bem pequeno. Com a toalha úmida, ele limpou a área ao lado do queixo, removendo o sangue seco. Quando se aproximou do corte, Katrin se encolheu. Nervosa, ela olhava para a pinça guardada no compartimento transparente de primeiros socorros.

— Feche os olhos — disse Evan. — Preste atenção na dor. Como ela é?

Foi mais difícil tirar o sangue seco em volta do vidro, mas os resíduos acabaram saindo. Katrin mantinha os olhos fechados, mas as pálpebras tremiam. Ela engoliu em seco.

— É uma dor de um caco de vidro enfiado na porra da minha cara.

— Já é um começo. É quente?

— Sim. Quente.

— Tem cor?

— Laranja. Laranja e amarelo.

— Muda?

— Sim. Lateja.

— Escolha uma parte do seu corpo que *não* esteja doendo.

— A mão.

A mão dela estava apoiada em seu ombro.

— Tudo bem — respondeu ele, estendendo a mão para a pinça. — Sua mão. Preste atenção nela. Como é a sensação?

— Fria. Firme como uma pedra.

— De que cor é sua mão?

— Azul-cobalto.

— Sente cada dedo separadamente?

Ele sentiu a mão dela tremer sobre seu ombro.

— Sim — respondeu Katrin. — Sim. — Depois de uma pausa, continuou: — Vai usar a pinça agora, não vai?

— Já usei.

Ela abriu os olhos. Evan examinou o caco de vidro, virando a pinça como um joalheiro, e a peça refletiu a luz.

— Isso é mágico — disse Katrin.

No armário ao lado da geladeira, encontraram alguns produtos básicos, e ele preparou macarrão e aqueceu um molho pronto. Ela o via trabalhar no fogão.

— Esse é o encontro mais desgraçado que eu já tive — disse ela, e Evan sorriu.

Ele serviu um prato para ela. Katrin pôs a bolsa ao seu lado, em cima da bancada, e ela se abriu, revelando uma

carteira lotada, uma pequena bolsa de maquiagem e um passaporte.

Enquanto ela comia, Evan se afastou, abaixou ao lado da mala e começou a desmontar o detector.

— Tem alguma coisa para beber?

Era o momento perfeito para essa pergunta.

A tampa da mala escondia a mão em que ele segurava um frasquinho que havia tirado do revestimento de espuma.

— Há uma máquina de bebidas no saguão — respondeu Evan. — Não vá a lugar nenhum.

— Eu nem pensaria em ir.

Ele saiu do apartamento, entrou no elevador, desceu, pôs algumas notas na máquina e escolheu um isotônico roxo, sabor ponche de frutas. Subiu pela escada, parou em um andar vazio e levantou o frasquinho contra a luz. Lá dentro, uma fina camada do que parecia ser areia escura se moveu quando ele inclinou o frasco. Eram *microchips*, feitos de silicone com quantidades de cobre e magnésio. Essa tecnologia, desenvolvida pela indústria biofarmacêutica, havia sido copiada de uma droga em fase de testes para controlar diabetes. Uma vez ingeridos, os sensores se reuniam, gerando uma pequena voltagem quando os sucos digestivos eram estimulados. Essa voltagem enviava um

sinal para a pele do paciente, onde um adesivo lia os índices de açúcar no sangue e mandava a informação para o celular do médico daquele paciente. A variação adquirida por Evan mandava, em vez da leitura de açúcar no sangue, a localização do portador. Se não fosse repostas, a dose de *microchips* se desfazia no corpo e desaparecia depois de alguns dias.

Evan despejou as partículas na garrafa plástica e a sacudiu, dispersando o pó até se perder no líquido escuro. Então, continuou subindo as escadas.

Quando entrou no apartamento, Katrin estava atrás da bancada, limpando a louça do jantar. Evan tirou a tampa da embalagem, fingindo que ainda estava lacrada, e ofereceu a bebida a ela.

Ela balançou a cabeça.

— Não bebo essa coisa.

— O estresse queima eletrólitos. Beba.

Ela o estudou por um momento, pegou a garrafa e bebeu metade do conteúdo. Depois, deixou a garrafa em cima da bancada. Bocejando, andou até o *futon*.

— Tenho a sensação de que não durmo há um mês.

Totalmente vestida, ela deitou sob o edredom branco e fofo. Evan guardou a garrafa na geladeira e se aproximou de

Katrin.

— Vou deixar dinheiro em cima da bancada — disse ele.
— Siga as mesmas regras do hotel para pedir comida. Eu volto amanhã.

— Tudo bem — respondeu Katrin com a voz exausta. Estava deitada de lado, com o rosto voltado para a janela escura. Além de um rio de luzes, o Staples Center brilhava com o tom roxo do uniforme do Lakers.

De dentro da tampa do frasquinho, ele tirou um adesivo transparente do tamanho de um ponto e o preparou sobre o nó de um dedo. Então, aproximou-se do *futon* para ajeitar as cobertas sobre Katrin, deixando a mão passar pela região atrás da orelha e encostar na pele. O adesivo se transferiu para a pele, ficando ao lado das três estrelas tatuadas. Era à prova d'água e mais fino que filme plástico. Desapareceu perfeitamente.

Quando se afastava, Katrin se virou e segurou seu pulso.

— Não sei como vou agradecer por tudo que está fazendo — disse ela, sonolenta.

Ele assentiu e ajeitou as cobertas novamente. Ela voltou à posição anterior e fechou os olhos.

A caminho da porta, Evan pegou o passaporte de Katrin na bolsa aberta.

Falso ou verdadeiro?

Estava escuro quando Evan chegou a Northridge, e a lua era um buraco de bala na cúpula negra do céu. Manobrando por uma rede de ruas no terreno plano do Valley, ele chegou ao parque industrial que procurava logo depois da saída da rua Parthenia. O lugar tinha um jeito de estúdio de cinema, com prédios quadrados espalhados.

Os pneus do Taurus rangiam sobre o asfalto entre os edifícios, todos fechados depois do encerramento do expediente. Menos um.

Um ponto de luz brilhava acima da entrada do último prédio do complexo. Vinha de um poste de luz vitoriano que se erguia como uma escora em um canteiro de begônias. No lugar de uma lâmpada, o poste tinha um luminoso com o desenho de uma lâmpada e as palavras CraftFirst Restauração de Pôsteres em letras antigas. O conceito meta-Magritte era apropriado, já que a fachada de tijolos escondia um negócio atrás de um negócio.

Ele estacionou e tocou o interfone instalado em um painel. Um momento depois, a porta foi destravada e ele entrou, passando por um saguão pequeno de paredes lilás onde eram exibidos pôsteres *noir* italianos da década de 1940. Passando por outra porta e outro interfone, ele chegou ao amplo espaço de trabalho.

Estantes industriais cobriam todas as paredes e eram ocupadas por suprimentos variados. Recipientes de tinta, solventes de borracha e cimento, pincéis de ponta fina com cabo revestido de fita adesiva, espátulas e lâminas X-Acto. Rolos de lona de barraca, folhas Mylar e suportes para pôsteres. Pilhas de cantoneiras e barras para molduras. O lugar lembrava uma fábrica, com vários restauradores debruçados sobre gigantescas superfícies de trabalho feitas de compensado, restaurando pôsteres e gravuras antigas. As mesas com rodinhas eram posicionadas aleatoriamente onde houvesse espaço, oferecendo acesso rápido às outras tarefas.

A maioria dos restauradores utilizava grandes fones de ouvido plugados em iPods. Todos usavam óculos; esse tipo de trabalho desgasta a capacidade de visão. Um homem de cabelo brilhante ajeitou um pôster enrugado da versão britânica de *O dia do chacal* entre folhas de mata-borrão e o prendeu a uma prensa de rosca de ferro forjado feita no

século XIX. Ao lado dele, em uma bancada com uma pia, um profissional borrifava inseticida em um pôster alemão do filme *M*, enquanto um colega esfregava delicadamente um ponto manchado com uma esponja e sabão Orvus, um surfactante puro e sem cheiro usado em animais e na restauração de imagens, que facilitava a penetração da umidade nas fibras de papel. Os dois homens levaram rapidamente o pôster para uma mesa de sucção, que emitiu um ruído alto ao ser ligada e aspirou toda a umidade antes que ela pudesse secar no papel.

— Evan! Vem aqui! Você precisa ver isso!

Melinda Truong, uma mulher de cabelos escuros que desciam até a parte inferior das costas, afastou-se de um grupo de homens perto de uma estação de trabalho e acenou para ele. Quando se aproximou dela, Evan notou a televisão sintonizada em um jornal noturno. Ele deu uma espiada para checar se noticiavam o tiroteio no hotel, mas a matéria era sobre um deputado que havia desaparecido.

O grupo de trabalhadores se dispersou quando ele chegou perto da estação. Melinda segurou seu rosto entre as mãos e o beijou nas duas faces, bem perto da boca. Ela usava suéter justo, calça de ginástica e tênis laranja com um design elaborado. Preso atrás da orelha, um pincel 000, o mais fino

já fabricado, com o cabo envolto em fita adesiva cor-de-rosa. Na cintura, pendurada em uma cartucheira de verdade, uma pistola de pintura Olympos, de ação dupla, que mais parecia uma pistola de raios da década de 1970. O cabo também havia sido protegido com fita adesiva cor-de-rosa. Única mulher ali, ela marcava suas ferramentas com essa cor para evitar que os homens as pegassem emprestadas.

Melinda segurou a mão de Evan e o levou para a mesa em torno da qual o pequeno grupo estivera reunido.

— Esse pobre menino foi tirado da vitrine de um cinema em Paris. Passou anos esquecido em um depósito úmido durante a guerra e mais tarde foi guardado em um baú, onde ficou até junho. Chegou aqui exigindo cuidados dignos de uma UTI.

Ela olhou para o objeto de seu afeto, uma imagem de Ginger Rogers no filme *A mulher que não sabia amar*, espremido entre folhas Mylar. Tinha muitos rasgos, furos e marcas de dobras.

— Ele parece desgastado — comentou Evan.

— Devia ter visto como estava antes de botarmos as mãos nele. Teve de ser desmontado, lavado e tratado com solvente Bestine para a remoção de resíduos de fita adesiva. Agora estamos fazendo os reparos com papel *vintage*. O valor vai

chegar a seis dígitos quando terminarmos o trabalho. O proprietário vai ficar eufórico. Mas, é claro, só estamos cobrando um dólar e vinte e cinco por hora. — Os cílios de um olho desceram numa piscada graciosa. — É diferente dos nossos serviços *especiais*.

Melinda pareceu notar pela primeira vez os trabalhadores em volta dela.

— E então? — disse com tom seco em seu idioma natal. — O que estão esperando? Vão trabalhar!

Todos se afastaram. Evan apontou para um pôster de *Frankenstein Meets the Wolf Man* preso à mesa vizinha.

— E aquele?

— Esse aqui? — Ela sorriu, exibindo fileiras perfeitas de dentes perolados. — Bonitão, não é? Danificado e restaurado algumas vezes, como a maioria dos homens bons. — Melinda soltou um canto do pôster para mostrar o verso. — Tem todos esses carimbos de colecionador para comprovar sua proveniência, *mas...*

Ela gritou uma ordem para o outro lado da sala, e, um momento depois, todas as luzes foram apagadas com uma sequência de baques metálicos. Ela acendeu uma lanterna de luz negra, e os verdes e brancos do pôster se tornaram luminosos.

— É falso, está vendo? O brilho delata. Fizeram uma impressão com jato de tinta, colaram no revestimento antigo e envelheceram a imagem. — As luzes foram acesas, e ela pegou o pôster. Frankenstein desapareceu em uma gaveta larga de um grande arquivo. — Reconheço uma boa farsa quando a vejo.

Tomando o braço de Evan, ela o levou até uma sala no fundo da oficina, um lugar onde havia um agradável aroma de óleo.

— Esse ramo é uma selva, Evan.

— Parece que sim.

Entraram em uma sala de fotografia com paredes escuras e janelas negras para impedir reflexos durante as sessões de fotos. Era uma boa desculpa para ter uma sala impenetrável onde conduzir negócios de certo tipo.

— Quanto tempo faz? Uns seis meses? — perguntou ela.
— Por que veio? Saudade de mim?

— É claro que sim. Mas não só.

— Precisa de outra carteira de motorista? CPF? Visto?

— Ainda não tive chance de usar aqueles que já tenho.

— Trouxe uma pista do pôster de *Metrópolis*?

O cálice sagrado de Melinda e de todos os comerciantes do ramo, o pôster do filme valia mais de um milhão de dólares.

Ao que se sabia, havia três no mundo.

— Não. — Evan tirou do bolso o passaporte de Katrin e o entregou a Melinda.

Ela olhou para o documento por um momento; depois, abriu e olhou a foto.

— Devo ficar com ciúme?

Sem esperar pela resposta, deixou o passaporte sobre uma bancada e começou a abrir gavetas onde guardava carimbos de alfândegas.

— Quer que ela tenha ido à Índia? — Ela pegou um dos maiores carimbos. — E Galápagos? Esse é mais elaborado... Usam na ilha de Baltra. — Ela bateu o carimbo em um pedaço de papel, parando para admirar seu trabalho por um momento.

— Não, não preciso de uma falsificação. Quero saber se é verdadeiro.

A mulher levantou as sobrancelhas finas, mas, ainda assim, nem uma ruga surgiu em sua pele impecável. Ela se aproximou de um microscópio binocular ligado a um computador para a captura de imagem. Agindo como uma profissional, jogou o cabelo comprido por cima de um ombro e se inclinou sobre o equipamento instalado em uma

estrutura saliente presa à parede. Analisou a capa do passaporte e várias páginas sob diferentes luzes específicas.

Depois, usou o computador para examinar cada imagem capturada. De volta ao passaporte, agora com uma lupa, examinou a página da foto centímetro por centímetro.

— É autêntico — disse ela.

— Tem certeza?

Melinda deletou as imagens do computador.

— É muito difícil falsificar um passaporte, Evan. É impossível reproduzir o papel.

— Nem com placas de metal gravadas e entalhadas?

Ela balançou a cabeça.

— De jeito nenhum.

— E se foi reproduzido por *silkscreen* a partir de uma impressão em alta resolução?

— Nem *eu* conseguiria essa nitidez de impressão.

Sua dúvida estava respondida.

Melinda bufou.

— Olha só, talvez alguém possa ter recriado a gravação em relevo para as imagens de segurança. Mas estes hologramas? De jeito nenhum. O documento é autêntico. — Ela o encarou por um instante antes de, talvez sentindo que ainda não o havia convencido, insistir: — Não é uma

falsificação. Não é uma *boa* falsificação. Não é uma *ótima* falsificação. — Ela devolveu o passaporte com um movimento gracioso do pulso. — É verdadeiro.

Pistas

Sentado diante de seu comando central pessoal, na penumbra úmida do Cofre, Evan bebia dois dedos de vodca U'Luvka com gelo e assistia aos vídeos do apartamento. Katrin dormia agitada, debatendo-se como se tivesse pesadelos. Eram muitos os motivos para estar nervosa.

Evan estava desanimado, uma sensação que não era habitual.

Estava acostumado a perguntas sem resposta, a equações sem uma solução perfeita, mas havia algo mais importante fora de lugar nessa história. Não sabia como ele e Katrin haviam sido rastreados, não uma, mas duas vezes. Não sabia quem queria matá-los. Não sabia se podia confiar na cliente.

Ele voltou às imagens para ter certeza de que Katrin não havia deixado o apartamento. Ela não tinha saído nem do *futon*. Depois fez a leitura dos microchips em seu organismo para tentar captar sinais de GPS, mas não havia nenhuma movimentação. Talvez ela estivesse há muito tempo sem

comer, e os sucos gástricos não estimulassem carga suficiente para ativar as partículas no trato digestivo.

Suas regras exigiam que se concentrasse nas pessoas que os perseguiam. A partir delas, poderia chegar aos contratantes em Las Vegas.

Além do número de telefone do assassino de Sam, tão impossível de ser rastreado quanto o número de Evan, a única informação concreta era o apelido que havia escutado durante o ataque ao hotel: “Perdemos dois, Slatcher”.

O monitor à esquerda carregava resultados do centro de informações criminais, orgulho do FBI. Os poderosos motores de garimpo de dados funcionavam havia algum tempo, desde que ele digitara “Slatcher” no campo de busca, colocando para trabalhar todos aqueles dólares de impostos que ele não pagava.

Três resultados surgiram na tela. O primeiro era Julio “Slatch-Catcher” Marquez, membro da máfia mexicana que cumpria pena em Lompoc por assalto à mão armada. Depois dele, Evelyn Slatch-Donovan, madame de Hollywood com ligações com o crime organizado. Evan ignorou os dois registros e clicou no terceiro resultado. Existia apenas uma foto de Danny Slatcher no registro federal, uma imagem feita por uma câmera de segurança quando ele saía de um

barco em uma doca, com chapéu-panamá e óculos escuros escondendo seus traços faciais. Mas a silhueta, aquele corpo enorme, pertencia, sem dúvida, ao homem que Evan tinha visto no estacionamento do hotel.

Uma veia começou a pulsar no pescoço de Evan e os batimentos se aceleraram com a agitação de encontrar uma pista.

Na mão direita, Slatcher levava uma mala Pelican exatamente como aquela que Evan usava para carregar rifles de tiro a distância. Tudo indicava que Slatcher era o homem por trás do ataque em Chinatown e quem havia disparado contra Katrin. Por ora, Evan agiria baseado nessa hipótese.

Havia dois nomes na lista de associados a Slatcher. O primeiro, assinalado como “morto”, era um banqueiro corrupto das ilhas Turcas e Caicos, e seu arquivo trazia tudo o que se esperava de alguém que lavava dinheiro. Engrenagens dentro de engrenagens.

O segundo nome, Candy McClure, trazia fotos pouco nítidas de uma mulher de cabelos abundantes, provavelmente uma peruca, e sem capacete sobre uma Kawasaki verde. Talvez fosse a mulher no Scion, mas era difícil saber. Não havia nenhuma outra informação sobre ela.

Evan levou o mouse até a ficha criminal de Danny Slatcher e clicou.

O que viu na tela acabou com seu entusiasmo:

Arquivo editado.

Duas palavras repletas de implicações. E de complicações.

Evan percebeu que rangia os dentes. Clicou no *link* seguinte, um arquivo com o histórico de Slatcher, já sabendo o que encontraria.

Arquivo editado.

Clicou no outro. E no seguinte.

Evan deixou a bebida sobre a mesa e olhou para a planta em seu ninho de pedrinhas de vidro, mas a babosa nada tinha a oferecer.

Danny Slatcher não era um assassino comum. Nem um assassino de elite da máfia. Era algo muito mais letal.

Evan não gostava dessa ideia nem do arrepio que ela provocava. Sentiu as paredes do estômago queimarem. Agora sabia que precisava ter acesso ao poleiro de Slatcher em Chinatown para reconstruir o tiro a partir do outro lado do rifle. Com ou sem o isolamento da polícia de Los Angeles, ele precisava entrar na cena do crime.

Descoberta inconveniente

O Lotus Dim Sum parecia ter voltado ao normal. As janelas foram substituídas e cacos de vidro não cobriam mais a calçada. Dois dias depois do tiroteio, o apartamento do outro lado da rua ainda era controlado pela polícia de Los Angeles.

Embaixo do pagode iluminado que ficava na praça central, olhando tudo a partir das sombras, Evan observava o apartamento no último andar do prédio. Comia biscoitos de amêndoa frescos, tirando-os um a um da embalagem. Embora houvesse coberto suas digitais com uma camada fina de supercola, ainda sentia a textura esfarelada da farinha. Preferia supercola a luvas, porque chamava menos atenção e permitia maior precisão tátil. O prédio que Slatcher havia usado parecia ser o melhor ao longo da Broadway, onde os edifícios eram mais simples e sem muita manutenção, com sacadas que terminavam por servir como depósito para bicicletas e pranchas de surfe, plantas mortas e varais de roupas.

As observações prévias de Evan haviam esclarecido que Slatcher não atirara por uma janela, como imaginara antes, mas pela porta deslizante de uma sacada. O evento propriamente dito, um atirador disparando contra um restaurante lotado e provocando correria, tinha um ar um tanto terrorista, e a polícia local havia reagido com a apropriada demonstração de força, cercando o prédio com uma barreira intransponível. Dava para ver três viaturas estacionadas em intervalos regulares junto à calçada. Luzes vermelhas e amarelas brilhavam no pagode na praça, desenhando padrões no rosto de Evan enquanto ele esperava e observava, tentando determinar a localização dos vários policiais.

Muitos continuavam em seus veículos. Oficiais uniformizados revistavam moradores do prédio na entrada principal, na garagem e nas portas laterais e dos fundos. Mais dois homens patrulhavam o interior, aparecendo de vez em quando na escada com janelas. Ele cronometrava o padrão de movimentos, notando que demoravam muito mais no terceiro andar. Um dos policiais apareceu no apartamento usado pelo atirador, passando pela varanda na revista que incluía todos os cômodos. Não havia como entrar no prédio pelos meios tradicionais.

Uma mudança na direção do vento trouxe o barulho de pedras de *mahjong* em algum lugar do outro lado da praça. Evan comeu o último biscoito, jogou a embalagem na lixeira mais próxima e atravessou a rua, cumprimentando o policial que bebia café sentado ao volante de uma viatura.

Ele entrou no prédio vizinho e subiu ao quarto andar pelo elevador. Ainda na rua, havia escolhido o apartamento no fim do corredor, notando que todas as luzes estavam apagadas. Uma guirlanda de plástico empoeirada enfeitava a porta. A fechadura era um insulto ao próprio nome. Um cartão de crédito foi suficiente para destrancar a porta.

Roncos emanavam do quarto e chegavam à sala pequenina pela porta aberta. O carpete velho abafava o ruído dos passos de Evan, que se dirigiu à varanda. O guincho da porta velha deslizando nos trilhos nem se sobrepôs ao som do vento. Sem perder tempo, Evan apoiou as mãos na grade da sacada, passou por cima dela e ficou pendurado quatro andares acima da rua. Após um movimento de pêndulo com as pernas, tomou impulso para se afastar do prédio, soltou as mãos e caiu na sacada do andar de baixo, entre uma fileira de pranchas de surfe e um frigobar.

Pelo vidro embaçado da porta deslizante, pôde ver um grupo reunido na sala. Mesa de jantar arrumada, risadas

femininas, cheiro de frango assado e sidra quente e temperada.

Evan se virou para o prédio vizinho, do outro lado da viela estreita. O prédio do atirador. A distância era grande demais para um pulo. Mas não era esse o plano.

Ele escolheu a maior prancha de surfe e a posicionou sobre a viela, apoiada nas sacadas dos dois prédios. Evan subiu na prancha, pronto para a travessia. A base instável balançava enquanto ele progredia devagar.

Um passo cuidadoso. Outro.

Lá embaixo, alguém bateu a porta de um carro. Evan viu a viatura de polícia na rua. O policial, o mesmo que ele havia cumprimentado, saiu do carro. Com um copo de isopor na mão, andava diretamente para a viela que ele atravessava. Evan parou, com os braços levemente abertos, como um pássaro ameaçando voar. A prancha se inclinou e ameaçou virar, e ele teve de recorrer à toda força dos músculos das panturrilhas e das coxas para equilibrá-la. O policial jogou o copo descartável numa lixeira, e o barulho ecoou no beco deserto. Levantando a cintura da calça, ele voltou à viatura e bateu a porta.

Evan voltou a respirar.

Seguiu em frente. Mais alguns passos difíceis o levaram à sacada do outro prédio. Chegando à varanda, pulou da prancha, puxou a ponte improvisada e deixou a prancha em pé atrás de uma samambaia para usá-la na volta. Havia luzes acesas no apartamento, mas ninguém à vista. Evan abriu a porta deslizante com facilidade, atravessou a sala em sentido diagonal e saiu em outra sacada, que dava para a Broadway. Usando a varanda como ponto de impulso, pulou para a sacada vizinha, e imediatamente para a próxima, passando despercebido por um casal que transava e por dois homens adultos distraídos que jogavam Grand Theft Auto. O último salto o levou ao poleiro do atirador.

Ele olhou para o outro lado da rua. Dali tinha uma visão clara e um ótimo ângulo de tiro em relação ao restaurante, mas praticamente não dava para ver a praça. Os tiros seguintes de Slatcher devem ter sido dados de algum lugar mais alto. O telhado.

Evan se virou e olhou para o apartamento. Um círculo perfeito, do tamanho de um disco, havia sido cortado na porta de vidro, bem ao lado da maçaneta. O buraco tinha sido feito com um cortador circular com esquema de sucção, um item muito apreciado entre ladrões. E entre atiradores. Evan sabia, por experiência própria, quanto o buraco havia sido

útil. Sem refração da bala no vidro da porta, sem portas sendo fechadas com rapidez suspeita, sem vento balançando a cortina e chamando atenção. A sala do outro lado estava vazia, limpa, pronta para ser exibida a possíveis inquilinos. A porta de saída ficava diretamente em frente à porta de vidro.

Ele se preparava para enfiar a mão no buraco e destravar a porta deslizante quando a porta de entrada foi aberta. Ele girou e se escondeu na hora em que a policial entrou no apartamento, varrendo a sala com a luz da lanterna. Evan mantinha as omoplatas coladas à parede ao lado do vidro, torcendo para ela manter o padrão das patrulhas anteriores e ir primeiro à cozinha, mas o raio de luz se movia de um lado para o outro, cada vez mais perto.

Ela seguiu diretamente para a sacada.

Evan pulou e se agarrou à beirada do telhado plano, com as palmas voltadas para dentro. A alavanca da porta estalou quando a policial a destrancou. E começou a deslizá-la pelo trilho. Evan puxou as pernas para cima, sobre a beirada, em uma variação da rotação de barra feita por um ginasta. Quando as botas da policial surgiram na varanda, Evan estava deitado de bruços no telhado e havia tirado as mãos da beirada. A camiseta fez um barulho de atrito contra o

revestimento do telhado, e a lanterna foi apontada para cima, criando um efeito de ficção científica. Ele permaneceu imóvel, quase sem respirar. A luz percorreu a borda de concreto. Ele podia sentir um leve traço do perfume da policial.

Finalmente, ela abaixou a lanterna. As botas sumiram e a porta foi fechada. Evan voltou a respirar. Quando levantou o olhar, ele notou que a praça era completamente visível dali e que não havia nenhuma obstrução para a viela onde a van havia sido estrategicamente estacionada.

Então, Slatcher subira no telhado para fazer uma nova tentativa quando Evan tirou Katrin do restaurante. Ainda deitado de bruços, Evan virou a cabeça. Ao lado dele, um respiradouro do aquecimento interrompia o padrão de revestimento da camada de piche. Dali ele via a faixa de impermeabilização do respiradouro, presa por parafusos comuns. Dos quatro parafusos, dois estavam quase soltos.

Alguém havia removido e recolocado apressadamente o respiradouro.

Evan rolou para o lado, tirou os parafusos e levantou a grade de ventilação. Com uma lanterna pequena que levava em um bolso da calça cargo, ele iluminou o vão exposto.

E lá estava. Um rifle fora escondido na junção do cano, dez metros abaixo.

Aparentemente, era um McMillan calibre .308, modelo usado pela polícia, de fácil aquisição, comum o bastante para dificultar o rastreamento. Esconder a arma na cena do crime era como o cartão de visitas do assassino de elite que trabalha por empreitada, gente que sabe que não deve guardar consigo uma arma que pode vir a ser examinada pela perícia em algum momento. Duas luvas de látex descansavam ao lado do cano do rifle, uma escolha sensata, já que as luvas de couro deixavam marcas específicas. Ao lado delas havia um objeto branco em forma de copo. Evan o iluminou e tentou identificá-lo, concluindo que era uma máscara de médico.

A adrenalina inundava suas veias.

Antes de sair da cena do crime, Slatcher não só deixou ali o rifle como abandonou as luvas que poderiam ter resíduos de pólvora. Porém, o toque realmente profissional era a máscara abandonada depois dos tiros. Se tivesse sido preso ao sair e submetido à coleta de material das narinas para verificar a inalação de resíduo de pólvora, a máscara era a garantia de um resultado negativo.

Um barulho o assustou e interrompeu seus pensamentos. Era a porta de acesso ao telhado. Certamente a teria visto imediatamente, se ela não estivesse voltada para o lado oposto. A policial teria de contornar a área de concreto antes de vê-lo.

Reagindo rapidamente, ele fechou o respiradouro. Já rolando para a beirada do telhado, jogou longe os parafusos soltos. Quando se agarrou à beirada e jogou o corpo para baixo, viu a luz da lanterna surgir naquela direção.

Evan soltou a beirada do telhado e flexionou os joelhos para amortecer a queda na varanda. Estava novamente diante do buraco na porta de vidro.

Lá embaixo, os parafusos chegaram à calçada, emitindo um ruído metálico. Ele enfiou a mão no buraco, destravou a porta e a deslizou lentamente, fechando-a após entrar. Ouvia os passos da policial no telhado. A luz da lanterna agora vinha do alto e iluminava a varanda, mas Evan estava seguro dentro do apartamento.

Estava abusando da sorte com esse joguinho de gato e rato. Tinha de ser rápido. Inclinando a cabeça, procurou o ângulo da luz da lua, que formava faixas no chão perfeitamente aspirado. Havia marcas de botas de policiais por todos os lados, mas, em uma área, as fibras do carpete

havam sido desalinhadas em três pontos, os cantos de um triângulo.

O tripé do atirador.

O fecho de luz desapareceu da varanda, e ele ouviu os passos da policial voltando pela porta de acesso ao telhado.

Evan examinou o teto acima das marcas no carpete e logo notou o brilho metálico. Um grampo preso no forro. O teto era baixo, e ele se colocou na ponta dos pés e esticou o braço para cima. Foi fácil remover o grampo. Havia uma pequena amostra de tecido nele, um pedacinho que ficou embaixo do grampo, provavelmente quando a polícia removeu a cortina de tela. O propósito da cortina, que normalmente ia do teto ao chão, era esconder o atirador. Evan aproximou o pedacinho de tecido da janela, aproveitando as luzes que vinham da praça. Era muito fino, é claro, pois Slatcher precisava enxergar e atirar através dele, mas não tinha a opacidade necessária para bloquear o brilho de uma mira caso a luz do sol incidisse diretamente sobre ela.

Seu encontro inicial com Katrin havia sido marcado para meio-dia. Chegaram a Chinatown meia hora depois, sob o forte sol de Los Angeles.

Se o atentado tivesse acontecido em qualquer outro horário do dia, Evan não teria visto o reflexo. Ele pensou em

sua própria sorte por um momento, respirou fundo e voltou à análise da sala.

Finalmente, colocou-se atrás do ponto onde o carpete guardava as marcas do tripé. A única foto de Danny Slatcher o mostrava carregando uma mala Pelican com a mão direita, então Evan posicionou-se como um atirador destro atrás do rifle imaginário, olhando por uma mira fictícia.

O que viu confirmou seu pior medo e fez a tensão em sua mandíbula aumentar até se transformar em dor.

Daquele ponto de vista e através do círculo aberto na porta de vidro, tinha uma visão perfeita do restaurante. Com base em onde se sentara, seu corpo teria bloqueado a bala disparada contra Katrin.

Não era para ela que Slatcher apontava.

Era para Evan.

De volta ao passado

Evan andava ao longo do rio Los Angeles para clarear as ideias. Era o curso d'água de aparência mais desafortunada no país, um rio poluído correndo dentro de um largo canal de concreto. Arbustos cresciam à margem da água e grafites enfeitavam as laterais inclinadas da bacia. Moradores de rua lembravam sacas de grãos, deitados por ali, mortos, bêbados ou só exaustos. O centro da cidade era famoso e movimentado, mas ali, afundado embaixo da cidade, havia um submundo desolado, isolado do homem e de Deus.

O ar frio de dezembro cortava o rosto de Evan, que desviava de carrinhos de compras tombados, pneus abandonados e uma ou outra carcaça de carro abandonada por um algum idiota que havia tentado imitar Danny Zuko apostando corrida na encosta inclinada em dias de seca.

O barulho do trânsito vinha de todas as partes, invisível exceto pelos faróis que varriam a escuridão lá em cima e pela vibração nas paredes da bacia, um som primordial de sangue

correndo nas veias. Evan chegou à faixa que passava por baixo da conexão East Los Angeles, a união profana entre a autoestrada 101, a rota 60 e as estradas interestaduais 5 e 10. Ele havia lido em algum lugar que aquele era o entroncamento de estradas mais movimentado do mundo e que meio milhão de veículos passavam pela confusão do trevo diariamente.

Agora entendia por que havia ido ali para dar o telefonema que planejava: aquele lugar era um lembrete confortante de seu anonimato naquela cidade imensa.

As balas disparadas contra o Lotus Dim Sum eram para ele. Alguém havia posto Danny Slatcher em seu encaixe e o colocara na mira do atirador. Katrin não era a isca. Não podia ser. Evan sabia ler as pessoas. Havia aprendido com Jack e com oito especialistas em operações psicológicas ao longo de anos de treinamento e incontáveis interações sob a mira de uma arma. As lágrimas de Katrin eram reais, seu medo era real. O que significava que ele a havia metido nessa situação. Arruinara a vida dela. E provocara a morte de seu pai.

No meio da confusão de perguntas emaranhadas dentro de sua cabeça, uma dúvida se sobrepunha à confusão: quem havia contratado Danny Slatcher para matá-lo?

Sabia que havia cultivado muitas inimizades. Como um agente secreto, tinha muitas marcas em seu placar de tiros e mortos e havia colecionado mais alguns como autônomo. Qualquer um podia querer matá-lo, desde um líder rebelde internacional até um parente de uma vítima em busca de vingança. Quem quer que fosse, estava trabalhando bem e há muito tempo. Essas pessoas haviam esperado e observado, lendo padrões e colhendo pistas, como o próprio Evan havia sido treinado para fazer.

Ele chegou a uma área escura embaixo de um viaduto, um lugar onde não havia acampamentos de sem-teto nem prostitutas e viciados. Um reduto de privacidade no coração da cidade. A água passava depressa, e a umidade invadia seus pulmões. Ele pegou o celular e ligou para o número do homem que havia matado Sam White.

Um toque. Outro.

Um clique, mas nenhuma resposta.

Evan falou:

— Qual é você?

Silêncio. Depois, ele ouviu uma voz familiar:

— O quê?

— Qual... Órfão... é... você?

De algum lugar em outra dimensão veio um guincho de pneus e o barulho de uma buzina. A lua derramava sua luz sobre a superfície da água. Alguns morcegos se agitaram embaixo do viaduto e se instalaram tranquilamente na escuridão outra vez.

Finalmente, Evan ouviu a voz:

— Alguns diziam que eu era o melhor. Até você chegar. Agora parece que há controvérsia sobre isso, não é... — Uma pausa breve e bem colocada. — Órfão X?

Ouvir seu codinome falado em voz alta pela primeira vez em quase uma década fez sua cabeça vibrar. Havia sido identificado. Nomeado. O momento que temera durante dois terços da vida.

Ele afastou o celular da boca e pigarreou. Então, reaproximou o aparelho do rosto e retribuiu o favor.

— Órfão Zero — disse Evan.

— Isso mesmo.

Quem poderia ser melhor que um Órfão para ir atrás do Homem de Lugar Nenhum? A pessoa que o queria morto procurara nos círculos certos e escolhera o melhor. E o melhor não era só alguém como Evan, mas uma das poucas pessoas que podiam ligar o Homem de Lugar Nenhum ao Órfão X. Danny Slatcher provavelmente não sabia o

verdadeiro nome de Evan, mas entendia os contornos sombrios de sua identidade.

Evan pensou no arquivo editado de Slatcher. Pensou no Programa Órfão, desabilitado, em todos aqueles assassinos treinados e desempregados, sem propósito e sem supervisão, abandonados para encontrar o próprio rumo e algum serviço. Pensou no rosto de Katrin quando ela ouviu o tiro pelo telefone, no baque do corpo do pai batendo no chão.

Evan sentiu que apertava o telefone. “Nunca leve para o lado pessoal. Nunca leve para o lado pessoal. Nunca...”

A escuridão invadia seu peito, encobria pensamento e razão e se impunha ao ruído dos carros, à voz de Jack em sua cabeça, aos próprios mandamentos.

— Você não devia ter matado Sam White.

Depois, desligou e voltou para o carro.

Danny Slatcher deixou o telefone de lado e recostou o corpo enorme contra a cabeceira da cama, ouvindo o colchão de molas gemer sob seu peso. Candy saiu do banheiro nua, com a toalha velha e fina do motel enrolada na cabeça, e lançou um olhar curioso em sua direção. Ele nem olhou para ela.

Ao ver sua expressão, ela voltou para o banheiro.

A envergadura dos braços de Slatcher era tal que permitia que ele alcançasse a mesa redonda que decorava o quarto sem sair da cama, só inclinando um pouco o corpo. Em cima da mesa, pegou uma caixinha de metal que depositou sobre as pernas.

Lá dentro, dez unhas postiças e as lentes de contato especiais repousavam no interior de borracha moldada como uma relíquia vinda do futuro.

Ele se equipou com uma facilidade que considerava um pouco desagradável.

O cursor virtual surgiu à sua frente, piscando no espaço, a alguns centímetros do olho direito, enquanto ele esperava Top Dog aceitar sua solicitação. Finalmente, o cursor vermelho tornou-se verde.

Slatcher levantou a mão como um pianista concentrado e digitou: TEMOS UM PROBLEMA.

Inspirando e expirando

— Espere — disse Katrin. — *Espere* um pouco... — Ela percorreu todo o perímetro do apartamento, passando a mão no vidro escurecido que tomava toda a parede na face oeste. O atrito causava um barulho irritante. — *Você é o alvo?*

Conforme Evan contava sobre sua descoberta em Chinatown, ela ficava mais e mais tensa, até os músculos em seu pescoço se tornarem salientes e visíveis. Ela ainda estava tentando entender as ramificações.

— Deixe-me ver se entendi — disse ela. — Agora há *dois* grupos atrás de nós? Os homens que querem me matar e os homens que querem matar você?

— Acho que não é bem assim. Acho que as pessoas que querem me matar substituíram aquelas que queriam matar você. E pagaram a dívida para tirar aquela gente do caminho.

— De onde tirou essa ideia?

— Bom, é o que eu teria feito.

— Mas como esses caras iam *saber* sobre mim?

— Devem ter seguido seu rastro quando perceberam que você ia entrar em contato comigo.

— *Como?*

— Ainda não sei. Talvez por Morena. Pode ter sido uma ligação interceptada, embora eu não entenda como aconteceu.

— *E depois?*

— Eles investigaram sua situação e descobriram que devia dinheiro para gente muito perigosa.

— Eles tinham como descobrir?

— Sim, como eu também tinha.

Ela o encarou por um momento. Depois, balançou a cabeça com desgosto ou incredulidade e voltou a andar de um lado para o outro. Enquanto ela estava de costas, Evan tirou do bolso o passaporte e o enfiou na bolsa em cima da bancada. O desprezo que sentia por si mesmo se materializou na forma de um amargor no fundo da garganta.

Katrin se virou no instante em que ele retirou a mão.

— Pagaram 2,1 milhões de dólares.

— Sim.

— Só para matar você?

— Sim.

— Por que vale tanto? Quem é você? — Ela levantou os braços. — Ah, é... *Evan*. É quem você é. O Homem de Lugar Nenhum.

Evan estava atrás da ilha da cozinha, olhando para ela do outro lado do apartamento.

Katrin levantou uma das mãos e tocou um lado da cabeça. O corte no rosto havia praticamente desaparecido e só restava um hematoma muito leve.

— Por que querem matar você?

— Não sei.

— Mas pagaram aos caras a quem eu devia para chegar a você. E meu *pai*... Foram eles que mataram meu pai?

Sua resposta soou como vidro cedendo.

— Sim.

Havia trilhas em seu rosto, riscos que brilhavam à luz cintilante da cidade.

— Sinto muito — disse *Evan*.

Ela enxugou o rosto.

— E essas pessoas que estão atrás de você? São ainda *mais* perigosas?

Evan assentiu.

— Mais que assassinos profissionais de Las Vegas?

Novamente o movimento de cabeça.

— E agora eu sei demais... O que fizeram com meu pai, o ataque no hotel, o fato de que estão atrás de você. Não posso nem fugir. Agora corro um risco ainda *maior*. Por sua causa.

Evan apoiou as mãos na bancada ocupada por embalagens do restaurante asiático ao lado do prédio. Katrin estava comendo quando ele chegou. Cogumelo *portobello* com mostarda, camarão tigre com *pesto de yuzu*, iscas de filé com manteiga de ouriço. Os aromas ricos fizeram seu estômago roncar. Na lixeira ao lado, ele viu a embalagem vazia de isotônico. A imagem fez a culpa subir por sua garganta e ruborizar seu rosto. Como se quisesse aumentar o sentimento, o celular apita de um jeito característico.

O sinal de GPS estava ativo, transmitido do adesivo escondido atrás da orelha de Katrin para o bolso de Evan.

O alerta se repetiu, e Evan silenciou o telefone.

— O que é isso? — perguntou ela.

— Nada importante.

Felizmente, ela havia iniciado outra caminhada pelo apartamento.

— Você devia me *ajudar*. Não era esse o acordo? O número de telefone mágico. “Precisa da minha ajuda?” “Nunca perdi ninguém.” Devia me *proteger*!

— E vou. — Uma pausa para acalmar o tom de voz. — Se confiar em mim, eu vou proteger você. De um jeito ou de outro. Isso é tudo o que temos. Entende?

Ela se virou; o brilho distante do Staples Center criou um halo vermelho e roxo em torno dela. Em uma boate do outro lado da rua, uma banda cover tocava Mumford & Sons; as palavras eram enroladas, mas o banjo soava claro e verdadeiro: “... *will wait, I will wait for you*”. Katrin usava uma camiseta grande, que escorregava de um ombro, expondo uma alça do sutiã preto, e seu cabelo liso estava despenteado. A luz difusa fazia o batom parecer mais escuro, vermelho-escuro, cor de sangue venoso, e em seus olhos verdes brilhava uma faixa de luz projetada por uma lâmpada da rua.

— Agora somos só você e eu, então — disse ela. — No mundo todo. — Os lábios cintilantes capturaram o brilho das luzes na rua através da janela e, por um momento, tingiram-se novamente de rubi. Mais uma lágrima deixou sua marca na pele perfeita. Ela virou o rosto para ele. — Eu te perdoo — disse ela.

Ele umedeceu os lábios.

— Eu não.

Katrin olhava pela janela.

— Vem cá.

Ele foi. Quando chegou perto, ela se virou de costas e puxou a mão dele, de forma a tocar seus seios por cima da camiseta. Puxou-o mais um pouco e seus corpos ficaram colados. Evan inalou o cheiro daquele cabelo e sentiu uma mudança brusca, um desvio do foco. Ela moveu o quadril e foi abaixando o jeans já aberto, puxando-o com os pés. Em seguida, a calça dele também caiu. Calcinha e meias se aglomeraram junto aos tornozelos. Ela levantou um pé, depois o outro, para chutar as peças de roupa. Quando tirou a camiseta, deixou à mostra as costas macias e claras. Ele a segurou pelo quadril e a ergueu. Ela se mexeu, ajeitou-se, e lá estava a umidade maravilhosa. Cotovelos e mãos se apoiaram no vidro da janela, e eles se moveram num ritmo que parecia ecoar o pulsar das luzes da cidade. A respiração ofegante de Katrin embaçava a janela, inspirando e expirando, inspirando e expirando.

Depois, eles ficaram deitados no *futon*, olhando a cidade; Evan deslizava um dedo pelas curvas do corpo dela, desenhando o contorno do quadril. Na omoplata esquerda, havia um símbolo *kanji* que significava paixão, embora o terceiro traço horizontal fosse curto demais. Eles olhavam os faróis que passavam pela via expressa Harbor.

— Todos aqueles carros lá fora — disse Katrin. — Olho para todas essas pessoas e penso: Por que eu? Por que não elas? É uma coisa horrível, eu sei, mas não consigo deixar de pensar assim desde que tudo isso começou. Só quero desistir. Mas, nesse pesadelo, não há alternativa. Quando as pessoas falam sobre ser forte, talvez seja só isso, quando não resta alternativa. Você tem de continuar até acabar.

Ele acariciou o corpo de Katrin até ela cochilar e, então, levantou do *futon*, tomando cuidado para não acordá-la. Havia, de certo modo, acabado de desrespeitar o Terceiro Mandamento. Outra violação de uma lista inviolável. Isso estava se tornando um hábito.

Evan foi à cozinha e pegou uma garrafa de água na geladeira. Lá, ouviu alguma coisa vibrar do outro lado da sala.

O celular no bolso da calça jeans.

Ele ficou paralisado. As tábuas do chão estavam frias sob os pés descalços, mas isso não tinha nada a ver com o frio que sentia se espalhar pela pele.

O Sétimo Mandamento decretava que devia ter uma missão por vez. Havia dito isso a Morena com toda a clareza: “Dê o número do meu telefone para uma pessoa só. Entendeu? Depois esqueça esse número para sempre”.

O celular vibrou outra vez. Ele se aproximou da calça lentamente e tirou o aparelho do bolso. Não conhecia o número que viu na tela. Alguns metros adiante, Katrin respirava devagar e profundamente, dormindo um sono pesado. Ele voltou à cozinha, abriu a torneira para fazer barulho e atendeu a ligação.

Sua voz estava seca e entrecortada, e foi preciso recomeçar.

— Precisa da minha ajuda?

— Preciso. — Era a voz desesperada de um homem. — *Dios mío*, preciso da sua ajuda mais que *tudo*. É verdade? É verdade que você pode me ajudar?

Evan olhou para Katrin. Para as pinceladas do *kanji* tatuado na omoplata nua.

— Onde conseguiu esse número?

— A menina. Ela me deu.

Evan sentiu um pulsar no fundo do estômago. A desconfiança se transformava em algo mais contundente.

— Qual é o nome dela?

— Morena Aguilar.

— Como ela é?

— Uma adolescente magrela! Tinha uma queimadura no braço. Disse que você a ajudou. E que salvou a irmã dela de

um homem mau. E que me ajudaria também.

O ar da noite penetrava nos poros de Evan, um frio instantâneo que arrepiava seus cabelos. Cada detalhe dos últimos quatro dias era questionado com violência repentinamente.

Pensava em como o telefonema de Katrin viera rápido demais, poucos dias depois de ter ajudado Morena. Como a cadeira em que ela sentara no Lotus Dim Sum era segura, protegida pelo corpo dele. Como ela havia sido rastreada com facilidade, primeiro no restaurante, depois no hotel. E considerou o homem do outro lado da linha.

Quem era o impostor?

Se fosse Katrin, ele precisava sair do apartamento depressa, antes que Slatcher e sua equipe chegassem.

Rápido, andou até a porta, que abriu para observar o corredor do lado de fora. Olhou para os dois lados, mas não viu ninguém. Ainda.

Imediatamente, ele pensou em Morena Aguilar morando com a tia e a irmã pequena em Las Vegas. Katrin e esse homem haviam mencionado o nome dela e a descrito corretamente. Morena havia sido a porta de entrada; por intermédio dela, Slatcher e sua gente encontraram seu rastro. De alguma maneira, relacionaram Evan a ela e

decidiram envolvê-la na história que encobriria o plano. O que significava que ela corria um sério risco. Se já não estivesse morta.

Evan tinha de ir a Las Vegas para encontrá-la.

Atento ao corredor pela fresta da porta, ele se esforçou para se concentrar na conversa telefônica.

— Qual é seu nome?

— Guillermo Vasquez. Memo. Memo Vasquez. Estou com um problema muito sério. Não tenho cidadania americana e não posso procurar a polícia. Minha Isa, minha filha, também está correndo risco.

— Quando quer me encontrar?

— Agora. Por favor, agora.

— Onde você mora?

Vasquez deu um endereço em Elysium Park, um bairro de classe trabalhadora onde gangues atuavam livremente, perto do Dodger Stadium.

— Quarta-feira de manhã — disse Evan. — Às dez horas.

— Pode ser tarde demais para nós. Faltam dois dias e meio!

Evan precisaria de dois dias e meio. No mínimo.

— Por favor — insistiu Vasquez.

Ele queria apressar o encontro. Isso seria suspeito, mas, considerando as circunstâncias em que as pessoas costumavam telefonar para esse número, era totalmente normal.

O corredor continuava vazio. O elevador, depois do apartamento vizinho, entrou em movimento, mas passou pelo andar sem parar. Evan olhou para Katrin, que continuava dormindo.

— Vai ter de ser quarta — disse ele antes de desligar.

Depois, aproximou-se do *futon* e parou na frente de Katrin. Ela gemeu baixinho e se virou para um lado, jogando um braço sobre a testa como uma donzela atormentada de Roy Lichtenstein. Os olhos fechados tremiam.

Guillermo Vasquez.

Katrin White.

Alguém estava mentindo.

Evan se abaixou até a altura do *futon*. Com a câmera do celular acionada na opção de visão noturna, enquadrou o rosto de Katrin e tirou uma foto.

Por fim, escreveu um bilhete rápido e o deixou sobre a bancada da cozinha: “Fui cuidar de umas coisas. Fique aqui. Entre em contato se for urgente. E.”

Evan desceu pelas escadas, parando em cada andar para ouvir possíveis passos. A garagem estava vazia. Ele entrou no Taurus e saiu. Passou algum tempo dirigindo em círculos pelo centro da cidade, atento ao espelho retrovisor, até ter certeza de que estava sozinho. Depois, pegou a estrada rumo a Las Vegas.

Visualizou Morena Aguilar no dia em que a conheceu, usando o uniforme da lanchonete Benny's Burgers, encolhida na cadeira como um animal feroz encurralado, mas resistindo, pronto para fazer o que fosse necessário para proteger a irmã. “Aquela menina? Nunca fez nada errado na vida.” Pensou no lampejo de otimismo em seus olhos quando falou sobre a casa da tia, sobre um recomeço, e depois imaginou o punho enorme de Danny Slatcher esmurrando aquela porta.

Nunca havia procurado um cliente depois de cumprir a missão. Mantinha um acordo com Morena e com todos os outros que ajudara ao longo dos anos: eles não entrariam em contato, nem ele. Contudo, o Décimo Mandamento era mais importante que todos os outros: “Nunca deixe um inocente morrer”.

Las Vegas

A tia de Morena, uma mulher forte, coberta por várias camadas de roupa de dormir, abriu a porta interna, mas falou com Evan através da porta de tela, que estava trancada. Compreensível, considerando que eram pouco mais de seis horas da manhã e que as estrelas ainda brilhavam, apesar de o céu ter começado a clarear.

Ela não morava exatamente em Las Vegas, mas em um aglomerado de trailers em um bairro pobre de Henderson, uma cidade vizinha. Amarrando o cinto do roupão, ela se afastou ainda mais da porta.

— Morena? Ela não está aqui.

— Sei que quer protegê-la, senhora, mas ela não está segura no momento. Eu...

— Eu sei quem você é.

— Sabe?

Os olhos impassíveis não revelavam nada.

— Talvez. Mas isso não muda o fato de que não sei de nada.

— Pode ao menos me dizer se elas chegaram aqui? Ela e Carmen?

Um grilo solitário fazia seu ruído estridente entre os arbustos mortos que circundavam o lugar, cantando sua canção de acasalamento no ar parado do deserto.

Evan abaixou o olhar e viu o velho estojo de trompete ao lado de uma pilha de sapatos. Notando seu interesse, a tia de Morena fechou um pouco mais a porta interna, restringindo seu campo de visão e ocupando todo o espaço com seu corpo largo. Veias azuis e finas riscavam as pálpebras superiores pronunciadas. A boca, paralisada numa curva descendente, parecia maternal e austera ao mesmo tempo, a máscara de combate de uma mãe urso instigada.

— Onde quer que ela esteja, está segura — disse a mulher.

— Peça, por favor, para ela me ligar. Ela tem o número.

— Ela estará mais segura se não for encontrada.

— Não acredito que isso seja verdade — protestou Evan.

— Tem o direito de pensar como quiser — respondeu ela, fechando a porta com delicadeza.

Evan ficou parado no ar gelado da manhã, apenas ele e o grilo solitário sob o céu aberto de Nevada. Tinha um laptop no carro e podia acessar os bancos de dados a distância, talvez verificar o registro de ligações feitas na casa e seguir em frente a partir daí. Seria um longo esforço investigativo, com muitas pistas e muitos becos sem saída.

Não tinha todo esse tempo, considerando a ameaça que pairava sobre Morena.

Ele se afastava quando ouviu um assobio infantil. Não um assobio, mas um deslocamento de ar, um sopro por entre lábios projetados. Uma janela lateral se abriu, e um corpo pequeno pulou para o lado de fora, aterrissando com uma graça que sugeria que aquilo era feito com frequência.

A menina endireitou o corpo e limpou os joelhos com as mãos. Carmen, 11 anos, irmã de Morena. Sobre a calça jeans, ela usava uma camisola suja, com uma mancha azul, que parecia ser de picolé, em cima do rosto da Minnie.

— Conheço você — disse ela. — É o homem que ajudou a gente. O Homem de Lugar Nenhum.

Evan contornou a casa, pisando na grama queimada e dura. Apesar de ter saído da área que podia ser vista pela porta da frente, baixou o tom de voz.

— Morena foi embora?

— Em nosso terceiro dia aqui. Fomos ao mercado, e percebi que tinha um homem olhando para nós. Sou boa nisso.

Evan se lembrou da menina com os lápis de cor em uma mesa de canto da lanchonete, olhando para ele pela janela.

— Eu sei que é — disse ele. — Sabe para onde ela foi?

— Ela ficou com medo. Disse que só podia ser alguém que tinha a ver com o que fez a gente sair de Los Angeles. E que tinha de se esconder porque, se ficasse comigo, eu não estaria segura. Naquela noite, depois que voltamos do mercado, ela saiu pela janela. — Carmen apoiou a mão no parapeito que havia pulado pouco antes, com o rosto pensativo.

— Tem algum número para falar com ela?

— Ela está com medo. Apavorada demais para usar telefone ou qualquer coisa. Acha que foi assim que acharam a gente, pelo telefone dela. Era assim que o homem mau sabia onde ela estava. Ela disse que nunca mais vai usar celular. Nunca.

— E você a viu depois que ela foi embora?

— Duas vezes. — Carmen mostrou com os dedos. — Ela foi me encontrar no pátio da escola. — Ela apontou o quarteirão escuro. — Dá para ver o pátio de longe. Se eu ficar

nos balanços durante o recreio, ela consegue ver se é seguro se aproximar. Tem muita criança em volta.

A voz da tia surgiu pela janela aberta, chamando Carmen para o café da manhã. A menina olhou com nervosismo para o parapeito.

— Preciso ir.

— Ela contou se encontrou mais alguém? Estava procurando uma pessoa. Para mim.

— Não, ela não falou nada sobre isso. — Carmen mordida a boca. — Se você salvou a gente, por que não posso ficar com ela?

De novo, a voz da mulher veio de dentro da casa.

— *¡Carmen! ¡Ven aquí! Tu desayuno está listo.*

Evan se abaixou para olhar nos olhos da menina.

— Escuta. Eu preciso encontrar Morena. Ela está em perigo. Vá para o balanço na hora do recreio e espere por ela. Diga a ela para me encontrar no cassino Bellagio, no restaurante que fica na frente da fonte. Vou estar lá ao meio-dia. E vou ficar o dia todo, e a noite toda. Todo o tempo que for necessário até ela aparecer.

Carmen estava surpresa com a intensidade da conversa.

— Tudo bem. Tudo bem. Mas não sei se ela vai hoje. Ou amanhã.

— Eu espero. Diga a ela que o encontro vai ser seguro. Muita gente, muitas câmeras em todos os lugares. Você consegue se lembrar de tudo?

Carmen já subia na janela.

— Vou esperar no recreio, no almoço e depois da aula. Vou lembrar de tudo. Juro.

Ela pulou para dentro do quarto e fechou a janela no instante em que a tia entrou e a censurou por não ter atendido ao chamado. Evan correu para o carro parado na rua.

Tinha muita coisa para fazer antes do meio-dia.

Investigação

— O que está acontecendo com você? — perguntou Tommy Stojack, movendo-se em sua cadeira de rodinhas pelo espaço pouco iluminado, desviando de bancadas e mesas, de um copo sujo de café, de uma chave de fenda jogada, de um carregador abandonado. Além do dedo perdido, tinha todos os tipos de lesões de um veterano: pinos de titânio em vários ossos, perda auditiva, joelhos ruins por causa das aterrissagens bruscas quando saltava de paraquedas. Apesar de se locomover bem sobre os dois pés, era capaz de manobrar a cadeira de rodinhas como se fosse uma cadeira de rodas.

Evan às vezes se perguntava se isso não era um treinamento para mais tarde, quando as articulações desistissem completamente.

Tommy coçou os braços, cobertos de adesivos quadrados cor de pele.

— Parece que alguém mijou na sua cabine de comando.

Evan respirou fundo, baixou os ombros e suavizou sua expressão. Não tinha o hábito de deixar o estresse transparecer no rosto e estava feliz por ter cometido esse deslize somente na frente de Tommy. Depois de ajeitar tudo no Bellagio, Evan se dedicara a uma pesquisa exaustiva no laptop. O endereço que Memo Vasquez havia fornecido o levou a um dono de cortiços com propriedades espalhadas pela Califórnia e pelo Arizona, lugares que, aparentemente, ele alugava para imigrantes ilegais. Vasquez havia telefonado de uma loja RadioShack por um aparelho pré-pago. Bom para quem não tem dinheiro nenhum.

Ou para um impostor.

Estar ilegalmente no país era um excelente pretexto para não ter nenhuma informação pessoal no sistema. Por ora, Evan teria de pesquisar somente Katrin White.

Ele disse a Tommy:

— Preciso confirmar a identidade de uma pessoa.

— No sistema?

— Já chequei o sistema. Quero outro ângulo.

Tommy coçou os braços de novo.

— Que porcaria é essa no seu braço? — perguntou Evan.

— Adesivos de nicotina. — Tommy bebeu um gole de café com a boca ainda cheia de tabaco. — Estou tentando parar de

fumar.

— Um passo de cada vez.

— É o que digo. — Tommy se levantou com algum esforço e empurrou a cadeira de rodinhas para um canto escuro da oficina. — Muito bem. Quem é a pessoa?

Evan mostrou a foto de Katrin, focada no rosto adormecido.

Tommy fez um barulhinho de aprovação.

— Bem íntimo.

— Estou tentando ajudar a garota.

— É o que *parece*. — Ele puxou as pontas do bigode. —
Ajudar mulheres que não são quem dizem ser é bem idiota.

— Uma mulher que *pode* não ser quem diz ser.

— Ah... — O toco de dedo apontou para Evan. —
Tentando bancar o herói, não é? — A risada saiu como uma ameaça de tosse. — Quer ser um herói de verdade? Envelheça. Saia da cama todas as manhãs mesmo com as costas e o joelho ferrados.

— Tudo bem, mas, antes, vamos confirmar essa identidade?

— Não é minha praia.

— Ela joga e aposta alto. Já jogou muito e em muitos lugares. Você é um cara de Las Vegas...

— É, eu sou.

— Não tem algum contato em cassinos? Podemos submeter a foto a um programa de reconhecimento facial. Alguns lugares guardam as imagens das câmeras de segurança durante anos. Quero descobrir se ela tem alguma linha de crédito, que nome usou, essas coisas.

— Se ela pode não ser quem diz ser, por que acredita nessa história de jogadora?

— Os melhores disfarces têm mais verdades que mentiras.

— Ah, isso é. — Tommy assentiu, um pouco contrariado.
— Conheço um cara que tem algum poder no Harrah's. Vamos ver o que conseguimos.

— Eu agradeço. Quer que eu mande a foto por mensagem?

Tommy fez uma careta.

— Eu não mando *mensagens*. Manda essa merda por e-mail. Sabe que endereço usar. — As mãos grandes e rudes ajeitaram uma pilha de blocos de molde para balas sobre a bancada entre eles. — Precisa de mais alguma coisa? Explosivos? — Ele tirou um pacote que estava embaixo da bancada. — O jeito mais eficiente de transformar dinheiro em barulho.

— Tenho bastantes explosivos. — Evan olhou para a porta para verificar, como sempre, se a câmera de segurança estava desligada. — Obrigado, Tommy.

— Olha, cara, eu vou falar com o cara, só isso. Não garanto nada. — Tommy tirou da boca a porção de tabaco que mastigava e a jogou dentro de um copo sujo da lanchonete Carl's Jr. — A única garantia é que não vamos sair vivos dessa encarnação.

Manobra arriscada

Uma gorjeta de cinco dígitos dada ao gerente do restaurante Hyde garantiu a Evan a melhor mesa enquanto precisasse dela. Era uma dessas mesas de canto com sofá, em um espaço projetado sobre o lago em frente ao hotel Bellagio, como a proa de um navio. Dali, em seu assento estofado, ele via a maior parte da boate, uma parte do cassino e a passarela que acompanhava uma das margens do lago. Ele ocupou seu posto ao meio-dia.

Imediatamente, percebeu um problema. Depois de uma faixa curva do lago, talvez a uns quatrocentos metros, um restaurante chinês chamado Jasmine também se projetava sobre a água. As instruções que dera à irmã de Morena não eram precisas. “Diga a ela para me encontrar no cassino Bellagio, no restaurante que fica na frente da fonte.” Agora tinha dois locais para vigiar. O erro de cálculo o consumia como um verme corroendo a base de seu cérebro e

prejudicando seu controle emocional. Pelo menos tinha uma boa visão através das janelas panorâmicas do Jasmine.

Evan passou seis horas sentado ali, esperando enquanto, ao mesmo tempo, perdia a esperança de vê-la chegar. Usava jeans, jaqueta preta e boné de beisebol para esconder o rosto da infinidade de câmeras que havia ali. Para Morena sentir-se segura, ele havia escolhido um cassino como ponto de encontro, o único lugar com mais câmeras de segurança que um aeroporto.

Mulheres paravam ao lado da mesa, de vez em quando, para perguntar se ele queria pagar-lhes uma bebida. Certamente parecia um homem procurando companhia, e as profissionais notavam sua presença. Ele as recusava com educação. A exposição a que se submetia ali contrariava todos os seus instintos, mas, considerando que Morena estava apavorada, queria ocupar um lugar onde ela o visse antes mesmo de entrar. Com base no que Carmen havia contado sobre os encontros com a irmã, esse era o método de abordagem preferido por Morena.

Ele se levantou para ir ao banheiro, finalmente, voltou e se sentou, outra vez alerta ao movimento, enquanto o sol descrevia seu brilhante arco de fogo pelo céu e descia atrás da Strip, na Las Vegas Boulevard. Quando o tom lilás do

entardecer se perdeu no escuro da noite, a maior exibição de luzes do mundo surgiu em todo o seu esplendor, com a falsa torre Eiffel do hotel Paris se acendendo em uma espiral de luz dourada, superando o brilho da lua. A fonte do hotel Bellagio explodiu em cores e jatos dançantes na superfície do lago diante de Evan, respingando no vidro à sua volta e reproduzindo uma coreografia bizarra ao som de um dueto de Andrea Bocelli e Sarah Brightman. Evan observava as cores, o movimento na entrada do cassino, o corredor dos banheiros. A música era alta, “Con te partirò”, e a fonte dançava. Logo um DJ usando um boné do Celtics virado para o lado assumiu o comando em sua cabine, e *remixes* e *mashups* de Rihanna passaram a competir com o dueto. A pista de dança ficou cheia, dominada por mulheres solteiras animadas e universitários barulhentos, executivos liberais e *drag queens* sobre botas de salto e cano alto, uma confusão de pernas ágeis em meio aos raios entrecortados da luz estroboscópica dançando “Love the Way You Lie”.

Evan imaginou Carmen sentada no balanço, isolada, torcendo pelo aparecimento da irmã. O dia escolar terminara havia muito tempo. Talvez Morena tivesse preferido esperar anoitecer para ir até ele. Talvez nem tivesse aparecido na escola, e Evan ficaria ali, esperando, preso ao mesmo lugar

no dia seguinte e no outro. Ele estudou as pessoas mais uma vez, todas no clima “o que acontece em Las Vegas fica em Las Vegas”, falando muito alto, muito perto, tirando *selfies* fazendo biquinho. Caça-níqueis tilintavam acompanhando um rap de Eminem. Do outro lado da rua, a falsa Europa cintilava. Todos ali perseguiam um sonho, uma versão alternativa de si próprios, identidades renovadas, tão falsas e tão reais quanto a do próprio Evan, imersos naquela fantástica terra das maravilhas que abandonaria todos diante do portão de embarque como uma mala deixada para trás.

No meio da festa, algumas realidades simples se impunham. Precisava encontrar uma menina apavorada de 17 anos. Precisava protegê-la. E precisava descobrir se ela havia dado o número de seu telefone para Katrin White ou Memo Vasquez.

Evan bebia água, sonhava com vodca e analisava a pista de dança, o restaurante vizinho e as pessoas mais uma vez. Ele se ajeitou no sofá e alongou as costas. Quando olhou novamente pela janela, um movimento dentro do Jasmine chamou sua atenção.

Através da cintilante parede de vidro, viu uma silhueta feminina andando entre as mesas cobertas com toalhas brancas. Ela estava de costas, mas ele leu a postura

imediatamente. Ombros erguidos, queixo baixo, mãos perdidas dentro das mangas compridas demais.

Medo.

Ela olhou para o lado, e Evan viu seu perfil.

Morena.

Ele observou o ambiente em torno dela. Tudo parecia em ordem. Levantou-se para ir até ela, mas, ao fazer uma varredura visual de toda a extensão das quatro janelas, parou.

Danny Slatcher surgira atrás de uma coluna e andava lentamente na direção de Morena. Usava jeans desbotados e largos e uma camiseta do restaurante Bubba Gump, em uma versão perfeita dos frequentadores malvestidos de Vegas.

Morena continuava andando, movendo-se entre as mesas, sem perceber o homem atrás dela.

Em volta deles, as pessoas comiam e conversavam, bocas que se moviam cujos sons eram suprimidos pela música que vinha do lago, “*time to say goodbye*”, e da cabine do DJ, “*just gonna stand there and watch me burn*”, os caça-níqueis tilintando, as moedas caindo, as caixas de som na pista, tum, tum, tum. Evan estava em pé, com as mãos no vidro, olhando para a cena do outro lado de uma faixa cintilante de água.

Slatcher se aproximava de Morena. Era evidente que nem imaginava que Evan podia vê-lo ou que acompanhava cada passo seu.

Morena seguia em frente. Slatcher ia atrás dela. Havia entre eles uns trinta metros, mas a diferença de tamanho entre os dois era impressionante, como um urso perseguindo um pequeno veado.

Não havia barulho que Evan pudesse fazer para ser ouvido na noite de Las Vegas, por isso ele subiu na mesa e acenou, com o braço levantado, tentando atrair o olhar de Morena. Não conseguiu, mas um cliente em uma mesa próxima a ela o viu, e depois outro, e logo várias cabeças viravam para ele. Sorrisos se abriam, e alguém apontou o idiota bêbado em pé em cima da mesa. Morena percebeu o movimento ou ouviu o barulho, porque se virou e o viu. Mesmo longe, ele viu o reconhecimento mudar sua postura. Ela levantou a mão num gesto tímido de reconhecimento.

Evan apontava violentamente para o lado, tentando mostrar o perigo atrás dela.

Ela se virou, olhou para trás e ficou tensa. Slatcher também percebeu o que estava acontecendo e parou, levando a mão ao quadril.

Evan não chegaria a tempo.

Uma garçonete parou ao lado da mesa.

— Senhor, preciso pedir que...

Atento à cena no outro restaurante, Evan nem ouviu o que ela dizia.

Morena se dirigiu à janela, afastando-se de Slatcher. Ele desviou de um garçom e se aproximou devagar, reduzindo as chances de fuga.

Dedos seguraram o tornozelo de Evan, e ele ouviu uma voz mais profunda:

— Cara, você precisa descer da mesa ou vou ter de...

Evan olhou para baixo quando o segurança esticava o outro braço. Abaixando-se, segurou o pulso e torceu o braço gordo, travando o cotovelo e empurrando o rosto do homem contra a mesa. Depois, pisou-lhe no pulso para prendê-lo no lugar e ergueu o corpo, atento novamente a Morena.

Com as costas coladas na janela, ela deslizava pela parede. Sem ter para onde ir. As mãos abaixadas estavam abertas contra o vidro. Slatcher se aproximava. Três garçons passaram entre eles, carregando um bolo de aniversário cheio de velas acesas, e Slatcher aproveitou a distração para chegar mais perto de Morena. Estavam separados por umas dez mesas.

O segurança se debatia embaixo do pé de Evan, balançando a outra mão de forma desajeitada sobre a cabeça, tentando alcançá-lo. Alguns clientes perto da pista de dança notaram o confronto, mas, para a maioria, a música alta e os movimentos frenéticos eram distração suficiente, o que permitia que ele ganhasse tempo.

Slatcher só estava atrás de Morena para chegar a ele. Evan era o verdadeiro alvo. Mas estava preso ali, com duas paredes de vidro e uma fonte entre eles. Impotente.

Olhava para Morena, esperando que ela se virasse, que olhasse em sua direção outra vez. Finalmente, ela se virou, com os olhos muito abertos. Evan apontou para Slatcher e para o próprio peito e repetiu a sequência.

Mostre para ele que estou aqui.

Era a única coisa que conseguiu pensar em fazer.

O segurança continuava debatendo-se sob seu pé.

Morena olhou para Slatcher. Ele se aproximava. Seis mesas. Cinco.

Ela o encarou, levantou o braço e apontou para a janela.

Slatcher virou a cabeça lentamente até ver Evan.

Um momento de paralisia.

Evan levantou as mãos. *Vem me pegar.*

Slatcher virou e correu para a porta do restaurante.

Evan viu Morena deslizar as costas pela parede de vidro e quase cair com a força do alívio. Esperou que ela olhasse novamente em sua direção e fez um gesto para que ela fugisse.

Depois desse susto, nunca mais conseguiria convencê-la a encontrá-lo, mas, no momento, tudo o que importava era sua segurança. Ele repetiu o gesto com mais ênfase. Finalmente, Morena recuperou a capacidade de ação e correu ao longo da parede, desaparecendo pela porta da cozinha.

Passos soaram atrás de Evan. Homens corriam em sua direção. Ele se virou e viu mais dois seguranças. Esperou um instante até alcançarem a mesa, então pulou entre eles, passando por cima dos ombros largos. Aterrissou sobre a mesa vizinha, de onde pulou para o chão, atravessou a pista de dança e correu para o cassino, passando entre duas mesas de *blackjack*.

Uma comoção surgiu nas lojas à esquerda, onde havia um corredor radial que terminava no salão de jogos. Evan virou-se e viu duas mulheres sendo empurradas e caindo no chão. Quando elas saíram do caminho, Slatcher apareceu. As mulheres continuavam no chão, mas ele nem reduziu a velocidade dos passos, correndo até Evan.

Evan passou pelos jogadores de *blackjack* e derrubou com força as altas pilhas de fichas em cima da mesa, provocando uma chuva de plástico colorido. As fichas de cem dólares voaram e se espalharam sobre os caça-níqueis, ricocheteando nas passarelas entre as mesas. Os jogadores se levantaram bruscamente. Cadeiras caíram, homens se jogaram no chão, até gente que estava apenas passando por ali mergulhou no meio da confusão, rastejando atrás das fichas que rolavam pelo chão.

Correndo, Evan passou pelo tumulto e entre os seguranças que se aproximavam falando pelo rádio. Do outro lado da área conturbada, ele se virou e olhou para trás.

Slatcher havia sido contido por uma fileira de seguranças quando tentava sair da confusão. Mais alto que todas as pessoas ali, ele olhava para Evan com ar ameaçador, preso atrás de uma barricada temporária.

Evan se virou e correu, passou por outras mesas e chegou ao corredor, que já estava cheio de seguranças e curiosos atraídos pela confusão. Puxando para baixo a aba do boné, passou apressadamente por um grupo de universitárias em vestidos pretos e curtos e gorros de Papai Noel. Tinha de encontrar uma saída antes que alguém o visse nas imagens gravadas pelas câmeras.

Uma mulher de cabelo curto e loiro contornou a mesa da roleta a caminho do corredor. Ela usava uma camisa preta e justa para dentro do jeans escuro, exibindo as curvas do corpo. A mão estava dentro de uma bolsa Louis Vuitton, e Evan só precisou de um segundo para encaixar os traços atraentes em um nicho da memória.

Candy McClure, parceira de Slatcher, capturada por câmeras de segurança em cima de uma Kawasaki.

A mão deixou a bolsa de grife e agora apontava para seu rosto. Evan se esquivou jogando o peso do corpo para trás; o movimento o levou ao chão e o salto fino de Candy passou muito rente ao seu rosto. No chão, ele deslizou para a frente, percorrendo a superfície de mármore e saindo do campo de ação da fúria da parceira de Slatcher. A mão de Candy voltou calmamente para dentro da bolsa, onde ela guardou a faca. Então sorriu para Evan como se dissesse “bom, eu tentei”.

Era como se nada tivesse acontecido.

Mais seguranças e jogadores corriam ao redor, e McClure se deixou levar pela multidão.

Evan saiu do estado de incredulidade. Havia passado tempo demais para sair do cassino, por isso ele abriu caminho até o banheiro, a única área pública onde a lei não permitia a instalação de câmeras. Lá dentro, jogou o boné na

lixeira e virou a jaqueta que podia ser usada também pelo avesso, exibindo o lado branco em vez do preto. Com uma toalha de papel, limpou o suor na testa e saiu do banheiro, acompanhando a multidão que andava pelo corredor.

À sua esquerda, o sinal sonoro de um elevador precedeu a chegada de mais uma leva de seguranças. Evan manteve a mesma trajetória e passou no meio dos homens. Quando inspirou, sentiu no ar o cheiro de loção pós-barba e gel para cabelo. Os guardas passaram apressados, falando em rádios e estudando imagens em seus smartphones.

No fim do corredor, Evan passou por uma grande porta giratória e saiu no rio de gente que entupia a Las Vegas Boulevard. Passando por dois policiais indiferentes a tudo o que acontecia, ele examinou o mar de cabeças procurando uma menina apavorada de 17 anos. Enquanto corria pelos quarteirões, ele se deu conta de que não ia encontrá-la, e Slatcher também não.

Morena já estava bem longe dali.

Observando

A caminho de casa, Evan saiu da estrada pela rampa do Dodger Stadium e procurou o endereço que Memo Vasquez havia fornecido. O lugar, mais um barraco que uma casa, parecia prestes a desmoronar na encosta da colina. Plantas mortas cobriam o terreno barato. Um tapume cobria uma das janelas da frente. Membros de gangues estavam reunidos na varanda das casas vizinhas, bebendo cerveja e usando a habitual bermuda xadrez baixa. Um grupo de crianças jogava basquete, e um carrinho de compras pendurado em uma caçamba de lixo servia como cesta. Luzes de Natal piscavam esporadicamente em alguns telhados.

Evan se aproximou com cuidado e andou a pé pelo quarteirão em volta do barraco, mas não viu sinal de equipamentos de vigilância. Faria tudo aquilo de novo, com cuidado ainda maior, antes do encontro marcado para quarta-feira.

Pensou em Morena, que estava sozinha e mais assustada que nunca. Teria de esperar que ela entrasse em contato, se quisesse, mas, depois de quase ter sido sequestrada no Jasmine, imaginava que ela desapareceria de novo, buscando afastar-se da irmã, de Danny Slatcher e de Evan. Pensar nela em algum lugar por aí, exposta ao próximo movimento de Slatcher, tirava-o do sério.

Quando voltou ao carro, o celular tocou. O número que aparecia na tela era do pré-pago que havia deixado com Katrin. Um sentimento de traição explodiu em seu peito, quente como um jato de lava.

Ele atendeu.

— Onde você está? — perguntou Katrin.

A paranoia tinha um gosto, uma acidez na língua tão intensa quanto o efeito colateral de um remédio forte. A respiração de Evan formava nuvens brancas no ar frio da noite. O ar tinha cheiro de grama molhada e fumaça de automóvel. Na rua, uma mulher de sapatos altos cor-de-rosa, com tiras de tecido que se cruzavam subindo pelas pernas até as coxas, andava ao som de um coro de assobios.

— Por que quer saber onde estou?

A risada dela era melodiosa.

— Não quero. Acho que a pergunta é “por que não está aqui?”.

Evan não respondeu.

— E então, por que não está aqui?

— Estou tentando descobrir como resolver tudo isso.

— O quê?

— Tudo. Não me ligue, a menos que seja uma emergência. Eu volto na quarta à noite.

— Tudo bem. — O tom de Katrin esfriou. — Só em caso de emergência. Certo. Espero não ter...

— O quê?

— Nada, só... obrigada.

Evan desligou.

Em Burbank, estacionou o Taurus a dois quarteirões de onde deixara a caminhonete. Em casa, foi diretamente ao Cofre. Checou os vídeos do apartamento desde o minuto em que havia saído, assistindo a cada movimento de Katrin. Ela dormiu, tomou banho, se alongou, pediu algumas coisas no supermercado, cochilou. Tudo como ele havia instruído.

Nesse momento, ela estava em pé na frente da grande janela escurecida, olhando para a estrada. Os ombros tremiam. Katrin chorava.

Talvez soubesse que era vigiada.

Evan saiu do Cofre, deitou na cama suspensa e caiu num sono profundo.

Sonhou com Jack, vendo-o com os lábios negros. Um líquido escuro enchia sua boca lentamente, brilhando, e escorria pelo queixo. Jack tentava contê-lo com as mãos, recolher o sangue como se fosse possível colocá-lo de volta no corpo. Os olhos arregalados fitavam Evan.

— O passado não morreu — disse Jack por entre os lábios escuros e molhados. — Ainda nem é passado.

— Como assim? — perguntou Evan.

— Sei lá. — Jack deu de ombros, e o líquido horrível escorreu por entre seus dedos. — Interpretação de sonhos — acrescentou ele com desdém. — Odeio essa merda.

Evan acordou ofegante, suado, com os lençóis amassados em volta do corpo. Eram cinco horas da manhã. Seus pensamentos estavam confusos e cenários se sobrepunham.

O vento frio e constante que saía do ar-condicionado secava seu suor. Sentou-se na cama e cruzou as pernas para meditar. Como Jack havia ensinado, liberou um espaço dentro da cabeça e o ocupou com os carvalhos de sua infância. Visualizou o sol de verão da Virgínia e um tapete de grama verde sob os pés. Andando entre as árvores, respirava o cheiro das cascas e ouvia o canto dos pássaros. Chegou a

uma clareira onde Jack o esperava, com o sorriso ainda escuro, o queixo pingando sangue e os dentes manchados como os de um vampiro.

Evan abriu os olhos, mais irritado que estressado.

Foi até a gaveta do criado-mudo e pegou um gongo tibetano do tamanho de um prato de sopa. Passou o bastão de madeira em torno da borda, fazendo o instrumento cantar. Depois, bateu no bronze e fechou os olhos.

Sentindo a vibração na pele, registrou cada momento de sensação, cultivando o mesmo estado de hiperconsciência que usava ao lutar ou preparar um tiro a distância. Deixou as vibrações viajarem pelo corpo, ressoarem, redefinirem sua forma. Esperou até o barulho desaparecer, até não haver nenhum resquício de som, até o último tremor no ar se aquietar.

Então, abriu os olhos, sentindo-se renovado.

As prioridades da missão eram claras agora.

Não podia confiar em Katrin. Não podia confiar em Memo Vasquez. Iria ao encontro dele na quarta-feira, o que lhe dava um pouco mais de 24 horas para vigiar Katrin e ver se tentaria fazer contato com alguém da organização.

Se nada acontecesse, encontraria Vasquez e o pressionaria com mais rigor.

Era só uma questão de continuar pressionando até alguém desabar.

O estômago vazio o fez sair da cama e ir à cozinha. A parede viva já tinha visto dias melhores. O sistema de irrigação não devia estar funcionando, porque as ervas haviam ganhado contornos marrons. Mesmo assim, encontrou dois tomates robustos, colheu um pouco de manjericão e sálvia e fez uma omelete.

De volta ao Cofre, bebeu chá de hortelã e comeu a omelete enquanto observava Katrin, que apenas dormia. O cabelo liso e brilhante cobria-lhe parte do rosto, criando a impressão de que ela havia sido criada em preto e branco.

Finalmente, ela acordou, se espreguiçou e, bocejando, foi ao banheiro. Depois de um banho, colocou outra roupa e foi à cozinha, cujos armários abriu e fechou até encontrar uma frigideira. Katrin fez ovos mexidos e se sentou diante da bancada, onde ficou empurrando a comida pelo prato com um garfo.

Era como se estivessem tomando café juntos.

Evan lembrou-se de como ela o havia chamado para perto da janela, como o havia tocado e puxado seu corpo. A pele sedosa. O batom borrado nos lábios carnudos.

Se a intenção era despertar seu desejo, ela havia trabalhado bem.

O celular emitiu um alerta quando o sinal de GPS foi ativado em resposta à comida que chegou ao estômago dela. Os microchips teriam de ser repostos em seu organismo em breve, se ele quisesse continuar seguindo seus passos, e, nesse momento, não havia nada que quisesse mais.

O ponto piscava na tela, mostrando a localização de Katrin enquanto ele a via em tempo real pelo monitor. Bebendo o chá, Evan se acomodou para a longa espera.

Samurai

Ângulos de Katrin White enchiam os monitores. Perfil, superior, frontal, até imagens estéticas feitas por vários ângulos. Era como uma colagem de *pop art*, um cubismo dividido em repetições warholianas: *Katrin lendo uma revista de braços, um pé balançando no ar.*

Evan a observava de vez em quando, fazendo intervalos para se exercitar nas estações montadas no salão, almoçar e correr na esteira, de onde tinha uma visão clara do apartamento 19H no prédio vizinho, onde chegavam as conversas codificadas do número 1-85-LUGARNENHUM, depois de ziguezaguearem por computadores telefônicos no mundo todo e chegarem ao ponto de acesso de Wi-Fi de Joey Delarosa. De lá, as ligações desapareciam novamente na rede LTE da operadora Verizon.

Cada vez que voltava ao Cofre, Evan via as imagens do apartamento. Katrin fazia praticamente o mesmo que Evan: esperava. Ela arrumou o *futon*, andou pela cozinha e fez um

pouco de ioga sem muita vontade enquanto apreciava a vista. Durante um período de trinta minutos, chorou e soluçou encolhida no sofá. Evan revia cada minuto, esperando encontrar o menor deslize, mas não encontrou nenhum comportamento que pudesse considerar suspeito.

Às seis e meia, alguém tocou a campainha. Evan ouviu o som, mesmo abafado pelas paredes grossas do Cofre. Com alguns cliques do mouse, acessou as imagens da câmera escondida no sistema de ventilação do ar-condicionado do apartamento.

Mia esperava do outro lado da porta, e Peter estava com ela. Apesar de não sair do lugar, ela movia as pernas, simulando uma corrida, flexionando os joelhos e demonstrando uma impaciência nervosa.

Evan sentiu uma irritação instantânea. Levou um minuto para sair do Cofre e atravessar o corredor. Quando abriu a porta, estava preparado para ouvir mais uma queixa parental, mas Mia não estava brava.

Com os olhos inchados e o nariz vermelho, ela o encarou com uma expressão severa. O que ele havia interpretado como impaciência era, na verdade, medo.

— Oi, Evan. Desculpe, eu não queria incomodar, mas tenho uma emergência no trabalho. Preciso ir agora para o

escritório, e, como não tive tempo para procurar, todas as babás estão ocupadas.

Peter olhava para ele. O hematoma no olho estava mais claro que antes, agora com uma sombra amarelada. Ele carregava uma mochila tão cheia que parecia prestes a explodir. De quantas coisas um menino de 8 anos precisava?

— Espere. Como é? — Evan estranhou o pedido.

— Por favor?

— Não posso. Desculpe. Estou trabalhando e é uma situação complicada. Não posso interromper meu trabalho.

— Não vai precisar cuidar dele — insistiu ela. — Ele pode fazer a lição de casa no outro quarto? E você só dá uma olhada a cada meia hora mais ou menos? — Mia deu um passo à frente e baixou a voz. — É uma emergência de verdade. Tipo vida ou morte.

Evan imitou seu tom.

— Isso é uma metáfora?

— Não. Não tenho mais ninguém a quem recorrer. Preciso da sua ajuda.

Se, em uma hipótese muito remota, eles o atacassem ali, conseguiria proteger o menino? Evan mordeu a parte interna da boca. Olhou para Peter e depois para ela.

— Quanto tempo?

— Ai, graças a Deus! — Ela conduziu Peter para dentro do apartamento. — Só algumas horas.

Evan manteve a porta aberta, e Peter passou por ele. Mia se virou para voltar ao elevador, mas parou e olhou para trás.

— Não tenho como explicar o que isso significa para mim.

Evan assentiu e fechou a porta.

Atrás dele, Peter já falava:

— Esse lugar é *tão legal!*

Evan se virou.

— Onde você está?

Peter andava pela cozinha e olhava tudo. Deixou marcas de dedo na geladeira de inox perfeitamente escovada. Ligou o liquidificador. Puxou o chuveirinho da torneira da cozinha e o soltou, deixando-o voltar ao lugar com um estalo.

Evan correu, desligou o liquidificador e limpou a geladeira.

— Não toque em nada.

— Tudo bem. Desculpe. É que... aqui tudo é duro, de concreto... Parece a Batcaverna.

Evan olhou para o desenho de asas bordado em sua mochila.

— Você gosta do Batman, não é?

— Sabe por quê? — Peter esperou Evan dizer que não sabia. — Porque ele não é mágico. Não é um alienígena com superpoderes como o Super-Homem. Não voa. Ele é como você e eu. Os pais dele morreram, e ele quer ajudar as pessoas. Só isso. — Peter pôs a mochila em cima da bancada e pulou para se sentar na banquetta. — Estou com fome.

Ainda pensando nos pais mortos, Evan precisou de um momento para processar a mudança de assunto.

— Tem macarrão com queijo?

Evan abriu a geladeira e fez um inventário rápido. Um pote de pepinos em conserva, cebolinhas, duas bolsas de solução salina na gaveta de frutas.

— Tem caviar e bolacha de água e sal.

— O que é bolacha de água e sal?

Evan tirou algumas bolachas da embalagem, pôs em um prato e colocou-o na frente de Peter. O garoto mordeu uma bolacha, e as migalhas caíram em todos os lugares, menos no prato na frente dele. A reação foi uma careta.

— O que foi?

— Não tem gosto de nada.

Evan achou um pedaço de queijo manchego no fundo de uma gaveta, cortou algumas fatias e pôs em cima das bolachas.

— Problema resolvido. — Então, bateu na bancada com o punho fechado. — Comece a lição de casa.

Peter abriu um caderno e começou a escrever.

Evan foi para o quarto, trancou a porta e entrou no Cofre. Sentado atrás da mesa de metal, observou Katrin White sendo Katrin White. Jogada no *futon*. Bebendo suco de laranja direto da caixa. Pintando as unhas dos pés com o esmalte escuro que pegou na bolsa. Evan acelerou o vídeo com imagens gravadas, olhando atentamente para não perder nenhum gesto que pudesse ser um sinal, como abrir a janela do banheiro, pegar o celular, passar alguma coisa por baixo da porta, mas ela só passava horas tediosas no filme acelerado. Era cada vez mais provável que não descobrisse nada antes do encontro com Memo Vasquez na manhã seguinte.

Evan havia analisado todas as imagens gravadas e vigiava Katrin em tempo real quando ouviu um grito em algum lugar do apartamento, seguido pelo estrondo de alguma coisa caindo no chão e quebrando.

Ele pulou da cadeira e correu, fechando a porta secreta do chuveiro. Quando saiu do quarto e chegou ao corredor, Peter estava lá, com a mão cortada e sangrando.

A catana estava no chão perto dos pés dele, um pouco fora da bacia, livre dos pregos de acrílico que a sustentavam na parede.

— Desculpe — Peter apertava o polegar e lutava contra as lágrimas. — Só queria ver, só um pouquinho.

Evan se ajoelhou no chão.

— Deixe-me ver sua mão.

Um corte no polegar. A lâmina mal havia encostado. Afiada como era, podia ter amputado o dedo do garoto.

Evan o levou ao banheiro, lavou a mão com água fria e apertou o ferimento com um lenço de papel. Deixou o lenço ensanguentado na pia e pegou um tubo de supercola na gaveta.

— Vai *colar* meu dedo?

— Vou.

— E se eu coçar o rosto e meu dedo ficar grudado na cara?

— Aí vai ficar desse jeito para sempre até o fim da vida.

Peter olhava assustado para Evan, mas, no instante seguinte, sua expressão mudou.

— Há, há. Tem certeza de que isso não faz mal?

— Confie em mim — disse Evan.

Peter confiou.

Pouco depois, ele olhou para o corte.

— Tem Band-Aid dos Muppets?

— Não — respondeu Evan.

Eles voltaram ao corredor, onde a espada continuava no chão. A bainha, uma *shirasaya* de madeira, tinha um *sayagaki* entalhado e pintado. Era a marca de um *sensei* morto havia muito tempo. A rachadura fina como um fio de cabelo passava pela assinatura do *sensei*. Havia três pessoas no mundo capazes de consertar a bainha corretamente; por sorte, uma dessas pessoas morava em Marin. Evan se abaixou ao lado da bainha, tocando a rachadura com um dedo. Assim que completasse a missão, faria a viagem de carro até o litoral para levar a *shirasaya* para o conserto.

— Desculpe — repetiu Peter. — A lição de casa é chata.

— Imagino. — Evan pegou a espada e a guardou na bainha.

— O que é isso?

Uma catana do século XVIII, forjada de maneira esplêndida com *chojimidare* no estilo de Bizen no padrão da lâmina. *Bohi* esculpido à mão e *sohi* para dar equilíbrio, verniz *sashikomi* e empunhadura impecável revestida a ouro na base da lâmina brilhante.

— Uma espada.

Evan guiou Peter de volta à bancada da cozinha, levou a espada danificada ao Ford F-150 na garagem do prédio e a trancou em um dos compartimentos sobre a carroceria. O reparo seria sua recompensa quando completasse a missão.

Quando voltou ao apartamento, Peter estava deitado no sofá, com o livro da escola sobre o peito, dormindo. Exausto, sem dúvida, depois do incidente com a espada. Evan ficou parado ali, sem saber o que fazer. Felizmente, a campainha o salvou.

Mia parecia esgotada.

— Meu Deus, Evan, nem sei como agradecer.

— Está tudo bem? — perguntou ele.

— Tão bem quanto é possível. E por aqui?

— Tudo certo. Ele teve um corte pequeno no polegar.

— Mesmo? Como?

Evan hesitou.

Felizmente, Mia entrou no apartamento sem esperar por uma resposta e parou ao ver o filho deitado no sofá.

— São tão quietos quando estão dormindo — disse ela.

Rápida, recolheu as coisas dele, pendurou a mochila em um braço e foi pegar Peter.

— Ele tem sono pesado. Não acorda fácil... Vou levá-lo no colo. — Mia carregava o filho com esforço, com a mochila

escorregando do braço.

Evan se aproximou.

— Eu o levo — disse.

O que faz você feliz?

Eles entraram no apartamento 12B. Evan carregava Peter como uma *pietà* distorcida, e Mia equilibrava sua pasta e a mochila do filho. Ela tirou os sapatos de salto, chutando-os.

— Pode colocá-lo na cama, por favor? Preciso tirar a roupa. — Seu rosto ficou vermelho. — Não desse jeito. É que...

— Tudo bem. — Evan levou Peter para o quarto e o colocou na cama em formato de carro de corrida. Ficou parado no quarto silencioso por um momento, tentando lembrar se algum dia havia dormido um sono tão pesado.

Quando voltou à sala, ouviu Miles Davis em algum lugar do apartamento. Havia um bilhete novo na entrada da cozinha: “Trate a si mesmo como se fosse alguém que é sua responsabilidade ajudar”.

E o que isso significa exatamente?

Evan andou pelo apartamento em direção ao quarto de Mia e quase esbarrou nela perto da porta. Com uma risada

nervosa, ela recuou um passo. Ela usava uma camisa de dormir que descia até a metade das coxas. Estavam tão próximos que, mesmo com a luz fraca do quarto, ele via as sardas no nariz dela. O cabelo solto caía em torno do rosto e ela o puxou para o alto da cabeça, fazendo a camisa subir ao levantar o braço. Evan sentiu cheiro de capim-limão. O cheiro da pele dela. O cheiro dela.

A música acabou e outra começou. Um delicado *riff* de piano.

— *Ah* — disse Mia. — *Ah*, não... Oscar Peterson Trio. — Ela balançava o corpo acompanhando a música lenta, segurando com uma das mãos o cabelo no coque improvisado. — Tive uma aula de psicologia na faculdade. Sobre meditação. Já meditou?

— Um pouco.

— A professora dividiu a turma em duplas e pediu para um dos parceiros repetir a mesma pergunta muitas vezes. “O que faz você feliz?” Só isso, mas muitas e muitas vezes. E depois trocamos. Quando chegou minha vez, minha resposta foi “Hymn to Freedom”. Esta música. Ouça esse trecho... *agora*. — Ela soltou o cabelo. A marca de nascença na testa espiava por entre as mechas da franja. Seu olhar era direto. — Quer tentar?

— Sim.

— O que faz você feliz?

Ele pensou: “Precisão de pontaria em tiros de longa distância”.

— Leões da Rodésia.

Ela sorriu e fez um barulhinho.

— O que faz você feliz?

Ele pensou: “Defesas com as duas mãos no jiu-jítsu”.

Mas disse:

— Vodca de trigo francês.

— O que faz você feliz?

Dessa vez, não houve intervalo entre pensamento e resposta:

— Suas sardas.

Mia entreabriu os lábios. Deu alguns passos para trás, para dentro do quarto. Ameaçou falar alguma coisa, mas parou.

— Quer que eu vá embora? — perguntou Evan.

— Não.

— Quer que eu fique?

— Sim. Sim, eu quero.

Os dois deram um passo à frente, e ela tocou no rosto dele quando as bocas se encontraram. Mia colou-se ao corpo dele,

o rosto erguido, os lábios macios, os cabelos escorregando entre seus dedos. Depois do beijo, ficaram frente a frente, com as testas coladas, a respiração se misturando, até ela murmurar:

— Não.

Evan recuou.

Ela fez uma careta.

— Não, não, não, não, não.

Ele esperou.

— Isso é um grande erro. Enorme! Tenho muitos problemas para ter... *problemas*.

— Tudo bem.

— Se Peter visse alguma coisa, ficaria muito confuso. Acho que é melhor você ir. Desculpe.

— O.K. — respondeu ele, já a caminho da porta.

— É que não é uma boa hora e... — Suas mãos de guarda de trânsito se ergueram, interrompendo a conversa e seu fluxo de pensamentos. — Meu Deus, você é tão... imperturbável.

— O que esperava?

— Não sei. Argumentos. Acusações. Raiva.

— É isso que quer?

— Não! — Ela suspirou frustrada. — Sim? Talvez?

— Isso não me interessa.

— Mãe?

Os dois olharam para Peter, que havia aparecido na porta e esfregava um olho com a mão fechada. Ele os observava, parecendo confuso e exausto.

— O que estão fazendo aqui?

— Ah, meu bem, oi, sim... Hum... Eu só estava pedindo ao Evan para me ajudar... — A mão de Mia girava como se quisesse pegar uma desculpa no ar — A mudar os móveis de lugar.

— Por que precisa dele? Precisa ter força?

Evan interferiu:

— Eu acho que precisa, sim.

Mia sufocou o riso cobrindo a boca com a mão.

— Vem, vou levar você para a cama — disse ela ao filho.

— Tudo bem. — O menino olhou para Evan. — Boa noite, Evan Smoak.

Evan passou a mão na cabeça dele.

— Boa noite.

Quando saiu e fechou a porta do apartamento, Evan sentiu-se envolvido por uma repentina quietude. O elevador subiu fazendo aquele barulho baixo e agradável.

Quando entrou na cobertura, a luz ambiente refletida pelas cortinas iluminava a porta da geladeira, mostrando nitidamente o contorno de uma digital infantil no aço inoxidável.

Evan ficou parado no silêncio quase perfeito do apartamento, olhando para a mancha, sentindo alguma coisa se agitar dentro dele, o eco de alguma antiga batalha travada, uma luta de que nem tomara conhecimento antes. No reflexo impecável acima da marca de dedo via apenas ele e, em seu rosto, uma expressão meio aborrecida. O rolo de papel-toalha, pendurado em uma haste de aço embaixo da pia, chamou sua atenção.

Porém, em vez de limpar a mancha, ele atravessou o corredor a caminho da suíte. O lenço de papel com o sangue de Peter ainda estava sobre a pia. Evan entrou no boxe e girou a torneira de água quente no sentido contrário.

Acessando os vídeos do apartamento, informou-se rapidamente sobre os últimos movimentos de Katrin White. E, durante todo o tempo, pensou naquela mancha na porta da geladeira. A digital arruinando a perfeição do aço inox, alojada no fundo de seus pensamentos, incomodando como um inseto se debatendo para escapar.

Concentrando-se novamente nos monitores, ele ignorou o desconforto. Depois de ver todo o material gravado, saiu do Cofre e se deitou na escuridão do quarto. O inseto se debatia, cavava seus pensamentos, incomodava como um hóspede indesejado. Uma hora se passou. Outra.

Finalmente, Evan se levantou e foi até a cozinha.

Lá, umedeceu uma folha de papel-toalha e limpou a digital na porta de aço inox da geladeira.

Distração

Entre as casas pobres da encosta e uma escola dilapidada, um furgão que vendia sorvete percorria a via estreita tocando seu sino, perseguido por um grupo de crianças que aproveitava o recreio matinal com a professora. Evan havia observado o furgão quando comprou uma garrafa de água do motorista idoso apenas como pretexto para espiar dentro do veículo. Na verdade, tinha passado horas vigiando a região no entorno, procurando sinais de uma possível armadilha. Tudo parecia normal, ou dentro da versão de normalidade de Elysium Park, pelo menos. Evan esperou o furgão passar, saiu novamente do Taurus e se dirigiu, finalmente, à casa de Memo Vasquez.

Tratava o encontro com grande suspeita e com desconfiança excessiva até para seus padrões. Havia passado mais de sessenta horas observando Katrin. Ela não mostrara nenhum sinal de estar mentindo. Havia a possibilidade de saber que era vigiada, mas Evan instalara o equipamento de

vigilância, escondendo tudo perfeitamente. Durante dois dias e meio, ela não demonstrara ter consciência das câmeras escondidas, nem com um leve olhar nem com mudanças na linguagem corporal, que Evan sabia, por experiência própria, que era difícil disfarçar. Sendo assim, estava ainda mais desconfiado de Memo Vasquez.

Evan pisou na varanda, bateu à porta duas vezes e se deslocou para o lado, girando e colando as costas à parede. Faltava meia hora para o horário combinado. Sua intenção era pegá-lo desprevenido.

A porta foi aberta, e Evan se moveu rapidamente, empurrando Vasquez para dentro da sala apertada.

O homem encorpado, com um bigode largo e grisalho, levantou as mãos.

— Por favor, não me machuque. Por favor.

Evan fechou a porta com um pé e deu uma rasteira em Vasquez, segurando o peso de seu corpo para amortecer o impacto da queda. Depois, virou-o e o revistou enquanto fazia uma rápida varredura no ambiente. Evan tirou prendedores feitos de plástico flexível de um bolso frontal da calça cargo. Eram mais fáceis de enrolar que os de plástico rígido, o que facilitava o transporte. Ele usou um prendedor

para algemar as mãos de Vasquez, apertando bem. Vasquez grunhiu.

— Quietos — disse Evan.

Com rapidez, percorreu a pequena casa. Não havia ali mais que o básico. Um sofá. Uma mesa de jogar cartas onde havia dois pratos, duas xícaras, dois garfos. Armários vazios, exceto por uma panela e uma frigideira, ambas escurecidas pelo uso. Dois colchões no chão do único quarto, um preso a um saco de dormir vazio e enrolado, o outro acompanhado de um ursinho cor-de-rosa com uma orelha mordida. Uma pilha de caixas de papelão no canto com camisetas de jogadores de beisebol com vários nomes e números. Evan foi ao banheiro. Um pacote com quatro rolos de papel higiênico no chão de ladrilhos lascados. Um resto ressecado de sabonete no boxe. Duas escovas de dente na pia, uma cor-de-rosa, outra azul.

A casa nem parecia habitada, o que podia significar que Vasquez não possuía mais que o essencial, o que fazia sentido, já que pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza não colecionam acessórios. Também podia significar que a equipe de Slatcher havia equipado a casa rapidamente para dar a impressão de que Vasquez morava ali.

A respiração do homem era arfante e difícil. Evan levantou-o e o deixou no sofá. Virando o homem de lado, tirou a carteira guardada no bolso de trás da calça. Não encontrou nenhum documento, uma confirmação da condição ilegal de Vasquez. Em vez disso, havia uma foto dele com uma menina adolescente no colo, cujas pernas tortas enlaçavam sua cintura. A menina tinha pálpebras pesadas, nariz largo e lábios grossos formando um sorriso alegre; uma das mãos segurava um ursinho cor-de-rosa. Vasquez a enlaçava com um braço, usando a outra mão para segurar a linha de uma pipa. O vento batia em seus rostos.

Vasquez olhava para Evan com ar magoado.

— Achei que ia me *ajudar*.

— Eu vou, se confiar em você.

— Confiar em *mim*?

Evan parou ao lado da janela da frente e, por uma fresta no tapume que a cobria, observou a rua. A inclinação naquela parte da via era pronunciada, com casas se agarrando precariamente à encosta e dando a Evan uma visão clara da estrada de acesso. Ao longe, o Dodger Stadium parecia um grande cálice de concreto. O cheiro de maconha que pairava no ar entrava na casa pela fresta no tapume.

— Conte sua história — disse Evan. — Quero acreditar em você.

Vasquez se moveu com dificuldade no sofá. O suor encharcava a frente da camiseta.

— Pode soltar minhas mãos, por favor?

Evan cortou as tiras de plástico flexível e voltou para seu posto perto da janela.

— Onde Morena encontrou você?

— Eu estava em uma reunião. Para alcoólicos.

— Alcoólicos Anônimos?

— Isso. Fui a Las Vegas para levar uma máquina de lavar para *mi hermana*. Não posso perder nenhuma reunião. Morena estava lá.

— Por que ela estava lá?

— Ela disse que tinha ido à reunião para procurar alguém como eu. Alguém que precisasse de ajuda, que estivesse perto de escorregar.

Evan tinha de admitir que Morena havia feito uma escolha inteligente, se sua intenção era procurar pessoas no limite. Mesmo assim, não conseguia disfarçar o ceticismo.

— E você chegou a contar seus problemas para o grupo?

— Não. Mas eu queria beber. E ela deve ter sentido que eu estava muito mal. — O suor cobria sua testa. — Sempre

acabo bebendo quando sinto quanto sou inútil... e impotente.

— Por que se sente impotente?

— Bom, você está vendo, não sou um homem rico. — Ele apontou com o queixo para o ambiente humilde. — Mas sou honesto. Somos só eu e minha Isa. A menina da foto. Minha mulher morreu no parto. Trouxe Isa para cá para tentar dar uma vida melhor a ela. No México, era difícil para ela, por causa de sua... condição. Faço camisetas de *los Dodgers* e vendo no estacionamento antes dos jogos. Alugo um pequeno espaço em *el distrito* de confecções para fabricar as camisetas. Em uma noite, uns homens apareceram na minha oficina. Eles tinham uns... Como é a palavra? Ah, sim, os pacotes. De *la cocaína*. Disseram que *la policía* estava atrás deles. Precisavam esconder os pacotes na minha oficina. Eles tinham armas e facas desse jeito — disse ele, mostrando com os dedos grossos o comprimento da lâmina. — *El jefe* pôs a faca no rosto da minha Isa. Se eu contasse a alguém, eles a levariam. Não disseram para quê. Só... que a levariam.

Seus olhos brilhavam; a respiração ficou barulhenta e molhada.

— Eu não sabia o que fazer. Se me recusasse, eles levariam Isa. Se fugisse, eles juraram que me caçariam. Se eu

fosse a *la policía*, seria deportado. Eu disse... que tudo bem. Que ia fazer o que queriam.

Evan prestava atenção à postura de Vasquez tanto quanto às palavras. Histórias falsas costumam parecer ensaiadas e são contadas de um jeito muito firme, sem hesitação. Vasquez parecia sincero, cheio de pausas e sentenças interrompidas. E ele não dava a impressão de estar prolongando o relato, esticando a história para dar tempo a quem planejava um ataque.

— Quantos homens eram? — perguntou Evan.

— Três.

— E *el jefe*... Onde ele estava? Do seu lado direito ou do esquerdo?

— À minha esquerda.

— E Isa? Ela também estava do seu lado esquerdo?

— Sim. Ele ficou perto dela.

— Como era o homem ao *lado* do chefe?

— Grande. Musculoso. Parecia um boxeador.

— E o quarto homem? Como ele era?

— Não havia um quarto homem. Eram só três.

— O terceiro?

— Também era grande. Alto, mas bem magro.

— Magro como o chefe?

— *El jefe* não era magro. Tinha músculos que pareciam nós de cordas.

— E estava parado do seu lado direito...

— Esquerdo. Ele estava aqui. *Aqui*. Com minha Isa. — Memo puxou a gola da camiseta e a usou para limpar o suor na testa. — Está tentando me confundir. Não acredita em mim. Você não acredita.

— Eu não disse isso.

Memo olhava para ele, mas não fazia nenhum movimento para se levantar.

Evan teve a impressão de que ele não se sentia livre para sair do lugar, e era melhor que fosse assim por enquanto.

— O que aconteceu depois? — perguntou Evan.

— Quando eles foram embora naquela noite, fui fechar a oficina e vi *la policía*. Eles estavam batendo em todas as portas de *el distrito*. Estavam perto. Peguei os pacotes, joguei na lixeira nos fundos do edifício e fugi. Fugi com minha Isa. Fiquei escondido, esperando *la policía* ir embora. E depois voltei. Mas, quando voltei, os pacotes não estavam mais lá. Não estavam lá.

Na rua, a música do furgão de sorvete ainda soava e um coro de vozes infantis gritava pedidos em dois idiomas.

Vasquez respirava com dificuldade e tentava segurar as lágrimas.

— Na noite seguinte, os homens voltaram. Expliquei para *el jefe* o que tinha acontecido. Ele disse que a culpa era minha. Que eu devia aquele dinheiro a eles. Cinco *mil* dólares. — Vasquez abaixou a cabeça e a balançou lentamente de um lado para o outro. Gotas de suor tremeram na ponta das mechas de cabelo, mas não caíram. — Nunca vi tanto dinheiro. Eles disseram que voltariam se eu não pagasse logo. Vão voltar para pegar minha Isa.

— Por que eles querem a menina?

Finalmente, Memo levantou a cabeça, e seus olhos escuros brilhavam.

— Vão vender seus órgãos.

O homem soluçou algumas vezes. Em pé ao lado da janela, Evan sentiu o despertar da fúria já familiar. O furgão de sorvete voltava a circular lá fora, aproximando-se lentamente da casa.

Memo continuou:

— Eles disseram que também ganham dinheiro com isso. Só que o coração dela não é bom, porque ela é uma menina especial. E os olhos... Ela tem catarata. — Seus lábios se afastaram, exibindo os dentes. — Mas o mercado negro vai

querer seu fígado. Os rins. Os pulmões. — Memo falava cada vez mais alto. — Ossos. Pele. Veias. Tendões. — Lágrimas lavam seu rosto. — Eles vão cobrir o prejuízo vendendo pedaços do corpo dela.

— Onde está Isa?

— Na escola. Ela está no programa de aprendizado especial.

Evan olhou pela última vez pela fresta no tapume. Depois, aproximou-se de Guillermo. Olhou para ele. Acreditava nele.

— Meu tempo está acabando — disse Memo. — Não vou conseguir esse dinheiro. Quando eles souberem, vão levar minha menina especial.

Evan se abaixou e apoiou as mãos nos joelhos de Memo.

— Eu vou ajudar você — disse ele.

Do lado de fora, a música do furgão era cada vez mais alta. O barulho do freio marcou o momento exato em que o carro parou. Os faróis varreram a parede da sala de estar, iluminando uma rachadura do revestimento.

Evan se virou e olhou para o reflexo sem sair do lugar. Depois, levantou-se e olhou para Vasquez.

— Não se mexa. Nem um dedo. *¿Comprende?*

Vasquez assentiu, com a testa franzida.

Evan se aproximou da parede, enfiou o dedo na rachadura e tirou fragmentos de gesso em volta da abertura. A ponta do dedo tocou alguma coisa dura e lisa. Ele segurou o objeto e o puxou.

Uma câmera muito fina, quase tão fina quanto um alfinete, como aqueles que ele mesmo usava na cobertura. Depois de todo aquele esplêndido trabalho de preparação, eles haviam enfiado uma câmera em uma rachadura na parede? Por quê?

Sabia que Slatcher o via naquele momento.

Furioso, Evan arrancou a câmera, puxando o fio, que se rompeu provocando uma chuva de pó de gesso. Memo olhava para ele, boquiaberto e amedrontado.

Evan sacudiu o equipamento na frente do rosto de Vasquez.

— O que é isso?

— Nunca vi essa coisa antes. Eu juro, eu...

O celular vibrou em seu bolso. Com a outra mão, ele pegou o celular e atendeu a ligação. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Evan ouviu o grito.

— Evan? Evan, sou eu!

Katrin. A voz dela tremia com o pânico.

— Tem gente aqui... As pessoas que estiveram no hotel. Aquele Scion. Acabei de ver as pessoas correrem para dentro do prédio. Meu Deus, onde você está, Evan? Onde?

Ele sentiu um calor na nuca, o sopro quente do medo.

— Olhe pelo olho mágico. Consegue chegar à escada?

— Não sei! Não sei!

— Olhe! *Agora!*

Memo ameaçou levantar-se do sofá, com as mãos erguidas num gesto de autodefesa.

— Escute, amigo, eu juro pelos olhos da minha Isa, eu nunca...

O soco de Evan o jogou no chão, onde caiu de bruços. Segurando o celular entre o ombro e o rosto, Evan apoiou o joelho entre as omoplatas de Vasquez, puxou seus braços para trás e prendeu novamente os pulsos com as presilhas de plástico. Depois, prendeu também os tornozelos.

— Já estão no corredor, Evan — disse Katrin. — O que eu faço?

— Tranque a porta e use o ferrolho. Vá para o banheiro. Tem um...

Um estrondo do outro lado o interrompeu. O som de um aríete atacando a fechadura. Katrin gritou tão alto que Evan afastou o celular.

— Fique na linha, Katrin. O que quer que aconteça, fique na...

Ele ouviu o barulho de uma bofetada e o telefone batendo no chão. Um instante depois, mais um barulho rápido, e a ligação caiu.

Evan deixou Memo no chão, amarrado, e correu para a porta. Agora entendia por que Slatcher não se dera ao trabalho de esconder melhor a câmera. O objetivo da farsa não era atrair Evan até ali para matá-lo.

O objetivo era tirá-lo de perto de Katrin.

Fim da linha

Evan atravessou o centro da cidade em alta velocidade, cruzando faróis vermelhos, costurando entre os carros, subindo com dois pneus sobre a calçada para ultrapassar um Volvo. Ele acionou o programa de localização dos microchips no organismo de Katrin, mas não viu sinal nenhum. A meio quarteirão do *loft*, ele freou, parou em uma faixa de ônibus e pulou do Taurus, correndo para o prédio com a mão sobre a Wilson Combat ainda no coldre.

Ele sacou a pistola quando passou pelas portas de vidro, quase derrubando um casal de meia-idade que descia pela escada com dois filhos. Correndo, subiu as escadas e parou no quinto andar, onde empurrou um pouco a porta do apartamento e espiou pela fresta. A porta estava encostada e a madeira estava empenada em torno da fechadura.

Ele seguiu pelo corredor com a pistola em punho. Tocando a madeira rachada, empurrou a porta sem fazer

barulho. Mantendo a arma apontada, entrou e olhou em volta.

Uma das banquetas diante da bancada estava caída. O celular pré-pago havia sido destruído. Ele se abaixou ao lado dos componentes eletrônicos e tocou as manchas escuras no chão. Quando levantou a mão, os dedos estavam vermelhos.

Não era muito. Talvez um nariz sangrando em consequência de uma bofetada? Sabia que Katrin estava viva. Eles a queriam.

O *loft* havia sido descoberto, por isso ele não perdeu tempo. Voltou ao Taurus e seguiu para a casa de onde havia acabado de sair em Elysium Park. Mentalmente, revia a história contada por Vasquez. O relato elaborado de um estrangeiro ilegal e humilde sem ninguém a quem recorrer, traficantes perigosos, a filha com síndrome de Down prestes a ser raptada e morta por comerciantes de órgãos, tudo agora parecia improvável, cada detalhe despertava seus instintos. A foto de Isa tinha sido plantada na carteira de Memo, no lugar da carteira de motorista, o primeiro lugar que Evan verificaria.

Slatcher havia feito uma boa pesquisa e construído uma simulação de uma missão para o Homem de Lugar Nenhum, dando o toque certo de desespero e impotência.

Alguns minutos mais tarde, Evan estava no interior empoeirado daquela casa pobre, estudando o cenário. Um canivete aberto. Presilhas de plástico cortadas no chão. E nenhum sinal de Memo Vasquez.

Irritado consigo mesmo e nem um pouco surpreso, Evan correu ao estacionamento em Burbank para trocar de carro. Uma pergunta o atormentava: como Slatcher havia encontrado o apartamento? Sua mente trabalhava, verificando várias possibilidades.

Na metade do caminho até Burbank, um impulso o dominou, e ele saiu da estrada, cantando pneu, e parou em uma rua estreita atrás de uma área de comércio. Ondas de calor seco escapavam pelo respiradouro nos fundos de uma lavanderia, onde roupas giravam como almas sem corpo.

Ele tirou uma mala robusta do porta-malas e montou o detector de junções não lineares. Realizou uma varredura meticulosa no Taurus, detendo-se em cada saliência e painel e deitando sob o carro no asfalto áspero para examinar o chassi. Passou a extremidade do detector pelo estofamento, arrancou os apoios de cabeça, limpou o porta-luvas. Arrancou os tapetes e os submeteu ao detector como se fosse um aspirador.

O aparelho emitia apenas o ruído habitual de estática.

As poucas pessoas que saíam da lavanderia olhavam para ele, curiosas, mas Evan as ignorava, concentrado na tarefa, com a camiseta suada colada ao corpo. Evan tirou o estepe e o examinou; depois, desmontou o kit de primeiros socorros e espalhou seus componentes no chão. Não havia nada na chave de roda nem no carpete do porta-malas, que ele levantou para examinar o assoalho. Em seguida, foi a vez do revestimento de espuma dentro da mala, cujos pedaços ele jogava pela rua como se fossem chumaços de algodão.

Sentado entre os acessórios e partes do carro, Evan respirava ofegante e confuso.

Os olhos se depararam com o próprio detector. Uma suspeita terrível ganhou vida em seu peito.

Ele se levantou e pegou a haste de metal. Sem pensar, jogou o detector no chão, quebrando-o em pedaços e pisando sobre a alça de plástico.

Dentro, encontrou um pequeno transmissor digital.

Abaixado, Evan removeu o rastreador do tamanho de uma ervilha, segurou-o entre o polegar e o indicador e o examinou atentamente.

Esconder um transmissor dentro do próprio equipamento que deveria detectá-lo era de uma astúcia única.

Ele se aproximou da van de entregas da lavanderia, estacionada ao lado dele, removeu a tampa do tanque de gasolina e jogou o transmissor ali. Isso manteria Slatcher e sua equipe andando em círculos pela cidade por um tempo.

No carro desmontado e bagunçado, Evan seguiu para o estacionamento ao lado do aeroporto, onde pegou a caminhonete. Enquanto dirigia para casa, tentava entender quando a equipe de Slatcher havia plantado o transmissor no detector.

Evan usou o Taurus pela primeira vez pouco antes de Slatcher atacar o quarto de hotel para onde tinha levado Katrin. Até aquele momento, o carro estava limpo. Não havia a menor possibilidade de saberem sobre ele antes. E, quando ele e Katrin fugiram do hotel pela janela dos fundos, havia visto Slatcher com os próprios olhos. Sabia que ele não tinha nenhum equipamento de rastreamento; apenas esperava os parceiros darem conta do trabalho no quarto e, depois, olhara para a rua. Não, não havia nenhum transmissor escondido no carro quando Evan levou Katrin para o *loft*.

O que significava que Slatcher havia plantado o equipamento quando Evan voltou a Chinatown para estudar o ninho do atirador. A cena de onde havia partido o tiro era o

lugar mais lógico. Slatcher sabia que Evan voltaria lá em algum momento.

E isso inutilizava todos os lugares onde havia estado depois de Chinatown.

Ele tentou lembrar quais foram. Mais tarde, naquela mesma noite, estivera no *loft*. Ele e Katrin transaram; depois, saiu apressado para atender ao chamado de Memo Vasquez, provavelmente antes de Slatcher preparar seu ataque. Então, foi a Las Vegas, e assim havia colocado Slatcher atrás de Morena ao visitar a casa da tia dela. Apesar de Slatcher ter seguido Morena até o Bellagio, ele sabia que Evan estaria por lá, em algum lugar, o que explicava a presença de Candy McClure no cassino.

Evan também tinha visitado Tommy Stojack, mas ele exigia que os clientes estacionassem a quilômetros de distância e completassem o trajeto de ônibus, então a oficina estava segura. No caminho de volta de Las Vegas, Evan havia parado na casa de Memo Vasquez, anunciando a Slatcher que havia mordido a isca do falso pedido de ajuda. Como havia trocado de carro em Burbank, o apartamento no Castle Heights também estava presumivelmente seguro.

Quando voltou à casa em Elysium Park naquela manhã, Slatcher provavelmente o rastreou até lá e esperou para ter

confirmação visual por meio da câmera nem tão escondida. Enquanto estivesse lá, Evan não conseguiria chegar a tempo de salvar Katrin, dando a Slatcher o tempo necessário para invadir o apartamento.

Era evidente por que o Órfão Zero era considerado o melhor.

Em casa, Evan verificou imediatamente se o sinal de GPS dentro de Katrin havia reaparecido magicamente, embora não tivesse recebido nenhum alerta. Nada.

Até que ela comesse e o suco gástrico carregasse os microchips no trato digestivo, o sinal ficaria adormecido. Melhor assim. Se Slatcher a examinasse em busca de algum sinal, não encontraria nada, a menos que fizesse a varredura logo depois de uma refeição. E alguma coisa dizia a Evan que alimentar Katrin não fazia parte das prioridades de Slatcher. Mas o sinal também tinha um prazo. Katrin devia ter mais um ou dois dias antes de os sensores minúsculos saírem de seu organismo.

Então, ele a perderia para sempre.

Ele examinou as imagens feitas no *loft*. Viu Katrin andando em torno da ilha da cozinha, como costumava fazer. Um desconforto sinistro ganhava força dentro dele, o horror

de observar uma pessoa que não sabe que algo terrível acontecerá a ela.

Katrin aproximou-se da parede de vidro escurecido, e foi então que seu corpo ficou tenso. Ela correu para pegar o celular, escorregando no piso liso.

Evan a viu digitar o número com dedos trêmulos. Viu sua boca se mover em desespero. A conversa estava gravada em sua memória. O som era pouco nítido, mas audível. “Tem gente aqui... As pessoas que estiveram no hotel.”

Ela ouviu a resposta, correu para a porta e olhou pelo olho mágico. As mãos tentavam prender o ferrolho quando a porta foi aberta com violência, jogando-a para trás. Ela cambaleou, mas conseguiu manter-se em pé.

Slatcher entrou e deu uma bofetada em seu rosto. A cabeça de Katrin virou para o lado. O telefone voou longe.

A mulher, Candy McClure, entrou atrás de Slatcher, carregando o aríete, que balançava perto de sua coxa. Com um andar casual e sinuoso, ela se aproximou do celular e o destruiu com o salto da bota. Slatcher pegou Katrin. Ela balançava em seus braços. Candy se aproximou pelo outro lado e ajeitou um braço de Katrin sobre o ombro de Slatcher como se ela estivesse bêbada. Os três saíram.

Toda a invasão durou onze segundos.

Evan viu tudo de novo. E de novo.

“Meu Deus, onde você está, Evan? Onde?”

Ele voltou o filme. Clicou na tecla *play*.

“Onde você está, Evan?”

Ouviu a súplica até ela se tornar um mantra de ódio e o incendiar por dentro.

O polegar digitou o número que ele guardava na memória. Slatcher não atendeu.

Provavelmente, estava tentando rastrear a chamada e ligaria de volta quando tivesse alguma pista. Como um Órfão, Slatcher tinha habilidades e recursos consideráveis para perseguir protocolos de voz sobre IP e comutadores digitalizados. Seria interessante ver até onde ele conseguiria seguir seu rastro.

Mantendo as luzes apagadas, Evan percorreu toda a cobertura com o celular na mão. Os ombros roçavam as paredes como se demarcassem os limites de sua fortaleza, delineando território seguro. A luz do sol era forte. Um cartão-postal alaranjado se desenhava no céu, e logo só restavam as luzes artificiais, pontos brilhantes no mar negro da cidade.

Como esperava, o telefone tocou. Evan atendeu.

— Órfão Zero — disse ele.

— Órfão X.

— Quero falar com ela.

— É claro — disse Slatcher.

Um momento depois, a voz de Katrin soou do outro lado, rouca de tanto chorar.

— Desculpe, Evan. Desculpe ter metido você nisso.

— Do que está falando?

— Não consegui pôr a trava na porta. Não consegui me trancar no banheiro.

— Lembre-se de duas coisas: nada disso é sua culpa e eu vou encontrar você. Repete.

Ela respirou fundo algumas vezes. Depois, repetiu o que ele disse:

— Nada disso é minha culpa. E você vai me encontrar. — Ela sufocou o choro. — Promete?

— Prometo. Devolva o telefone para o cara.

Slatcher voltou à linha.

— Está feliz por eu ter conversado com Katrin, não está?

— Estou — respondeu Slatcher, lacônico e com um tom satisfeito.

Evan andava pelo corredor e deixava os dedos deslizarem pelo espaço onde antes ficava a catana.

— Porque está rastreando a chamada.

— Tentando.

— Boa sorte — disse Evan com sinceridade.

— Boa jogada com a van da lavanderia — respondeu Slatcher.

— Obrigado. Plantar o transmissor na alça do detector foi uma ideia linda. Foi em Chinatown?

— Sim — confirmou Slatcher. — Enquanto você estava no apartamento, procurando meu rastro, eu estava no porta-malas do seu carro, procurando o seu.

— Mas não quis me pegar lá. Muitos policiais.

— O lugar estava lotado. Você viu. Fiquei impressionado com sua habilidade naquelas sacadas e no telhado. Não imaginei que conseguiria escapar.

Novamente, Evan pensou em vários inimigos possíveis. O sucessor de um chefe do Hezbollah que ele havia neutralizado durante o conflito de zona de segurança no Líbano. A viúva amarga de um oligarca que traficava material físsil. O tio de um estuprador que ele havia eliminado em Portland.

— Não quer me dizer por que está atrás de mim? — perguntou Evan.

— Não é da minha alçada.

— Certo. Assassino contratado. — Evan foi até o fundo da cozinha e sentiu a parede viva roçar em seu braço.

— Seu empregador não quer aparecer?

— Não.

— Como me achou? No começo?

— Ah, sou bom no que eu faço — respondeu Slatcher.

Evan atravessou o salão, apoiou-se na esteira e olhou para as janelas iluminadas do apartamento em frente.

— Começou com Morena?

— Pode ter começado antes — disse Slatcher. — Nunca se sabe quem a gente conhece. Talvez eu conheça alguém no prédio onde você está agora. — O tom era informal, mas Evan sentiu as palavras se contorcerem em suas entranhas.

Uma tática de desinformação? Evan decidiu que sim. Se Slatcher soubesse onde ele estava, a porta já teria sido arrombada.

— Por que acha que estou em um prédio?

Slatcher riu. Essa parte da conversa estava encerrada.

— Eu vi as cenas no *loft* — disse Evan. — Dois Órfãos trabalhando juntos. Agora já vi de tudo.

— Bom, *quase* tudo. Espere só.

Evan havia deduzido a origem de Candy, mas encarou as palavras de Slatcher como uma confirmação.

— Eu nem sabia que eles tinham uma versão feminina — disse ele.

— Têm algumas.

Evan passou pela esteira e parou na frente da tela que bloqueava a entrada do sol, olhando para a sacada do apartamento 19H no prédio em frente. A malha fina da tela prejudicava um pouco a nitidez da visão, mas só um pouco. Ele podia ver Joey Delarosa reclinado em seu sofá de couro falso, o controle remoto sobre a coxa, uma bandeja do Vigilantes do Peso sobre a banquetta de apoio para os pés. Pelo ângulo da cabeça e o movimento regular dos ombros, Evan deduziu que ele estava dormindo. A televisão projetava desenhos de luz nas paredes em torno dele, transformando a sala em uma coisa viva.

— Você não quer Katrin — disse Evan. — Ela é só a isca.

A voz de Slatcher chegou alta ao seu ouvido.

— Verdade. Queremos você.

— Será um prazer.

— Confiante, não?

— Nós queremos a mesma coisa.

— O quê?

— Matar o outro.

— Certo. E como resolvemos esse assunto?

No prédio vizinho, a porta do apartamento de Joey Delarosa foi arrombada. Um homem com o rosto coberto por uma touca entrou correndo, empurrado pelo impulso do arrombamento. Mais dois homens em roupas pretas e com o rosto coberto entraram atrás dele, acompanhados por Candy McClure. A outra mão de Joey apareceu de repente, segurando um saco de pipoca até então escondido e espalhando o conteúdo em cima do sofá. Candy pulou em cima dele e, com a agilidade de um gato, o imobilizou.

— Bom — disse Evan —, agora que está com Katrin, talvez queira passar um tempo com ela, ver que informações ela pode dar. Ela não sabe nada. Será uma perda de tempo, mas você terá de ir até o fim. Talvez possa poupar a moça da sua crueldade acreditando em minha capacidade de julgamento. Eu nunca me exporia confiando a ela informações úteis.

Ele podia ouvir a respiração de Slatcher. No outro apartamento, os homens começavam a vasculhar cômodo por cômodo. Evan os viu desaparecer e reaparecer em várias janelas. Ele levantou a mão e a apoiou na malha fina de titânio.

— Deixando Katrin de lado, você vai querer descobrir que ângulos pode explorar — continuou Evan. — Vai querer

esgotar todos os seus recursos tentando encontrar meu rastro. Na verdade, provavelmente está fazendo isso agora.

Candy continuava na sala do apartamento de Joey, olhando para um equipamento em sua mão. Ela caminhou até um ponto na parede ao lado da TV, onde deu um soco na parede de gesso. Quando tirou a mão do buraco, segurava o telefone móvel que Evan havia escondido ali, puxando a bateria presa a um fio emendado. O telefone tinha um ponto de Wi-Fi embutido e servia como ponte para a chamada agora em andamento, capturando dados digitais enviados pelo roteador de Joey Delarosa e direcionando o sinal para a rede LTE, o que fazia o rastro literalmente desaparecer no ar.

Candy olhou aborrecida para o telefone preso aos fios e à bateria, soltou-o e o deixou balançando junto à parede.

Com ar cansado, ela digitou algo no equipamento em sua mão. Uma mensagem de texto?

— Você tem razão — disse Slatcher.

Evan ouviu uma vibração na linha. A mensagem de Candy havia chegado ao celular do outro lado.

Slatcher bufou. Depois, continuou:

— Não posso dizer onde vai ser o encontro, não com tanta antecedência. Você terá muito tempo para preparar o contra-ataque.

— Certo. Melhor esperar para não perdermos tempo com mudanças de lugar.

— Entraremos em contato. Quando estivermos preparados. Você é perigoso demais.

— Eu entendo — respondeu Evan. — Faria a mesma coisa.

Slatcher agora tinha a vantagem. Em vez de arriscar-se a perseguir Evan em uma operação com grande exposição, como no restaurante e no hotel, ele mudava a tática. Faria Evan ir atrás dele.

No outro prédio, Candy e seus homens desapareceram pela porta; um momento depois, Joey se levantou com dificuldade e se aproximou do telefone.

— Enquanto isso, você vai tentar localizá-la. Vai tentar pegar a gente — disse Slatcher.

Evan pensou nos microchips no estômago de Katrin.

— Sim — respondeu ele, afastando-se finalmente da janela e voltando ao interior do apartamento escuro.

— Bom, acho que a gente vai se ver, então.

— Mais cedo ou mais tarde — confirmou Evan, e desligou.

Evan tem que morrer

O som de uma mulher soluçando sempre o incomodara.

Danny Slatcher estava do outro lado do corredor que terminava no escritório vazio onde Candy havia prendido Katrin White, mas ele ainda ouvia o choro. O grupo estava instalado em um prédio vazio, onde era aparentemente impossível alugar, na saída da via 101 perto de Calabças. A estrutura isolada, localizada atrás de um grande estacionamento vazio, tinha um formato que não era prático. Dois corredores compridos levavam a vários escritórios, com salas de reunião no fundo e vistas para uma encosta insignificante. Uma cozinha em átrio, dominada pelo cheiro de samambaias mortas, ocupava a área de junção dos corredores, que se encontravam numa das extremidades.

Em pé em meio às plantas podres, Slatcher usava as unhas postiças com os transmissores e a lente de contato no olho direito.

O cursor virtual finalmente tornou-se verde.

Top Dog mandou um único símbolo: “?”.

Os dedos de Slatcher se moveram rápidos no ar.

PEGAMOS A GAROTA. VAMOS USÁ-LA PARA ATRAÍ-LO.

TD respondeu:

COMO ESTÁ SE SAINDO A ÓRFÃ V?

TD adorava os codinomes, o *pedigree*.

Slatcher digitou:

BEM.

E OS *FREELANCERS*?

NÃO TÃO BEM.

VAI SE LIVRAR DELES?

HÁ UM MOTIVO PARA SEREM *FREELANCERS*. PRECISAMOS QUE CERQUEM

O ALVO.

TD respondeu:

ÓRFÃO X É MAIS ESPERTO QUE OS OUTROS.

SIM, SENHOR. ELE É.

O cursor ficou vermelho.

TD não era bom com despedidas.

Danny tirou o equipamento e guardou na caixa de metal. Depois, afastou-se do cheiro ruim do átrio e voltou ao corredor, aproximando-se dos soluços.

Os novos contratados estavam reunidos no saguão. Com cortes de cabelo quadrados e músculos enormes, eram todos

militares desvirtuados, mas isso não incomodava Slatcher. Havia muito tempo aprendera que os homens dispensados de maneira desonrosa eram, frequentemente, os atacantes mais duros e mais precisos. Slatcher queria um escudo de assassinos em volta de Katrin White e Candy McClure até Órfão X estar morto aos seus pés.

A conversa cessou quando Slatcher passou entre os homens e seguiu para a sala adjacente. A porta do escritório estava encostada. Lá dentro, Candy estava abaixada, verificando com carinho seus recipientes de ácido fluorídrico concentrado. Ela saiu para juntar-se a Slatcher quando ele passou pela porta.

— Devemos contar a ela? — perguntou Slatcher.

Candy assentiu.

— Vamos contar. Vai servir como motivação para ela se comportar.

Eles entraram no último escritório à esquerda. Katrin, que finalmente estava quieta, continuava onde havia sido deixada, amarrada a uma mesa. Ao lado dela, uma embalagem do McDonald's intocada. A janela que se abria para a colina estava fechada com um tapume e pregos. O suor colava o cabelo liso de Katrin à testa, e seu rosto estava

inchado de tanto chorar. A bofetada de Slatcher havia deixado a face esquerda inchada e uma mancha vermelha no olho.

— Não vai comer? — perguntou Candy.

Katrin mal levantou os olhos.

— Não estou com fome.

Slatcher se abaixou ao lado dela.

— Sam está vivo e bem — disse ele. — Tivemos de assustar você. Era necessário. A gente precisava convencer Evan com lágrimas de verdade.

Katrin abriu a boca, mas não emitiu nenhum som.

— Não — disse ela. — Não. Está mentindo. Está mentindo para mim.

— Fizemos o que foi necessário para comover Evan. Emocionalmente. Precisávamos dele mais afoito, disposto a correr mais riscos.

Katrin chorava. Seus braços magros tremiam incontrolavelmente.

— Fez isso comigo só para convencer Evan... para convencê-lo...

— Olhe para mim. Olhe para mim. — A mão enorme segurou o queixo de Katrin. Slatcher puxou seu rosto. — Se você colaborar, Sam vai sobreviver. Está entendendo?

Katrin assentiu, sem se livrar da mão forte, com lágrimas umedecendo os dedos de Slatcher.

— Só quero que isso acabe.

— Tudo vai acabar quando Evan estiver morto.

Slatcher a soltou, e Katrin caiu. Parecia derreter no chão, com a face colada ao carpete. Manchas de gordura se espalhavam pela embalagem de papel do McDonald's ao lado de seu rosto, e o cheiro revirava seu estômago.

Quando Slatcher se levantou, ela teve a impressão de que ele nunca pararia de crescer.

Em seguida, ele saiu.

Candy ficou. Estava encostada à mesa, estudando as unhas, e demonstrava algum tédio no rosto bonito.

Katrin respirou fundo várias vezes, mas não conseguia levar ar suficiente aos pulmões.

— Assassinos russos de merda... — disse Candy. — Sempre se concentram em destruir os dentes. Depois, cortam a ponta dos dedos da vítima e jogam em uma jarra de cerveja para apagar as digitais. Mas eu? Não sou uma assassina russa de merda. Não aceito essa porcaria de jogo barato. — Com um movimento ágil, ela se afastou da mesa, e o corpo pareceu se deslocar para a frente sobre um pé. As botas surgiram na frente do rosto de Katrin, e depois ela se

abaixou, espalhando no ar uma nuvem de perfume feminino.
— Prefiro apagar a pessoa inteira. Talvez ainda não tenhamos feito isso com Sam. — Ela aproximou a boca da orelha de Katrin. — Mas estou *louca* para fazer.

Candy se levantou, apoiada nas pernas torneadas fortes e separadas, como dois colossos de Rhodes com clareamento dos pelos.

— Então, por favor — acrescentou ela —, *não* colabore.

Mesmo quando Candy saiu, Katrin ainda não conseguia respirar.

Desconcentrado

Deitado sobre a cama flutuante, na escuridão do quarto, olhando para o teto, Evan se concentrava e revia toda a conversa que tivera com Slatcher por telefone.

“Nunca se sabe quem a gente conhece. Talvez eu conheça alguém no prédio onde você está agora.”

Slatcher tentava desestabilizar Evan para obrigá-lo a fugir, porque assim ele seria mais visível.

Ali tinha alarmes e armas, paraquedas e corda para rapel, paredes e janelas reforçadas. Estava suficientemente seguro por enquanto.

Mas Katrin não estava.

Evan se lembrou do modo como haviam ficado deitados juntos no *futon*, seus dedos traçando as curvas do corpo feminino. As três estrelas assimétricas tatuadas atrás da orelha. As pinceladas do *kanji* na omoplata esquerda.

As manchas de sangue no chão do apartamento. A promessa que havia feito: “Eu vou encontrar você”.

O celular estava em cima do criado-mudo, carregando a bateria. Esperava ouvir o sinal do GPS anunciando a localização de Katrin, pronto para um barulho que nunca chegava.

De repente, a noite pareceu mais fria do que era.

“Promete?” Sangue nos dedos. “Onde você está, Evan?” O telefone destruído. O soluço preso na garganta de Katrin. “Onde você está, Evan?”

“Onde você está?”

Ele jogou o lençol para fora da cama, se vestiu e se sentou no tapete turco, de pernas cruzadas, com os olhos semicerrados. Tentou meditar.

Pela primeira vez na vida, não conseguiu.

O inesperado

Quando amanheceu, Evan já havia feito uma verificação completa dos sistemas de segurança do apartamento, equilibrando a sensibilidade dos sensores de movimento, testando os alarmes, examinando os ângulos das câmeras e procurando pontos cegos.

No momento, não podia correr o risco de ter pontos cegos.

Os microchips em Katrin continuavam silenciosos. Nenhum sinal de GPS. Já haviam saído de seu organismo? Ela não estava comendo? O adesivo escondido atrás da orelha se soltara com o suor? Talvez estivesse em algum esconderijo subterrâneo, onde o sinal era interrompido por paredes de concreto.

Evan continuava em movimento. Tirou o chip do celular e o jogou no triturador de lixo, deixando as lâminas girarem até ouvir só o barulho do motor, e não mais dos fragmentos. Recolheu os restos da trituração, jogou no lixo e mudou o

serviço telefônico de Bangalore para Marrakesh. Não podia mais contar com Joey Delarosa, o vizinho propenso a ocorrências de violência doméstica. Na noite passada, ele havia chamado a polícia e acompanhado a remoção do telefone escondido na parede, especulando se não era um equipamento enviado do espaço.

Depois de colocar um chip novo no aparelho, Evan pegou uma mala Pelican guardada no armário ao lado da despensa trancada, onde guardava armas, e a levou para o telhado. Escolheu um local protegido pela casa de máquinas. Apesar do sol californiano, um vento típico de dezembro entorpecia seus dedos enquanto trabalhava.

Usando a tampa da maleta como base, ele levantou uma antena *yagi* e plugou um cabo coaxial de uma antena *omni* montada sobre um tripé. Apontou a *yagi* para o horizonte e *voilà*: tinha um ponto de GSM pessoal. A pequena estação de base escapava de qualquer autenticação entre ela e a torre de celular mais próxima, tornando o ponto anônimo, impossível de ser rastreado e literalmente fora do radar. Em seguida, Evan habilitou um hotspot de Wi-Fi em seu celular, formando uma ponte para a rede LTE. Normalmente, só ligaria a estação de base para fazer uma ligação, desligando-

a imediatamente depois, mas era obrigado a deixar a estação ligada até receber a ligação de Slatcher.

— Evan? É você?

Ele se levantou depressa, vendo Hugh Walters.

— O que está fazendo aqui em cima? — perguntou Hugh.

— Ah, é um hobby. Eu gosto de rastrear cometas...

Sempre quis descobrir um para dar meu nome a ele.

Hugh se animou, iluminado por um brilho interno que Evan nunca desconfiou que pudesse existir.

— Fiz parte do clube de física nos meus tempos de colégio — disse o vizinho.

— É mesmo?

— Sim!

— Olha, sei que as regras não permitem que eu...

Hugh fez um gesto para interromper a justificativa.

— Ninguém precisa saber. Será um segredo entre cientistas amadores.

— Obrigado. É meio constrangedor.

Hugh estendeu a mão, e Evan a apertou.

Depois, perguntou:

— O que *você* veio fazer aqui?

— Vim dar uma olhada no telhado. Preciso saber se algum reparo é necessário antes de ir para a reunião da associação.

O encontro de hoje está marcado para... — Um Rolex de ouro brilhou quando Hugh moveu o pulso. — *Agora*. Vai comparecer desta vez?

— Hoje não.

Hugh franziu a testa numa reação desaprovadora.

— Por quê? Está de férias, não está? O que pode ser tão importante a ponto de impedir que compareça?

— Assuntos pessoais.

Hugh assentiu com seriedade.

— Bom, uma pessoa vai ficar muito desapontada.

— Quem?

— Mia Hall. — Hugh interpretou erroneamente a expressão de surpresa de Evan. — É isso mesmo, amigo! Sei que existe alguma coisa entre vocês... Mas hoje ela parecia...

— O quê?

— Não sei. Ela estava estranha. Parecia muito aborrecida com alguma coisa.

— Criar um filho sozinha não deve ser fácil.

— Não é isso. Ela parecia *amedrontada*.

Evan sentiu o vento mais frio.

Hugh umedeceu os lábios.

— Não pode passar na reunião e falar com ela?

Evan recordou trechos das conversas que tivera com Mia nas últimas duas semanas. “Sabe como é a vida de promotor... Às vezes recebo ameaças. Tenho uma emergência no trabalho. É uma emergência de verdade. Tipo vida ou morte.”

Ele empurrou os pensamentos para longe. Não tinha tempo para isso. Não era essa a missão. Não era da sua conta. Tinha de pensar em Katrin, no Sétimo Mandamento e em muito mais coisas.

— Desculpe, não posso — disse ele.

Evan sentou-se na parte central da imponente mesa de reuniões, numa posição perpendicular a Mia, para poder observá-la sem ser óbvio. Ela o havia cumprimentado com um rápido aceno de cabeça ao vê-lo entrar, desviando o olhar em seguida. Estranho. Peter não estava ali.

“Jingle Bells” tocava baixinho pelos alto-falantes embutidos, e o sorriso satisfeito de Hugh deixava claro que fora sua a ideia da música ambiente.

Todos os frequentadores habituais estavam ali, menos Johnny e seus moletons de artes marciais. O pai de Johnny, com o orgulho cansado de um pai acostumado a inflar as

conquistas do filho, explicou que ele estava fazendo provas para trocar de faixa. Para a *próxima* faixa preta.

Várias medidas já haviam sido votadas. Melhorar o *portecoche* carpetando a parte externa, plantar cercas nos limites do edifício e mudar a opção de bebida matinal em vista do fracasso da kombucha. A escolha da nova cor para as almofadas do hall de entrada provocou um atrito entre a sra. Rosenbaum e Lorilee Smithson. Durante os procedimentos, Evan permaneceu atento a Mia, que mantinha a cabeça abaixada e os lábios comprimidos.

Ida Rosenbaum estava irritada outra vez:

— Com o valor que pagamos de condomínio, o síndico não pode mandar consertar meu batente? Está caindo aos *pedaços*.

— Outra vez o batente — disse Lorilee com sua expressão imutável por causa das aplicações de botox. — Seu filho não ia cuidar da porta?

O rosto da sra. Rosenbaum tremeu, em um lampejo de emoção que ela tentou esconder.

— Ele não vai poder vir. Está ocupado. É um homem muito importante. Queria vir no feriado, mas falou que vem *sem falta* no Ano-Novo.

Lorilee sorriu de modo triunfante.

— Já ouvimos essa história antes, não é, Ida?

A sra. Rosenbaum pareceu murchar na cadeira. Seus lábios se moveram, mas nenhum som foi emitido. O comentário a deixara sem ação, derrotada.

Até Hugh teve pena.

— Vou falar com o síndico, Ida — interferiu ele. — Assim que tudo se acalmar depois do Ano-Novo, vamos consertar sua porta.

Evidentemente arrasada, ela se limitou a assentir uma vez.

Evan olhou para Mia, querendo ver sua reação ao confronto, mas ela estava distraída, perdida nos próprios pensamentos.

— Próximo tópico — anunciou Hugh, olhando para as vinte pessoas ali reunidas, tentando fazê-las entender a gravidade da questão. — Como tenho comentado há algum tempo, todos terão de colaborar com três mil dólares para a implantação da nova política de terremotos.

As reclamações explodiram imediatamente. Pat Johnson apertou o peito como se temesse uma crise de angina.

Hugh bateu a caneca de café vazia na mesa para restaurar a ordem.

— Eu sei, escutem! Pessoal, escutem!

Evan observava Mia, a única que não reagia. De olhos baixos, provavelmente estava atenta ao iPhone sobre suas pernas. E mordia o lábio, revelando ansiedade.

Os músculos do rosto de Mia estavam tensos, e, então, no meio da comoção, Evan ouviu a música de *Tubarão*. Ela levantou o celular, olhou para a tela e, impassível, guardou o aparelho na bolsa. Depois, levantou-se e saiu.

Evan a seguiu.

Ele a alcançou no corredor, onde esperava o elevador, batucando de modo impaciente com os dedos nas coxas.

— Tudo bem? Você saiu meio apressada...

— Ah, é, tudo bem.

Mentira.

— Aonde vai?

— Na casa do meu irmão. Ele acabou de ligar. Preciso buscar Peter.

O toque do irmão dela era o tema de *Snoopy*, e não de *Tubarão*.

Mia afastou os cabelos que lhe cobriam o rosto, expondo a marca de nascença na testa. Quase não se podia ver as sardas em cima do nariz.

— Se tiver algum problema ou se precisar de ajuda...

Ela olhava para o painel do elevador.

— Obrigada, Evan, mas não é o tipo de problema que você pode resolver.

Ele apertou o botão do elevador para subir e esperou em silêncio.

O elevador chegou, mas o luminoso indicava que desceria. Evan a deixou ir.

Sozinho, fechou os olhos. Katrin. A missão. Lá em cima.

Pensou na voz rouca de Peter e no Band-Aid do Gonzo em sua testa.

“Obrigado por ter me dado cobertura.”

Que droga, menino.

Evan correu para o elevador de serviço, que chegou prontamente e o levou até a garagem.

Evan saiu da cabine, perto das lixeiras, e se moveu pela área pouco iluminada sem ser visto. Ouviu os passos de Mia antes de vê-la. Ela andava depressa, com o iPhone colado ao rosto.

Evan se aproximou de sua caminhonete, usando os outros carros como escudo, acompanhando os movimentos de Mia pela garagem. Ela entrou no Acura e saiu apressada, fazendo os pneus guincharem no concreto liso. Ele saiu do esconderijo, esticou um braço para abrir a porta da

caminhonete e, então, ouviu uma respiração pesada atrás dele.

Lentamente, virou-se para o lado e viu Johnny Middleton surgindo nas sombras. Em uma das mãos ele usava um soco inglês. Na outra, segurava uma faca. Ele se aproximou de Evan, parecendo transtornado. Usava um dos inevitáveis agasalhos do curso de artes marciais.

— Desculpe, Evan — disse ele.

Desvio de rota

Evan se posicionou no espaço estreito entre os veículos enquanto Johnny se aproximava aos poucos. Os olhos dele estavam vermelhos, e uma pálpebra tremia, sofrendo espasmos persistentes. Os olhos de Evan estavam atentos à faca, esperando vê-la subir, mas Johnny a mantinha abaixada, mais ou menos na altura de sua barriga. Evan teria de usar somente os punhos enquanto o adversário tinha uma faca.

Ele calculava o ângulo ideal para acertar a garganta do oponente com um golpe de mão aberta, mas Johnny deixou os braços caírem ao lado do corpo e, inesperadamente, começou a chorar.

— Não sei o que fazer — disse ele. — Não sei o que fazer.

Johnny havia deixado o porta-malas da BMW aberto, estacionado duas vagas à frente. Não estava esperando nem espreitando; simplesmente havia sido interrompido no meio de alguma coisa.

— O que aconteceu? — perguntou Evan.

— Na semana passada, eu estava na sala de treino de combate. Quebrei o nariz de um cara. Talvez tenha sido depois do apito. Ele tem irmãos mais velhos. Todos são lutadores. A coisa ficou feia. Achei que tínhamos resolvido tudo naquele dia, mas hoje, quando cheguei para a prova de mudança de faixa, eles estavam esperando por mim. Eram três. Vim embora, mas eles me seguiram até aqui. Não quero que meu pai saiba. Se ele souber...

Evan respirou fundo, sentindo a frustração dominá-lo. Primeiro, abrira uma exceção para ajudar Mia, e agora Johnny choramingava como um valentão que tinha levado uns tapas. Talvez a vida fosse isso mesmo, um problema desaguando no próximo. O que Mia havia dito? “A vida não seria chata se não houvesse outras pessoas complicando tudo?” Agora tinha de se preocupar com Mia, além de Katrin. A última coisa que precisava era acrescentar Johnny à lista.

— Escute, tenho de ir trabalhar — disse Evan.

Johnny abaixou a cabeça e começou a soluçar.

Evan olhou para o teto.

Merda.

— Cadê? — perguntou ele. — Esses caras?

Johnny apontou para a rampa de saída.

— Lá fora. Esperando.

— Guarde a faca.

Johnny enxugou o rosto.

— Cara, isso é perigoso, é luta séria de rua. Agradeça por não lidar com essas coisas. — O rubor no rosto deixava sua testa brilhante, enfatizando o implante de cabelos. — Não sou um cara durão, na verdade. Se não blefar e assustar essa gente, eles acabam comigo.

— Chame a polícia.

— Não posso. Isso é coisa de marica.

— Assim vai acabar dentro de um saco preto.

— Você não sabe como são esses caras, Evan. Eles vão esperar. Vão esperar e voltar para me pegar.

Evan respirou fundo outra vez e soprou o ar por entre os dentes, quase rangendo.

— Eu vou com você. Falar com eles.

A risada de Johnny se transformou em outro soluço.

— Evan... Isso não é uma... uma disputa *comercial*, não é como os negócios que está acostumado a fazer. Esses caras são perigosos.

Evan já caminhava para a rampa. Johnny o seguiu, ainda suplicando. Evan balançou um pé na frente do sensor,

fazendo a porta automática começar a abrir.

— Ah, meu Deus... — Johnny choramingou. — Ah, meu Deus.

Eles saíram sob o sol do meio-dia. Na calçada, três homens de vinte e poucos anos esperavam, todos vestidos com camisetas sem mangas, apesar do tempo frio. Porte esguio, músculos firmes, gel no cabelo. Pareciam ser descendentes de indonésios. O menor tinha uma tala de proteção no nariz.

Evan apontou para uma área de carga atrás do prédio, e os irmãos aceitaram a sugestão prontamente, andando na frente e desaparecendo atrás da esquina do edifício.

— Não faça isso — pediu Johnny. — Não vá lá. Ninguém vai ver a gente.

Eles seguiram os irmãos. Os três estavam reunidos perto da parede do prédio. De braços cruzados, com a mesma expressão fechada, pareciam ter saído de um clipe de rap ruim.

Quando Evan se aproximou, Johnny reduziu a velocidade e foi ficando para trás. Os homens continuavam parados e inabaláveis.

— Fiquei sabendo que meu amigo fez merda — disse Evan.

O que parecia mais velho comprimiu os lábios, e sua expressão adquiriu tons de raiva.

— Ele quebrou o nariz do Reza. Sim, fez merda.

Reza levou a mão à tala no nariz. Seu peito subia e descia em respirações rápidas, e uma camada de suor cobria seus ombros.

Evan olhava para um irmão de cada vez, ganhando tempo.

— Estão esperando que ele brigue ou corra — disse Evan.

— Mas há outras opções, e, para ser honesto, não tenho tempo para isso agora. Vamos encontrar uma solução mais simples.

Uma veia pulsava no braço do irmão do meio.

— A gente não veio aqui para *conversar*.

A voz de Johnny soou rouca de medo atrás de um ombro de Evan.

— Eu *disse!*

Evan encarou o irmão mais velho.

— Sei que acha que tem essa situação sob controle, mas está ofegando. Seu coração está acelerado. A pressão sanguínea subiu. Está suando. Os três estão suando. Os centros emocionais do cérebro estão pirando. O estômago se contrai enquanto eu falo, e todos os hormônios relacionados ao estresse inundaram seu organismo. — Ele deu um passo à

frente. — Você não tem o controle que acredita ter. Se insistir em brigar, não vai ficar feliz com o resultado. Estão em maior número, é verdade, e esperam que eu esteja tão nervoso quanto vocês. Acham que não vou brigar bem, que vou cometer erros. Mas quero que olhem para mim e me respondam: pareço estar com medo?

Os irmãos se entreolharam, e houve uma comunicação não verbal.

— Andreas já falou — respondeu o mais velho. — Não viemos aqui para conversar.

Eles se afastaram, formando um semicírculo em volta de Evan. As mãos abertas e levantadas estavam prontas para atacar.

Evan bufou, mostrando-se irritado.

— Sério?

Ele olhou para o mais velho, sabendo que seria o primeiro a atacar. Viu seus pés se moverem, assumindo a posição de prontidão. Antecipou o chute baixo e circular antes mesmo de um pé sair do chão, o primeiro golpe que servia como teste, e simplesmente levantou a perna e a girou para longe do corpo. A canela de Evan encontrou o tornozelo do atacante, e o impacto provocou uma dor que vibrou por toda a perna do rapaz. Ele cambaleou para trás sobre o pé intacto.

A lição seria simples: cada vez que atacassem, sentiriam dor.

Andreas foi o próximo, como Evan previa, optando por um cruzado de direita que encontrou o cotovelo de Evan em movimento para cima. A área de junção entre ombro e peito foi atingida pela ponta do osso do cotovelo, e Andreas gritou de dor. Seu braço, inerte, caiu junto do corpo.

Reza já estava em movimento, girando para mais um chute circular. Evan segurou a perna dele com as duas mãos e levantou o fêmur. Seu joelho encontrou a tíbia e o músculo gastrocnêmio do oponente, inutilizando o membro.

O irmão mais velho preparava um novo ataque, mas Evan se adiantou ao soco, atingindo seu ombro com a base da mão aberta. O rapaz recuou, mas se recuperou e contra-atacou com um *jab* curto. Evan posicionou as mãos como se fossem serras horizontais num desvio *kali*, acertando o braço do adversário dos dois lados, primeiro com a palma, depois com os dedos cravados nos bíceps. O irmão mais velho gemeu e girou, e Evan o deixou cair em cima de Reza, derrubando-o.

Andreas já tomava impulso para um chute alto, mas Evan levantou a perna, deixando que o impulso do adversário trouxesse a virilha ao encontro de seu pé.

Um jato de ar saiu do corpo de Andreas em um barulho que pareceu um latido.

— Ufff!

Ele agora estava sentado perto dos irmãos.

Evan só havia reagido com bloqueios e desvios, sem nenhum movimento ofensivo.

Em algum lugar atrás dele, Johnny respirava ruidosamente, inspirando por entre os dentes.

Os irmãos seguravam os membros feridos e ofegavam, mais perplexos que machucados.

Evan estendeu a mão para Reza. Ele olhou para o irmão mais velho, que assentiu, e aceitou a ajuda para ficar em pé. Os outros dois levantaram sozinhos.

— Muito bem, vamos tentar outra vez — disse Evan, e olhou para Johnny, que o encarava como se estivesse hipnotizado, com a boca entreaberta. — Johnny?

Nenhuma reação.

Evan estalou os dedos na frente de seu rosto, trazendo Johnny à realidade.

— Oi? O quê?

— Peça desculpas ao Reza por ter atacado depois do apito. Foi desleal.

— Desculpe — disse Johnny. — Sinto muito, de verdade.

— Aperte a mão dele.

Johnny estendeu a mão, e Reza a apertou.

— Ele precisou de cuidados médicos — continuou Evan.

— É justo que você pague todas as despesas. Concorda?

— Concordo — aceitou Johnny.

Evan olhou para o irmão mais velho.

— Tudo resolvido?

O rapaz o encarou por um instante, tentando mostrar-se implacável, embora todo mundo soubesse que a história já estava encerrada.

— Sim, tudo resolvido — disse.

Evan assentiu, virou-se e voltou à garagem.

Johnny o seguiu.

— Puta merda, puta merda, puta merda, *puta merda!*

Como fez aquilo?

Já haviam contornado o prédio e se dirigiam ao *portecochère*.

— Eu lutava quando era adolescente — respondeu Evan enquanto cumprimentava o manobrista.

— Quem é você?

Evan parou subitamente, o que fez Johnny bater em suas costas. Evan se virou, com os olhos a centímetros do rosto de Johnny.

— Isso nunca aconteceu. Entendeu?

Johnny levantou as mãos.

— Entendi.

Evan passou pela porta da frente do prédio, deixando Johnny lá fora.

Risco iminente

Cinco horas e vinte, e nenhum sinal de Katrin White.

Trancado no Cofre, Evan vasculhava os bancos de dados, varrendo cada canto em busca de pistas que pudessem levar a Danny Slatcher ou a locais usados por ele. Cavava e revirava, tentando não olhar para o relógio.

Desconfiar de Katrin poderia custar a vida dela.

Com Órfãos em seu encalço, Evan fora levado a duvidar de tudo e todos, a ver mentiras por trás de cada frase, traições por trás de cada sorriso. Nas últimas duas semanas, havia sido arrastado para o mundo comum, com todas as suas complicações humanas, pessoas reais com problemas reais, e era cada vez mais difícil distinguir o que era autêntico do que era uma simulação estratégica do autêntico. Havia mapeado conexões e coincidências, criando redes de lógica parcial que mais pareciam o interior da mente de um teórico da conspiração. Avaliar o que era genuíno na vida diária era seu ponto cego particular, porque nunca teve uma vida

comum. Katrin tivera. E exatamente sua incapacidade de decifrar a linguagem do corriqueiro, de ler esse idioma corretamente, poderia ser o puído no tecido que acabaria desfiando os dois.

Essa missão era uma armadilha de morte desde o princípio, uma fundação que desmoronava embaixo de seus pés, os mandamentos desrespeitados um depois do outro. Só um ainda importava, o décimo e mais sagrado mandamento: “Nunca deixe um inocente morrer”.

Ele digitava no teclado, invadindo arquivos como quem desbrava mato com uma foice, mas Slatcher merecia a reputação que tinha. Invisível. Impossível de rastrear. Um fantasma.

Seis horas e sete, e nenhum sinal de Katrin White.

Evan se recostou na cadeira e soltou um suspiro irritado. Somente nesse momento percebeu que a babosa havia morrido. A planta, companheira de tantas aventuras e testemunha de seus pecados, estava seca e com uma coloração marrom. Ele a tirou do leito de pedrinhas. Do tamanho de uma alcachofra, encaixava-se perfeitamente em sua mão, leve como um ninho de passarinho. Ela merecia uma despedida melhor, mas tudo o que ele tinha era o triturador de lixo. Quando levantou a cabeça, Evan notou que

a parede viva também estava morrendo. Uma faixa larga de ervas já havia perecido, e o chão embaixo da tela estava coberto de folhas e ramos quebrados. O sistema de irrigação parecia estar entupido, outro reparo a acrescentar à longa lista em que já constava a bainha da catana. Ele olhou para as plantas desnutridas como se olhasse para um espelho.

A parede viva e a babosa eram as únicas vidas de que cuidava integralmente, e não conseguira preservá-las.

Sete horas e dezesseis, e nada.

Ele pensou em rever missões e tarefas antigas para tentar descobrir o que podia ter levado alguém a buscar vingança por meio de Danny Slatcher, mas eram muitas, e todas deixaram inimigos.

Oito horas e três. Nada e nada.

Então, ele viu alguma coisa.

Mas não no monitor.

Uma das câmeras do prédio, do lado de fora, mostrava dois homens se aproximando da área onde Evan havia enfrentado os três irmãos mais cedo. Eram grandes, usavam roupas pretas e folgadas e tinham tatuagens visíveis nas mãos e no pescoço. Evan iniciou o programa de reconhecimento facial, mas estava escuro demais para capturar uma imagem nítida.

Eles não ficariam lá fora por muito tempo.

Quando se aproximaram da porta de segurança ao lado do enorme portão de carga, um dos homens pegou um jogo de ferramentas de arrombamento, e o outro se elevou na ponta dos pés. Quando o segundo invasor levantou o braço, um objeto de metal cintilou em sua mão. Evan sabia o que era aquilo. Um ímã em formato de uma tira de chiclete. Cada porta externa do Castle Heights tinha um alarme magnético no vão entre o topo da porta e o batente. Introduzir um ímã que grudasse na folha superior garantia que o alarme não fosse disparado pela abertura da porta.

A porta foi aberta prontamente com as ferramentas de arrombamento. Os dois homens entraram. Menos de dez segundos de imagens na câmera. Uma equipe habilidosa.

Não era a primeira vez que invadiam um lugar.

A alguns centímetros do *mouse pad*, a Wilson Combat esperava dentro do coldre.

Evan acessou as imagens das câmeras internas. Os dois homens andavam pelo corredor da entrada de serviço. Havia luz suficiente para capturar boas imagens do rosto de ambos, e o programa de reconhecimento facial analisou os resultados.

Michael Marts e Axel Alonso.

Evan leu o histórico de antecedentes criminais. Trabalhavam juntos desde a adolescência e haviam realizado uma sequência de furtos baratos que culminara em um assalto a um motorista de táxi. Eles foram condenados a cinco anos em Chino, mas obtiveram redução da pena por bom comportamento e estavam soltos havia quatro meses.

E agora subiam pelo elevador de serviço.

Sem desviar os olhos da tela, Evan pegou a arma com o coldre, que prendeu junto ao quadril, e levantou-se, inclinando-se em direção aos monitores com os dedos flexionados sobre o metal da mesa.

Ele encontrou o processo por assalto e abriu o arquivo para ver o nome do promotor.

“Promotora pública Mia Hall.”

A confirmação fez os nervos das suas costas vibrarem. Os homens queriam vingança.

O elevador de serviço parou no décimo segundo andar.

Evan acessou as imagens da câmera do corredor e viu a dupla a caminho do apartamento de Mia. Não os veria mais. Castle Heights não tinha câmeras viradas para o 12B, nem ele.

Seu coração batia acelerado. A impaciência permanecia como uma fervura em fogo baixo.

Ele olhou para o celular. Nada de Katrin. Tinha de estar preparado para entrar em ação assim que ouvisse qualquer sinal de sua localização. Esse era seu acordo. Sua lei. A única coisa que se preparou para fazer ao longo de duas décadas e meia.

Mas Mia e Peter precisavam dele.

O que podia fazer? O que *não* podia fazer?

Ele percebeu que, pela primeira vez, a resposta não estava em sua inteligência nem em seu treinamento. Estava em outro lugar.

O alarme de segurança do apartamento soou em uma das telas.

Era mais um balão batendo na janela do quarto. Ele leu as palavras escritas com caneta colorida em letras de forma: “HOMENS ASSUSTADORES AQUI. SOCORRO”.

Os homens já estavam dentro do apartamento. E estariam concentrados em proteger a porta da frente.

Evan saiu do Cofre. Depois, parou, com a mão na maçaneta da porta secreta.

Uma vida inteira de treinamento dizia a ele que não podia se revelar para Mia. Isso poria em risco não só a missão.

Poria *tudo* em risco.

Mas...

Podia correr o risco de *não* agir?

Na verdade, não tinha escolha.

Iria até lá, sim.

Mas não pelo elevador.

Um homem assustador

Evan estava na lateral do Castle Heights, invisível no exterior escuro, com os pés plantados na pedra. A vista alcançava vinte e um andares para baixo. O vento era mais ensurdecedor que forte, rugindo em seus ouvidos e abafando o ruído do tráfego.

Usava a corda preta de rapel e sentia o peso do corpo nas cordas que apertavam o tronco. O sistema de rapel improvisado não havia sido projetado para uma fuga pela janela do quarto nem para uma descida controlada.

Havia sido projetado para descer pela lateral do prédio.

Ele testou as presilhas mais uma vez e começou a descer pela corda preta junto à parede, batendo as botas na pedra e nas janelas. O brilho azulado da televisão no 20B, a luminosidade esverdeada do aquário no 19B, as janelas escuras no 18B. Lá embaixo, as luzes da rua piscavam em vermelho e verde e buzinas soavam; o rio de luzes progredia lentamente pela Wilshire Boulevard. O apartamento 17B

ficou lá em cima, o décimo sexto andar passou depressa, o décimo quinto virou lembrança. A grossa corda de náilon desenhava oitos em volta do tronco de Evan, e a fricção da corda nas luvas aumentava à medida que a velocidade da descida diminuía. O décimo segundo andar se aproximava.

A janela do quarto de Peter estava aberta e a linha de pipa, presa ao balão lá em cima. Com os pés, Evan deu um impulso na parede do prédio, se afastando e virando em uma lenta meia rotação. As botas originais da S.W.A.T. foram apontadas para a abertura de cinquenta centímetros na janela.

Evan entrou e aterrissou em pé no tapete azul ao lado da cama em formato de carro de corrida, já soltando as presilhas. Peter estava encolhido junto à cama, com as mãos sobre as orelhas e os olhos fechados com força. A cadeira da escrivaninha fora colocada atrás da porta, com o encosto encaixado embaixo da maçaneta. Alguém batia à porta, batidas fortes, mas não muito altas. Não queriam alertar os vizinhos.

Ao ouvir a aterrissagem de Evan, Peter abriu os olhos. Surpreso, ele piscou duas vezes e passou a mão na cabeça, deixando o cabelo despenteado.

— Caramba — disse ele.

Evan pôs um dedo diante dos lábios.

Uma voz alta soou do outro lado da porta.

— ... o que você pode fazer é devolver os últimos quatro anos da minha vida. — Depois, ouviu um sussurro ríspido.
— Tira o garoto do quarto. Agora.

As batidas persistiram. Outra voz falou bem perto da porta, abafada pela madeira.

— Escuta, garoto, vai ter de abrir ou vou arrombar a porta.

O primeiro homem falou novamente:

— Não vamos arrombar porta nenhuma. Abre ou vou quebrar os dedos da sua mãe.

Depois de um barulho de luta, Mia gritou:

— Não faça isso... — Sua voz foi abafada.

Evan ouviu passos se afastando da porta do quarto de Peter. Aparentemente, o segundo homem ia ajudar o parceiro.

Evan tirou a cadeira que prendia a maçaneta sem fazer barulho, deixando-a sobre o tapete. Quando virou, Peter agarrou seu braço.

— Estou com medo — disse o menino com voz rouca.

— Calma. — Evan destrancou a porta e girou a maçaneta devagar. — Está tudo bem agora.

Ele abriu a porta e espiou por uma fresta. Mia se debatia violentamente enquanto os dois homens a seguravam. Marts tentou contê-la por trás, cobrindo sua boca com a mão tatuada. A outra mão segurava uma arma de calibre .45, mas apontada para o chão, e não para a cabeça de Mia, o que Evan interpretou como um bom sinal, considerando as intenções dos dois invasores. A ausência de um silenciador era outro indicador positivo. A última coisa que Marts desejaria era dar um tiro dentro do prédio. O que era também a última coisa que Evan desejava. Guardando a Wilson, ele passou pela porta.

Mia se debatia, e Alonso tentava imobilizar suas pernas.

Evan se aproximou dele e bateu em suas costas.

— Com licença — disse ele.

Surpreso, Alonso se virou.

A articulação do ombro é, em grande parte, um mito. Não é tanto uma articulação quanto um encaixe de ossos mantido pela tensão de músculos e tendões e por um pedacinho de cartilagem. É extremamente móvel. E altamente vulnerável.

Alonso ainda estava virando, com a boca paralisada em uma expressão de choque, quando Evan soltou um soco de direita que acertou em cheio a clavícula esquerda. O barulho do osso quebrado lembrou um prato jogado sobre uma

bigorna. Alonso simplesmente perdeu as forças e caiu no chão como um objeto inanimado. Quando caiu, saiu da frente de Evan, que conseguiu enxergar os olhos desesperados de Mia e sua expressão ainda mais chocada que aquela que via no rosto de Marts.

Marts a jogou para o lado e levantou a mão armada, mas Evan segurou a parte interna de seu pulso e virou a palma para cima, e depois para fora, forçando o cotovelo, que estalou. A arma caiu dos dedos inertes de Marts, mas Evan amparou-a com as duas mãos e desmontou-a sem interromper a queda, amortecendo o impacto das partes no tapete: ferrolho, chassi, cano e carregador.

Marts tentou acertá-lo com um *jab*, mas Evan desviou o ataque e girou o corpo do agressor. Com os dedos retos e rígidos, acertou um *biu jee* nos olhos de Marts. Ele soltou um grito que não era humano nem animal, lembrando uma estrutura desmoronando. Quando Marts cambaleou para trás, Evan segurou-lhe o braço e girou o corpo, agarrando-o por trás com um ataque parecido com um bote de cobra. Depois o imobilizou com um mata-leão. O pescoço de Marts estava encaixado na dobra de seu cotovelo direito, entre o bíceps e o antebraço, e a mão esquerda de Evan pressionava a parte de trás de sua cabeça.

Alonso gemia no carpete; os tendões do pescoço eram visíveis sob a pele. Mia se arrastara pelo chão, procurando proteção na base do sofá. Suas pernas ainda se moviam, dando impulso para lugar nenhum enquanto ela assistia a tudo com uma mistura de horror e fascínio.

Marts se debatia, preso pelo braço de Evan.

— Seu filho da mãe, tem alguma...

Com a mão esquerda, Evan empurrou a cabeça de Marts para a frente, interrompendo o fluxo de sangue da carótida. Ele perdeu os sentidos.

Evan removeu a pressão, e, um momento depois, Marts recobrou a consciência.

— Acabou? — perguntou ele.

— Não, não acabou porra nenhuma...

Pressão.

Marts apagou outra vez.

Pressão removida.

Marts recuperou os sentidos.

— Agora está pronto para me ouvir?

— Vou escutar assim que...

Evan repetiu o movimento.

Dessa vez, quando levantou a cabeça, atordoado, Marts falou com voz rouca:

— Tudo bem, *tudo bem*, eu escuto.

— Vocês *dois* vão ouvir. Certo? — Evan pressionou um pé no ombro de Alonso, que arqueou as costas como se uma corrente elétrica percorresse seu corpo. Ele assentiu com vigor.

— Há duas opções — começou Evan. — Vocês descem comigo pelo elevador de serviço até a garagem e saem do prédio tranquilamente e sem confusão ou são jogados pelo poço do lixo. Estamos no décimo segundo andar. E aí, qual vai ser?

— Elevador de serviço — respondeu Marts.

Evan levantou Alonso, que ficou parado ao lado de Marts, tremendo de dor.

As pernas de Mia ainda se moviam, mas, agora, em câmera lenta, tentando em vão empurrar o corpo para cima do sofá.

— Não chame a polícia, por favor — disse Evan. — Eu já volto.

Apesar dos soluços silenciosos que moviam em espasmos os músculos de seu abdome, ela o encarou inexpressiva.

— Tudo bem? — insistiu Evan.

O movimento afirmativo com a cabeça foi tão fraco que mais pareceu um tremor.

Quando ele empurrou os homens para a porta, Mia correu para o quarto de Peter. Evan espiou pelo olho mágico, verificando se o corredor estava vazio antes de sair com os dois homens. Quando fechou a porta, ele ouviu o choro abafado de Peter e a voz de Mia tentando acalmá-lo.

Evan levou Marts e Alonso até o elevador de serviço e desceram para a garagem sem nenhum incidente. A respiração de Alonso era rápida e superficial, e cada passo era um sacrifício. Marts havia encharcado a camisa de suor. Eles colaboravam como prisioneiros de guerra.

Evan pegou as chaves que estavam no bolso da frente da camisa de Marts.

— Onde estacionou o carro?

— A dois quarteirões daqui.

Os três atravessaram a garagem e saíram pela escada dos fundos. Marts e Alonso subiam com dificuldade, contorcidos pela dor, como se estivessem no seriado *Walking Dead*.

Havia luzes acesas em vários apartamentos, mas nenhum pedestre nas ruas, o que era uma das vantagens daquela cidade obcecada por carros. Chegaram ao automóvel, um Buick velho, sem nenhum incidente. Evan abriu o porta-malas, tirou o estepe e o jogou na grama alta da calçada.

— Não — disse Marts. — Ah, não...

— Por favor — pediu Alonso.

Evan só olhou para eles.

Os dois entenderam e entraram no porta-malas enorme, ajeitando-se com movimentos lentos e dolorosos.

Marts ainda fez um esforço.

— Será que você pode...

Evan bateu a porta.

Então, entrou no carro e dirigiu pela 405, saiu em Mulholland e continuou para oeste, chegando ao trecho onde a famosa estrada terminava em terra. Continuou pelos cânions, passou por uma antiga instalação de mísseis e seguiu pela trilha tortuosa. Os pneus percorriam o terreno irregular, e várias vezes gemidos de dor ultrapassavam a barreira dos bancos do automóvel e chegavam a ele. Evan chegou a uma clareira acima do Valley, de onde a represa Sepulveda parecia uma poça preta no meio do cobertor de luzes lá embaixo.

Ele parou, abriu o porta-malas e tirou os dois homens. Suas tatuagens brilhavam sob uma camada de suor, e eles se esforçavam para ficar em pé enquanto olhavam em volta, estudando o cenário. A poeira dos pneus dava uma nova textura ao ar, pairando fantasmagórica na escuridão. Uma coruja piou em algum lugar.

— Você vai matar a gente — disse Marts.

À luz da lua, o rosto de Alonso parecia pálido a ponto de não ter sangue dentro do corpo. A clavícula quebrada não havia rasgado a pele, mas uma ponta do osso levantava a camiseta sob a área da fratura.

— Não era para machucar a mulher — disse Marts. — Era só para assustar. Para ela saber o que fez conosco.

— Se eu achasse que pudessem machucá-la, vocês já estariam mortos.

— Então... — Marts tossiu. Depois, tentou falar mais uma vez. — Então por que estamos aqui?

— Mulholland fica a cinco quilômetros daqui naquela direção. — Evan apontou. — Vou deixar o carro onde começa o asfalto.

Os dois olharam para a escuridão na direção apontada por ele.

— Sei que conhecem gente perigosa — comentou Evan. — Gente pior que vocês. E que eles conhecem pessoas ainda piores. Mas toda essa gente que vocês conhecem não chega ao nível de quem pode causar problemas para mim. Estão entendendo?

Os dois assentiram com obediência.

— Considerem-me o anjo da guarda de Mia Hall. Se ela *ouvir* o nome de um de vocês, eu encerro de vez essa história.

— Ele começou a caminhar para o carro, girando o chaveiro em um dedo.

Quando fez o retorno com o Buick, Evan viu os dois rostos iluminados pelos faróis. Eles estavam paralisados, tremendo de medo. A terra levantada pelos pneus salpicou os corpos de espantinho.

Evan pisou no freio ao passar por eles e abaixou o vidro da janela.

— Melhor comecem a andar — disse ele.

Com um esforço doloroso, eles se viraram para encarar a sombria caminhada.

Marts falou:

— Você é um homem muito, muito assustador.

Evan partiu. Pelo retrovisor, viu as duas silhuetas ficarem cada vez menores. Aparentemente, eles ainda não haviam conseguido reunir a energia necessária para se mover.

A maldição da paranoia

Katrin sentou-se no cômodo vazio, de costas para a parede, olhando para a embalagem intocada de uma rede de *fast-food*, que repousava perto de seus pés. A janela, único luxo, havia sido tirada dela, coberta com um tapume de madeira e reforçada com barras de aço. Quando se moveu, ela sentiu tiras de plástico rígido machucarem os tornozelos. Estava presa ao pé de metal de uma mesa, num ponto acima de uma barra sólida, e nem havia tentado remover os parafusos nas horas que passou ali sozinha. Na verdade, tinha desistido depois de algumas tentativas frustradas e uma unha quebrada. Os parafusos não iam sair dali. Nem ela.

O estresse a destruía pouco a pouco. O terror se materializava na forma de náuseas, que ganhavam força em alguns momentos e recuavam em outros. As têmperas latejavam e competiam com episódios de tontura. Sabia que estava desidratada e sem energia por falta de alimentação, mas pensar em comida provocava uma nova onda de enjoo. O

cheiro do produto de limpeza usado no carpete pairava no ar e invadia sua boca e seus pulmões.

Ouvia passos pesados no corredor e vozes profundas. De vez em quando, também ouvia Candy, um murmúrio feminino e gargalhadas dos homens.

Slatcher havia confiscado os bens de Katrin, inclusive o relógio e o celular, e ela não sabia que horas eram, mas Candy aparecia em intervalos regulares de algumas horas para levá-la ao banheiro.

E era por isso que, mais ou menos vinte minutos depois de sua última visita ao banheiro, Katrin ficou confusa ao ouvir passos do lado de fora do cômodo.

Estava confusa, mas não sentia medo.

Candy entrou no cômodo, envolta em uma nuvem de ar perfumado. Ela trazia mais uma embalagem do McDonald's. Comida.

— Essa palhaçada de greve de fome só vai deixar você mais fraca — disse ela. — E duvido que queira ficar fraca. Por você ou por Sam. Então, o que acha de se comportar como uma adulta e comer? — Candy sorriu e jogou a embalagem para ela. O pacote caiu ao lado de Katrin com um baque surdo e molhado.

Candy virou-se e saiu.

Katrin estendeu uma das mãos para o pacote, e sua visão ficou turva. Estava mais fraca do que imaginava. Mas, quando desembalhou o hambúrguer, o cheiro a obrigou a desistir. Ela respirou o ar carregado de produto de limpeza por um tempo.

Depois, pegou uma batata frita. Tentando acalmar o estômago, segurou-a diante do rosto.

No trajeto de volta de táxi de Mulholland, Evan manteve o celular aberto na tela de rastreamento de Katrin. Nada.

Pedi ao motorista para deixá-lo vários quarteirões antes do prédio, correu e subiu direto para a cobertura, puxando a corda e os arreios de rapel antes que alguém encontrasse aquilo balançando ao vento. O ato trouxe à mente uma ponte levadiça sendo recolhida, em uma metáfora que Jack teria apreciado. Evan estava novamente sozinho em sua fortaleza.

No Cofre, apagou trechos de gravações das câmeras do prédio feitas no começo da noite. As cenas não eram vistas depois de gravadas, mas Evan preferia não contar com a sorte. Quando decidiu sair da cobertura, levando o celular recém-carregado, desceu até o apartamento de Mia e bateu à porta sem saber o que esperar.

Uma escuridão dominou o olho mágico, e, em seguida, a porta foi aberta. Mia olhou para ele, com os cabelos encaracolados e molhados após o banho, e apontou para o sofá. A porta do quarto de Peter estava fechada. O menino provavelmente dormia.

Evan andou até o sofá e se sentou. Mia se acomodou em uma poltrona diante dele e cruzou as pernas sob o corpo. Os pedaços da arma de Marts haviam sido recolhidos e guardados em um saco plástico para congelamento de alimentos, que ficara em cima da mesinha de centro, entre eles, posicionado como um dos assuntos daquela conversa.

Mia estava rouca de tanto chorar.

— Você... matou os dois?

— Não — respondeu Evan. — Mas eles não vão mais incomodar você.

— Obrigada por me proteger. E por proteger Peter. É sério... Agradeço do fundo do coração.

— Mas?

Ela se inclinou para a frente e tocou o pacote sobre a mesa.

— Desmontou essa arma tão depressa que nem vi os movimentos de suas mãos. Bateu nos dois caras... dois criminosos violentos... de um jeito que eu nunca vi antes.

Entrou pela janela do quarto de Peter como se fosse o Homem-Aranha. O que você é?

Evan desviou o olhar. Nunca havia tido essa conversa com ninguém e não pretendia começar agora. A placa com tema pirata havia sido arrancada da porta do quarto de Peter pelas pancadas de Alonso, e Evan pensou no menino que dormia em segurança do outro lado da porta. Quando ficou claro que não haveria uma resposta, ela continuou:

— Ninguém sabe nada sobre produtos para limpeza industrial.

— Não.

— Então, ninguém faz perguntas sobre seu trabalho.

— Não.

— Evan Smoak. Seu nome é verdadeiro?

— Sim e não.

Ela abriu e fechou a boca algumas vezes.

— Sabe o que eu faço, não sabe? Não posso saber que... que...

Evan esperou.

— Não posso saber o que não sei sobre você, seja o que for. — Ela bateu com uma das mãos na testa. — Meu Deus, isso é *insano!* O que estou falando é *insano*. Mas o que fez com aqueles homens... — Furiosa, ela soprou a mecha de

cabelo que caía sobre a testa. — Sou promotora pública, Evan. Eu fiz um *juramento*. Vários, na verdade. É com esse trabalho que sustento meu filho. E ele implica que... Não, ele *depende* de que eu não desrespeite as leis.

— Está dizendo que vai tentar me denunciar?

— E se eu disser que sim?

— Eu vou sumir.

— Nós encontraríamos você.

Evan balançou a cabeça lentamente.

— Vou ligar agora para o meu chefe. — Ela se levantou.

— Quero saber como podemos resolver essa confusão. Como podemos consertar tudo.

Mas ela não se aproximou do telefone. Eles se olhavam. O silêncio se prolongava.

— Quem ligou para você hoje na reunião da associação de moradores? — perguntou Evan. — Disse que foi seu irmão, mas o toque não era o dele.

Ela piscou devagar, parecendo exausta ou confusa.

— Meu chefe. Ele queria avisar que as ameaças haviam crescido. Estamos monitorando os movimentos desses caras há meses.

Evan pensou na música do filme *Tubarão* tocando no celular de Mia, muitas e muitas vezes. Todas aquelas

conversas agitadas, seu andar ansioso na frente da casa do irmão. Lembrou-se de ter lavado louça com Mia na cozinha da casa dela. “Hoje em dia, esses idiotas postam tudo no Facebook. O que fizeram, o que vão fazer... Suas proezas”, dissera ela.

— Por isso você se mudou para cá, embora o dinheiro que recebeu do seguro de vida de seu marido tenha acabado há anos. Mais segurança.

O olhar cansado ganhou foco.

— Como sabe? Sobre o dinheiro do seguro de Roger?

Ele hesitou. Não podia contar muitas coisas, mas precisava dar algumas respostas.

— Há muita gente que quer me matar — começou ele, cauteloso. — Tenho de manter os olhos abertos.

Incrédula, ela se sentou novamente na poltrona.

— E está *me* acusando de mentir? — Mia apoiou os cotovelos sobre os joelhos. — Espere... Você sabia sobre o câncer de Roger. E sobre a apólice de seguro. Isso quer dizer... que também sabia tudo sobre mim? A adoção de Peter. Quanto eu ganho. Onde trabalho. Você me *investigou*?

O silêncio foi resposta suficiente.

— Estava fingendo? O tempo todo?

— Não.

— Com Peter...

— Não.

— Minhas sardas...

— Não.

— Quando fingiu que ficou surpreso com as coisas que contei sobre mim. Quando contei que meu marido havia morrido. Você já sabia. — Ela rangia os dentes. — *Sabia!*

— Sim.

Uma lágrima surgiu no canto de um olho.

— Deve ser triste ver o mundo desse jeito. Como uma possível ameaça. Como mentirosos. Mas o problema é você. É realmente você.

Evan levantou as mãos que estavam no colo e as moveu como se quisesse moldar o ar, mas sem saber que forma dar a ele. Então, devolveu-as ao colo.

— As pessoas constroem confiança, Evan. É assim que relacionamentos *funcionam*. É assim que eles *são*.

Um sentimento se espalhou por ele como uma coisa física, uma tristeza abrangente e invasiva por estar diante de uma coisa que nunca havia aprendido, que não conhecia.

Essa era a maldição da paranoia. Ela era como um motor que abastece a si mesmo. Quanto mais consumia, mais potente se tornava.

Evan se preparava para responder, mas um barulho o interrompeu.

Um alerta do celular.

Primeiro, ele pensou que fosse uma alucinação, mas o ruído se repetiu, indicando a localização de Katrin.

Mia continuava olhando para outro lado, estudando seu telefone sobre a bancada.

— Sinto muito — disse ele. — Faça o que tiver de fazer. Preciso ir embora.

Ela assentiu sem olhar em sua direção.

Evan hesitou por um momento, mas decidiu pegar o saco com as peças da arma e saiu.

Havia um novo recado na parede do telefone: “Seja amigo de quem quer o melhor para você”.

Evan pensou: “Que luxo isso seria”.

Lantejoula azul

A forma volumosa de Slatcher estava espremida entre duas placas de metal bem acima do chão. Embora a vibração da eletricidade preenchesse sua cabeça, a conexão telefônica era límpida, e um fone de ouvido transmitia a voz de Evan.

Evan arfava quando atendeu, como se corresse para algum lugar. Slatcher havia deixado claro que ele controlava o tabuleiro, informando a Evan para onde *ele* precisava correr.

— Universal CityWalk. A praça ao lado dos cinemas.

— Boa escolha — respondeu Evan. — Difícil imaginar um lugar mais cheio.

Slatcher falava por um microfone adesivo colado na altura da laringe, um mecanismo que absorvia a voz diretamente da pele, filtrando todo o ruído ambiente.

— Obrigado. Suponho que esteja perto o bastante para chegar à meia-noite.

— Consigo chegar à meia-noite.

Isso era bom. Slatcher queria que Evan tivesse um tempo para avaliar a área, mas não muito tempo.

— Ótimo. De lá, eu levo você até Katrin.

— Não vai ser assim. Eu me aproximo quando tiver certeza de que é seguro. Quando eu estiver na praça, você vai me mandar vídeos de Katrin pelo FaceTime. Quero provas de vida em tempo real. Pelo celular, vou ver seus homens deixarem a garota em um local público. Depois, eu vou com você.

— Está disposto a morrer por ela?

— Estou.

Slatcher sorriu.

— É o que vai acontecer.

— A menos que eu mate você antes.

— Desculpe, Órfão X, mas você não é tão bom.

— Vamos ver. E tenho uma condição: nada de equipe. Só você e eu. Essa é a regra. Se eu perceber que levou *alguém*, e você sabe que vou identificar sua gente, a história acaba. Você perde o tiro. E eu nunca mais apareço.

— Pensei que estava disposto a morrer por ela.

— Eu não disse que cometeria suicídio por ela.

As luzes piscavam em torno do rosto de Slatcher. Ele levantou a Remington M700, manipulando a arma com

cuidado no espaço claustrofóbico, e verificou a mira Leopold de potência variável. Havia muita luz para o acessório de visão noturna.

— Tudo bem — concordou ele.

— A gente se fala.

Clique.

Slatcher não planejava falar outras vezes com Evan. De seu poleiro dentro da enorme guitarra no telhado do prédio de dois andares do Hard Rock Café, pretendia encerrar a conversa antes mesmo que ela começasse.

O barulho da multidão chegava até ele. Havia um fluxo constante de gente entrando e saindo dos restaurantes, bares e boates, fazendo fila na entrada do complexo de cinemas, desenhando círculos de luz no ar. Dali, podia ouvir o barulho da montanha-russa no parque de diversões atrás do edifício.

Ele encaixou o rifle em um buraco da guitarra suspensa, espiando, pela mira, toda a extensão do CityWalk. Com suas escadas rolantes e fontes de água, turistas e artistas de rua, cervejarias e bares onde os clientes cantavam acompanhados por um pianista, a área era movimentada e vibrante, uma colmeia humana e um grande templo do capitalismo. As

luzes e os luminosos concorriam com o brilho da Times Square. Um quarteirão adiante, um King Kong azul e cintilante pendia da lateral de um prédio. Além da fila do iMax, um adolescente flutuava acima de um ventilador gigante dentro de um tubo de *sky jumping* enquanto os colegas o observavam, bebendo *smoothies* e comendo *pretzels*.

Slatcher mexeu no rádio de comunicação.

— Big Daddy para equipes de campo Um e Dois: Abortar. Abortar. Vou fazer um voo solo.

Um momento depois, houve um estalo.

— Líder da equipe de campo Um para Big Daddy: Tem certeza? O contratante pediu que levássemos o corpo.

— Não dá para arriscar — respondeu Slatcher. — O alvo já está atrasado para o baile. Estou posicionado e cubro toda a área. Ele pode fazer quantas varreduras quiser. Não terá a menor chance.

Slatcher observava o líder de uma equipe, que usava um uniforme de paramédico como disfarce. Estava no segundo andar da praça de alimentação, na frente da lanchonete Tommy's Burgers. Viu os lábios do homem se moverem antes de ouvir o som.

— Confirmando, Big Daddy. Equipe Um está fora.

Outra voz entrou na conversa.

— Equipe Dois está fora.

— Voltem para a base — orientou Slatcher. — Vigiem o pacote e deem cobertura à Hot Mama.

Pela mira, ele viu o líder da equipe Dois em um restaurante mexicano, bebendo uma margarita do tamanho de um aquário.

— Confirmado, Big Daddy.

À luz esverdeada do mecanismo de visão noturna, ele viu seus *freelancers* se dispersarem. Slatcher não podia correr o risco de que o Órfão X identificasse um de seus homens.

Evan chegaria assim que fosse possível e analisaria a praça central por todos os ângulos, mas, naquele cenário de luzes e movimento, uma mira de rifle desapareceria como uma lanterna azul no oceano. Slatcher havia cometido um erro de cálculo em Chinatown. Não erraria de novo.

Ele ajustou a ampliação da mira e passou de um rosto para outro, observando as pessoas que andavam pela praça.

Agora só precisaria esperar.

Traição

O ponto de localização havia sumido, mas Evan o registrara na memória de seu celular. Em seu Ford F-150, havia dado várias voltas em torno do prédio perto da via 101. Depois de apagar os faróis, encontrou uma vaga em uma extremidade do estacionamento, de onde podia observar a área através de uma cerca alta de damas-da-noite. A iluminação direta embutida nas paredes proporcionava luz suficiente para ver através das janelas levemente escurecidas, mas, àquela distância, era difícil ver mais que sombras.

Em algum lugar atrás daquelas janelas, Katrin White era mantida em cativeiro.

Ele repetiu mentalmente o Quarto Mandamento, fazendo isso até sentir um saudável distanciamento tático.

Alguns minutos depois das onze da noite, duas vans azuis pararam no estacionamento, e quatro homens desembarcaram de cada uma.

As equipes de campo haviam voltado à base, como ele esperava.

Evan tinha duas coisas a seu favor: Slatcher, a maior ameaça, estava isolado do resto da equipe e ninguém esperava vê-lo *ali*.

A metralhadora compacta Benelli M1 descansava sobre suas pernas, escura como a noite. Seu mecanismo era mais robusto e seu carregamento era mais rápido que o de uma M4. A capacidade maior daria a ele sete tiros, mais a bala que já estava na agulha, além de um carregamento extra já preparado. Havia trocado a empunhadura moderna pela clássica, melhor para atirar em esquinas. Os primeiros três projéteis pesavam 25 gramas, cada um com um sólido fragmento de chumbo, que era o melhor jeito de concentrar toda a energia de um disparo e arrancar uma porta das dobradiças. Atrás deles, havia cargas de nove esferas prontas para serem disparadas assim que invadisse o prédio. As esferas causariam traumas múltiplos, expandindo o raio dos tiros até uma amplitude capaz de transformar uma barreira humana em uma névoa vermelha. Uma frase dita por Jack surgiu em sua mente: “Não vai querer todos os buracos no mesmo lugar”.

Considerando o número de oponentes que enfrentaria, Evan havia trocado a Wilson pela Benelli, preferindo poder bruto a precisão. Um tiro de rifle era capaz de parar um guerreiro e derrubar até um oponente que poderia ser fatal.

Evan atravessou a cerca de damas-da-noite e deu uma volta ao redor do prédio, fazendo uma verificação visual e tentando compreender a divisão de salas e corredores. Os homens tinham grande poder de fogo, usando modelos Glock e AK-47, mas não mantinham uma patrulha formal. Estavam reunidos no saguão e em outras salas, comendo e falando bobagem. Candy McClure se mantinha afastada, cuidando de alguma coisa que parecia ser um cômodo menor na parede oeste, de onde saía de vez em quando para dar uma volta sob o olhar de admiração dos homens. Slatcher devia estar empoleirado em algum ninho acima do Universal CityWalk, mas voltaria assim que percebesse que Evan não apareceria.

De costas para a encosta da colina, Evan se esgueirou para a parte de trás do prédio. Mais ou menos cinco salas depois do cômodo dominado por Candy, uma janela havia sido tapada. Arriscando uma olhada mais próxima, ele percebeu que havia sido fortificada por dentro.

A cela de Katrin.

Eram oito homens e Candy. Para entrar e sair de forma bem-sucedida, tinha de dispersar o grupo pelo prédio em formato de V. Ele localizou a caixa do disjuntor perto do fim do corredor leste. Além de uma espécie de átrio formado pela junção dos dois corredores, viu os homens comparando armas. Queria que alguns deles fossem para o corredor leste, para longe do cativeiro de Katrin.

Havia levado apenas granadas de atordoamento porque não queria correr o risco dos efeitos colaterais provocados pelas granadas de fragmentos. Evan encaixou um dedo na argola do pino e a puxou. Depois, correu para o fim do corredor oeste.

Levantou a arma, mirando a dobradiça mais alta, e esperou. A brisa da noite era mansa e constante. Sentia uma pulsação na lateral do pescoço como o tique-taque de um relógio.

Do outro lado, a granada explodiu. O prédio ficou escuro.

Evan disparou os primeiros três projéteis para remover as dobradiças. A porta cedeu, e ele entrou correndo no prédio. No fim do corredor, na junção antes do saguão, quatro homens apareceram, correndo na direção do cômodo onde estava Katrin, em vez de irem para o local da explosão. Um movimento tático de combatentes experientes.

Evan não tinha nenhum alvo na mira, mas disparou uma rajada para o corredor, o que obrigou os homens a procurarem abrigo atrás de uma parede. Ele correu para o cômodo onde achava que encontraria Katrin.

Estava a dez metros da porta quando Candy saiu do cativado, atirando para os lados. Sem tempo para levantar a arma, ele se jogou no chão e deslizou pelo piso liso, indo ao encontro das pernas dela. O golpe visava a seu tendão de Aquiles, mas ela pulou sobre seu corpo, virando a mão para apontar para o homem que já se erguia. Evan se abaixou para escapar da mira, agarrando a arma quando roçou em um lado de seu rosto. A mão de Candy bloqueou a metralhadora, impedindo que ele a levantasse. Por um momento, ficaram frente a frente, imobilizados, até que ela sorriu e apertou o gatilho. O tiro explodiu a centímetros da cabeça de Evan. O barulho ecoou dentro do seu cérebro, sua visão perdeu o foco e o mundo saiu do lugar como se fosse um quadro torto. Ele recuou, mas ela avançou e deu uma cabeçada em sua testa, soltando um grito misturado com ranger de dentes e deixando no ar seu cheiro de chiclete de morango.

Ele girou o corpo para se afastar da atacante, segurando a arma com dificuldade. A pistola de aço inoxidável brilhou quando Candy a ergueu para o tiro fatal. Em vez de lutar

contra a força da inércia, Evan deu mais impulso à rotação, levantando as pernas ao cair. O chute a acertou no meio do peito. O chiclete voou de sua boca quando ela foi projetada para trás, contra a porta e para dentro do pequeno cômodo.

O lugar estava cheio de recipientes plásticos.

Eles amorteceram a queda.

Líquidos se espalharam em torno dela quando alguns recipientes se quebraram, e Candy gritou. Evan fechou a porta com um chute e atirou novamente na direção do corredor, obrigando os homens a recuarem para o saguão. O cartucho vazio cuspidado da Benelli girava pelo chão. Com um lado da bota, ele o empurrou pelo piso e enfiou a ponta de plástico embaixo da porta, prendendo Candy no pequeno cômodo.

Ela continuava gritando, alcançando decibéis que iam além dos limites humanos. Candy batia na porta, mas as batidas eram cada vez mais fracas. O vapor que escapava por baixo da porta tinha cheiro de enxofre e carne queimada.

No fim do corredor, uma AK-47 apareceu subitamente em uma mão coberta por uma luva, disparando contra paredes e teto. Era apenas uma dispersão para dar cobertura para as equipes de campo que preparavam o ataque.

Evan não podia dar essa chance a eles.

Com a arma presa entre o ombro e o rosto, ele correu para o saguão.

Isso não acabaria bem para eles.

O corredor havia sido tomado pela trilha sonora de um show de horrores pirotécnicos, com explosões, gritos, madeira quebrada e berros de dor. Katrin se esforçava para ficar colada à parede, mas os tornozelos presos a impediam de flexionar as pernas. Era impossível distinguir seu tremor da vibração no resto do prédio.

O banho de sangue continuava em som e vibração.

Bum.

Um grito interrompido.

Bum.

Um baque e um gemido de morte.

Katrin cobriu os ouvidos, mantendo os olhos fechados. Sentia, do outro lado das paredes, o cheiro de fumaça, um cheiro que queimava o fundo da língua.

Uma súplica misturada a um soluço invadiu o quarto.

— *Espere... Espere, me deixe...*

Bum.

Um joelho chegou ao peito. Ela ainda tentava dobrar a outra perna, mas a tira de plástico rígido cortava a pele. Estava chorando, mas não ouvia o próprio choro.

Um estrondo. A porta sendo arrombada. Dessa vez, Katrin ouviu o próprio grito. Quando abriu os olhos, a dobradiça mais alta já havia sido arrancada e a outra cedia com o movimento brusco da porta.

Uma bota preta surgiu contra a névoa no corredor, e, depois dela, veio Evan.

— Temos de ir — disse ele.

Katrin estava horrível. Franja suada e colada na testa, rosto pálido, lábios secos e rachados. Ela usava uma camiseta regata de tecido fino e tentava inclinar-se para a frente, como se quisesse encolher-se em posição fetal, evidenciando as clavículas salientes. Evan se aproximou dela e deixou a metralhadora no carpete, puxando a faca Strider que trazia no bolso. A lâmina surgiu do corpo da faca com um estalo seco, e ele cortou a tira de plástico rígido. Katrin dobrou a perna contra o corpo como se o joelho fosse uma mola.

Evan havia matado cinco dos oito homens, e Candy estava fora de circulação, mas ainda estavam em menor número.

Ele podia ouvir gritos, correria e ruídos de rádios no fundo do prédio. Por ora, os homens que restavam estavam distraídos na ala leste, perto de onde a caixa de disjuntor havia explodido. Eles se preparavam para um ataque em outra frente. Evan respirou. Era o primeiro momento de trégua desde a invasão.

— Katrin, escute... — Ele segurou o rosto dela entre as mãos, sem soltar a faca, cuja lâmina brilhava perto da pele pálida. — A gente precisa sair daqui depressa.

— Você matou o grandão? — perguntou ela.

— Não. Ele não está aqui. Mas há outros homens. — Sabia que estava falando muito alto; seus ouvidos apitavam. — Fique atrás de mim, perto o bastante para me tocar. Vamos para o lado da colina e depois contornaremos o prédio por fora.

Ela assentiu e tentou ficar em pé, mas as pernas não sustentavam seu peso.

O celular preto vibrou no bolso de Evan. Depois de um instante de choque, ele tentou pegá-lo e, na ânsia, rasgou a proteção do bolso da calça. Olhou para a tela, esperando ver o número de Slatcher. Em vez disso, a tela mostrava o número de um telefone público com código de área 702. Las Vegas.

Morena Aguilar.

Slatcher a encontrara e havia feito mais um refém enquanto ele libertava Katrin?

Ainda abaixado, ele atendeu a ligação.

— Morena? Você está em segurança?

— Sim, mas não graças a você. — A voz dela era raivosa e alterada. — Por que não me deixam em paz com minha irmã? Você disse que não nos falaríamos mais.

No corredor, homens abriam e fechavam portas, checando cômodo por cômodo. Não demoraria para descobrirem que o contingente oeste havia sido dizimado.

Com a mão livre, ele largou a faca aberta e pegou a metralhadora, que apontou para a porta.

— Tenho de desligar. Ligo de volta. Deixe um número. Sua vida depende disso.

Quando afastou o celular da orelha, Evan ainda ouviu a voz dela:

— ... fiz o que você pediu. Achei um cara. Esse era o trato.

O zumbido na cabeça dele ganhou força. Tudo desacelerou. O latejar nas têmporas, a fumaça entrando pela porta, o brilho azul da luz de emergência no corredor. Ele aproximou novamente o telefone da orelha, fazendo-o em câmera lenta.

— *Cara?* — perguntou ele.

Ainda estava processando a informação. Quando finalmente entendeu o que havia acontecido, Evan virou-se a tempo de ver Katrin enfiar a faca que ele havia acabado de deixar no chão em seu abdome, embaixo das costelas.

Fuga

O sangue encharcava a camisa e colava o tecido à pele. A dor, misturada ao zumbido nos ouvidos, apagava o resto do mundo em alguns segundos de sobrecarga atordoante. Com os ombros fracos encurvados, Katrin recuou como se estivesse horrorizada, cobrindo a boca com uma das mãos e soluçando. Seu rosto redondo, com círculos vermelhos quase perfeitos nas faces, lembrava ainda mais uma boneca. Ele a encarou. O telefone tremia em sua mão, descia, descia, até cair no bolso aberto da calça cargo. Os dedos tocaram o calor que escapava de seu corpo.

— Sinto muito. — Ela balançava a cabeça como se tentasse negar o que tinha feito. — Eu não queria, mas eles... eles me obrigaram. Eles me obrigaram a fazer tudo isso.

Evan cambaleou para trás. O peso da metralhadora puxou o braço para baixo até o cano encostar no carpete. Apoiou-se na arma como se fosse uma bengala. A outra mão se afastou do abdome, e uma palma vermelha se abriu diante dele.

A voz de Katrin, cheia de emoção, ainda era percebida por seus sentidos.

— Slatcher disse que não vai parar, que Sam não estará seguro enquanto você viver. E a ligação de Morena... você ia descobrir.

As palavras finais de Morena o tinham salvado. Se não houvesse virado no último instante, estaria no chão, sangrando até a morte. Em um ferimento de faca no ventre, cada milímetro leva a uma dimensão diferente do inferno.

Mesmo assim, havia sido gravemente ferido. Só não sabia *quanto*.

O zumbido na cabeça se sobrepunha a todos os outros sons. Katrin se virou parcialmente; as pinceladas do *kanji* tatuado se espalharam como patas de aranha embaixo da alça da regata. Seus lábios se moviam, e ele apenas lia as palavras: “Eu não queria, Evan”.

A faca ensanguentada estava na mão dela, mas não parecia que voltaria a ser usada. De costas para ela, Evan, pressionando o ferimento para tentar estancá-lo ao máximo, cambaleou até a porta. Saiu para o corredor, onde a névoa ainda imperava, com a metralhadora na mão, arrastada pelo chão. Desviou dos corpos caídos, um apoiado na parede, outro sobre uma poça brilhante, um terceiro esparramado no

chão. O lado esquerdo de seu corpo queimava. Candy não batia mais na porta, mas sombras se moviam no saguão no fim do corredor.

Evan entrou na primeira sala à esquerda. Para levantar a metralhadora até a altura da janela, teve de chutar o cano, num esforço que provocou um grito de dor. O impulso quase arrancou a arma de sua mão, mas sua mira era boa. Fragmentos de vidro voaram, sugados pelo exterior como se houvesse um aspirador de pó do outro lado.

De algum jeito, ele passou por cima do parapeito e rolou para os arbustos. Em vez de seguir em direção à colina, andou para o lado do saguão, buscando uma linha reta até o lugar onde havia deixado a caminhonete. A porta dos fundos do átrio estava aberta; a grama havia sido pisoteada em alguma busca anterior. Evan entrou no átrio e foi tomado pelo cheiro de plantas mortas.

Ele atravessou a cozinha industrial e espiou o saguão. Viu as portas de vidro na frente e, além delas, a promessa do estacionamento e da picape.

Quando deixava o esconderijo, ouviu um barulho no corredor. Botas. Mais de um par. Ofegante, apoiou o ombro na parede ao lado do batente. Teve de reunir toda a força que ainda tinha para apontar a Benelli. Não conseguia segurá-la

como devia, mas apoiou o cabo sobre o ombro e descansou o cano no antebraço. Disparar provocaria dor. O som das botas chegava mais perto, mais perto, e então Evan girou o corpo em direção ao vão da porta e apertou o gatilho.

O coice foi forte, e ele caiu sobre um joelho. O calor se espalhava sobre a cintura da calça. Estava babando um pouco. Alguém gemia no corredor. Quando ele conseguiu levantar a cabeça, viu dois corpos caídos.

Evan se levantou com grande esforço e atravessou a porta de vidro. Havia uma fileira de vans estacionadas, com a frente voltada para a calçada. Uma linha ofensiva em formação. Ele passou entre duas vans, batendo os ombros nos espelhos laterais.

O estacionamento criava ilusões de ótica, estendendo-se para a frente como um campo de futebol com piso de asfalto. Em meio à dor que dominava seu corpo, ele torceu para que o homem que ainda restava decidisse ficar com Katrin em vez de persegui-lo. Andar pelo estacionamento o deixava exposto. Ali seria morto sem luta. Respirar era como levar fogo para dentro dos pulmões. Cada passo irradiava uma lembrança sensorial da facada no abdome. Dizia a si mesmo para continuar andando, e, de alguma forma, as pernas obedeciam.

Finalmente, ele passou pela cerca de damas-da-noite, caindo, e um ombro bateu contra a roda da caminhonete. Evan conseguiu jogar a metralhadora em um dos compartimentos secretos, entre uma bandeja de munição e a bainha rachada da catana, e se arrastou, apoiado à lateral do veículo, até a porta do motorista.

Segurando o volante com força, saiu da vaga e atravessou o estacionamento, manobrando a caminhonete até ficar virada de frente para a fileira de picapes. Usando o para-choque reforçado como ferramenta, foi batendo na frente dos carros. Os solavancos eram dolorosos, mas ativariam os sensores de movimento dos carros, cortando a transmissão elétrica para a bomba de combustível e garantindo que ninguém pudesse persegui-lo.

Em vez de fazer o retorno para usar a saída do estacionamento, ele seguiu em frente, passou por cima da calçada e seguiu direto para a passagem elevada. O solavanco foi tão forte que ele bateu a cabeça no teto da caminhonete. Limpando o suor na testa, Evan seguiu a caminho da estrada. Quando desceu a rampa de acesso para a pista, viu, do outro lado, um Scion roxo passando da faixa da direita para a rampa, indo em direção ao prédio. Era estranho que Slatcher ainda estivesse usando aquele carro. Evan viu o homem

enorme atrás do volante e o braço poderoso pressionado contra o vidro da janela.

Ele não parecia feliz.

As luzes vermelhas à frente se fundiram numa sequência, os carros reduziam a velocidade, e Evan freou de repente, evitando por pouco a colisão com a traseira de outro veículo. Seu rosto se contorceu com a dor. Ficar tenso não era bom e só alimentava a agonia. Sua mente voltou aos tempos do primeiro instrutor, o homem barbudo no celeiro. As aulas comandadas pela ponta de uma faca.

A expectativa de alívio da dor aumentava a concentração de receptores opioides no cérebro, provocando um efeito analgésico. Controle mental da realidade.

Ele estava se esforçando para desviar o foco da dor e encontrar a âncora da respiração.

Uma inspiração.

“A partir desse momento não há mais dor. Supere esse momento e só esse momento.”

Uma inspiração.

“Só existe este momento. Não existe o próximo momento ou o amanhã.”

Uma inspiração.

“Neste momento não há dor.”

Sua visão ficava turva, e ele piscou algumas vezes. A faixa preta da estrada sumia e aparecia, como uma imagem de televisão que nunca ficava nítida.

Cenário de guerra

Slatcher estava no saguão, onde fagulhas de uma lâmpada destruída à bala caíam como uma cascata sobre seu ombro. Ele respirou fundo e ergueu os ombros em um momento raro de boa postura, um urso-pardo sobre as patas traseiras.

Seguiu para o corredor oeste sabendo o que encontraria.

Paredes brancas manchadas de vermelho. Um pedaço de uma calça cargo. O piso pegajoso grudando na sola das botas.

Passou por cima de corpos caídos. Desviou de um corpo contorcido num ângulo estranho — um braço brilhando muito branco em uma poça escura, com os dedos crispados e voltados para cima como se fosse uma rara criatura aquática.

Slatcher passou pelo quarto com a janela coberta por tapume e grade e viu que a porta havia sido arrancada das dobradiças. A tal White estava encolhida em um canto, tremendo violentamente, deixando soluços secos escaparem por entre os lábios sem cor. Uma das mãos segurava uma faca, e a lâmina ainda estava molhada. Seus olhos eram

vazios, buracos em uma máscara sem rosto para esconder. A máscara se inclinou para a frente e ameaçou vomitar algumas vezes, mas nada saiu, e o rosto continuou inexpressivo. Não arrancaria nenhuma resposta dela agora.

Ele seguiu em frente, avaliando a carnificina. A julgar pelos volumes formados por carne e tecido e iluminados pelas lâmpadas e pela porta dos fundos caída no chão, arrancada das dobradiças, a coisa era séria.

Slatcher não usava chapéu, mas, se usasse, o tiraria para o Órfão X.

Não era o melhor. Mas talvez fosse um igual.

Um ruído baixo chamou sua atenção. Um barulho de atrito. Ele inclinou a cabeça. Afastou-se da poça negra em que pisava e se aproximou de um pequeno cômodo.

O ruído se repetiu — um som desesperado, quase uma súplica. Unhas raspando madeira.

Quando abriu a porta, o cheiro o atingiu como um tapa na cara. O cenário diante dele transformou sua admiração sombria em fúria.

Trilha escarlate

A névoa se dissipou, e a visão de Evan clareou a tempo de perceber que passava pelo ridículo *porte-cochère*. Bocejando em sua cadeira de diretor de cinema, o manobrista já se levantava, mas Evan acenou, dispensando seus serviços. Lutando com o volante só com uma mão, desceu à garagem subterrânea e parou em sua vaga, evitando por pouco um pilar de concreto.

A mancha escura de sangue cobria todo o lado esquerdo da camisa, tomando também a cintura da calça cargo. Não dava para ser cuidadoso. Estava sangrando muito. Se não subisse imediatamente para estancar a hemorragia, morreria. Cambaleando para a escada, quase caiu quando deslizou em uma mancha de óleo.

Nem notou a presença dos dois até aparecerem ao seu lado.

Mia e Peter.

Ela segurava uma sacola da farmácia, e o menino tinha uma expressão triste e usava um roupão de banho sobre o pijama com estampa do Charada. Mia estava chocada, olhando diretamente para Evan, mas Peter não desviava o olhar da escada e puxava a mão da mãe.

— Vem, mãe. Meu coração ainda está *disparado*.

Instintivamente, Evan virou o corpo para esconder a mancha de sangue.

Mia continuava paralisada, mas, de algum jeito, conseguiu responder ao filho.

— O remédio já vai fazer efeito, meu bem. Você vai se acalmar. A noite foi horrível mesmo.

Peter olhou para ela e, depois, para Evan. Sua boca estava aberta.

Evan segurava o corrimão da escada e tentava puxar o corpo degrau por degrau. A outra mão estava escondida sob a manga da camisa, e ele tentava limpar o sangue enquanto subia, mas era inútil.

Mia saiu do transe e começou a subir a escada ao lado dele.

— Meu Deus, Evan, o que aconteceu? Você está bem?

A perda de sangue causava tontura. Estava suando muito e tremendo. O coração começava a dar sinais de alerta, cada

batida reverberando o peito. Uma onda de tontura mais forte quase o derrubou, e Mia o amparou com o ombro.

— Sim. — Evan endireitou o corpo. — Bem.

— Marts e Alonso?

A dor o impediu de falar, por isso ele balançou a cabeça para responder que não.

Mia puxou Peter para trás dela, tentando impedir que visse o sangue.

— Você precisa ir para o hospital.

Evan se dirigia ao elevador de serviço, apoiado na parede, deixando marcas com as mãos sujas de sangue. Não tinha tempo para limpar pistas nem para apagar seus rastros.

— Não. Não.

— Não tem escolha.

— Vão me matar. — Ele parou para respirar. — Homens atrás de mim. — Outra respiração. — Vá. — Mais uma respiração. — Embora.

O elevador chegou, e ele entrou na cabine. O sangue pingava da barra da camisa e sujava o chão.

Apoiado ao corrimão dentro do elevador, ele a encarou. A preocupação franzira a testa de Mia. Um dente apertava o lábio inferior. Ela parecia prestes a começar a chorar.

— *Por favor* — pediu Evan.

As portas se fecharam.

Movendo-se de forma automática, ele se concentrou na respiração e tentou bloquear todo o resto. Sua memória muscular o guiou até a porta do apartamento.

Um vento frio atingiu seu peito e esfriou o rosto coberto de suor. Ele percebeu que estava dentro do apartamento, na frente da geladeira aberta.

Evan pegou uma bolsa de solução salina guardada na gaveta de frutas e um frasco de Epogen. Forçou as pernas a carregá-lo pela área de concreto até o corredor. A meia já estava encharcada dentro da bota.

Finalmente, ele desabou no chão do banheiro. Abriu as portas do armário embaixo da pia e puxou um kit para emergências e traumas. Os botões magnéticos da camisa cederam prontamente quando ele puxou o tecido. Evan molhou uma toalha e a passou pelo abdome, conseguindo ver o ferimento.

A faca havia penetrado a cinco centímetros da linha mediana do ventre, na base das costelas do lado esquerdo, cortando a artéria epigástrica superior. A artéria era um pouco menos profunda que os músculos da parede abdominal, que pareciam ter escapado ilesos. Um ou dois centímetros a mais teriam causado uma coleção de

complicações impossíveis de resolver, caso houvesse perfuração de estômago, intestinos ou diafragma. Pelo corte, ele via o sangue jorrar em intervalos regulares.

Fazendo o possível para não antecipar o que estava por vir, ele pegou o kit de sutura e preparou a agulha. Respira. Respira. Respira.

Evan entrou em um túnel de tormento e se perdeu no tempo. As terminações nervosas eram sacudidas por impulsos elétricos. O suor pingava do queixo. Os dedos se moviam como lesmas vermelhas.

E, então, acabou, ou já acabara havia algum tempo, com um trecho feio de pele costurada diante de seus olhos. De algum jeito, havia dado os pontos na artéria cortada e fechado a pele em cima dela.

Evan respirou por alguns momentos e deu um tempo para si mesmo, mas começou a perder a consciência e compreendeu que precisava agir. Com uma das mãos, enfiou o tubo intravenoso na dobra do braço, furou a bolsa de solução salina abrindo uma entrada para a outra ponta do tubo intravenoso. Dessa maneira aumentou o volume de fluido em seu sistema circulatório, de maneira a repor a perda de sangue. Com uma seringa, extraiu uma dose de Epogen e aplicou na coxa, sentindo o ardor da injeção ao

apertar o êmbolo. Era um remédio usado no tratamento de anemia, que estimula a produção de células vermelhas do sangue, algo de que precisava com urgência, considerando a quantidade que havia deixado no chão daquele prédio comercial, no assoalho da caminhonete e nas paredes do Castle Heights.

Ele olhou, melancólico, para a porta escondida atrás do chuveiro, mas sabia que não conseguiria chegar ao Cofre para checar as imagens das câmeras de segurança. Mesmo que chegasse, não poderia limpar o sangue na garagem, na escada e no elevador de serviço.

Uma trilha escarlate levava diretamente à sua porta, mas ele não podia fazer nada em relação a isso. Teria de adicionar Castle Heights à longa lista de locais abandonados e sair da cobertura assim que pudesse. A dor que sentiu no peito não era física; era algo mais profundo, muito próximo do coração. Incapaz de pular de paraquedas ou descer de rapel pela lateral do prédio, incapaz até de dirigir, encontrava-se no mais raro dos lugares, à mercê do acaso, incapaz de ajudar a si mesmo.

Evan se arrastou até a cama suspensa. Com um último esforço, pendurou a bolsa de solução salina em uma luminária de leitura. Depois, desabou na escuridão.

Compromissos

À luz fria e pálida do amanhecer, Evan está sentado no banco do passageiro do sedã escuro. Ele ainda é um menino, está começando o treinamento com Jack, e ambos se dirigem a mais uma sessão. Acostumado às vicissitudes do estresse e à adrenalina, Evan aprendera a não ficar ansioso. Não serve para nada. Em vinte minutos, poderia ser empurrado de uma ponte para um ponto seguro de aterrissagem (o que seria divertido), jogado em água fria com as mãos e os pés amarrados (o que não seria divertido) ou tomar uma injeção de pentotal sódico (o que era desorientador, mas ineficiente).

Um Volvo alcança o sedã, e, como costuma fazer, Evan observa a família dentro do carro. São três crianças no banco de trás, conversando, pintando e colando o nariz nas janelas. O carro fica para trás.

No quarteirão seguinte, vê uma escola de ensino fundamental. Pais deixam os filhos com mochilas e lancheiras coloridas. Os

alunos correm de um lado para o outro e conversam em grupos animados.

Evan tenta imaginar sobre o que falam.

Depois da sessão do dia (treinamento com gás lacrimogênio, o que não era nada divertido), eles voltam para casa. Com os olhos vermelhos, Evan empilha lenha ao lado da casa, ganhando arranhões nos braços por causa da casca áspera dos troncos cortados. Não ouve o barulho atrás dele, mas, quando se vira, Jack está lá, com sua calça jeans e uma de suas camisas de flanela com as mangas dobradas duas vezes.

— Você precisa falar — diz Jack.

Evan deixa a lenha no alto da pilha e coça os braços.

— Só eu? Sozinho? Sempre? É assim que vai ser?

O sol poente da Virgínia emoldura a silhueta larga de Jack, dando a ele uma grandeza celestial.

— Sim — confirma Jack.

— Quem disse aquela coisa de que um graveto pode quebrar, mas um fardo de gravetos é forte?

— A frase é atribuída a Tecumseh. Mas quem pode saber?

Jack estuda Evan com os lábios trêmulos. O menino havia aprendido que isso significa que ele está processando o momento, estudando a situação por trás da situação. Jack aponta para o bosque ao lado da casa.

— Pegue um fardo de gravetos.

Evan obedece.

Jack se abaixa, desamarra um sapato, tira o cadarço e o usa para amarrar o fardo. Depois, abre sua faca, verifica se a lâmina está afiada e a empurra contra os ramos. Eles quebram de maneira uniforme no ponto mediano. Jack pega um único graveto, coloca-o no chão e oferece a faca a Evan.

— Experimenta.

Evan tenta, mas o graveto rola para longe ao contato da faca, assustado, mas intacto. Ele tenta várias vezes, cada uma com mais força que antes, e o graveto continua rolando de um lado para o outro, resistindo. Finalmente, ele levanta a cabeça com um ar derrotado.

— Tudo bem — diz. — Entendi. Mas...

— Mas?

— Não é solitário?

— Sim.

Em sua cabeça, Evan procura alguma coisa a que se agarrar, um elo de bronze que possa carregar a partir da jornada daquele dia, da passagem pelo Volvo, pela escola e pelas nuvens de gás lacrimogênio, rumo à promessa de solidão. Como sempre, não tenta se esconder diante do desconhecido. Ele come uma castanha comprada no Papa Z's e diz:

— O que não mata, fortalece, certo?

Os olhos de Jack estão tristes como Evan nunca viu.

— Às vezes — responde ele. — Mas, na maior parte das vezes, só te enfraquece.

As batidas dentro da cabeça de Evan se tornaram batidas no mundo exterior.

Alguém estava batendo à porta do apartamento.

Esfregando os olhos sonolentos, ele jogou as pernas para fora da cama com menos esforço que esperava ser necessário. Espalhados pelo chão, havia várias seringas, bolsas vazias de solução salina e chumaços de gaze. Uma olhada para o relógio foi suficiente para descobrir que estava ali havia dois dias e meio. Tempo mais que suficiente para terem descoberto o rastro de sangue, visto as imagens gravadas e chamado a polícia.

O ferimento havia cicatrizado depressa, graças à magia da medicina moderna praticada pelo Epogen. A pele brilhante em volta ainda era fina, e ele sentia pontadas horríveis quando fazia alguns movimentos, mas a dor havia passado. Não faria abdominais tão cedo, mas aos poucos recuperava a mobilidade.

Usando uma camiseta larga e calça de moletom, ele pegou a Wilson Combat e atravessou o corredor. Se fosse a polícia, manteria a porta trancada e travada com o ferrolho e desceria pela janela, usando a corda de rapel.

Talvez houvesse chegado a hora de deixar tudo para trás.

A câmera embutida mostrava Hugh Walters em um novo agasalho esportivo da marca Fila. Evan guardou a pistola na cintura da calça e abriu a porta.

— Você me deve explicações — disse Hugh.

— Entendo — respondeu Evan. — Antes de fazer alguma coisa, poderia me dar...

— Você saiu da reunião antes da votação. Revi seu registro de participações e sabe o que descobri?

Evan parou de falar e, perplexo, balançou a cabeça.

— Seu índice de comparecimento está bem abaixo dos requisitos. *Requisitos*, e não *sugestões*, do manual de diretrizes da associação de moradores.

Evan deu uma olhada no corredor. Não havia gotas de sangue no carpete nem manchas nas paredes. Tudo havia sido limpo? Sem Hugh saber?

— Sendo assim, como determinam as regras, você será multado em seiscentos dólares.

— Multado? — repetiu Evan.

O momento de conexão entre cientistas amadores havia ficado para trás, era óbvio, mas essa era a menor das preocupações de Evan. Precisava descobrir se havia sido comprometido... e por quem.

Suspirando, Hugh tirou os óculos de armação preta e esfregou os olhos.

— Escute, Evan, sei que tudo isso não é uma prioridade para você. Pode acreditar, também não é uma prioridade para mim. Para ser sincero, não dou a mínima para a troca do carpete ou uma nova lei do silêncio.

Evan piscou, sem entender. Hugh continuou:

— Mas, para muita gente aqui, a sensação de viver em comunidade é importante. Para algumas pessoas, isso é tudo o que resta na cidade grande. Então... Pense sobre isso, sim?

Surpreendido pela repentina mudança de atitude de Hugh, Evan respondeu:

— Vou pensar.

O sinal sonoro anunciou a chegada do elevador, que trazia Mia e Peter. Ela segurava uma sacola de supermercado na qual era visível, em cima de tudo, o indispensável pão francês.

— Ah... — disse Hugh. — Talvez eu tenha sido precipitado em meu julgamento. — Ele se afastou da porta

do apartamento, cumprimentando Mia e Peter com um aceno de cabeça.

Evan ficou esperando mãe e filho na porta. Peter reposicionou as alças da mochila para acomodar melhor o peso.

— Podemos entrar? — perguntou Mia.

Evan deu um passo para o lado, abrindo passagem para os dois. Peter contornou a bancada da cozinha, e Mia olhou em volta, estudando a sala de estar.

— Uau!

Evan se deu conta de que ninguém havia estado ali em uma situação social. Nunca.

— Queríamos trazer um pouco de comida. — Ela deixou a sacola sobre a bancada. — E ter certeza de que você não estava... bem... morto.

Peter estava apoiado na geladeira, as duas mãos e a testa coladas no metal, baforando numa tentativa de embaçar o aço inoxidável. Mia e Evan foram para o outro lado da sala, tentando conseguir alguma privacidade. Ela se aproximou da estação de kickboxing e cutucou o pesado saco de pancada.

— Então, o que aconteceu com a sua barriga? — De súbito, Mia levantou as mãos. — Espere. Não quero saber. Não *posso* saber.

Ele se aproximou e parou ao lado do saco.

— Foi você. Você limpou o sangue.

— Sim — confirmou ela.

— Por quê? Não me devia nada. O que fiz por você e Peter...

— Não foi por *dever* alguma coisa, Evan. Foi porque queria que você... — Ela umedeceu os lábios. — Bom, talvez agora entenda o que significa precisar de alguém.

Uma sensação despertou nele, uma emoção muito antiga. Uma coisa que via no rosto das crianças que costumava observar nos outros carros. O fardo de gravetos vulnerável à faca de Jack. Lancheiras coloridas. Pensou naquele momento que tiveram no quarto de Mia, na maciez de seus lábios, nas notas de piano que a fizeram endireitar as costas.

“O que faz você feliz?”

Como ela era diferente de Katrin, com sua tatuagem sobre paixão e sua boca vermelha, sedutora, apostas altas e pele de porcelana, inebriante até enfiar uma faca em sua barriga.

“O que faz você feliz?”

E se aquele momento com Mia, temperado com capim-limão e embalado por “Hymn to Freedom”, houvesse seguido um rumo diferente? “Argumentos. Acusações. Raiva.”

— Considere isso como um presente de despedida — disse ela.

Seu rosto deve ter mostrado mais do que pretendia, porque os olhos de Mia se encheram de lágrimas. Ela continuou:

— Desculpe, Evan. Mas eu... Nós não podemos ter você por perto. É muito perigoso. — Ela estendeu um braço e tocou em seu peito. — Eu seria uma mãe irresponsável se...

— Obrigado. — Evan a interrompeu. — Pelo que fez. Ela inspirou profundamente.

— É isso, então.

— Tudo bem. É isso.

Mia se virou para sair, mas parou.

— Sua testa — disse ela. — Está cortada.

Ele levantou os dedos. Era um pequeno corte provocado pelos fragmentos da janela que arrebentara a tiros.

— Não é nada.

— Não, não é — disse ela. Então, abriu a bolsa e pegou um Band-Aid colorido. Caco, o Sapo, e seu sorriso largo.

— Sério?

— Seríssimo.

Evan abaixou a cabeça, e ela colocou o Band-Aid em sua testa. Depois de um segundo de hesitação, beijou-a.

— Tchau, Evan.

— Tchau.

Ele ouviu os passos até a cozinha, seguidos por dois conjuntos de passos a caminho da porta, que foi aberta e fechada.

Por um tempo, ficou parado ali, com o fantasma dos lábios dela pairando diante de seu rosto.

Comandos no ar

Slatcher usava as dez unhas postiças, mas, tendo sido projetadas para mãos de tamanho comum, mais pareciam listras coloridas nas mãos dele. Elas sempre o faziam sentir como uma menina fantasiada em um vestido pequeno demais. A lente de contato colocada no olho direito exibia a troca de mensagens com Top Dog, projetando os textos no ar sobre o painel do Scion. Ele estava sentado no banco do motorista, digitando no ar e fornecendo respostas que não queria dar.

Top Dog estava furioso, e, quando Top Dog ficava furioso, era melhor digitar depressa.

AINDA NÃO TEM PISTAS DO ÓRFÃO X. HOSPITAIS, PRONTOS-SOCORROS, NECROTÉRIOS.

Slatcher notou a falta do ponto de interrogação. Mesmo assim, respondeu:

Não.

O cursor verde quase não piscou antes que o próximo texto aparecesse:

QUAL É O ESTADO DA ÓRFÃ V?

O carro estava parado junto à calçada de uma rua cheia de salgueiros em um bairro idílico. Folhas caídas se acumulavam sobre os limpadores do para-brisa. Com o dorso de uma das mãos, Slatcher limpou o suor na testa. As janelas aumentavam a potência dos raios do sol de meio-dia em Las Vegas, transformando o interior do carro em uma fornalha, apesar do frio de dezembro.

O movimento projetou alguns símbolos que ele não pretendia digitar:

&^%!

ISSO É UMA PIADA?

NÃO, PEÇO DESCULPAS. PROBLEMA TÉCNICO.

ÓRFÃ V?

HOSPITALIZADA. FORA DE SERVIÇO. SUAS COSTAS PARECEM AS DE UMA CRIATURA FICTÍCIA.

E “KATRIN WHITE”?

Uma gota de suor pingou do nariz de Slatcher, mas ele não se atreveu a coçar a região.

EU A SOLTEI. ELA JÁ CUMPRIU SEU PAPEL. FEZ O QUE MANDAMOS.

ELA PRECISA SER ELIMINADA.

Slatcher lamentou a ordem implícita. Preferia regras limpas, mas Top Dog não tinha padrões morais. Slatcher digitou:

IMEDIATAMENTE?

NÃO. ELA TEM INTIMIDADE COM ELE. QUERO QUE SEJA VIGIADA. MAIS UMA LINHA NA ÁGUA.

ENTENDIDO.

ÓRFÃO X ELIMINOU TODOS OS SEUS *FREELANCERS*?

EXCETO UM. MAS NÃO TEM IMPORTÂNCIA. VOU CUIDAR DE TUDO PESSOALMENTE.

ACHO BOM. OU EU MESMO CUIDO.

Outra ameaça implícita. Mais uma gota de suor escorreu pela testa de Slatcher. A coceira no nariz era mais forte. Ele forçou os dedos a digitarem no ar.

ENTENDIDO. QUAL É O PLANO?

Risadas e gritos transbordavam do pátio da escola no outro lado da rua.

MORENA AGUILAR. ELA VAI NOS LEVAR ATÉ ELE. QUERO VIGILÂNCIA INTEGRAL. CUSTE O QUE CUSTAR.

Slatcher olhou para a menina sentada no balanço. Na frente dela, uma jovem abaixada segurava as correntes. Quase perdidas no mar de crianças em movimento, elas conversavam de um jeito próximo e íntimo.

POR ISSO ESTOU AQUI, respondeu Slatcher.

A jovem se levantou, beijou o rosto da criança e se virou. Enquanto via Morena afastar-se, Slatcher dizia a si mesmo que ainda não era hora de girar a chave na ignição.

Em vez disso, digitou no ar: NÃO VOU PERDÊ-LA.

Danika

No terceiro dia, Evan finalmente entrou no Cofre. Vinte minutos depois, havia removido todas as imagens gravadas pelo sistema de segurança do Castle Heights. Era estranho ver a si mesmo cambaleando pelos corredores, deixando um rastro de sangue nas paredes. Sete minutos de sua vida dos quais pouco se lembrava, quando havia funcionado de maneira inconsciente, operado apenas com base no treinamento gravado em seu corpo. Ele adiantou as imagens para ver o que mais precisava apagar. Pouco depois, Mia apareceu no corredor do décimo segundo andar. Em vários monitores, ele a acompanhou voltando ao elevador, subindo até o vigésimo primeiro andar e chegando ao corredor diante de sua porta. Ela parou ali. Evan havia deixado a porta encostada.

Mia entrou e caminhou até seu quarto. Ele estava deitado na cama. Com rapidez, ela se aproximou e verificou sua

pulsação. Depois checou a temperatura da testa. Passou um tempo sentada ao lado dele, segurando sua mão.

Depois de alguns minutos, Mia saiu e fechou a porta. Voltou ao apartamento dela e, pouco depois, retornou com um balde e uma escova. Ainda era madrugada e ela já havia enfrentado uma invasão à sua casa. E havia acabado de pôr na cama o filho traumatizado. Mas lá estava ela, esfregando o chão, as paredes e o elevador. Quase duas horas de trabalho duro.

Protegendo-o.

Evan se levantava para sair do Cofre quando notou que havia um novo e-mail. A mensagem chegava depois de percorrer o mundo em uma sequência de encaminhamentos automáticos até alcançar a caixa de mensagens de o.homem.de.lugar.nenhum@gmail.com. Não conseguia nem lembrar quando havia recebido o último e-mail.

A mensagem estava na caixa havia dois dias e vinha de uma das contas de Tommy Stojack. O assunto era apenas “Katrin White”.

Evan sentiu um arreio na barriga, uma reação que causou formigamento no ferimento em cicatrização.

Devagar, sentou-se novamente e puxou a cadeira para perto da mesa. Então, leu a mensagem de Tommy: “Má

notícia: meu contato no Harrah's já era. Boa notícia: ele foi para o Caesar's. A garota está nos bancos de dados. Não conseguiram nada muito concreto, mas ela participou de uma mesa de pôquer que NPMC”.

Era a gíria de Jack para “não parece muito certo”.

Evan abriu o relatório interno anexo do Caesar's. Era uma cópia de um cartão de recompensas com uma foto. A pele branca, os olhos verdes, o cabelo com franja reta, não preto, como vira pessoalmente, mas castanho. Havia um nome embaixo da foto: Danika White. Um cabeçalho festivo no cartão anunciava: “Las Vegas. Seja quem você quer ser”.

Evan sentia a garganta tão seca que tinha dificuldade para engolir, mas continuou lendo.

Danika apostava alto, jogava nas mesas sem limite de aposta e acumulava uma dívida alta, misteriosamente paga em sete de dezembro. Dois dias depois da missão para salvar Morena e a irmã e três dias antes de Katrin White ter marcado o encontro no Bottega Louie. Informações compartilhadas com outros cassinos mostravam que todas as dívidas feitas ao longo da Strip haviam sido tiradas dos livros duas semanas antes.

As mentiras se acumulavam. Não tinha nenhum jogo clandestino. Nem assassinos arrancando a pele de

empresários japoneses endividados. Nenhum marido herdeiro que a abandonou em dificuldades financeiras. Danika só se meteu em encrencas por jogar alto e por muito tempo. Slatcher, ou quem estava por trás dele, havia aparecido e quitado suas dívidas no cassino, comprando sua liberdade.

Mas não teriam conseguido nada se ela não estivesse disposta ao acordo desde o início. Em sua carreira sórdida, Evan vira esse enredo dezenas de vezes. Medidas desesperadas. A oferta que parecia a grande oportunidade da vida. Depois de aceita a proposta, os parafusos eram apertados.

Quando Danika White entendeu a natureza do acordo que havia feito, era tarde demais.

Agora que sabia seu nome verdadeiro, Evan pôde aprofundar a escavação virtual com muito mais facilidade. Os pais de Danika estavam vivos e bem, aposentados e morando em uma comunidade em Boca Raton. Não havia marido, mas havia uma filha de 20 anos.

O nome dela era Samantha.

Evan lembrou a reação de Danika quando os tiros soaram do outro lado da ligação telefônica: “Sam! Pai? Não. Não. Não!”.

Em pânico, sua primeira reação havia sido reveladora. Ela havia usado o nome verdadeiro de quem pensava que tinha sido ferida.

Cada mentira que caía derrubava a seguinte, em uma cadeia de farsas dispostas como peças de dominó. Disposto a seguir essa cadeia até o fim, Evan invadiu o banco de dados do departamento de trânsito. A carteira de motorista de Samantha mostrava que ela era uma adolescente bonita, muito parecida com a mãe. Depois de um período de dois anos na Universidade de Santa Monica, Samantha havia conseguido uma bolsa para estudar na Universidade da Califórnia em Los Angeles. Embora tivesse dois estágios remunerados, seu histórico na tesouraria da universidade revelava vários meses de acúmulos de juros por atrasos nos pagamentos. Evan conseguiu um número de celular e ligou para ela.

A voz que atendeu era jovem e leve.

— Oi, é a Sam?

Ao fundo, alguém a chamou pelo nome. Pelo barulho, a aula estava terminando ou ela andava pelo campus. Evan suspirou aliviado ao saber que ela não era refém. Um bom movimento estratégico de Slatcher. Era fácil chegar a ela! Por que lidar com os riscos e complicações de mantê-la presa?

— Oi, Sam — disse Evan. — Sou amigo da sua mãe e...

— Uau! Quase dez meses dessa vez! Impressionante. Pensei que ela tivesse desistido.

— Como assim?

— O que ela quer agora? Mais dinheiro? Como se eu não me matasse para pagar minhas próprias contas? Já disse que não quero ver a cara dela nem falar com ela. E isso inclui intermediários.

— Não, não é isso. É que... ela parou de atender ligações nas últimas semanas.

— É melhor você se acostumar. Olha só, cara, não sei quem você é, mas vou te dizer uma coisa que pode economizar alguns anos da sua vida. No fim da história, tudo o que importa para Danika é Danika.

Evan adotou um tom triste.

— Entendi. Obrigado.

— Olha, desculpe... Só estou tentando poupar você de passar por tudo o que eu passei.

Ela desligou.

Evan se reclinou na cadeira e fechou os olhos, deixando uma imagem mental alcançar uma resolução melhor. Danika, provavelmente a mando de Slatcher, havia montado Katrin White com peças de sua verdadeira personalidade.

Mantendo o sobrenome e o vício em jogo. Usando o nome de Sam para o falso pai. O marido fictício investia em comunidades em Boca Raton, onde seus pais moravam.

Evan se lembrou de como havia construído seu primeiro personagem operacional com Jack, juntando peças à luz do fogo da lareira. Jack ensinara a ele como criar uma história usando mais verdades que mentiras, tendo mais coisas para lembrar e menos coisas para esquecer. Evan havia aprendido a se alinhar ao máximo com essa falsa *persona*, forjando uma verdadeira ligação emocional para permitir que seus instintos respondessem da maneira certa. Ele havia aprendido a representar um papel e esquecer a parte dele que não acreditava no personagem.

Slatcher e sua equipe haviam feito a mesma coisa com Katrin. Depois de pagarem suas dívidas em Las Vegas, eles a traumatizaram, coagindo-a a entrar em um estado prejudicado condizente com o que queriam que ela exibisse. Depois de Slatcher ter matado Sam, ao menos aparentemente, Evan havia amparado Danika no quarto de hotel, dormido abraçado com ela e ouvindo seus soluços enquanto ela chorava em seu peito. Slatcher e sua equipe devem ter ameaçado a vida de Samantha, prometendo machucá-la se Danika não colaborasse. Eles asseguraram a

veracidade da culpa e do terror que ela havia demonstrado. E tinha de ser assim, ou não passariam por todas as suspeitas de Evan.

Como um Órfão, Slatcher havia criado uma história sob medida para Evan. Uma mulher aterrorizada, em uma situação de desespero, precisando de ajuda. O pai em risco, morrendo por causa de um erro de cálculo de Evan. Katrin expondo sua culpa. “Eu errei, errei feio, e meu pai está pagando por isso. Talvez nesse momento. Tem ideia de como eu me sinto?”

Sim.

Isso indicava que Slatcher, e seu contratante, sabiam sobre Jack. Eram os homens por trás de sua morte? Evan seguiu a cadeia lógica até o fim, até as profundezas, e não gostou do lugar aonde ela o levou.

Danika o desafiara a verificar seu passaporte ao mostrar que o levava na bolsa e ao deixar a bolsa aberta no apartamento. O fato de o empregador de Slatcher ser capaz de conseguir um passaporte autêntico, além de ter uma rede completa de suportes em bancos de dados, não passou despercebido.

Evan apoiou os cotovelos na mesa de metal e esfregou os olhos.

As palavras que o suposto moribundo Sam havia dito à filha pelo telefone só ajudaram a afundar o anzol. “Seja quem for a pessoa com você, espero que a proteja.” Apesar das suspeitas, e contrariando seu próprio julgamento, Evan a *protegera*.

Embora os perseguidores tivessem descoberto os esconderijos mais de uma vez, embora os mandamentos tivessem sido descumpridos, Evan ficara ao lado dela até Katrin atacá-lo com sua própria faca. Quem melhor para esse papel que uma jogadora de pôquer, habilidosa na arte de analisar outras pessoas, ler cenários, blefar para vencer? No fim, Danika havia agido como ela mesma.

“Você não joga com sua cartada. Você joga com a cartada do *outro*.”

Pendurado na barra de ferro, Evan praticava levantamentos dos joelhos para esticar o tecido grosso de cicatrização que se formava em seu abdome. Estava tão concentrado que demorou para ouvir o celular tocando.

Ele correu para pegá-lo em cima da bancada da cozinha.
Telefone público de Las Vegas.

— Morena?

— Tudo bem?

Evan não disfarçou a confusão.

— O quê?

— Na última vez que telefonei, você estava muito mal.

Ele respirou fundo e sentiu o tecido da cicatriz se distender.

— Estava. Não muito.

— Entendi. Achei que podia estar morto. Só queria checar.

Evan resistiu ao impulso de pressioná-la, tentando imaginar como Jack agiria nessa situação. Ele sempre teve essa capacidade de análise, sempre soube quando ocupar espaço e quando ceder.

Ele se aproximou das telas de proteção contra o sol, notando os raios de luz que passavam com menor intensidade.

— Foi só por isso que ligou?

— Primeiro, achei que fossem amigos do policial, sabe? Pensei que talvez quisessem vingança. Só você e eu sabemos o que aconteceu com William Chambers, por isso me afastei da minha irmã e da minha tia.

— Foi uma atitude corajosa. E inteligente.

— Mas não são amigos do policial, são?

— Não — respondeu Evan. — Essa gente é muito pior.

— Eles acham que eu sei alguma coisa. E não sei nada. Minha vida acabou. Mas talvez Carmen tenha uma vida boa.

— Você também terá.

— Não posso chegar perto de você de novo. Se eu aparecer, eles me pegam.

Evan queria argumentar. Andando pela sala, fazia um esforço para canalizar Jack. “Nunca vou mentir para você.” Se não houvesse confiança, não haveria nada.

— Sim — confirmou Evan. — Pegam.

Respirações arfantes. Um soluço.

— Estou com medo. Tenho motivo para estar com medo, não tenho?

— Tem.

— É difícil viver assim. Invisível. Afastada de todo mundo. Como se eu nem existisse.

Ele pensou em Mia em seu quarto, dançando ao som do Oscar Peterson Trio.

— Sim, é difícil.

Morena chorou mais um pouco, com soluços abafados. Dezesete anos e alvo de um assassino de primeira classe. A fúria ameaçou sufocar Evan, mas ele a engoliu.

— Se não me disser onde está, não tenho como proteger você — disse ele.

A voz de Morena soou carregada de tristeza.

— Eu sei.

Catana

O entusiasmo ganhou força no peito largo de Slatcher quando ele viu Morena Aguilar trocar de ônibus. Reduzindo a velocidade do Scion atrás do veículo rumo ao norte da cidade, percebeu que ela não pegaria outro ônibus para seguir viagem, mas que atravessava a rua para entrar em um coletivo rumo ao sul, que a levaria novamente à Strip. Um movimento básico para despistar possíveis perseguidores. Certamente fora um conselho do Órfão X antes de um encontro.

Danny Slatcher vigiava todos os movimentos de Morena havia três dias e três noites. Ela havia voltado ao pátio da escola da irmã uma vez e comido em uma rede de *fast-food* ruim e barata. Mas, até agora, nenhum passo havia indicado que Evan voltara ao jogo.

Slatcher fez o retorno e chamou o único homem que ainda restava na equipe, cujo nome, por um deslize cruel dos pais, era Don Julio.

— Big Daddy para Tequila Um: Pegue a irmãzinha e rastreie minha localização.

Com o polegar enorme, ele abriu um aplicativo no celular e enviou suas coordenadas.

— T-Um para BD: Alcanço você em... sete minutos.

Mesmo na hora do almoço, o congestionamento a caminho da Strip podia competir com os horários mais movimentados em Los Angeles. Virando todas as saídas do ar-condicionado para ele, Slatcher permanecia três carros atrás do ônibus, tomando o cuidado de acompanhar cuidadosamente a descida de cada passageiro em todas as paradas.

Las Vegas era sem graça e desbotada à luz do dia, uma constatação que nunca deixava de surpreendê-lo, uma coleção de edifícios de formatos estranhos em uma fileira irregular, como uma coleção de peças empoeiradas de Lego. A avenida Sahara ficou para trás; o hotel e cassino Stratosphere se ergueu no horizonte como uma antena alienígena em uma torre de ficção científica da década de 1970. Pelo retrovisor, Slatcher viu o SUV cinza se aproximar.

Ele falou pelo rádio:

— Você assume quando ela fizer o próximo movimento. A garota pode me reconhecer.

— Entendido.

O ônibus parou na avenida Sands, perto do hotel Treasure Island, com sua marquise com a caveira e as espadas cruzadas e seu navio pirata adormecido na enseada de Siren, esperando os shows noturnos. Aparentemente, Morena e Evan planejavam outro encontro na Strip. Muita atividade, muitas testemunhas, muitas câmeras. O ônibus virou para leste, passando entre os hotéis Wynn e Palazzo e contornando um requintado campo de golfe. Pouco antes da Paradise Road, o ônibus parou, e Morena desceu, mantendo a cabeça abaixada. Com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco, ela andava depressa e olhava em volta, parecendo nervosa. Morena passou na frente de uma gigantesca garagem aberta que se erguia sete andares acima da rede de vias de concreto e entrou pela porta automática do La Reverie. Um brilho arroxeadado iluminava a entrada do novo hotel e cassino, refletindo no vidro cintilante e competindo com o brilho de Nevada.

Sem se importar com multas, Slatcher parou o Scion junto à calçada na frente da garagem, pronto para uma saída rápida após o assassinato. O SUV passou por ele; meio quarteirão adiante, ele viu Julio parar na frente do manobrista do La Reverie, descer do carro e passar pelas

portas do hotel. Sobre a cabeça de Slatcher, uma passarela permitia a travessia a pé entre o último andar da garagem e a lateral do La Reverie. Por um instante, ele pensou em usar a passagem para chegar à reunião por um ângulo diferente, mas, sem ter a menor ideia sobre onde estava o Órfão X, preferiu entrar pela porta principal.

Assim que adentrou o hotel, ele viu as portas do elevador se fecharem. Na mesma hora, uma mensagem de texto fez o celular apitar.

T1: Oitavo andar.

Julio havia entrado no mesmo elevador, subindo ao lado dela.

Slatcher passou pela porta larga para as escadas e subiu, pulando os degraus de três em três. Apesar de sua estrutura grande e do peso que carregava, tinha um bom condicionamento e uma excelente condição fisiológica. Perto do quinto andar, algumas garotas de pernas finas desciam as escadas, equilibradas sobre saltos impossíveis, e ele passou por elas com pressa, empurrando-as contra a parede. Quando chegou ao oitavo andar, Slatcher sentia a respiração queimar no peito. Esperou atrás da porta para as escadas até ouvir a chegada do elevador. Um momento depois, pelo painel de vidro temperado acima da maçaneta, viu Morena

passar a menos de um metro de distância. Atrás dela, Julio caminhava sem pressa. Usava um terno comum que escondia o corpo treinado.

Slatcher abriu a porta para as escadas e passou para o corredor. Morena continuava andando depressa, com as mãos fechadas junto ao corpo, concentrada demais para olhar para trás. Julio andava em um ritmo relaxado, mas as pernas longas o mantinham perto dela. Slatcher começou a andar atrás dos dois, usando o corpo largo de Julio como obstáculo caso Morena decidisse olhar para trás. Se ele e Julio calculassem bem o tempo da ação, chegariam à porta juntos, e com Morena como escudo.

Na metade do corredor, ela bateu à porta de um quarto, abriu-a e entrou. Deslizando uma das mãos por uma lapela impecável, Julio sacou uma pistola e acelerou os últimos passos até a porta. Também armado, Slatcher correu e alcançou Julio.

Eles estavam prestes a invadir o quarto, como um trem que finalmente chegava à estação.

Oito andares acima, na sacada de um quarto de hotel com decoração berrante, Evan havia acompanhado o comboio

lento pela avenida Sands. Primeiro, o ônibus, depois o Scion, depois o SUV. Havia prendido uma corda de rapel à grade da sacada, deixando-a pendurada acima do andar inferior. Tinha estacionado a caminhonete no último andar da garagem, do outro lado da ponte, e tomara o cuidado de entrar na vaga de ré para garantir uma saída rápida. Pela janela, ele via a caminhonete e as canaletas brilhando na carroceria.

Sua localização privilegiada o deixara ver Morena descer do ônibus e entrar no prédio. Também vira Slatcher sair do Scion estacionado em local proibido e o SUV seguir o rastro de Morena. Depois, ele havia destrancado a porta do quarto 8124 e recuado até a metade do caminho para a sacada. Considerando o tamanho de Slatcher, Evan chegou a pensar em usar a Benelli, mas o plano exigia mais precisão. A voz de Jack ecoou em sua cabeça: “A colocação do tiro é mais importante que o calibre da arma”.

Segurando a Wilson Combat com as duas mãos, esticadas à frente do corpo, Evan apontava a ponta do silenciador para a porta. Slatcher esperava que Morena o levasse a Evan.

Seu desejo estava prestes a ser atendido.

Evan esperou, atento às vibrações no assoalho. O ferimento ainda em cicatrização no seu abdome brilhava e

um calor se espalhava por baixo da região das costelas.

A maçaneta se moveu. Depois, tudo aconteceu muito depressa.

Morena passou pela porta e mergulhou imediatamente no quarto, dando uma cambalhota pelo caminho que Evan havia aberto entre os móveis. Quando ela passou por ele, o capanga de Slatcher apareceu na porta. Evan enfiou duas balas em seu peito e uma no rosto, acertando o nariz. Ele caiu ali mesmo, abrindo caminho para Slatcher.

Morena correu para a sacada, pegou a corda e começou sua descida para a passarela que levaria ao estacionamento.

Ao contrário do primeiro invasor, Slatcher apareceu com a arma em punho e pronta para atirar, o que obrigou Evan a atirar contra a mão dele primeiro. A pistola de Slatcher caiu no chão, girando, e ele usou um joelho para empurrar o comparsa que caía. Evan recuou para não ser derrubado pelo corpo em movimento.

O tecido da cicatriz repuxou quando ele levantou novamente a arma, um movimento rápido que cobrou seu preço. Os olhos de Slatcher estavam fixos no cano da Wilson Combat, analisando a exata linha de fogo, e ele levantou os braços enormes quando atacou em direção a Evan, oferecendo alvos para as balas.

A primeira acertou o antebraço de Slatcher, que ele havia levantado para cobrir o nariz, e a segunda atravessou a mão direita, dando a ele uma fração de segundo para tirar a testa do caminho.

Ele não parou.

O braço ferido pela bala bateu no pulso de Evan como se fosse um cano de aço, e o golpe *shotokan* derrubou o adversário. Evan rolou no impulso da pancada, vendo a Wilson Combat derrapar até a beirada da sacada e, lá embaixo, Morena correr pela passarela em segurança. Quando girou o corpo para se levantar, recalculou os movimentos. Havia treinado com um mestre *shotokan* que endurecera suas mãos, seus pés e suas canelas até transformá-los em aço, sendo capaz de perfurar o chão com pregos usando apenas os punhos. O mestre falara de execuções com um único soco, e Evan sabia, pelo ataque aberto de Slatcher, que ele tinha essa habilidade. A última coisa que podia fazer agora era se expor a uma luta corporal com um homem daquele tamanho.

Eles se moviam pela suíte como dois lutadores que avaliam o oponente, os dois mantendo a guarda e as mãos abertas, palmas viradas para dentro, dedos acima da parte superior das têmporas. Considerando a disparidade de

tamanho, Evan precisava atacar o sistema nervoso de Slatcher e mirar os centros, olhos, nariz, orelhas, garganta. Mas o maior órgão era a pele. Tinha de fazer Slatcher sentir dor naquele instante, e não no dia seguinte.

Ele atacou usando movimentos do *pencak silat*, um estilo de luta indonésia de mão aberta, caindo para a esquerda para, em seguida, acertar a orelha direita de Slatcher com um ataque de mão aberta. Slatcher revirou os olhos, mas se recuperou como se fosse um robô. Evan esperou Slatcher reagir, esquivou-se para o lado e acertou a trompa de Eustáquio, na periferia da mandíbula, com o polegar. Sentiu o dedo afundar na pele macia da região, mas se aproximara demais de Slatcher para acertar o golpe e sabia que o deslize ia custar caro.

As mãos do adversário eram como borrões no ar, que espalhavam jatos de sangue ao encontrar o alvo. Evan tentava proteger a cabeça com os antebraços, mas os ataques eram consecutivos. Apesar disso, precisava se manter no campo dos socos devastadores.

Não havia intervalo; Evan teria de criar um espaço. Ele girou o cotovelo ao levantar um antebraço, como se passasse gel na lateral do cabelo. A ponta da ulna, posicionada como um diamante, abriu o queixo de Slatcher, deixando o osso à

mostra. O sangue jorrou da ferida. Slatcher cambaleou para trás, tentando voltar a respirar.

Lutavam em idiomas diferentes, uma briga de rua que dava a volta ao mundo, com esquivas filipinas contra ataques japoneses com as duas mãos. Passaram pela Indonésia e por seus tapas de mão aberta e imobilizações capazes de quebrar braços e moer ossos. Um chute frontal de Evan finalmente estabeleceu uma distância considerável.

Serpentes vermelhas dominavam o braço de Slatcher, nos quais os ferimentos de bala brilhavam. Evan sentiu a face direita inchar e torceu para não ter a visão obstruída. O carpete luxuoso, manchado e pisoteado, parecia saído de uma oficina mecânica. Alguém passou pela porta aberta, gritou e correu. Com um pé, Slatcher empurrou para o lado o cadáver do parceiro morto, abrindo espaço. Seus ombros de pedra pareciam crescer embaixo da blusa. Apesar dos ferimentos, ele não se mostrava nem cansado. Se Evan não saísse logo dali, seria seu fim.

Slatcher agora atacava com um soco *shotokan*. Evan o interceptou com um *teep* tirado do *muay thai*, batendo a parte da frente da sola do pé nos tendões da parte inferior do abdome do adversário. Considerando o tamanho considerável daquele abdome, o ataque surtiu pouco efeito, mas

desequilibrou seu peso, trazendo sua cabeça para a frente, ao alcance de Evan.

Slatcher envolveu a cabeça com um braço, juntando as mãos atrás do pescoço largo e apertando os antebraços para espremer a carótida. Empurrando o rosto de Slatcher para baixo, Evan realizou uma sequência de *tangs*, golpes de joelho que ultrapassavam a barreira dos antebraços erguidos numa tentativa de proteção e acertavam as faces e o nariz. Ao mesmo tempo, Evan torcia o oponente de um lado para o outro, tentando desequilibrá-lo ao passar o peso do corpo de uma perna para a outra.

Mesmo assim, o ataque de Evan não funcionou. Slatcher era muito forte. Ele simplesmente agarrou Evan e o jogou contra o espelho da penteadeira. O abdome de Evan gritou quando o tecido em cicatrização se rasgou. Uma chuva de vidro caiu sobre ele, passando por cima de seus ombros.

Evan caiu no carpete, e Slatcher recuou, concedendo-lhe uma pequena janela de liberdade. Evan reagiu. Com agilidade, levantou-se, pulou sobre uma poltrona caída e correu para a sacada. Slatcher o acertou pelas costas, jogando-o contra a grade, mas Evan deixou o corpo passar por cima dela e agarrou a corda de rapel. Escorregando, desceu alguns metros, sentindo as mãos queimarem, até que

elas soltaram a corda como se tivessem vontade própria. Os últimos dois metros foram em queda livre, e ele caiu na passarela sobre as omoplatas e o cóccix. Antes que a dor pudesse anunciar-se, Slatcher bloqueou a luz do sol se pendurando na corda e soltando-a pouco depois. As botas de tamanho cinquenta se aproximavam da passarela em uma velocidade vertiginosa.

Evan rolou sobre os ombros e olhou em volta, à procura da Wilson Combat que havia caído, mas não a encontrou e correu para a garagem, onde havia deixado a caminhonete. A aterrissagem de Slatcher sacudiu a estrutura. Em poucos segundos, os passos retumbantes atrás de Evan haviam acelerado até parecerem um rufar de tambores.

Apesar da dor aguda no abdome e no corpo todo depois da queda, Evan corria e tentava pegar a chave do compartimento na parte de trás da picape. Na garagem, escorregou e quase caiu quando fez a última curva antes para chegar à caminhonete.

Morena havia sumido. Evan tinha dito a ela para continuar correndo, pois tomaria providências para que ninguém a perseguisse. Era uma promessa de longo prazo. Do outro lado do andar, um elevador se abriu, e uma família de quatro pessoas, assustada, parou diante da cena. O pai se

inclinou para a frente, apertou um botão no painel, e as portas do elevador se fecharam.

Com as mãos machucadas e doloridas, Evan pegou as chaves, derrubou-as e as pegou novamente, sentindo a aproximação de Slatcher como a chegada de uma avalanche. Ele enfiou a chave no primeiro compartimento da caminhonete e puxou a metralhadora de combate, tirando-a e derrubando no chão da garagem a catana em sua bainha e a bandeja de munição.

Slatcher estava perto.

Ele não tinha tempo para apontar a Benelli, não tinha tempo para nada além de esquivar-se da massa que se projetava em sua direção. Slatcher se jogou em cima dele, derrubando a metralhadora e se chocando contra a porta traseira da caminhonete, que estava abaixada. A colisão foi sísmica. Ossos se partiram, mas Slatcher só deixou escapar um gemido sufocado. Evan se jogou sobre a metralhadora, mas ela escorregou em direção à grade de metal que cercava o último andar do estacionamento.

A bandeja de munição abriu ao cair, e as cápsulas vermelhas se espalharam por todos os lados. Quando deu impulso para afastar-se da caminhonete, Slatcher quase escorregou, mas recuperou o equilíbrio e foi atrás de Evan.

Respirando com dificuldade, Evan se levantou, sem muito equilíbrio.

Slatcher parou, um pouco torto, pendendo para o lado quebrado da bacia. O queixo cortado havia desenhado um babador de sangue na camisa. O sangue escorria pelos braços e pingava dos dedos. A colisão com a caminhonete o atordoara, e Evan tinha uma chance de reagir.

Slatcher cambaleou em sua direção, com as mãos erguidas em posição de combate. Evan começou a se mover, obrigando-o a virar para o lado em que a bacia estava fraturada. Slatcher rangeu os dentes e deu um passo. O osso rangeu. Antes que ele conseguisse se equilibrar, Evan deu um passo à frente, firmou o pé esquerdo no chão e, com o direito, desferiu um chute oblíquo de *wing chun*, girando para projetar o calcanhar e mirando a área abaixo da coxa intacta de Slatcher. Ele acertou o joelho em cheio, empurrando-o para trás e destruindo a rótula. O homenzarrão urrou e balançou, mas ainda se manteve em pé. Por um instante, Evan perdeu o equilíbrio, o que deu a Slatcher tempo suficiente para pular para a frente, girar a imensa base do quadril e acertar um soco reverso no plexo solar de Evan.

A dor explodiu no ferimento, espalhando-se em raios dentro dele. A força do golpe fez Evan cair e escorregar para trás até bater na grade de proteção. Sua cabeça se chocou contra o metal, e o mundo se incendiou no brilho de uma concussão. O concreto aquecido pelo sol fritava sua pele, e ele sentiu um curioso distanciamento quando viu Slatcher arrastar-se pela garagem, ficando cada vez maior.

Evan piscou e recuperou o foco. Virou a cabeça. Do outro lado da grade de proteção, havia uma estrutura de concreto que abrigava vários painéis de captação de energia solar que circundavam todo o último andar da garagem. Após essa estrutura, uma queda de sete andares para outro piso. Ele piscou de novo, com mais força, tentando enxergar. Ao deslizar de encontro à grade, ele havia empurrado a catana e vários projéteis para cima dos painéis. Mas não prestava atenção a eles. Estava olhando para a metralhadora Benelli, cujo cano fora parar a alguns centímetros da grade.

Evan levantou-se com esforço e passou por cima da grade. Slatcher se aproximou e tentou acertá-lo com um soco que passou por cima de sua cabeça, errando o alvo por poucos centímetros. Os projéteis faziam barulho ao rolares e a espada parara de girar, ficando presa entre dois painéis solares.

Evan rastejava sobre os painéis em direção à metralhadora. Ouviu Slatcher quebrar um painel ao aterrissar nele com todo o seu peso. Os dedos de Evan se esticavam, tentando alcançar a arma.

Slatcher avançou, acertando sua panturrilha quando Evan tocou a Benelli com uma das mãos.

Sem conseguir pegá-la, o impulso fez a arma cair silenciosamente. Por um momento, flutuou contra o lindo cenário do La Reverie. Depois, desapareceu. A brisa balançava seu cabelo, e ele sentiu o calor relaxante do sol. Um momento poético.

Em seguida, Slatcher o puxou para trás. Girando sobre o quadril, usou o peso do corpo como base para dar um impulso e chutar Slatcher com toda a força que tinha. O peito dos seus pés encontrou a parte pouco abaixo do queixo de Slatcher, empurrando sua cabeça e o jogando perto da beirada dos painéis.

Os dedos largos de Slatcher se agarraram aos vidros lisos, espalhando projéteis. As pernas ultrapassaram o limite dos painéis e ficaram penduradas no vazio, levando também o quadril, um centro de gravidade que passara a puxá-lo para baixo. Os cotovelos estavam apoiados na beirada dos painéis.

Mas escorregaram. A mão ensanguentada de Slatcher deslizou.

E agarrou alguma coisa.

A catana ainda na bainha, que ficara presa entre dois painéis de energia solar.

Ela parara como o mastro de uma bandeira inclinada e hasteada na parede lateral de um prédio. O peso de Slatcher, puxado pela gravidade, encaixou o punho da espada com mais precisão entre os dois painéis, levantando a parte da lâmina.

O braço dele tremia. Os tendões da mão haviam sido rompidos pelas balas e os dedos quase não tinham força.

Em um momento de suspensão, a outra mão subiu e agarrou o punho da espada e ele começou a puxar o corpo de volta para cima dos painéis.

Estava a trinta metros acima da rua.

A bainha da catana escorregou pela lâmina e se moveu apenas um centímetro. Slatcher parou. Se a bainha caísse, ele também cairia. O equilíbrio foi mantido. Depois de um momento de pausa, ele voltou a subir.

Mordendo a boca para suportar a dor, Evan se arrastou na direção de Slatcher e da espada. O rosto de Slatcher revelava

o esforço que ele fazia, bem como uma veia saliente na têmpora, mas ele continuava erguendo o corpo.

Evan se aproximou mais. Posicionou-se para chutar Slatcher, mas este o observava atentamente, pronto para reagir mesmo na posição comprometida em que se encontrava. Se qualquer parte do corpo de Evan estivesse ao alcance de sua mão, Slatcher o agarraria e o levaria com ele.

Evan decidiu atacar a espada. Tentou soltá-la do encaixe entre os painéis, mas o peso de Slatcher a mantinha no lugar. Ele agarrou a base da bainha e tentou deslizá-la pela lâmina, mas a pressão para baixo era muito forte.

Slatcher continuava erguendo o corpo, com os cotovelos bem próximos da beirada dos painéis.

Um estalo paralisou os movimentos de ambos.

Evan olhou para a rachadura na bainha da espada, resultado da peripécia de Peter em seu apartamento. Outro estalo. A fissura se expandia e bifurcou. Linhas de rachaduras se espalharam sob as mãos de Slatcher.

Evan quase não respirava. Os olhos de Slatcher se arregalaram, mostrando veias saltadas. Seus braços tremiam; o pomo de adão subia e descia.

Os dois homens, imóveis, observavam os acontecimentos.

A bainha se partiu em pedaços sob os dedos de Slatcher, cuja mão escorregou, mas suas palmas agarraram o metal da lâmina, encontrando um novo ponto de apoio.

Evan esperou que a lâmina cortasse as mãos dele, mas Slatcher dera sorte e segurava a espada pelo lado sem fio.

Por entre os dentes apertados, Slatcher riu da própria sorte. Com todos os músculos do pescoço em evidência, flexionou os braços. Os bíceps enormes saltaram, içando mais uma vez seu corpo gigantesco.

O aço *tamahagane* de dois séculos, usado para fazer projéteis de canhão na era Meiji, não quebraria.

Slatcher ergueu-se mais alguns centímetros, elevando parte do corpo acima da beirada dos painéis.

O punho da espada era alongado, projetado para uma empunhadura dupla. Além do trecho encaixado entre os painéis de energia solar, ainda havia mais dez centímetros. Espaço suficiente para os dedos de Evan. O revestimento de corda garantiria uma boa empunhadura. A guarda circular tocava a lateral de sua mão.

Segurando com toda a força que tinha, Evan tentou desencaixar a espada, mas não conseguiu. À frente, Slatcher se erguia; sua sombra se alongava sobre os painéis centímetro por centímetro.

A espada balançou um pouco na mão de Evan. Ele percebeu que não poderia soltá-la do encaixe, mas que talvez conseguisse virá-la.

Com a força que ainda tinha, virou o cabo como se fosse o acelerador de uma motocicleta. No início, nada aconteceu, mas depois a espada se moveu no encaixe improvisado.

O pequeno movimento empurrou Slatcher para baixo, fazendo-o descer uns quinze centímetros.

Evan continuou virando a lâmina para cima. A espada girava em pequenos trancos, e Slatcher perdia terreno, sentindo o corpo balançar no ar. As mãos gigantescas, cortadas e ensanguentadas, tremiam violentamente.

Soltando um rugido de dor, Evan virou a espada ainda mais. A lâmina afiada finalmente virara para cima.

Houve um instante de tensão em que os olhos de Slatcher buscaram o olhar de Evan. Depois, a catana fez o que foi criada para fazer.

A lâmina amputou os dedos de Slatcher na primeira articulação. Seus braços iniciaram um giro no ar, em um nado de costas fora da água.

Ambos se olharam, enquanto Slatcher caía. Evan acompanhou a queda pelo reflexo nos vidros do La Reverie até o movimento sumir.

Ele não viu Slatcher cair sobre o Scion roxo, mas ouviu o barulho.

Conexão com o inimigo

Evan conseguiu entrar na caminhonete e descer os sete andares pela rampa do estacionamento e chegar à rua. As sirenes das viaturas de polícia ainda estavam a alguns quarteirões, presas no tráfego congestionado da Strip. Cercado por um grupo de observadores horrorizados, o corpo de Slatcher permanecia sobre o teto do carro, praticamente irreconhecível depois da queda. Os dedos estavam espalhados pela calçada em torno dele, como confetes decorando a cena mórbida.

Colocando um agasalho de moletom para esconder a blusa suja de sangue, Evan abriu caminho entre as pessoas, movendo-se rapidamente, com a cabeça abaixada, na esperança de esconder o rosto machucado.

— Com licença! Sou médico! — Fingindo verificar a pulsação da vítima, ele revistou os bolsos de Slatcher, mas só encontrou um estojo fino de metal no bolso da frente da calça. Os observadores pareciam horrorizados demais para

perceber sua presença, olhando para o corpo e tirando fotos com seus smartphones. Uma jovem chorava, com o rosto escondido no peito do namorado, batendo os pés numa demonstração de agitação.

Evan se afastou para procurar a metralhadora, que encontrou em uma cerca viva. Sua Wilson Combat estava na calçada do outro lado da rua, na frente do La Reverie, onde era disputada por vários trabalhadores, por isso ele a deixou para trás.

De volta à caminhonete, abandonou o local no instante em que viaturas da polícia pararam na cena do crime com freadas ruidosas. Enquanto esperava na rampa de acesso congestionada para a estrada, levantou o agasalho e a blusa para dar uma olhada no abdome. As suturas haviam rasgado e a ferida estava aberta, mas a artéria não se romperá.

Evan dirigiu pela estrada por uma hora antes de parar e verificar o que havia na caixinha prateada.

Dez unhas postiças. Uma lente de contato.

Ele cutucou a lente, que ganhou vida com um brilho de tela de computador.

Na farmácia mais próxima, parou e comprou solução para a limpeza de lentes de contato. No carro, que havia parado

no final do estacionamento, lavou a lente cuidadosamente, caso estivesse envenenada.

Depois, colocou-a no olho.

As unhas se encaixaram com facilidade.

Ele esperou.

Um cursor vermelho apareceu e piscou por um tempo.

Depois, ficou verde.

Evan esperou.

Uma linha apareceu no ar.

Órfão O?

Não, respondeu ele.

Evan desconectou o mecanismo e tirou a lente.

Super-herói

Naquela noite, depois de refazer a sutura do ferimento em casa, Evan saiu do elevador no sexto andar de um hospital na Sunset Boulevard. Sorrindo para a enfermeira de plantão sentada atrás do balcão, mostrou duas sacolas com comida da lanchonete.

— Só vim trazer *chow* para os meus amigos que estavam comigo no acidente de carro.

Ela notou o olho roxo e assentiu, autorizando a entrada.

Uma sessão de pesquisa feita no Cofre havia correspondido às suas piores expectativas, por isso estava ali.

Festões prateados enfeitavam os corredores, uma decoração de Natal que mais parecia uma lembrança tardia. O quarto 614 ficava à direita. Ele pegou o prontuário na porta e entrou, afastando as cortinas com o ombro, sem saber a gravidade do que encontraria.

O homem estava dormindo, com a cabeça enfaixada como se fosse uma múmia, o braço direito engessado e uma perna erguida. Um tubo de traqueotomia desaparecia no fundo da garganta, mas um olhar rápido para os monitores confirmou que o paciente respirava sem a ajuda de aparelhos.

Memo Vasquez finalmente havia entrado no sistema.

Evan olhou os gráficos no prontuário, notando fraturas, contusões, a falência de um pulmão, a perfuração intestinal. Os traficantes haviam cobrado do corpo de Vasquez pelas drogas que perdera. Mas cumpriram a promessa?

Evan tocou com gentileza o braço de Memo, que se mexeu. Olhos escuros espiaram por trás dos curativos. A mão se ergueu um centímetro sobre o lençol, e Evan a segurou. Memo apertou sem força. A cabeça estava virada num ângulo desconfortável.

— Desculpe por não ter acreditado em você — disse Evan.
— Levaram Isa?

O ventilador empurrava ar para dentro dos pulmões de Memo. Ele soltou a mão de Evan e fez um gesto indicando que queria escrever. Evan pegou papel e caneta para ele.

Com mão trêmula, ele escreveu: “*Si*”. Depois, com dificuldade, acrescentou: “Seu rosto?”.

— Você devia ter visto o outro cara — respondeu Evan. — Sabe onde encontro esses caras?

A mão se moveu de novo. Memo levou quase cinco minutos para escrever a localização de um depósito. Não era um endereço, mas um conjunto de orientações sem muita precisão, em uma mistura de espanhol e inglês fonético. Era o suficiente.

Evan rasgou a parte de cima da folha.

— Agora vai ficar tudo bem.

Memo pediu a caneta de novo. Sem muita força nos dedos, rabiscou mais algumas palavras. “Vão deportar a gente. Não tenho *kard*. Sou ilegal.”

Evan deixou o bloco ao lado da mão dele.

— Não é mais — disse ele. — Seu nome já está na lista de cidadãos aprovados no banco de dados do Serviço de Imigração. Eles vão mandar o *green card* para sua casa amanhã. Presente de Natal. — Depois de dar uma última olhada nos gráficos do prontuário, deixou a prancheta sobre a bandeja. — Eles fizeram um estrago em você.

A caneta deslizou novamente sobre o papel. “Devia ver o outro cara.”

Evan sorriu e viu um brilho de humor nos olhos escuros de Memo, antes de escurecerem com a preocupação.

— Descanse — disse Evan, batendo com cuidado no braço engessado antes de sair. — Deixe isso comigo.

Depois de subir no telhado de zinco do depósito interditado, Evan entrou por uma janela alta e girou o corpo para se segurar no parapeito interno. As botas balançavam três metros acima do piso de concreto. Ele deu impulso e aterrissou com os joelhos flexionados, deixando o corpo cair para o lado a fim de não absorver todo o impacto de uma vez só.

Havia um colchão rasgado em um canto, mas a menina dormia no chão. A pequena sala de armazenamento, um excelente cativeiro improvisado, estava vazia.

Paredes nuas deixavam passar o barulho dos homens que discutiam em um dilapidado escritório no corredor. Pela claraboia, Evan havia observado os três homens conversando em volta de balanças digitais. Vira as tatuagens com desenho de gota e outras feitas na prisão e uma câmera de segurança que, possivelmente, transmitia as imagens para um lugar fora dali. O restante do galpão estava abandonado. Uma parede no piso térreo havia desmoronado e muito entulho estava espalhado por entre teares industriais enferrujados.

No espaço apertado, Evan se aproximou de Isa sem fazer barulho, tentando não a assustar. Quando chegou mais perto, viu que a menina dormia no chão para deixar a cama para o animal de pelúcia. O ursinho cor-de-rosa com a orelha mordida estava embaixo do único lençol, com a cabeça apoiada em um travesseiro.

Evan tocou delicadamente o ombro da menina.

Ela acordou. Devia ter 14 ou 15 anos, mas era difícil saber. Os olhos oblíquos, com os cantos externos mais altos, pareciam sorrir.

— Seu pai me mandou aqui — cochichou Evan.

Ela assentiu, passando a língua pelo lábio inferior.

Evan apontou o ursinho de pelúcia.

— Como é o nome dela?

— Baby.

— Você está cuidando bem dela.

As palavras saíram enroladas e baixas.

— *Sí*. Ela se assusta fácil.

— Ela tem sorte de ter você.

Um sorriso radiante e orgulhoso e um polegar levantado.

— Vou sair um pouco — avisou Evan. — Você fica aqui para ela se sentir segura, tá?

— Tá.

Evan enfiou uma das mãos em um bolso da calça cargo.

— Agora vou pôr esta máscara. Não deixa ela ficar com medo. Não é para ter medo. — Ele ajustou a máscara preta que cobria todo o rosto, exceto os olhos.

— Uma máscara. — Ela sorriu.

— Como um super-herói. — Como um super-herói. — Evan abriu um monóculo de visão noturna e o prendeu à cabeça. Ele se encaixava com perfeição, envolvendo o crânio enquanto a lente de alta resolução se posicionava sobre um olho, deixando as mãos livres.

— Vai ficar bem aqui sozinha? É só um tempinho.

Isa apontou para a cama.

— Não estou sozinha.

A faca de combate estava na bainha, guardada junto à cintura. Tiros assustariam a menina. O trabalho teria de ser silencioso.

Evan pousou as mãos sobre os ombros dela e a fitou com o monóculo.

— As luzes vão se apagar. Mas, depois, a polícia vai chegar depressa. Eu vou cuidar de tudo para você. Tudo bem?

— Tudo.

— Você é uma mocinha muito corajosa — disse ele, virando-se para a porta.

— *La puerta* — disse Isa. — Está trancada.

— Tudo bem. — Ele encaixou uma das ferramentas que guardava num dos bolsos da sua calça cargo na fechadura e torceu o pino. Um leve “clique” se ouviu. — Eu sei atravessar portas.

A menina piscou, e ele desapareceu.

Mais tarde, de volta à cobertura e ao banheiro da suíte, Evan apoiou as mãos nos ladrilhos e ficou parado sob o jato de água quente do chuveiro. A cascata lavava o sangue seco em seu rosto. Ele esfregava as mãos e os antebraços, deixando rios vermelhos escorrerem pelo ralo. Era muito sangue.

Nenhuma gota era dele.

Arrepios

Evan dormia um sono profundo, satisfatório, quando o celular vibrou e o trouxe de volta à realidade. Ele rolou para fora da cama suspensa e pegou o aparelho, sentindo os pontos novos repuxarem no abdome.

Antes que pudesse falar, a voz de Danika soou do outro lado.

— Ajude-me, Evan, *por favor!* Sei que traí você, mas não tive escolha. Eu não tive escolha!

As palavras saíram em jatos, e ela respirava depressa, como se estivesse correndo.

— Sempre existe uma alternativa — respondeu Evan.

— Não tenho mais ninguém. — Seus passos ecoavam mais alto. Uma escada? — Eles não precisam mais de mim. Agora sou descartável.

— Quem está atrás de você?

— O chefe de Slatcher, eu acho. O cara por trás de tudo.

O frio do piso de concreto entorpecia seus pés descalços, e só agora ele percebia que estava em pé.

— Estou na sua casa — avisou ela.

Lentamente, Evan virou a cabeça na direção da porta do quarto.

— Minha casa?

O som de uma porta fechada com força. A respiração ofegante em seu ouvido.

— No *loft*.

Ele deixou o ar escapar por entre os dentes.

— Vim procurar você — continuou ela.

Evan foi ao banheiro, entrou no box e passou pela porta escondida na parede de azulejos.

— Eles conhecem esse lugar.

— Não tenho para onde ir. — Danika soluçava. — Eles pagaram minha dívida. Eu pertencia a eles. Se eu não entregasse você, eles iriam...

— Já sei o que aconteceu. — Os dedos de Evan voaram no teclado, e as imagens das câmeras instaladas no *loft* surgiram nos monitores.

Lá estava a mulher que ele ainda chamava de Katrin, de costas para a porta fechada, um braço junto ao corpo como se fosse capaz de conter uma invasão violenta, o outro

segurando o que parecia ser um celular pré-pago. O peito arfava, e um rubor tingia a pele de mármore do pescoço.

— Eles me prometeram que cada tiro que eu ouvisse seria uma bala em um membro da minha filha. — Ela chorava copiosamente. — Quando estávamos no hotel, achei que já tinham começado. Eles iriam *deformá-la*. Ela não quer me ver, mas é minha filha. Minha *filha!* A única coisa boa que eu fiz. Fui uma merda de pessoa e uma merda de mãe, mas não posso deixar isso acontecer. Não posso deixar essa gente machucar minha filha.

Ela se movia pelo apartamento. Sem afastar o celular da orelha, olhou diretamente para uma câmera. Um arrepio gelado subiu pelas costas de Evan. Ela sempre soube que as câmeras estavam lá. Durante os três dias em que a observara, não havia notado nada que pudesse ser revelador. Milhares de horas em mesas de pôquer serviram para alguma coisa.

— O homem que está atrás de você... — disse Evan. — Foi ele que conseguiu seu passaporte?

— Não. Nunca encontrei esse homem. Slatcher me levou para pegar o passaporte.

— Onde?

— No prédio do governo. Em Westwood.

Outro arrepio gelado, agora subindo até a nuca, estremeceu todo o corpo de Evan.

O governo estava envolvido.

O frio do Cofre penetrava em seus ossos, e ele teve de se esforçar para não tremer.

— Eles me disseram o que fazer — explicou Danika. — Eles decidiam tudo. Mas agora não sei mais o que fazer.

— Você sabe demais. Eles vão encontrar você, pode ter certeza. Como eu também encontraria.

Alguns soluços silenciosos.

— Por favor, Evan. Nunca tentei consertar as coisas com Sammy. Não me importo mais com a morte, mas quero ter essa chance. Preciso de você. Preciso da sua ajuda.

O décimo e mais importante mandamento surgiu em sua cabeça: “Nunca deixe um inocente morrer”. Ela não era inocente, mas ainda era *uma* inocente. Todos os instintos contrariavam sua decisão. Décadas de hábito, memória muscular, tudo.

Foi preciso forçar as palavras a saírem da boca.

— Não posso ajudar você.

Ela olhava para a câmera como se pudesse vê-lo do outro lado.

— Não *pode* ou *não vai*?

Evan parou de resistir ao frio e estremeceu.

— Isso — respondeu.

Ela se aproximou um pouco mais da câmera embutida nos armários suspensos da cozinha, olhando para a lente com ar triste.

— Vai me deixar nas mãos deles?

Pele pálida.

A curva do quadril.

Os lábios vermelhos e carnudos beijando-o.

— Eu teria ajudado — explicou Evan. — Se tivesse confiado em mim, eu teria resolvido tudo.

— Eu sei. *Agora* eu sei. — Lágrimas brilhavam em seu rosto. — Mas eles me encontraram primeiro.

Do outro lado da linha, uma freada ruidosa. Danika olhou para a enorme parede de vidro.

— Ah, meu Deus — disse ela. — Ele chegou. Está entrando. O que eu faço, Evan?

O terror a dominava.

Evan não escondia a emoção.

— Sinto muito, Danika.

— Evan, me diz o que eu devo fazer. O que eu faço? — Ela correu para a janela e ficou na ponta dos pés, tentando enxergar a rua. Depois, correu para a porta. Abriu, gritou,

bateu a porta com força. — Ele está no corredor, Evan! — De volta ao meio do apartamento, olhou para cima, para ele. — Por favor. Droga, Evan, me ajuda, *por favor!*

*Nunca
deixe
um
inocente...*

A porta da frente foi arrombada, um tiro abafado por um silenciador e a cabeça dela virou para o lado. Danika caiu, as mãos amortecendo a queda, os braços esticados ao lado do corpo. Finalmente ela ficou ali. Deitada. Morta.

Uma silhueta larga entrou no apartamento e fechou a porta silenciosamente, com os ombros virados para as principais câmeras de segurança. Algumas lascas de madeira haviam sido arrancadas da porta em volta do ferrolho. Apesar de as duas trancas terem sido arrebetadas a tiros, a porta ainda fechava. Olhando do corredor, ninguém notaria o estrago. Com a cabeça abaixada, o homem se aproximou e atirou mais uma vez contra o peito de Danika. O corpo sem vida pulou no chão. A pistola desapareceu no coldre sob um braço do atirador. Ele se abaixou para pegar o celular pré-pago.

Quando se levantou, Charles Van Sciver aproximou o telefone do rosto, olhou para a câmara principal e sorriu.

— Oi, Evan — disse ele.

Lados de uma mesma moeda

Alguns quilos a mais, bochechas ainda mais cheias, o rosto avermelhado e marcado pelo tempo.

Evan respondeu com voz rouca:

— Oi, Charles.

Van Sciver andava tranquilamente pelo apartamento.

— Tem 367.159 pessoas nos Estados Unidos com seu nome de batismo — disse ele. — Um em cada 854 americanos. — As palavras chegavam com um pequeno atraso em relação aos movimentos da boca de Charles, o que dava à conversa um efeito transcendental. — E você deixou aquele seu sobrenome para trás há anos. Bem antes de Oslo. Então, foi bem difícil.

— Fico feliz por meu nome não ser Ignatius.

Charles sorriu. Parou ao lado de Danika e olhou para o corpo. A poça escura embaixo da cabeça se expandia lentamente.

— Eles são tão indefesos, e você é tão forte — comentou Van Sciver. — Esse é seu ponto fraco, Evan, sempre foi. O coração mole.

Evan pensou no passaporte autêntico emitido com dados falsos pelo Departamento de Estado. Em como havia sido rastreado por todos aqueles quinze comutadores de linhas telefônicas espalhados pelo mundo. Também pensou no fato de Slatcher nunca ter trocado o Scion por outro carro. Claro. As autoridades não estavam atrás dele.

— Você não trabalha sozinho — deduziu Evan. — É um agente do governo.

— Como costumávamos ser. Mas, sim, continuo no governo, se é o que quer dizer.

— Quem *comanda* sua operação?

— Quem *comanda*? — De novo aquele sorriso torto, o que havia levado Evan às quadras de basquete detonadas, aos jantares de macarrão com queijo, aos dormitórios superlotados da Pride House. — Ninguém. Eu sou o chefe. Isto é meu.

— Isto o quê? O que é seu?

— *Tudo*.

A compreensão crescia como um ser vivo dentro de Evan. Mentiras sobre mentiras até as pilhas do passado

desmoronarem sobre ele.

— O Programa Órfão nunca foi interrompido. — disse Evan. Não era uma pergunta.

— O objetivo do programa mudou. Mas eu sou o chefe.

— Quantos sobraram?

— O suficiente — respondeu Charles.

— Como me encontrou?

— Ah, você nem imagina como foi difícil rastrear o Homem de Lugar Nenhum. Criamos um programa de garimpo de dados para analisar relatórios de cenas de crimes. O programa encontrou o assassinato de William Chambers. A partir daí, encontramos Morena Aguilar.

— Qual foi o indício?

— O alvo chamou atenção. Policial corrupto, várias acusações. É bem a sua cara. Depois foi a perícia. A balística atestou que ele foi alvejado por uma Wilson Combat 1911, sua pistola preferida durante anos, embora a munição tenha deixado a gente em dúvida. Geralmente, você prefere pontas cortadas, mas naquela noite atirou com esferas de 230 grãos. Mas eu pensei e entendi tudo. A vizinhança movimentada. Você queria se manter subsônico para que a bala não fizesse barulho. Mas o que realmente entregou você foi o dinheiro

para pagar o aluguel da garota. O que uma imigrante miserável estava fazendo com notas de cem dólares?

Que descuido, Evan pensou.

— Queríamos apenas observá-la, porque poderíamos precisar dela mais tarde — continuou Charles. — Mas nunca imaginamos que a garota acrescentaria um cliente à mistura, não tão depressa.

— E isso interferiu na história do cliente falso que vocês mandaram.

Charles empurrou o corpo de Danika com um pé.

— Isso mesmo.

— Queria alguém perto de mim para saber minha localização.

— Sabe como é lidar com alguém como você. Tínhamos de controlar sua posição para podermos executar um ataque coordenado em um local vigiado.

— Como no hotel.

— Sim. E, mesmo assim, deu no que deu. Por isso mudamos a tática e introduzimos um peão para movimentar você pelo tabuleiro. — Ele olhou novamente para o corpo no chão. — Precisamos de tempo para planejar uma missão. Tínhamos esperança de que você passasse a noite aqui no

apartamento, mas você é como um tubarão. Está sempre em movimento.

— Onde encontrou Danika?

— Estávamos atentos a várias possibilidades, mas queríamos esperar até encontrarmos você. Observamos Danika durante algum tempo. Ela era a melhor opção.

Evan levou um momento para processar essa resposta.

— Por isso está atrás de mim, então? Por causa do meu trabalho voluntário?

— É claro que não. — Charles apertou os olhos com os dedos em um sinal de frustração. — Estávamos atrás de você por causa das informações que tem. Não é seguro deixar alguém com esse arquivo circulando por aí.

— Eu poderia falar a mesma coisa sobre você.

— Eu não estou circulando.

— Alguém me disse que você havia desertado.

Charles pareceu francamente surpreso.

— Eu *nunca* desertei.

— Naquele verão, depois de Oslo, fui designado para matar você. E recusei a missão.

— Naquele mesmo verão, eu e mais outro Órfão fomos designados para matar você. Foi a primeira vez que deixaram

Órfãos trabalharem juntos. Seu tutor mentiu. Você sempre foi o alvo. Só não conseguimos encontrá-lo. Até agora.

— Então, por quê...?

Evan compreendeu tudo ali, no meio dos monitores iluminados. Jack havia mandado a foto de Charles porque sabia que o reconheceria, sabia que preferiria desaparecer a matar um Órfão. O Contingente Fumaça.

Jack havia dado a ele a falsa missão para preveni-lo e tirá-lo de cena. Se Evan soubesse, teria enfrentado os Órfãos e todo o governo. Teria sido morto.

A compreensão também iluminou o rosto de Charles e seu sorriso voltou. Com o celular colado à orelha, ele contornou o corpo de Danika.

— Ah, essa é ótima! Você não sabia! Por que acha que Jack Johns caiu? Porque tentou proteger *você*!

Evan puxou a cadeira e se sentou. Pensou em Jack à mesa do jantar, enrolando o macarrão no garfo. “A parte mais difícil não é transformar você em um assassino. A parte mais difícil é mantê-lo humano.” A voz tensa antes do encontro fatídico embaixo do memorial Jefferson. “Pode ter havido um vazamento. Não quero ser descoberto. Estou tomando cuidado com meus movimentos.”

Jack havia quebrado vários protocolos para proteger Evan. Sabia que estava correndo riscos. E os assumira.

A dor de Evan pela morte de Jack nunca havia desaparecido. Ela persistia, estava entranhada em sua essência, e, agora, se movia, provocava rachaduras nas fundações, roubava o ar de seu peito. Ele abriu a boca, mas não emitiu nenhum som.

Pelo menos, Charles não podia ver sua reação. Mas ele a sentia. E virou-se para olhar para a câmera escondida nos armários suspensos.

— Você não entende, Evan. Não era *pessoal*. Os drones mudaram tudo. Quando o Departamento de Estado quer, só precisa apertar um botão, e um caminhão cheio de extremistas explode do outro lado do mundo. Por que lidar com possibilidades de erros humanos e com os riscos diplomáticos inerentes a um programa como o nosso? Eles não precisam mais de nós. Não precisam há anos. E começaram a eliminar um por um.

— Não, começaram a deixar que a gente elimine um ao outro — protestou Evan.

— Isso mesmo. E continuam deixando. Querem que eliminemos os Órfãos de alto risco.

— *Todos* nós somos de alto risco, Charles. Isso é o que nos define.

— Certo. Mas alguns perfis de personalidade sugerem maior probabilidade de desobediência.

— Como o meu.

— Como o seu.

— Então, se eu fosse o tipo que aceitasse matar você, e você fosse o tipo que se recusasse a me matar, estaríamos em lados opostos dessa câmara.

— Bom, não dá para dizer que eles estão errados, dá?

— O novo objetivo do Programa Órfão é matar os Órfãos? Não percebe aonde isso vai levar, Charles? Eles vão continuar fazendo com que matemos um ao outro...

— Até sobrar só um.

— Isso não o preocupa?

— Não.

— Por quê?

— Porque... — Charles se aproximou ainda mais da câmara. — Eu serei o último.

— E depois?

Pela primeira vez, Van Sciver não tinha resposta.

Evan esperou, e Charles deu mais um passo na direção da câmara. Evan queria que ele chegasse mais perto, mas Van

Sciver parou, olhando determinado para a lente.

— Não importa quanto vai demorar, eu vou achar você — disse ele.

— Tchau, Charles — disse Evan.

O rosto de Charles mudou, contraindo-se um instante antes de um clique com o mouse detonar uma carga explosiva escondida atrás da câmera.

A tela foi dominada pela estática. Todo o circuito de câmeras de vigilância havia sido destruído pela explosão. Por um tempo, Evan ficou sentado ali, olhando para a estática, como se fosse um código que ele devia decifrar.

Pensou na distância entre Charles e a pequena carga explosiva, perguntando-se se o raio de ação havia sido suficiente.

Quando finalmente se levantou, suas pernas estavam fracas. Ele ordenou que elas o levassem até a cozinha, onde preparou na coqueteleira duas doses de Jean-Marc X.O. até as mãos colarem no alumínio gelado. Despejou a vodca em um copo, acrescentou uma azeitona e foi até a sacada, de onde podia ver o centro da cidade.

As perguntas e possibilidades eram infinitas. Evan dividia uma lista secreta de procurados não com assaltantes perigosos e homens de barba e turbante, mas com indivíduos

treinados e preparados pelo próprio governo que agora queria erradicá-los. O que significava que podia ter aliados, e não só inimigos. Quem mais fazia parte daquela lista e quem mais estava por trás dela?

Charles havia dito que o Programa Órfão sobrevivia sob seu comando em um novo formato, reduzido, mas letal. Evan acreditava que sim. Nesse momento, o programa pretendia eliminar Órfãos que podiam representar algum risco. Evan também acreditava que sim. Mas que outro uso Charles daria ao programa quando estivesse sozinho no comando? Isso era algo que não conseguia imaginar.

Bebendo sua vodca, Evan se apoiou na grade da sacada e olhou para Los Angeles. Os homens que o caçavam estavam em algum lugar entre as luzes brilhantes, e ele estava ali, onde não poderiam encontrá-lo. Não naquela noite.

Ele era só mais uma janela iluminada entre milhões.

Presente de despedida

O corpo da mãe tinha sido encontrado dois dias antes no Griffith Park, em um riacho atrás do velho carrossel, e, embora Samantha White esperasse havia anos uma variação daquele telefonema no meio da noite, parte dela ainda estava em choque. E outra parte finalmente aceitava a derrota. Seu caminho na vida. Era como se a mãe se retirasse para Sam assumir o lugar miserável que ela havia deixado para trás.

Com uma pilha de notificações de atrasos no pagamento das parcelas do crédito estudantil, Sam atravessou o campus para ir ao departamento que cuidava do auxílio financeiro. Sua orientadora havia deixado três recados para ela, e o fato de se dispor a ir encontrá-la naquele dia, justamente, significava que alguma coisa muito séria estava acontecendo.

Samantha passou por um grupo de rapazes em uniformes, ainda agitados depois do jogo de futebol do último fim de semana. Os alunos de medicina deixavam o Boyer Hall com seus cadernos e livros. Quem ela queria

enganar? A universidade nunca havia sido o seu lugar. Sempre fora uma impostora, uma fracassada com um passado de fracassos. E, finalmente, chegava a hora de desistir e aceitar que seu futuro também seria cheio de fracassos.

Tinha uma amiga que trabalhava como banca no cassino Hustler em Gardena. Nada muito garantido, mas a garota ganhava um bom dinheiro, o suficiente para pagar o aluguel e financiar um Honda Civic. Talvez pudesse arrumar um emprego lá e começar a pagar as parcelas do empréstimo referentes aos semestres que havia cursado na Universidade da Califórnia. Com o tempo, poderia se mudar para Las Vegas e ganhar dinheiro de verdade. Como a mãe. *Putz, esse é o problema*, pensou ela.

Depois de ter sido criada em vans mantidas do lado de fora de cassinos e lanchonetes, queria a normalidade. A mãe sempre aparecia e desaparecia, com mais problemas do que ajuda. Mas fazia coisas importantes quando podia. Um cartão aqui. Dinheiro do combustível ali. Até a coisa desandar.

Quando o legista liberou o corpo, Sam pensou em usar o que restava em sua conta raquítica para pagar o funeral. A conta de uma sepultura não era o presente de despedida que

esperava, mas Danika ainda era sua mãe e merecia um lugar para descansar.

Sam parou do lado de fora do departamento. As notificações de atraso tremulavam ao vento. Então, era assim que acabaria, não com uma comemoração, mas com um choramingo em uma manhã gelada de dezembro.

Ela entrou no edifício quente e com cheiro de pinho. Não tinha ninguém na recepção, é claro, não naquele dia, mas a porta da orientadora, Geraldine, estava aberta, e ela chamou Sam.

Samantha entrou na sala, e Geraldine levantou aquele olhar solidário.

— Sinto muito por sua perda.

— Como sabe?

Geraldine apontou para a cadeira na frente de sua mesa.

— Não quer se sentar?

— Olha, já entendi. Tenho de desistir do curso. Só preciso de um tempo para arrumar um emprego e aí começo a...

— Sam. — Geraldine a interrompeu. — Sente-se.

Sam desabou na cadeira.

— Pelo que soube, seus débitos foram quitados.

— Os últimos dias foram difíceis, Geraldine. Não tem graça.

— Fui procurada por um advogado da sua mãe. Parece que ela mantinha um fundo de educação em seu nome.

— Um fundo? Que fundo? *Onde?*

— Nas Ilhas Baleares.

Sam sentiu o rosto esquentar e teve medo de chorar, o que daria a Geraldine a impressão de que chorava por causa do dinheiro.

Ela engoliu em seco. Mordeu o lábio.

— Ela... É verdade?

— A quantia é suficiente para cobrir as mensalidades até o fim do seu curso. Mas você ainda vai precisar trabalhar para pagar a moradia.

Sem conseguir falar, Sam assentiu. Precisava sair dali ou começaria a chorar como uma idiota em uma reunião de família filmada por um *reality show*. Samantha ficou em pé, e Geraldine também se levantou do outro lado da mesa.

Ela estendeu a mão fria e magra por cima da mesa.

— Feliz Natal, Sam.

Da próxima vez

Evan acordou com uma sensação de paz. Era a primeira vez em meses. Fazia oito dias que o corpo de Danika tinha sido encontrado no parque, quase dez quilômetros distante de onde ela fora morta. O *L.A. Times* havia anunciado uma explosão de gás no edifício, mas não houve nenhuma menção sobre Danika White ou Charles Van Sciver.

Alguém havia cuidado da limpeza.

O próprio Van Sciver, ou, se ele estava morto, outros em seu círculo. E certamente estariam procurando por Evan.

E ele procurava por eles.

Como fazia ao acordar e antes de dormir, pegou a caixinha prateada que encontrou no bolso de Slatcher e pôs a lente e as unhas postiças.

Viu o cursor piscar vermelho, vermelho, vermelho.

Nenhum sinal de Van Sciver.

Depois de um minuto, moderadamente confiante, Evan guardou o equipamento.

Enquanto se vestia, pensou no que estava por vir. As missões como o Homem de Lugar Nenhum continuariam, certamente, mas havia algumas complicações que precisava resolver. Sua ligação com Memo Vasquez era conhecida, assim como com Morena Aguilar. O melhor que podia fazer por eles era desaparecer e nunca mais se aproximar. Por causa disso, ele mesmo encontraria o próximo cliente.

Mas, antes, faria um pequeno intervalo.

Evan foi a uma loja de ferramentas e comprou algumas tábuas de carvalho, massa para madeira e tinta. De volta ao Cofre, deu uma olhada nas imagens capturadas pelas câmeras do Castle Heights, esperando ver Ida Rosenbaum sair para sua caminhada depois do café da manhã. Então, foi até o apartamento 6G.

Depois de terminar o serviço ali, passou o resto da manhã percorrendo suas casas, alterando os padrões que controlavam a iluminação, recolhendo a correspondência inútil e verificando o estado de conservação dos veículos que mantinha em cada um dos endereços.

A estrada 405 estava tão congestionada que mais parecia um estacionamento, e ele preferiu seguir por uma rota de cânion que passava por cima de uma colina. Vinte minutos depois, estava na Wally's Wine & Spirits, estudando as

possibilidades. Restava apenas uma garrafa de vodca Kauffman Luxury Vintage.

Uma vitrine giratória sobre o balcão oferecia óculos de leitura, saca-rolhas e abridores de garrafa. Enquanto esperava na fila, Evan girou o suporte com objetos variados e viu uma embalagem de Band-Aid com desenhos dos Muppets.

— Senhor? Senhor? *Senhor?*

Ele levantou a cabeça.

A atendente espiava por cima dos óculos e apontava para a garrafa.

— É só isso?

— Sim, é só isso.

Quando chegou em casa, ele parou no *porte-cochère*.

— Uau, sr. Smoak — disse o manobrista, animado ao pegar as chaves. — Vai mesmo deixar que eu estacione a caminhonete?

— Só não atropete ninguém! — respondeu Evan, e o garoto sorriu.

Dentro do edifício, Hugh Walters terminava de enfeitar a árvore de Natal no saguão, usando um gorro de Papai Noel. Do alto da escada, onde estava, ele colocou um *bagel* no lugar do anjo. Ao ver Evan, deu de ombros.

— Los Angeles... — disse ele.

Perto do armário de correspondência, Johnny Middleton virou-se para cumprimentá-lo com entusiasmo. Desde que enfrentaram os irmãos juntos, Johnny intensificara suas tentativas de se aproximar dele. Sentindo-se meio bobo, Evan retribuiu o cumprimento batendo na mão do vizinho e pegou sua correspondência.

Dentro do armário destinado à cobertura, encontrou uma caixa retangular do laboratório GenYouration.

Ele estava esperando essa encomenda.

Evan abriu o pacote e leu um trecho da carta a caminho do elevador.

— Vigésimo primeiro, por favor — disse ao funcionário no balcão de segurança.

— Sim, sr. Smoak.

Evan parou.

— E boas festas, Joaquin.

— Para o senhor também.

Evan entrou no elevador. Quando as portas estavam se fechando, uma mão surgiu entre os sensores. A sra. Rosenbaum entrou e olhou para ele.

— Vejo que está se recuperando do acidente com a motocicleta — disse ela.

— Sim, senhora.

— Meu Herb, que Deus o tenha, sempre disse que trancaria nossos filhos no porão, se fosse necessário, mas não deixaria que andassem de moto.

— Seus filhos foram sortudos. Tiveram bons pais.

Ela concordou, soltando um resmungo abafado. Os dois ficaram em silêncio por alguns andares.

— Aquele síndico imprestável finalmente mandou alguém arrumar o batente da minha porta hoje de manhã. Dá para acreditar?

— Que bom. Você deve estar muito feliz.

— Acho que ele só queria poder dizer a todo mundo que resolveu a pendência antes da virada do ano. — Chegaram ao sexto andar, e ela saiu do elevador. — Até logo, então.

No décimo segundo andar, Evan saiu do elevador e andou pelo corredor. Ao passar pelo 12F, sentiu que alguém o espiava pelo olho mágico.

— Boa tarde, Excelência.

A voz abafada de Pat Johnson respondeu atrás da porta:

— Boa tarde.

Evan parou diante do último apartamento do corredor. Podia ouvir as vozes lá dentro.

— Você *precisa* me deixar ficar acordado até meia-noite. A gente precisa ver aquela coisa em Nova York.

— A televisão vai mostrar, mas aqui serão *nove* horas.

— Eles reprisam mais tarde! E quero ver os fogos. E se a gente ficar acordado para ver só metade?

— Não negocio com terroristas!

Evan bateu à porta.

Alguns passos antes de o rosto de Mia aparecer sobre a corrente de segurança, atrás da porta.

— Evan?

— Trouxe um presente de Natal para Peter. Bom, acho que é um presente de despedida. Como já conversamos, não vou voltar mais.

— Ah. Tudo bem.

Mia fechou a porta, removeu a corrente e voltou a abri-la, recuando para deixá-lo entrar.

— Seu olho — disse ela. — O que... — Ela levantou as duas mãos. — Espere. Esquece. Nada.

Ele sorriu. Considerando o pouco que Mia sabia sobre ele, Evan já deveria ter deixado o prédio. Mas ainda estava ali.

Peter acenou, em cima do sofá, e Evan se aproximou dele. Mia voltou à cozinha.

Evan se abaixou diante do menino, e Peter desligou a televisão.

Ele mostrou a pasta que recebera do laboratório.

— Sabe o que é isso?

— DNA de dinossauro?

— Quase. É o *seu* DNA. — Ele abriu o relatório impresso.

— Sua ascendência é 58% do Mediterrâneo, 31% do norte da Europa e 11% do sudoeste da Ásia.

— Ásia!

— É. Olha aqui.

Cativado, Peter sentou-se na beirada da almofada.

— Legal.

— Muito legal. Seus primeiros ancestrais migraram da África há 65 mil anos e atravessaram o mar Vermelho para a península Arábica. Eram caçadores nômades que usavam ferramentas e armas. E eram corajosos! Não tinham medo de enfrentar novas terras e desafios. — Evan virou a página. — Quando a seca chegou, seus ancestrais seguiram os rebanhos de caça por onde hoje é o Irã para as estepes da Ásia Central.

— O que é uma estepe?

— Grandes planícies de pasto. São lindas. — Evan virou os papéis. — Olha aqui no mapa. Dá para ver como seu povo migrou pela Europa? Eram caçadores de grandes animais.

— Caraca!

— Caraca mesmo! — Evan virou as páginas coloridas. — Depois, teve uma Era do Gelo e mais migrações. E você também tem traços dos agricultores do Crescente Fértil, mas pode ler tudo isso sozinho. — Ele entregou o relatório. — Você disse que queria saber de onde veio.

— Obrigado. Adorei! Minha mãe disse que você não vai mais aparecer.

As frases se uniam como se tratassem de um assunto só. Talvez tratassem mesmo.

— É verdade — confirmou Evan.

— Ela disse que só vou entender quando eu for mais velho, mas acho que os adultos falam essas coisas quando não sabem o que fazer.

— Os adultos não sabem o que fazer mais vezes do que você imagina.

— Isso é uma droga. Às vezes é muito solitário ser filho único.

Evan pensou um pouco antes de responder.

— Alguém muito próximo de mim me ensinou a construir um espaço em minha cabeça. Você pode ocupar esse espaço com o que quiser. Não precisa deixar entrar

ninguém que não queira lá. Mas pode deixar entrar quem você quiser.

— Como o Batman. Ou o capitão Jack Sparrow.

— Isso.

— Ou você.

Evan assentiu.

— Ou eu.

— Tchau, Evan Smoak.

— Tchau, Peter Hall.

Peter voltou à primeira página do relatório e começou a ler.

Evan se levantou e se virou para sair. Mia apareceu e, sem querer, olhou para a sacola na mão dele.

— Finalmente conseguiu comprar sua vodca?

— É, consegui.

— Vai ser uma noite de comemoração?

— Mais ou menos isso.

— Já decidiu o que vai fazer?

— Ainda não.

— Não tem muito tempo.

— Não — concordou Evan. — Acho que não. — Ele parou.

— Feliz Ano-Novo, Mia.

Ela empurrou o cabelo para trás e mordeu o lábio.

— Feliz Ano-Novo.

O bilhete continuava colado na entrada da cozinha, bem na frente dele. “Trate a si mesmo como se fosse alguém que é sua responsabilidade ajudar.”

Evan se perguntou se agora entendia um pouco melhor o que aquela frase significava.

Quando voltou à cobertura, exercitou-se muito e limpou os pontos no abdome. Tomou um banho quente e leu por algum tempo. Pouco antes da meia-noite, despejou dois dedos da vodca Kauffman sobre pedras de gelo. Postado em pé, atrás das telas de proteção contra o sol da sua ampla janela, deixou a vodca aquecer a boca e a garganta. Textura sedosa, deixando um gosto limpo na boca.

Fogos de artifício esporádicos anunciavam a chegada do Ano-Novo em explosões distantes no horizonte. Bebendo sua vodca, ele assistiu às explosões, que formavam cascatas de fogo e luz. Quando não ouvia nada além do tilintar dos cubos de gelo, foi lavar o copo na pia da cozinha.

O brilho de uma explosão de fogos iluminou a marca de mão na geladeira. Ele se lembrou da última vez que Peter esteve ali, apoiado nela, baforando para embaçar o aço inoxidável. Evan deu um passo para o lado, deixando a luz colocar a marca em destaque.

E decidiu deixá-la ali.

Depois, atravessou a sala e passou pelo lugar vazio onde antes ficava a catana. Pronto para dormir, sentou-se na beirada da cama suspensa e pôs a lente de contato e as unhas postiças com sensores de identificação, como havia feito nas nove noites anteriores.

O cursor piscou vermelho, vermelho, vermelho.

Aliviado, ele guardou o equipamento na caixinha prateada que seria pega novamente na manhã seguinte.

Depois de apagar a luz, ficou deitado no escuro, afastado de tudo, do mundo, até do chão. À deriva entre as possibilidades de um novo ano, fechou os olhos.

Evan fez a contagem regressiva a partir do dez, controlando a respiração, e estava começando a cochilar quando ouviu um alarme. Sorrindo, ele abriu os olhos. Estendeu um braço e desligou o alarme em cima do criado-mudo. Não precisava verificar os monitores.

Levantou-se, acendeu a luz e foi até a janela. Do lado de fora, um balão flutuava com duas palavras escritas às pressas em uma caligrafia infantil.

DA PRÓXIMA VEZ.

Ele abriu a janela, puxou o balão para dentro e cortou a linha com uma faca Strider nova, uma que não havia sido

usada para esfaqueá-lo. Deixando o balão subir até o teto, voltou para a cama. Quando esticou o braço para apagar a luz, ele parou. A mão pairava sobre a caixinha prateada.

Mais uma tentativa.

Ele pôs a lente e as unhas postiças. O cursor apareceu no ar a alguns centímetros de seu rosto. E piscava vermelho, vermelho...

Verde.

Evan encarou o cursor por alguns momentos, sentindo sua presença no peito. Não fez nenhum movimento para digitar e nenhum texto apareceu diante de seus olhos. Dez segundos se passaram. Trinta. Finalmente, com movimentos cuidadosos, ele desativou o equipamento. Tirou as unhas e a lente.

Carregando a caixinha com o cuidado que teria com um explosivo, guardou-a no Cofre e voltou para a cama.

EPÍLOGO

Perda

Em uma área desolada e coberta de neve das montanhas Allegheny, um fogo arde em uma cabana e a fumaça escapa pela chaminé. Pelas janelas de vidraça única pode-se ouvir os grunhidos. Lá dentro, um saco de pancada, pesando 140 quilos, foi pendurado em uma viga do teto. Um menino de 12 anos bate no saco com toda a força que tem, com os punhos, antebraços, joelhos. Um homem forte parado atrás dele segura um cronômetro.

Os golpes do menino vão ficando fracos e menos frequentes e, finalmente, o homem para o cronômetro. O menino está ofegante.

— Albuquerque, molecular, 37, Henry Clay, *grand slam*, raio X, perda, 19, Mônaco, indicado — diz o homem. — Qual é o item nove?

O garoto arfa.

— Mônaco.

— O item dois?

- Molecular.
- A soma dos itens três e oito?
- Cinquenta e seis.

Uma série de apitos baixos chama a atenção do adulto. Ele se aproxima da bancada sobre a qual deixou um telefone via satélite. Levanta a antena, que aponta para o teto, e aperta o botão para atender a chamada.

— Jack Johns.

A voz do outro lado soa ríspida, prejudicada pela estática.

- Ele escapou de novo.
- Está seguro?
- Sim. Por enquanto.

Jack fecha os olhos, abaixa a cabeça e suspira. Levando as mãos aos botões mais altos da camisa de flanela, coça o círculo de pele rígida e brilhante perto do ombro. Tantos anos depois, o ferimento ainda coça.

A voz do outro lado pergunta:

- Entendido?
- Entendido — diz Jack.

Ele tira a bateria e joga o telefone na lareira.

O menino sente a mudança emocional.

- Eu mandei parar? — pergunta Jack.

— Não, senhor. — O garoto retoma sua posição ao lado do saco.

Sobre a madeira em chamas, o telefone escurece e derrete. Jack olha para o fogo. Pigarreja duas vezes antes de prosseguir com o teste.

— Item sete?

— Perda — responde o menino.

Agradecimentos

É preciso um vilarejo inteiro para lançar um livro. Para lançar uma nova série, precisamos de uma pequena cidade. Sendo assim, gostaria de agradecer:

— *Sensei* Brian Shiers, por me ensinar artes marciais mistas. Adquiri muita sabedoria enquanto era alvo de gravatas, dedos no olho e rasteiras. Meu médico e eu somos muito gratos.

— Billy S., militar e mestre de armas. Se existe um homem que honra as botas que calça, esse homem é você. Obrigado por me emprestar seu cérebro e suas armas.

— Jeff Pollacheck e a encantadora Pearl Pollacheck, por me darem a chance de conhecer os bastidores do dia a dia nas coberturas de Wilshire. Obrigado por responderem às minhas perguntas enquanto eu percorria cômodos, espaços comuns e porões, buscando elementos para construir a Fortaleza da Solidão de Evan.

— Geoffrey Baehr, especialista em tecnologias invasivas e secretas, obrigado por mostrar a Evan como revirar o

universo virtual sem ser notado.

— Professor Jordan Peterson, pelas frases e provérbios. Obrigado por dar a Mia um mapa de como criar o filho e por me dar um mapa de como educar a mim mesmo.

— Melissa Little, uma autêntica rainha restauradora de pôsteres de filmes antigos, por me mostrar os truques do ofício em relação a obras de artes ou documentos falsos.

— Melissa Hurwitz e Bret Nelson, médicos, por cuidarem dos meus personagens feridos ou deixá-los morrer com a dignidade da verossimilhança.

— Meu editor, Keith Kahla, pelo olhar atento e pela ética incansável e por me ajudar a dar forma a Evan Smoak. Também ao restante da equipe na Minotaur Books (Andrew Martins, Kelley Ragland, Paul Hochman, Jennifer Enderlin, Sally Richardson, Hector DeJean e Hannah Braaten), por ter dado um lar a Evan.

— Caspian Dennis, da agência Abner Stein, e Rowland White e sua ótima equipe na Michael Joseph/Grupo Penguin no Reino Unido, por terem cuidado do Órfão X em suas operações fora dos Estados Unidos.

— A incomparável Lisa Erbach Vance, e também Aaron Priest, John Richmond e Melissa Edwards, da agência Aaron Priest.

— Minha incrível equipe na agência Creative Artists (Trevor Astbury, Rob Kenneally, Peter Micelli e Michelle Weiner), por darem a Evan um impulso sensacional.

— Marc H. Glick, da Glick & Weintraub, e Stephen F. Breimer, da Bloom, Hergott, Diemer, *et al.*, que me protegem há mais de duas décadas.

— Philip Eisner, por seu olhar de escritor e por suas sensibilidades sombrias.

— Dana Kaye, extraordinária publicitária.

— E, é claro, Maureen Sugden, minha preparadora de texto dos sonhos.

— Coisa Um (Simba) e Coisa Dois (Cairo), que me acompanham em cada capítulo.

— Filha Um e Filha Dois, por me fazerem feliz quando deixo meus livros todas as noites.

— E Esposa Um, por aquele sinal de positivo que você me deu em 26 de setembro de 2013.



© Gary Fleder

Gregg Hurwitz nasceu em 1973 em São Francisco (EUA). Seus mais de 15 romances, *thrillers* e *graphic novels* (dos personagens Wolverine, O Justiceiro e Batman) foram traduzidos para 28 idiomas e o levaram, seguidas vezes, à lista de *best-sellers* do jornal *The New York Times*. Indicado para inúmeros prêmios, entre eles o da Crime Writers Association Ian Fleming Steel Dagger e Livro do Ano da International Thriller Writers, Hurwitz também escreve roteiros para filmes e séries de TV. Atualmente, ele mora em Los

Angeles com sua família e seus cachorros da raça Leão da Rodésia Simba e Cairo.